

BEM-VINDO AO VERDADEIRO PAÍS DAS MARAVILHAS

O LADO MAIS SOMBRIO

A. G. HOWARD





DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe [Le Livros](#) e seus diversos parceiros, com o objetivo de oferecer conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

Sobre nós:

O [Le Livros](#) e seus parceiros disponibilizam conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: [LeLivros.link](#) ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados [neste link](#).

"Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não mais lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade poderá enfim evoluir a um novo nível."





Sumário

Capa

Sumário

Folha de Rosto

Folha de Créditos

Dedicatória

Capítulo 1

Capítulo 2

Capítulo 3

Capítulo 4

Capítulo 5

Capítulo 6

Capítulo 7

Capítulo 8

Capítulo 9

Capítulo 10

Capítulo 11

Capítulo 12

Capítulo 13

Capítulo 14

Capítulo 15

Capítulo 16

Capítulo 17

Capítulo 18

Capítulo 19

Capítulo 20

Capítulo 21

Agradecimentos

Notas

Tradução:

Denise Tavares Gonçalves



Título original: *Splintered*

Copyright © 2013 Anita Howard

Publicado sob acordo com Lennart Sane Agency AB.

Copyright © 2014 Editora Novo Conceito

Todos os direitos reservados.

Nenhuma parte desta publicação poderá ser reproduzida ou transmitida de qualquer modo ou por qualquer meio, eletrônico ou mecânico, incluindo fotocópia, ou qualquer outro tipo de sistema de armazenamento e transmissão de informação sem autorização por escrito da Editora.

Esta é uma obra de ficção. Nomes, personagens, lugares e acontecimentos descritos são produto da imaginação do autor. Qualquer semelhança com nomes, datas e

acontecimentos reais é mera coincidência.

Versão digital — 2014

Produção editorial:

Equipe Novo Conceito

Este livro segue as regras da Nova Ortografia da Língua Portuguesa.

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) (Câmara

Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Howard, A. G.

O lado mais sombrio / A. G. Howard ; tradução Denise Tavares Gonçalves. -
- 1. ed.

-- Ribeirão Preto, SP: Novo Conceito Editora, 2014.

Título original: Splintered.

ISBN XXX-XX-XXXX-XXX-X

1. Ficção norte-americana I. Título.

14-00989| CDD-813

Índices para catálogo sistemático:

1. Ficção : Literatura norte-americana 813

Rua Dr. Hugo Fortes, 1885 – Parque Industrial Lagoinha

14095-260 – Ribeirão Preto – SP

www.grupoeditorialnovoconceito.com.br

Para meu marido e herói na vida real, Vince,

e para meus dois filhos incríveis, Nicole e Ryan.

Vocês abraçaram meus sonhos como se eles fossem seus

e me deram coragem para continuar voando

até alcançar aquela linda estrela cadente.

Passagem de ida

para o submundo

Coleciono insetos desde os dez anos de idade; foi o único jeito que encontrei de silenciar seus sussurros. Espetar um alfinete em sua barriga os silencia rapidamente.

Algumas das minhas vítimas perfilam as paredes em molduras tipo caixa, enquanto outras ficam nas prateleiras dentro de potes de vidro para serem usadas depois. Grilos, besouros, aranhas...

Abelhas e borboletas. Não sou seletiva. Assim que ficam tagarelas demais, tornam-se presa fácil.

Capturá-los não é difícil. Você só precisa de um balde de plástico com tampa cheio de granulado higiênico para gatos e algumas cascas de banana jogadas por cima. Faça um buraco na tampa, enfie nele um tubo de PVC e terá uma armadilha para insetos. As cascas de fruta os atraem, a tampa os prende e a amônia do granulado os sufoca e preserva.

Os insetos não morrem em vão. Eu os uso em minha arte, dispondo seus cadáveres em formatos e desenhos. Flores secas, folhas e cacos de vidro dão cor e textura aos desenhos feitos sobre uma base de gesso. Essas são minhas obras de arte... Meus mórbidos mosaicos.

Hoje a escola dispensou os formandos ao meio-dia. Estou há uma hora debruçada sobre meu projeto mais recente. Há um pote de aranhas entre as ferramentas de artesanato que se acumulam sobre a minha escrivaninha.

Pela janela do meu quarto entra uma brisa doce que cheira a arnica. Há um canteiro de ervas vizinho ao meu duplex, o que atrai uma espécie de aranha caranguejeira que muda de cor — como um camaleão de oito patas — para poder se mover de modo imperceptível por entre as flores amarelas e brancas.

Abro a tampa de rosca do vidro, retiro trinta e cinco das pequenas aranhas brancas com uma pinça longa, tomando cuidado para não esmagar seus abdomens nem quebrar suas patas. Usando alfinetes pequenos, prendo-as sobre uma base de gesso pintada de preto e revestida de besouros selecionados por suas cascas furta-cor escuras. O que pretendo criar não é um simples céu salpicado de estrelas; é uma constelação em espiral como plumas feitas de raios

de luz. Existem centenas de cenas como essa inundando a minha cabeça sem que eu faça a menor ideia de onde vêm. Meus mosaicos são a única maneira de colocá-las para fora.

Recostada em minha cadeira, estudo a obra. Quando o gesso secar, os insetos estarão colados ali de modo permanente. Então, qualquer ajuste necessário terá de ser feito rapidamente.

Dou uma olhada no relógio digital ao lado da cama, batendo o dedo de leve no lábio inferior.

Tenho menos de duas horas para encontrar meu pai na clínica. Já é uma tradição às sextas-feiras desde o jardim de infância: comprar sorvete de *cheesecake* e chocolate para tomar com Alison.

Cérebro e coração congelados não são exatamente minha ideia de diversão, mas

meu pai insiste que é uma terapia para todos nós. Talvez ele pense que, ao ver minha mãe, ao sentar-me lá onde um dia provavelmente estarei, conseguirei enganar meu destino.

Pena que ele esteja errado.

Pelo menos algo de bom aconteceu por causa da minha insanidade hereditária. Sem as alucinações, eu provavelmente nunca teria encontrado um modo de me expressar artisticamente.

Minha obsessão por insetos começou em uma sexta-feira, na quinta série. Tinha sido um dia daqueles. Taelor Tremon dissera a todo mundo que eu era parente de Alice Liddell, a garota que havia inspirado o romance *Alice no País das Maravilhas*, de Lewis Carroll.

O fato de Alice ser, na verdade, minha tataravó fazia com que minhas colegas

implicassem comigo nos intervalos falando de Camundongos e chás dançantes. Quando eu pensava que as coisas não poderiam piorar, senti algo na minha calça jeans e percebi, mortificada, que havia menstruado pela primeira vez e estava totalmente despreparada.

Prestes a chorar, peguei um suéter da pilha de achados e perdidos ao lado da entrada principal e o amarrei na cintura para ir até a secretaria.

Mantive a cabeça abaixada, incapaz de encarar qualquer pessoa.

Fingi que estava doente e liguei para que meu pai viesse me buscar.
Enquanto

esperava por ele na enfermaria, imaginei uma discussão calorosa entre o vaso de flores na mesa da enfermeira e a abelha que zunia em volta dele. Foi uma alucinação das fortes, porque eu realmente *ouvi* a discussão, tão nitidamente quanto podia ouvir os alunos passando de uma sala para a outra do lado de fora da porta.

Alison já havia me alertado sobre o dia em que me “tornaria mulher”. E para o burburinho que viria depois. Pensei que era apenas sua instabilidade mental que a fazia dizer aquilo...

Os sussurros eram impossíveis de ignorar, assim como os soluços que iam se acumulando em minha garganta. Fiz a única coisa que podia: neguei o que acontecia dentro de mim. Enrolei um cartaz da pirâmide alimentar e bati na abelha com força suficiente para atordoá-la. Então, tirei as flores da água e as coloquei dentro das páginas do caderno de espiral, de modo a silenciar aquelas pétalas tagarelas.

Quando chegamos em casa, meu pai, distraído, ofereceu-se para fazer um caldo de galinha.

Coitado! Dei de ombros e fui para o meu quarto.

— Você acha que estará bem para visitar sua mãe mais à noite? — ele perguntou do corredor, sempre relutante em alterar o delicado senso de rotina de Alison.

Fechei a porta sem responder. Minhas mãos tremiam e o sangue pulsava nervosamente nas veias.

Deveria haver uma explicação para o que acontecera na enfermaria. Eu estava

estressada por causa das brincadeiras sobre o País das Maravilhas e então, quando meus hormônios se manifestaram, entrei em pânico. Sim. Fazia sentido.

Mas eu sabia bem lá no fundo que estava mentindo para mim mesma e que o último lugar para onde eu queria ir era a uma clínica psiquiátrica. Alguns minutos depois, voltei para a sala.

Meu pai estava sentado em seu posto favorito — uma poltrona de veludo

cotelê

puída e revestida de apliques de margarida. Em um de seus ataques, Alison costurara as flores em todas as partes.

Agora ele nunca iria se desfazer dela.

— Está se sentindo melhor, Borboletinha? — ele perguntou, olhando por cima da revista de pesca.

Um vento úmido e com cheiro de mofo veio do ar-condicionado direto para o meu rosto quando encostei na parede de madeira próxima a ele. Nosso dúplex de dois quartos nunca oferecera muito em termos de privacidade, mas naquele dia parecia menor do que nunca. As ondulações do cabelo escuro de meu pai moviam-se freneticamente.

Troquei os pés de lugar. Essa era a parte de ser filha única que eu detestava — não ter mais ninguém para quem contar as coisas além do meu pai. — Preciso de mais dessa coisa. Eles só deram um de amostra.

Seu olhar estava vazio, como o de um cervo observando o tráfego na hora do rush matinal.

— A palestra especial que deram na escola — eu disse, com um nó no estômago. —

Aquela para a qual os meninos não são convidados? — Mostrei o panfleto lilás que distribuíram para todas as garotas da terceira série. Estava amassado porque eu o jogara junto com o absorvente de amostra dentro de uma gaveta debaixo das meias.

Depois de uma pausa incômoda, o rosto do meu pai ficou vermelho. — Ah. Então é por isso que...

— Ele ficou repentinamente interessado em uma coleção de iscas de água salgada coloridas. Ficou envergonhado ou preocupado, ou ambos, já que não havia nenhum traço de água salgada em um raio de quinhentas milhas de Pleasance, Texas.

— Você sabe o que isso quer dizer, certo? — pressionei. — Alison vai me dar

aquele sermão sobre puberdade de novo.

A vermelhidão passou de seu rosto para as orelhas. Ele folheou algumas páginas, olhando as imagens com indiferença. — Bem, quem melhor que sua

mãe para lhe falar sobre passarinhos e abelhas, certo?

Uma resposta silenciosa ecoava dentro de minha cabeça: *Quem melhor que as próprias abelhas?*

Pigarreei. — Não esse sermão, pai. Aquele da loucura. O “Nada as detém. Você não pode escapar das vozes mais do que eu. Sua tataravó nunca devia ter entrado naquela conversa da toca do coelho”.

Não importava que Alison estivesse certa sobre as vozes. Eu não estava pronta para admitir aquilo para meu pai e nem para mim mesma.

Ele sentou-se com a postura ereta, como se o ar-condicionado tivesse congelado sua espinha.

Estudei as linhas em zigue-zague da palma da minha mão. Tanto ele como eu sabíamos que o que ela me diria importava menos do que o que poderia fazer. Se ela tivesse outro ataque, a colocariam em uma camisa de força.

Aprendi logo por que se chama *de força*. Porque força nesse contexto significa *apertar*. Porque força tanto que o sangue fica represado nos cotovelos, deixando as mãos dormentes. Aperta o necessário para que o paciente não consiga escapar, não importa o quanto ele grite. Aperta tanto que sufoca os corações daqueles que amam aquele que a veste.

Meus olhos pareciam inchar, como se fossem explodir em lágrimas novamente. —

Olha pai, já tive um dia horroroso. Podemos simplesmente não ir hoje à noite? Só desta vez?

Meu pai suspirou. — Vou ligar para a clínica e avisar que visitaremos sua mãe amanhã. Mas você precisa contar para ela em algum momento. É importante para ela, você sabe. Participar da sua vida.

Concordei, fazendo um gesto com a cabeça. Pode ser que eu conte a ela que estou me tornando mulher, mas não preciso contar que estou me transformando *nela*.

Brincando com o lenço fúcsia amarrado ao redor do meu short jeans, olhei de relance para os meus pés. As unhas pintadas de rosa cintilante refletiam a luz da tarde que penetrava pela janela.

Rosa sempre fora a cor preferida de Alison. Era por isso que eu usava.

— Pai — murmurei alto o suficiente para que ele ouvisse. — E se Alison estiver certa? Percebi algumas coisas hoje. Coisas que não são... normais. Eu não *sou* normal.

— Normal. — Ele curvou os lábios, naquele seu estilo Elvis. Uma vez ele me

contou que foi com esse sorriso que conquistou Alison. Acho que foi com sua gentileza e senso de humor, porque essas eram as duas únicas coisas que me faziam parar de chorar todas as noites depois que ela foi internada.

Ele enrolou a revista e atirou-a na poltrona entre a almofada e o braço. Parou em pé, sua altura de um metro e oitenta e seis se impondo sobre mim, enquanto segurava e tocava a covinha do meu queixo — a única parte minha que vinha dele e não de Alison. — Agora, me escute, Alyssa Victoria Gardner. *Normal* é algo subjetivo. Nunca deixe que ninguém lhe diga que não é normal. Porque para mim você é. E a minha opinião é que vale. Entendeu?

— Entendi — sussurrei.

— Bom. — Ele me apertou o ombro, os dedos calorosos e fortes. Pena que um

tremor em sua pálpebra esquerda o denunciava. Estava preocupado e mal sabia da metade.

Me revirei na cama aquela noite. Quando finalmente peguei no sono, tive um pesadelo com Alice pela primeira vez, e ele vem me assombrando desde então.

Nele, atravesso aos tropeços um tabuleiro de xadrez no País das Maravilhas, saltando sobre quadrados pontiagudos pretos e brancos. Só que não sou eu. Sou Alice em um vestido azul com avental rendado, tentando escapar do tique-taque do relógio de bolso do Coelho Branco. Ele parece que foi esfolado vivo — praticamente pele e osso com orelhas de coelho.

A Rainha de Copas ordenou que minha cabeça fosse degolada e colocada em um

vidro com formol. Roubei a espada real e estou fugindo, desesperada, para encontrar a Lagarta e o Gato de

Cheshire. São os únicos aliados que me restam.

Adentro uma floresta e, agachada, abro caminho cortando trepadeiras com a espada.

Um matagal de espinhos brota do chão. Eles agarram meu avental e minha pele como pequeninas garras enfurecidas. Árvores de dente-de-leão estão por toda parte. Sou do tamanho de um grilo, assim como todo mundo.

Deve ter sido algo que comi...

Logo atrás, o relógio do Coelho Branco faz tique-taque cada vez mais alto, mais do que os passos da marcha de mil soldados de cartas de baralho. Engasgo com uma nuvem de poeira e me lanço na toca da Lagarta, de onde brotam cogumelos do tamanho de pneus de caminhão. Não há saída.

Só de olhar para o cogumelo mais alto, meu coração dispara. O lugar onde a Lagarta costumava se sentar, dar conselhos e oferecer sua amizade virou uma massa espessa de fios de teia de aranha. Algo se move lá dentro, um rosto pressiona o casulo, e se move o suficiente para que eu possa distinguir apenas seu formato, mas não detalhes. Chego um pouco mais perto, desesperada para identificar quem ou o quê está lá dentro... mas a boca do Gato de Cheshire aparece flutuando, gritando que perdera seu corpo, e me distrai.

O exército de cartas aparece. Em menos de um segundo me vejo cercada. Jogo

longe a espada, mas a Rainha de Copas se aproxima e agarra o objeto em pleno ar. Caio de joelhos aos pés do exército, implorando por minha vida.

É inútil. As cartas não têm ouvidos. E eu não tenho mais cabeça.

Depois de cobrir meu mosaico de aranhas estreladas com um pano enquanto o gesso seca, pego um pacote de nachos e me dirijo à pista de skate do parque de Pleasance para matar o tempo antes de me encontrar com meu pai para ir à clínica.

Sempre me senti em casa aqui, nas sombras. O parque fica em uma antiga mina de sal abandonada, uma imensa caverna subterrânea que em alguns pontos chega a alcançar quinze metros de altura.

Antes de ser reformado, o lugar era usado para armazenar produtos de uma base militar.

Os novos proprietários retiraram a iluminação original e, com tinta

fluorescente e luz negra, transformaram o lugar no sonho de qualquer adolescente — uma área de recreação de atmosfera escura com iluminação ultravioleta equipada com uma pista de skate, um campo de minigolfe fluorescente, um salão de jogos e um café.

Com uma pintura verde neon, a grande “tigela” de cimento sobressaía como um farol de luz verde.

Os skatistas têm de assinar um termo de responsabilidade e colocam uma fita fluorescente laranja em seus skates para evitar colisões no escuro. A certa distância, parecemos vaga-lumes que se alternam numa espécie de aurora boreal, deixando rastros brilhantes.

Comecei a andar de skate quando tinha quatorze anos. Precisava de um esporte que pudesse praticar enquanto usava meu iPod e fones de ouvido para abafar os ruídos dos insetos e flores.

Acima de tudo, aprendi a ignorar a maioria das alucinações. As coisas que ouço geralmente são sem sentido e aleatórias e se fundem em chiados e murmúrios como um barulho de rádio fora da estação.

Quase sempre posso convencer a mim mesma de que não é nada a não ser o ruído ambiente.

Ainda assim, há momentos em que um inseto ou flor diz algo mais alto do que os outros — algo importante, pessoal ou relevante — e me chama a atenção. Portanto, quando estou dormindo ou envolvida em qualquer coisa que requeira mais concentração, meu iPod é essencial.

Na pista de skate, as caixas de som tocam de música dos anos 80 a rock alternativo muito alto, o que impede possíveis distrações. Nem preciso usar fones de ouvido. O único problema é que a família de Taelor Tremont é dona do lugar.

Ela ligou antes da inauguração, há dois anos. — Achei que você ficaria interessada em saber o nome que daremos ao espaço — ela disse, com a voz cheia de sarcasmo.

— Ah, sim, e qual é? — perguntei civilizadamente, já que o pai dela, o Sr. Tremont, contratara a loja de artigos esportivos de meu pai como único

fornecedor para o megaespaço. O que é muito bom, também, considerando que estávamos à beira da falência por causa das despesas médicas de Alison.

E também, como bônus, ganhei um título de sócia vitalícia.

— Bem... — Taelor ironizava devagar. Pude ouvir seus amigos rindo por trás. Eu devia estar no viva-voz. — Meu pai quer chamar de País das Maravilhas. — Risadinhas ecoaram ao fundo. — Achei que você iria gostar, visto que tem tanto orgulho de sua tataravó coelha.

A zombaria me abalou mais do que devia. Devo ter ficado quieta por muito tempo, pois as risadinhas ao fundo cessaram.

— Na verdade — falou ela, tossindo —, acho que já está muito batido. Submundo seria melhor, uma vez que fica debaixo da terra. O que você acha, Alyssa?

Hoje me lembro daquele olhar ligeiramente arrependido de Taelor enquanto passo pelo meio da rampa de skate abaixo do luminoso em neon escrito SUBMUNDO pendurado no teto. É bom saber que ela tem um lado humano. Rock ecoa nas caixas. Enquanto desço pela parte baixa da rampa, vejo outras silhuetas à minha volta contra o fundo de neon.

Equilibrando um pé na parte de trás do skate, me preparo para levantar a parte da frente com o pé.

Uma tentativa de fazer um *ollie* algumas semanas atrás me deixou com o cóccix machucado. Agora morro de medo dessa manobra, mas alguma coisa dentro de mim não me deixa desistir.

Preciso continuar tentando ou nunca vou conseguir aprender novas manobras.

Minha determinação vai além. É visceral — uma agitação que se embaralha com meus pensamentos e nervos até me convencer de que não estou com medo. Às vezes penso que não estou sozinha em minha própria cabeça, que há parte de outra pessoa lá dentro, alguém que me incita a seguir além dos limites.

Aproveitando a onda de adrenalina, me jogo. Curiosa em saber a altura que estou alcançando, abro os olhos, estatelada. Estou no meio do salto, o cimento se aproximando rapidamente abaixo de mim.

Um frio me percorre a espinha. Perco o controle, e o pé da frente escorrega, me jogando para baixo com um sonoro *uuuh*.

A perna e o braço esquerdo tocam primeiro o chão. A dor se alastra por todos os meus ossos. O

impacto tira o ar dos meus pulmões, e eu escorrego até parar na parte mais baixa da rampa. Meu skate vem rolando atrás de mim como um bichinho de estimação fiel, até parar, cutucando minhas costelas.

Na ânsia de respirar, me viro de costas. Cada nervo do meu joelho e tornozelo arde em fogo. A faixa da joelheira se soltou e agora há um rasgo em meu leggings preto por baixo do short roxo de ciclista. Sobre a superfície verde em declive ao meu lado, vejo uma mancha escura. Sangue...

Recolho o joelho arrebentado, sentindo uma dor aguda ao respirar. Segundos após a queda, três funcionários apitam e chegam de patins pela pista interna. Usam aqueles capacetes com luz de mineiro, mas são, na verdade, salva-vidas estrategicamente colocados em lugares de fácil acesso e munidos de noções básicas de primeiros socorros.

Eles formam uma barreira visível com seus coletes brilhantes para que os outros skatistas não se choquem contra nós, enquanto fazem um curativo e limpam o sangue do chão de cimento com desinfetante.

Um quarto empregado aparece vestindo o colete de gerente. Só pode ser Jebediah Holt.

— Eu devia ter saído fora — falo, enrolando a língua.

— Tá brincando? Ninguém conseguiria evitar uma batida dessas a tempo. —
Sua

voz profunda fica mais terna quando se ajoelha ao meu lado. — Estou feliz por ver que voltou a falar comigo. — Ele está usando bermuda cargo e camiseta preta por baixo do colete. A luz negra brilha em sua pele, realçando seus braços torneados com reflexos azuis.

Seguro a tira do capacete debaixo do queixo. A luz do capacete dele acerta em cheio o meu rosto.

— Pode me ajudar a tirar isto? — peço.

Jeb se inclina mais para perto a fim de poder me ouvir mesmo com a música alta. O

perfume dele

— uma fragrância de chocolate e lavanda — se mistura ao seu suor, em um

aroma tão irresistível quanto cheiro de algodão-doce para uma criança em um parque.

Ele coloca os dedos sob meu queixo e me livra da correia. Ao me ajudar a tirar o capacete, seu polegar roça minha orelha, causando-me um arrepio. A luz de seu capacete ofusca a minha visão. Só consigo distinguir a barba escura por fazer, aqueles dentes brancos e alinhados (com exceção do incisivo esquerdo, que se sobrepõe de leve ao dente da frente) e o piercing sob o lábio inferior.

Taelor protestou, mas ele se recusa a retirar o piercing, o que me faz gostar dele ainda mais.

Namoram há apenas alguns meses. Ela não exerce o menor poder sobre o que ele faz.

Jeb coloca as mãos em concha sob meus cotovelos. — Consegue levantar?

— Claro que sim — rebato, sem a intenção de ser ríspida, mas descontente por ser o centro das atenções. Assim que me apoio sobre a perna, sinto uma dor lancinante no tornozelo e caio. Outro empregado me apoia por trás enquanto Jeb se senta e retira seus patins e meias. Antes que eu me dê conta do que está fazendo, ele me carrega para fora da pista.

— Jeb, quero ir andando. — Envolvero seu pescoço com meus braços para manter o equilíbrio.

Sinto as risadinhas dos outros skatistas enquanto passo, mesmo sem poder vê-los no escuro. Por causa deles, nunca me esquecerei de que fui carregada para fora como uma diva.

Jeb me suspende mais e fica evidente o quanto estamos próximos: minhas mãos em volta do pescoço dele, seu tórax encostando nas minhas costelas... aqueles bíceps segurando por baixo dos meus ombros e joelhos.

Paro de resistir quando saímos da pista para o chão de madeira.

Primeiro penso que estamos indo para o café, mas passamos pelo salão de jogos e viramos à direita em direção à rampa da entrada, seguindo pelo arco de luz que seu capacete vai definindo. Ele abre a porta que dá para fora com o quadril. Pisco, tentando me adaptar à claridade do lado de fora.

Rajadas de vento morno jogam meu cabelo contra o rosto.

Ele me coloca com suavidade sobre o chão de cimento. Senta-se ao meu lado,

tirando o capacete e sacudindo o cabelo. Faz algumas semanas que não os corta, e ele está roçando os ombros. Algumas mechas estão mais longas — uma cortina negra que toca o seu nariz. Ele desamarra a bandana vermelha e azul da coxa e a amarra em volta da cabeça, dando-lhe um nó na altura da nuca que tira as mechas da frente do rosto.

Seus olhos verde-escuros observam o curativo sujo de sangue dos meus joelhos. —

Eu falei para você trocar seus acessórios. Suas tiras estão se desfazendo há semanas.

Lá vamos nós. Ele já mudou para o modo *irmão mais velho*, mesmo sendo só dois anos e meio mais velho que eu e estando só um ano à frente de mim na escola. — Tem falado com meu pai, é?

Ele franze o rosto e começa a retirar suas joelheiras. Eu também retiro a minha.

— Na verdade — digo, mentalmente me censurando por não ter o bom senso de me

retirar para dentro da minha bolha de silêncio —, eu deveria ser grata a você e ao meu pai por me deixarem vir para cá. Considerando que este lugar seja tão escuro e amedrontador, coisas ruins podem acontecer a uma garota tão indefesa.

Um músculo se move no maxilar de Jeb, sinal de que o atingi. — Isto não tem nada a ver com seu pai. Sem falar que ele é dono de uma loja de esportes, o que significa que você não tem desculpa para não manter seu equipamento em dia. Andar de skate pode ser perigoso.

— Sim, e Londres também, certo? — Olho para os carros reluzentes do estacionamento enquanto aliso minha camiseta amassada com estampa de coração

sangrando envolto em arame farpado.

Poderia muito bem ser uma radiografia do meu peito.

— Ótimo — rebate ele, atirando as joelheiras para o lado. — Então você ainda não superou.

— Não superei o quê? Em vez de me defender, você ficou do lado dele. Agora não posso ir lá até me formar. Por que isso deveria me incomodar? — Puxo minha luva mitene para abafar a raiva, que faz a minha língua ferver.

— Pelo menos, ficando em casa, você *vai* se formar. — Jeb pega sua cotovela e puxa a tira de velcro com força, pontuando o que acabara de dizer.

— Eu também teria me formado lá.

Ele bufa.

Não deveríamos ter discutido aquele assunto. A decepção ainda era muito recente.

Eu estava muito vidrada no programa de intercâmbio que permitia a estudantes do último ano do Ensino Médio terminarem seus estudos em Londres e ao mesmo tempo obterem créditos para estudar em uma das melhores escolas de arte da cidade. A mesma universidade para a qual Jeb está indo.

Algumas semanas atrás, meu pai pediu que ele jantasse conosco para falar sobre o programa, já que ele tinha ganhado uma bolsa e planejava se mudar para Londres no verão.

Achei que era uma ótima ideia, que com Jeb junto estaria tudo certo para mim. E então os dois, juntos, decidiram que ainda não era a hora certa para eu ir. *Os dois* decidiram.

Meu pai se preocupa porque Alison tem aversão à Inglaterra — muitas histórias da família Liddell. Acha que minha ida causaria nela uma recaída. Ela já tem mais furos de agulhas que muitos drogados de rua.

Ao menos suas objeções faziam sentido. Mas eu ainda não descobrira por que Jeb votara contra a ideia. O que importava agora? O prazo final foi sexta-feira passada, portanto não havia como mudar as coisas agora.

— Traidor — murmurei.

Ele abaixa a cabeça, me forçando a olhar para ele. — Estou tentando ser seu amigo.

Você ainda não está pronta para ficar tão longe do seu pai... Não vai ter ninguém para cuidar de você.

— Você vai estar lá.

— Mas não vou poder estar com você a cada segundo. Meus horários vão ser

loucos.

— Não preciso de alguém comigo a todo instante. Não sou uma criança.

— Eu nunca disse que você era uma criança. Mas você nem sempre toma as melhores decisões.

Neste caso pelo menos — ele belisca minha canela, soltando meu *legging* rasgado com um estalo.

Senti um tremor de euforia percorrendo minha perna. Me encolhi, convencendo-me de que eram apenas cócegas. — Então quer dizer que não posso cometer erros?

— Não erros que possam te machucar.

Balanço a cabeça. — Como se ficar presa aqui não machucasse. Em uma escola que não suporto, com colegas de classe que acham muito engraçado ficar fazendo piadas sobre o rabo branco de coelho que estou escondendo. Obrigada por isso, Jeb.

Ele suspira e se senta. — Está certo. Então é tudo culpa minha. Aposto que o fato de você ter

“comido cimento” lá dentro também foi culpa minha.

O nervosismo distorce sua voz e corta meu coração. — Bem, aquela queda foi meio culpa sua —

eu digo, suavizando a voz, num esforço consciente para abrandar a tensão que tinha se criado entre nós. — Eu já teria aprendido a manobra do pulo se você ainda estivesse me dando aulas de skate.

Os lábios de Jeb se torcem. — Então o novo professor, Hitch... está dando em cima de você?

Dou um soco nele, extravasando um pouco da frustração reprimida. — Não, não

está.

Jeb finge espanto. — Mas bem que gostaria. Avisei que daria nele se...

— Como se você mandasse em alguma coisa. — Hitch tinha dezenove anos e era

perito em falsificar identidades e usar drogas recreativas. Forte candidato à

prisão. Sei que não devo me envolver com ele, mas quem decide sou eu.

Jeb me lança um olhar. Pressinto um sermão sobre os perigos de andar com um cara sem rumo.

Tiro um grilo da perna dando um peteleco com minha unha azul, recusando-me a

deixar que os sussurros do inseto deixem este momento ainda mais estranho.

Felizmente, as portas se abrem atrás de nós. Jeb se afasta para dar passagem a algumas garotas.

Uma nuvem de perfume com cheiro de talco nos atravessa quando elas passam e

acenam para Jeb.

Ele cumprimenta com a cabeça. Fica olhando elas entrarem em um carro no estacionamento e partirem.

— Ei — dispara ele. — Hoje é sexta. Não era para você ir visitar sua mãe?

Levo um susto com a súbita mudança de assunto. — Vou encontrar meu pai lá. E

depois prometi a Jen substituí-la nas duas últimas horas do turno dela. — Depois de olhar para minhas roupas rasgadas, olho para o céu: o mesmo azul surpreendente dos olhos de Alison. — Espero que dê tempo de passar em casa e me trocar.

Jeb se levanta. — Vou assinar o ponto e sair — ele diz. — Pego seu skate, sua mochila e te levo na clínica.

Era a última coisa de que eu precisava.

Jeb e sua irmã, Jenara, nunca haviam visto Alison; somente por fotografias. Nem mesmo sabem a verdade sobre minhas cicatrizes ou sobre o motivo de eu usar luvas. Todos os meus amigos pensam que, em um acidente de carro com minha mãe quando eu era criança, o para-brisa feriu minhas mãos e lesionou o cérebro dela. Meu pai não gosta de mentiras, mas a realidade era tão bizarra que ele me permitia enfeitá-la.

— Mas e a sua moto? — perguntei, para ir ganhando tempo, ao constatar que a

Honda CT 70

vintage tunada não se encontrava em nenhum lugar do estacionamento.

— A previsão era de chuva, então a Jen me deixou aqui — justifica. — Seu pai te leva para o trabalho mais tarde e eu levo seu carro para casa depois. Não é tão fora do meu caminho.

A família de Jeb mora bem perto do nosso dúplex. Meu pai e eu e fomos nos apresentar a eles uma manhã, logo após eles terem se mudado. Jeb, Jenara e eu ficamos próximos antes do começo da sexta série, no outono seguinte — tão próximos que no primeiro dia de aula Jeb bateu em um menino no corredor quando ele me chamou de amante escrava do Chapeleiro Maluco.

Jeb coloca os óculos escuros e ajeita o nó da bandana atrás da cabeça. O sol bate em seus braços brilhantes salpicados de pequenas cicatrizes redondas.

Olho para os carros estacionados. Gizmo — meu Gremlin 1975, que tem esse nome por causa do personagem de um filme dos anos 1980 que meu pai foi assistir com Alison em seu primeiro encontro — não está muito longe. Há a possibilidade de Alison estar no saguão com meu pai.

Se não posso contar com Jeb para me apoiar no assunto de Londres, não posso deixar que veja a maior maluca que já apareceu na minha árvore genealógica.

— Não, não — retruca ele. — Conheço esse olhar. Você não pode de jeito nenhum dirigir um carro manual com o tornozelo torcido. — Ele estende a mão. — Passe para cá.

Revirando os olhos, coloco as chaves nas mãos dele.

Ele empurra os óculos escuros para cima da bandana no alto da cabeça. — Espere aqui, vou ajudar você.

Uma lufada de ar-condicionado atinge o meu rosto quando a porta de entrada do parque se bate atrás dele. Sinto algo em minha perna, desta vez não jogo o gafanhoto para longe e ouço seu sussurro em alto e bom som: *já está fadado*.

— Sim — sussurro em resposta, acariciando suas asas e me entregando às minhas alucinações. —

Estará tudo acabado quando Jeb vir Alison.

Arame farpado

e asas negras

A Clínica das Almas fica a vinte e cinco minutos de carro da cidade.

O sol da tarde bate forte sobre o capô do carro. Depois que passam os prédios, centros de comércio e casas, não há muito o que ver em Pleasance. Apenas planícies secas com alguns arbustos e árvores delgadas aqui e acolá.

Toda vez que Jeb começa a falar, respondo de um jeito monossilábico e aumento o volume do CD

player recém-instalado.

Finalmente toca uma música — uma canção acústica e melancólica que uma vez

presenciei Jeb ouvindo enquanto pintava —, e Jeb a ouve, concentrado. A bolsa de gelo que ele trouxe para meu tornozelo inchado já derreteu, e mexo o pé para que termine de cair.

Luto contra a sonolência, já sabendo o que me espera no limiar do sono. Não preciso ter meu pesadelo de Alice em plena tarde.

Quando era adolescente, a mãe de Alison, Alícia, pintou todos os personagens do País das Maravilhas pelas paredes de sua casa, insistiu que eram reais e que conversavam com ela em seus sonhos. Anos mais tarde, Alícia se lançou em um voo do alto do segundo andar de seu quarto no hospital onde acabara de dar à luz minha mãe, só para “testar” suas asas. Aterrissou em um canteiro de rosas e quebrou o pescoço.

Alguns dizem que foi suicídio — depressão pós-parto e tristeza por ter perdido o marido meses antes, em um acidente numa fábrica. Outros dizem que ela deveria ter sido internada muito antes de ter tido a criança.

Depois da morte da mãe, Alison foi criada por uma variedade de parentes. Meu pai acha que essa instabilidade contribuiu para sua doença. Sei que é mais do que isso, sei que é algo hereditário, por causa dos meus pesadelos recorrentes e dos insetos e plantas. E ainda há a presença que sinto por dentro. Aquela que vibra e me obscurece quando estou com medo ou hesitante, me incitando a ir além dos meus limites.

Pesquisei sobre esquizofrenia. Dizem que um dos sintomas é ouvir vozes, e não um farfalhar de asas dentro da cabeça. Se ainda fosse contar os sussurros das flores e insetos, ouço muitas vozes, sim. Por qualquer uma dessas definições, sou doente.

Sinto um nó se formando em minha garganta e o engulo.

O CD muda de música e me concentro na melodia, tentando esquecer todo o resto.

Jeb troca de marcha enquanto uma nuvem de poeira bate contra o carro. Olho de relance para a imagem dele de perfil. Há um traço italiano em seu sangue, e sua pele tem uma tonalidade muito bonita — é cor de oliva, clara, macia ao toque.

Ele vira a cabeça para mim. Desvio o olhar para o espelho retrovisor e observo o enfeite aromatizador. Eu o pendurei na haste do espelho hoje.

No eBay tem uma loja que vende aromatizadores de carro customizados por dez

dólares cada. É só mandar uma foto por e-mail, eles a imprimem no aromatizador e devolvem pelo correio. Há duas semanas usei um dinheiro que tinha ganhado no meu aniversário e comprei dois, um para mim e outro para o papai pendurar em seu caminhão.

Mas ele o colocou na carteira; me pergunto se ele vai deixá-lo escondido lá para sempre, pois deve ser doloroso demais vê-lo todos os dias.

— Ficou legal — opina Jeb, referindo-se ao aromatizador.

— Sim — balbucio. — É uma foto que a Alison tirou, então tinha que ficar.

Jeb assente com a cabeça, um gesto silencioso... mais reconfortante que palavras bem-intencionadas de muitos.

Olho para a foto. É a imagem de uma mariposa enorme de asas pretas de um dos

álbuns antigos de Alison. É uma imagem incrível, o modo como as asas estão abertas sobre uma flor entre uma faixa de sol e a sombra, oscilando entre dois mundos. Alison costumava capturar coisas que a maioria das pessoas não perceberia — momentos em que os opostos colidem e então se fundem de modo quase imperceptível. Fico imaginando como ela teria sido bem-sucedida se não

tivesse enlouquecido.

Dou um peteleco no aromatizador e observo-o balançar.

Esse inseto sempre me pareceu familiar — assustador e ao mesmo tempo sereno.

Constato que não conheço muito de sua história — de qual espécie é, onde vive. Se descobrisse, saberia onde Alison deveria ter tirado aquela foto e me sentiria mais próxima dela, de certa maneira.

Mas não posso perguntar. Ela se sensibiliza quando falamos sobre seus álbuns.

Procurando atrás do banco, encontro meu iPhone na mochila e faço uma busca por *mariposa cintilante*.

Após vinte e tantas páginas de tatuagens, logotipos, anúncios e fantasias, a imagem de uma mariposa chama minha atenção. Não se parece exatamente com a de Alison, mas seu corpo é azul brilhante e as asas pretas são cintilantes, então é bem parecida.

Ao clicar na imagem, a tela fica preta. Quando me preparo para reiniciar o navegador, um clarão de luz vermelha me detém. A tela pulsa como se eu estivesse diante de um coração batendo. O ar à minha volta parece pulsar em sincronia.

Surpreendo-me com uma página que aparece na tela. Letras brancas e gráficos

coloridos se destacam contra o fundo negro. Logo de cara, o título me chama a atenção: *intraterrenos* —

habitantes do reino interior.

Em seguida, a definição: *uma raça de seres sobrenaturais sombrios e estranhos, nativos de um mundo antigo escondido nas profundezas da terra. Muitos usam sua magia para diabruras e vingança, embora poucos sejam inclinados à bondade e coragem.*

Encontro imagens tão violentas e bonitas quanto as pinturas de Jeb: seres luminosos, com pele multicolorida, olhos grandes e faiscantes, asas sedosas que carregam facas e espadas; criaturas fantásticas nuas e repugnantes em correntes se arrastando de quatro com rabos retorcidos e patas bipartidas como porcos; seres prateados e lânguidos enjaulados, chorando lágrimas de óleo negro.

De acordo com o texto, em sua forma original, os intraterrenos podem se parecer com quase tudo: podem ser pequenos como um botão de rosa ou maiores que um ser humano. Alguns podem até se passar por mortais, assumindo a forma de seres humanos e se aproveitando disso para enganar as pessoas à sua volta.

Sinto um nó em meu peito ao ler a linha seguinte: *enquanto causam estragos no mundo mortal, os intraterrenos se mantêm conectados aos seus iguais usando plantas e insetos como condutores do reino interior.*

Minha respiração para. As palavras giram à minha volta, num vaivém estonteante.

Se aquilo for verdade, e não apenas uma fantasia da internet, Alison e eu compartilhamos características de criaturas místicas e assustadoras. Mas isso nem é possível.

O carro dá um solavanco ao passar por um obstáculo e o celular cai. Quando o pego, está sem sinal. — Porcaria!

— Não, não. Buraco mesmo. — Reduzindo a marcha, Jeb me lança um olhar despreocupado. É o Sr. Tranquilidade por trás desses óculos.

Olho para ele. — Talvez você deva prestar atenção na estrada caso existam mais desses, espertinho.

Ele muda a marcha e ironiza. — Está difícil a partida de paciência?

— Pesquisando insetos. Vire à direita aqui. — Jogo o celular na mochila. Ir à clínica me deixa tão tensa que devo ter lido as palavras errado. Mesmo quase certa disso, o nó em meu estômago não se desfaz.

Jeb entra em uma estrada longa e sinuosa. Passamos por uma placa desbotada:

CLÍNICA DAS ALMAS: OFERECENDO PAZ E SOSSEGO A MENTES FATIGADAS

DESDE 1942.

Paz. Sim, claro. Está mais para catatonia induzida por medicamentos.

Abaixo o vidro da janela e deixo entrar uma brisa morna. Gizmo descansa enquanto esperamos que o portão automático de ferro responda.

Abrindo o porta-luvas, retiro uma pequena bolsa de cosméticos e junto alguns

apliques de cabelo que Jenara me ajudou a confeccionar com lã azul mesclada. Estavam entrelaçados para dar um efeito de *dreadlock*.

Vamos em direção ao prédio de tijolos de quatro andares; o vermelho se destaca em contraste com o céu azul. Parece um bolo confeitado em formato de casa, mas os detalhes brancos no telhado triangular parecem mais dentes afiados do que cobertura de glacê.

Jeb encontra uma vaga junto à picape do meu pai e desliga o motor, que faz um barulho e então para.

— O carro está fazendo esse barulho há muito tempo? — Ele joga os óculos no

console e observa o painel atrás do volante, olhando para os mostruários e números.

Subo o elástico de minha trança para a altura do ombro. — Mais ou menos uma

semana. — As pontas caem em ondas platinadas iguais às de Alison. Atendendo a um pedido do meu pai, não tinjo nem corto meu cabelo, porque lhe lembra o dela. Assim, tive de encontrar jeitos criativos de dar uma modernizada no visual.

Abaixo a cabeça até que o cabelo escorra e caia sobre os joelhos. Agora que os *dreads* estão bem presos, jogo o cabelo para cima de novo e vejo Jeb olhando para mim.

Ele desvia o olhar para o painel. — Se você não tivesse ignorado minhas ligações, eu já poderia ter dado uma olhada neste motor. Você não deve dirigir até que eu conserte.

— O Gizmo está bem. Só está um pouco rouco. Talvez só precise fazer um gargarejo com água e sal.

— Isto não é brincadeira. O que você vai fazer se ele te deixar na mão no meio do nada?

Torço uma ponta do cabelo entre os dedos. — Humm. Exibir meu decote para um

motorista de caminhão?

Jeb aperta o maxilar. — Não tem graça nenhuma.

Rio dele. — Nossa, só estou brincando. Eu só precisaria mostrar um pedacinho da perna.

Ele esboça um sorriso que desaparece num piscar de olhos. — Veja só, isto vindo de uma garota que não deu nem o primeiro beijo...

Ele sempre brinca que eu sou uma mistura de skatista descolada com patricinha americana. Parece que fui rebaixada a puritana.

Solto um grunhido. Não vai adiantar nada negar o problema. — Está bem. Eu

ligaria para alguém do celular e esperaria em segurança dentro do carro com todas as portas trancadas e uma clava na mão até que o socorro chegasse. E agora, ganho um biscoito?

Ele bate o dedo no painel. — Vou até a sua casa mais tarde dar uma olhada nele.

Você pode ficar comigo na garagem. Como antigamente.

Tiro uma sombra da bolsa de cosméticos. — Seria legal.

Ele abre um grande sorriso — com covinhas e tudo. Uma breve amostra do velho, provocador e brincalhão Jeb. Meu coração se acelera ao vê-lo assim.

— Ótimo — acrescenta ele. — Que tal hoje à noite?

Fico irritada. — Claro. A Taelor teria um treco se você saísse da festa de formatura mais cedo para consertar meu carro.

Ele deixa a testa cair sobre o volante. — Ah, não. Tinha esquecido. Ainda tenho que pegar meu *smoking*. — Ele olha para o relógio do carro. — A Jen me disse que um cara convidou você para a formatura, mas que você não quis ir? Por quê?

Encolho os ombros. — Tenho esse defeito de personalidade, como se chama?

Dignidade?

Ele ri e pega uma garrafa d'água com sabor de framboesa espremida entre o freio de mão e a poltrona e bebe o que restou.

Aplico um pouco de delineador preto nos olhos por cima do que já tinha e puxo as extremidades, no estilo gatinha. Quando termino de aplicar um pouco mais nos cílios de baixo, meus olhos azuis ganham realce sobre o preto, como

uma camiseta fluorescente sob as luzes do Submundo.

Jeb se reclina no banco. — Muito bom. Conseguiu destruir qualquer semelhança

com sua mãe.

Congelo. — Não era minha intenção...

— Vamos lá, Al. Sou eu. — Ele estica a mão e bate no aromatizador, que gira,

lembrando-me do site. O nó em meu esterno aperta mais.

Jogo a sombra na bolsa e tiro de lá um brilho labial, depois coloco a bolsa de volta no porta-luvas.

A mão de Jeb está perto do meu cotovelo no painel, seu calor irradiando em minha direção. — Se você está com medo de se parecer com ela, vai se parecer com ela. E acabar aqui também.

Fico sem saber o que falar. Ele sempre conseguiu ler meus pensamentos. Mas isso...

isso foi como se ele tivesse se enfiado dentro da minha cabeça.

Deus me livre.

Minha garganta seca e fico olhando a garrafa vazia entre nós.

— Não é fácil viver sob a sombra de alguém. — O semblante dele escurece.

Ele sabia. Tem cicatrizes que provam isso, mais profundas que as deixadas pelas marcas de cigarro no tórax e nos braços. Ainda me lembro de quando eles se mudaram: os gritos arrepiantes na casa ao lado às duas da manhã, quando ele tentava proteger a si mesmo, à mãe e à irmã do pai bêbado. A melhor coisa que já poderia ter acontecido à família de Jeb foi quando o Sr. Holt bateu seu caminhão contra uma árvore certa noite, três anos atrás. O nível de álcool no sangue dele era 0,3.

Felizmente, Jeb nunca bebe. Seu lado sombrio não combina com álcool, algo que ele descobriu há alguns anos, quando quase matou um cara em uma briga. A justiça mandou Jeb para um centro de detenção juvenil por um ano, razão pela qual ele só terminou o colégio aos dezenove. Ele perdeu doze meses de sua vida, mas ganhou um futuro, pois no centro um psicólogo o ajudou a dominar sua amargura através da arte e o ensinou que o melhor jeito de conter a raiva era tendo estrutura e equilíbrio.

— Apenas lembre — pontuou ele, entrelaçando nossas mãos. — Com você não é

hereditário. Sua mãe sofreu um acidente.

As palmas de nossas mãos se tocam, somente minhas luvas entre elas. Encosto meu braço no dele, alinhando suas cicatrizes contra minha pele.

Você está errado, tenho vontade de dizer. *Sou igualzinha a você*. Mas não posso. O

fato é que os alcoólatras têm programas e seguem passos que os reconduzem à sociedade e a uma função. Os loucos, como Alison, só possuem celas acolchoadas e objetos sem pontas. Essa é a normalidade deles.

Nosso normal.

Ao olhar para baixo, noto que um pouco de sangue vazou e secou no meu curativo do joelho.

Coloco a mão em cima, preocupada com Alison. Ela tem um treco sempre que vê

sangue.

— Tome. — Sem que eu precise dizer uma palavra, Jeb tira a bandana da cabeça, se inclina e a amarra em volta do meu joelho para esconder o curativo sujo. Quando acaba, em vez de voltar para o seu lado do assento, apoia o cotovelo no painel e corre os dedos pela minha mecha de *dreadlock* azul. Pode ser por causa de nossos assuntos mal resolvidos ou pela conversa mais íntima que tivemos, mas sua expressão é séria.

— Esses *dreads* estão hiperapertados. — Sua voz está baixa e aveludada, deixando meu estômago cheio de nós. — Sabe, você deveria ir à festa de formatura. Aparecer lá desse jeito e deixar todo mundo de queixo caído. Garanto que você ainda manteria sua dignidade.

Ele me olha e examina meu rosto com uma expressão que eu só tinha visto quando ele pintava.

Intenso. Absorto. Como se considerasse a pintura de cada ângulo. *Eu* de cada ângulo.

Está tão perto que sinto o aroma de framboesa de seu hálito. Seu olhar se move para a covinha que tenho no queixo e sinto minhas bochechas coradas.

Atrás da cabeça, aquela sensação sombria aumenta, nem tanto uma voz, mas uma

presença, como um bater de asas me estremecendo por dentro... Impelindo-me a tocar o *piercing* abaixo de seu lábio inferior. Instintivamente, eu o toco. Ele nem se esquivava quando encosto no pino prateado.

O metal está morno e seu cavanhaque pinica a ponta do meu dedo. Quando me dou conta da intimidade do ato, recuo.

Jeb pega minha mão e coloca meus dedos sobre seus lábios. Seus olhos se fecham devagar e seus cílios se aproximam. — Al — ele sussurra.

— Borboletinha! — O chamado de meu pai entra pela janela entreaberta. Dou um

pulo e Jeb se lança rapidamente para seu banco. Meu pai caminha pela grama impecável na direção de Gizmo, vestindo calça cáqui e camiseta polo azul-marinho onde se lê bordado em prata TOM ARTIGOS

ESPORTIVOS.

Inspiro profundamente algumas vezes para acalmar minha respiração.

Meu pai se inclina na minha janela. — Olá, Jebediah.

Jeb pigarreia. — Olá, Sr. Gardner.

— Hum. Acho que já pode começar a me chamar de Thomas. — Meu pai sorri, o

braço apoiado na borda da janela. — Afinal de contas, ontem você se formou.

Jeb sorri, orgulhoso e pueril. Ele fica assim quando está com meu pai. O Sr. Holt costumava dizer-lhe que ele nunca daria para nada e o pressionava para largar os estudos e trabalhar na oficina mecânica em período integral. Meu pai sempre encorajou Jeb a continuar estudando. Se eu não estivesse ainda tão chateada com o complô dos dois para que eu não fosse para Londres, até curtiria aquele momento de afetuosidade.

— Quer dizer que minha menina pegou você para motorista? — lança meu pai, me

olhando com jeito brincalhão.

— Pois é. Ela até torceu o tornozelo para me convencer. — Jeb brinca de volta.

Como é que ele consegue soar tão calmo enquanto sinto um furacão por dentro do peito? Será que ele não está nem um pouquinho mexido pelo que acabou de acontecer conosco há dois segundos?

Ele se vira para o banco traseiro e pega as muletas de madeira que trouxe da enfermaria do Submundo.

— O que você fez? — Meu pai abre a porta do meu lado com uma expressão preocupada.

Retiro as pernas devagar, cerrando os dentes ao ver o sangue escorrendo pelo meu tornozelo. — O

de sempre. Andar de skate é tentativa e erro, sabia? — Lanço um olhar para Jeb ao vê-lo vir para o lado do passageiro, mentalmente pedindo que não mencione a joelheira rasgada.

Jeb balança a cabeça e, por um segundo, penso que ele vai ficar contra mim de novo. Em vez disso, nossos olhares se encontram e estremeço por dentro. O que fez com que eu o tocasse momentos antes? As coisas já são estranhas o suficiente entre nós do jeito que são.

Meu pai me ajuda a levantar e se agacha para ver meu tornozelo. — Engraçado. Sua mãe estava convencida de que alguma coisa tinha acontecido. Ela disse que você se machucaria. — Ele fica de pé, um centímetro mais baixo do que Jeb. — Acho que ela sempre pensa o pior quando você se atrasa. Você devia ter telefonado. — Ele segura meu cotovelo enquanto ajeita as muletas por baixo dos braços.

— Desculpe.

— Tudo bem. Vamos levar você para dentro antes que ela faça alguma coisa. —

Meu pai se detém ao ver meu olhar suplicante. — Humm, antes que nosso sorvete derreta e vire sopa de *cheesecake*.

Vamos em direção ao caminho ladeado por peônias. Insetos dançam por cima delas e o ruído ambiente começa a ficar mais alto. Lamento por não estar com meus fones de ouvido e meu iPod.

Meu pai vira a cabeça e olha para Jeb quando estamos quase na porta. —

Você

poderia parar o carro na garagem, para o caso de chover?

— Com certeza — a voz de Jeb responde logo atrás. — Ei, menina do skate...

Paro atrás de meu pai e giro sobre o pé que está bom, apertando com os dedos da mão a parte almofadada da muleta. Analiso a expressão de Jeb a distância. Ele parece tão confuso quanto eu.

— A que horas você trabalha amanhã? — pergunta ele.

Fico parada, em pé, como um manequim. — Hum... eu e Jen estamos no turno do

meio-dia.

— Está bem. Vá de carona com ela. Passo lá para olhar o motor do Gizmo.

Sinto o coração apertado. Acabou aquela história de ficarmos sempre juntos, como nos velhos tempos. Parece que agora *ele* é que vai me evitar. — Tudo bem. Claro. —

Contenho meu desapontamento e me viro para prosseguir com meu pai.

Ele percebe meu olhar. — Tudo bem entre vocês dois? Vocês costumavam ficar

consertando o carro na garagem juntos.

Encolho os ombros e ele abre a porta de vidro. — Talvez a gente esteja se afastando. — É

doloroso falar isso, mais do que eu gostaria de admitir.

— Ele sempre foi um bom amigo — opina meu pai. — Você tem que resolver isso.

— Um amigo não tenta mandar na sua vida. É para isso que existem os pais.
—

Levantando as sobrancelhas para dar mais ênfase, entro no prédio com ar-condicionado. Ele entra atrás de mim em silêncio.

Estremeço. Os corredores me desestabilizam com suas macas longas e vazias

e

luzes amarelas piscantes. Azulejos brancos ecoam os sons e enfermeiras em uniformes listrados verde-água e branco borram minha visão periférica. Os uniformes fazem-nas parecer mais com mulheres fantasiadas de enfermeiras do que com profissionais da saúde.

Fico contando os arames farpados estampados em minha camiseta enquanto espero meu pai falar com a enfermeira detrás do balcão. Uma mosca pousa na minha mão e eu a espanto. Ela voa em volta de minha cabeça fazendo um zunido alto que parece dizer “*Ele está aqui*” e em seguida dispara para o corredor.

Meu pai para ao meu lado enquanto olho para a mosca. — Tem certeza de que está bem?

Balanço a cabeça, confirmando e dispersando a alucinação. — É que eu não sei o que esperar hoje. — É só uma meia mentira. Alison se distrai demais com plantas e insetos e por isso não sai com frequência, mas tem pedido muito para sair e tomar ar fresco e meu pai falou com o médico para tentar convencê-lo. Quem sabe o que poderá acontecer?

— Sim. Espero que isso não a desestabilize muito... — A voz dele diminui e os ombros se curvam como se a tristeza de onze anos subitamente se abatesse sobre ele. —

Gostaria que você se lembrasse dela como ela era antes. — E coloca a mão em minha nuca enquanto nos dirigimos ao pátio. — Ela era tão equilibrada. Tão sensata. *Tão parecida com você*. — Ele sussurra essa última parte, talvez para que eu não ouça.

Mas eu ouço, e o arame farpado aperta ainda mais, até meu coração ficar sufocado e partido.

A aranha

e a mosca

Com exceção de Alison, sua enfermeira e dois jardineiros, o pátio está deserto.

Alison está sentada em uma das mesas pretas de ferro fundido em um terraço de cimento cuja ornamentação do piso imita seixos. Até a decoração tem que ser escolhida cuidadosamente em um lugar como este. Não há vidro em lugar nenhum, somente um globo refletor prateado firmemente preso ao pedestal que lhe serve de base.

Como alguns pacientes são conhecidos por pegar cadeiras ou mesas e atirá-las, as pernas da mobília são aparafusadas ao cimento. Um guarda-sol preto com pintas vermelhas surge do centro da mesa como um cogumelo gigante e deixa metade do rosto de Alison na penumbra. Xícaras e pires de chá prateados brilham ao sol. Três jogos: um para mim, um para papai e um para ela.

Trouxemos o aparelho de chá de casa há anos, logo que ela foi internada. É uma indulgência permitida pela clínica a fim de mantê-la viva. Alison não come nada — seja um filé à Salisbury ou uma torta de frutas — a menos que esteja em uma xícara de chá.

Nosso sorvete de *cheesecake* e chocolate aguarda sobre um jogo americano, pronto para ser servido. Gotas de condensação escorrem pela embalagem de papelão.

As tranças platinadas de Alison pendem sobre o encosto da cadeira, quase tocando o chão. A franja está enfiada em uma faixa preta na cabeça. Vestida com uma espécie de camisola azul e coberta pelo peitilho longo de um avental para manter suas roupas limpas, ela se parece mais com a Alice no chá do Chapeleiro Maluco do que qualquer ilustração que eu já vi.

É o bastante para me deixar enjoada.

A princípio, penso que ela está falando com a enfermeira, até que a mulher se levanta para nos saudar, alisando seu jaleco verde. Alison nem percebe, pois está muito atenta ao vaso de metal com cravos diante dela.

Minha náusea aumenta quando ouço os cravos falando por sobre o zunido dos

ruídos de fundo.

Eles estão dizendo como é doloroso ser podado nas hastes, reclamando sobre a

qualidade da água na qual estão nadando, pedindo para serem recolocados na terra para que possam morrer em paz.

Foi isso que ouvi. Tenho que imaginar o que Alison acha que eles estão dizendo em sua própria mente distorcida. O médico não consegue dar detalhes, e eu nunca toquei no assunto porque isso significaria admitir que herdei a doença dela.

Papai espera pela enfermeira, mas seu olhar, repleto de ansiedade e desapontamento, permanece fixo em Alison.

Uma leve pressão no meu braço direito muda minha atenção para o rosto artificialmente bronzeado da enfermeira Mary Jenkins. O aroma que ela exala é uma mistura de torrada queimada e talco em pó.

Seu cabelo castanho está preso em um coque, e um sorriso branco de alta voltagem quase me ofusca a visão.

— Olazinho — cantarola ela. Como sempre, Alison está ululante como Mary Poppins. Ela analisa minha bengala. — Puxa! Você se machucou, docinho?

Não. Nasceram algumas lascas de madeira em mim. — Foi no skate — respondi, determinada a agir da melhor maneira possível por causa de papai, apesar de o lamento das flores sobre a mesa me irritar.

— Ainda anda de skate? Que hobby interessante. — Seu olhar de piedade insinua um “para uma moça” mais do que as palavras. Ela analisa meus *dreads* azuis e a pesada maquiagem dos meus olhos com uma expressão sinistra no rosto. — Você precisa ter em mente que uma calamidade como esta pode perturbar sua mãe.

Não estou certa se ela está falando do meu machucado ou do meu estilo de me

vestir.

A enfermeira olha de soslaio para Alison, que ainda está sussurrando para as flores, alheia a nós.

— Ela está um pouco alterada hoje. É melhor eu aplicar alguma coisa. — A enfermeira das drogas começa a tirar uma seringa do arsenal que contém em seu bolso.

Uma das muitas coisas que eu desprezo na mulher: ela parece gostar de aplicar injeções nos pacientes.

Ao longo dos anos, os médicos descobriram que os sedativos controlam melhor os ataques de Alison. Mas eles acabam fazendo dela um zumbi, distante de tudo que se passa à sua volta. Eu preferiria vê-la alerta e conversando com uma barata a ver isso.

Lanço um olhar carrancudo para meu pai, mas ele nem nota, porque está muito

ocupado esboçando sua própria carranca.

— Não — reage ele, e o tom profundo e disciplinador de sua voz faz as sobancelhas da enfermeira se arquearem. — Se tivermos problemas, mando a Alyssa chamá-la. E temos os jardineiros ali, se precisarmos de força bruta. — Ele aponta os dois homens corpulentos que estão ali perto podando arbustos. Eles poderiam ser gêmeos, com seus bigodes enormes e corpos que lembram morsas, enfiados em aventais marrons.

— Tudo bem. Estarei na recepção se precisar de mim. — Com outro sorriso brilhante e falso, a enfermeira entra saltitando no edifício, deixando nós três a sós. Ou nós oito, se contarmos os cravos.

Pelo menos eles tinham parado de falar.

No instante em que a sombra de papai atinge o vaso, Alison levanta a cabeça. Um olhar para minhas muletas e ela dá um pulo do assento, fazendo tremer o jogo de chá. —

Ele estava certo!

— Quem estava certo, meu bem? — pergunta meu pai, afastando os fios de cabelo que cobrem as têmporas dela. Mesmo depois de anos de decepções, ele não consegue ficar sem tocá-la.

— O gafanhoto... — Os olhos azuis de Alison brilham com uma mistura de ansiedade e excitação quando ela aponta para uma espessa teia de aranha nas

varetas do guarda-sol. Uma aranha do tamanho de uma moeda de 25 centavos desloca-se pela teia, envolvendo um casulo branco para protegê-lo do vento cortante — na certa, o jantar. — Antes de a aranha protegê-lo, o gafanhoto gritou alguma coisa. — As mãos de Alison se retesam na altura da cintura. — O gafanhoto disse que você tinha se ferido, Allie. Ele te viu no lugar em que você anda de skate.

Olho para o caroco mumificado na teia da aranha. Lá estava aquele inseto que

ficava subindo na minha perna no Submundo. Será que ele pegou carona no carro?

Sinto um nó no estômago. Sem chance. Não é possível que seja o mesmo inseto.

Alison deve ter ouvido eu e papai conversando com a enfermeira sobre o meu tombo. Às vezes acho que ela finge não se importar porque é mais fácil do que encarar o que lhe aconteceu ou o que ela causou à nossa família.

Ela retesa as mãos com tanta força que as juntas se sobressaltam e ficam brancas.

Desde o dia em que me feriu, ela evita qualquer contato físico entre nós. Alison acha que eu vou quebrar. É por isso que eu uso luvas, para evitar que ela veja as cicatrizes e que se lembre.

Papai separa suas mãos e entrelaça seus dedos nos dela. A atenção de Alison volta-se para ele, e aquela tensão intensa se dissipa.

— Olá, tomatinho — diz ela, com a voz suave e firme.

— Olá, minha ursinha.

— Você trouxe sorvete. É alguma comemoração?

— É. — Ele beija sua mão, abrindo aquele sorriso afetuoso no estilo Elvis.

— E a Alyssa está aqui para nos ajudar a comemorar.

— Perfeito. — Ela retribui o sorriso, movimentando o olhar. Não me admira que o papai seja irremediavelmente apaixonado por ela. Alison tem a beleza de uma fada.

Papai a ajuda a voltar para a cadeira. Ele estende um guardanapo de tecido no colo dela e lhe serve um pouco de sorvete na xícara de chá. Colocando a xícara em um pires, ele a aproxima de Alison junto com uma colher de plástico.

— *Il tuo gelato, signora bella* — dispara ele.

— *Grazie*, fofinho! — agradece ela de impulso, num raro momento de leveza.

Papai ri e ela dá uma gargalhada, um tilintar que me faz pensar nos sinos de prata que temos na porta de casa. Pela primeira vez em tempos, ela se *sente* em casa. Começo a pensar que esta será uma visita das boas. Com tudo que tem acontecido na minha vida ultimamente, seria muito bom desfrutar de um momento de estabilidade.

Eu me sento, e papai pega minhas muletas, colocando-as no chão, e depois me ajuda a estender o tornozelo sobre uma cadeira vazia entre Alison e eu. Ele dá um tapinha no meu ombro e vai sentar-se do lado oposto.

Por alguns minutos, rimos e sorvemos sopa de *cheesecake* em nossas xícaras de chá.

Conversamos sobre coisas corriqueiras: o final do ano letivo, o baile de formatura que acontece esta noite, a colação de grau da noite passada e a Loja de Artigos Esportivos do Tom. Parece que pertencemos a uma família normal.

Então, papai estraga tudo. Ele tira sua carteira para mostrar a Alison algumas fotos dos meus mosaicos que foram condecorados na feira de artes. As três fotos estão enfiadas nas abas de plástico, junto a uma variedade de cartões de crédito e recibos.

O primeiro é *Lua assassina*, todo em azul: borboletas azuis, flores azuis e pedacinhos de vidro azul. Depois, *O último suspiro de outono* — um torvelinho de cores outonais feito de mariposas marrons e pétalas de flores laranja, amarelas e vermelhas.

Pulsção de inverno, meu orgulho, é um emaranhado caótico de flores-mosquitinho e contas de vidro prateadas dispostas sobre a imagem de uma árvore. Frutos silvestres desidratados pontilham o final de cada ramo, como se a árvore estivesse sangrando. Grilos negros compõem o pano de fundo. Por mais mórbido que pareça, a mistura do bizarro e do natural, de alguma maneira, cria beleza.

Alison remexe-se na cadeira, perturbada. — E música? Ela ainda estuda violoncelo?

Papai semicerra os olhos e olha para mim. Alison participou muito pouco da

minha educação. Mas uma coisa em que ela sempre insistiu é que eu fizesse parte de uma orquestra, talvez porque ela mesma costumasse tocar violoncelo. Abandonei o curso este ano porque só tinha tempo para uma matéria opcional. Nós não tínhamos mencionado isso porque parecia muito importante para ela que eu continuasse.

— Podemos falar disso mais tarde — disse papai, apertando a mão dela. — Eu

queria que você visse como ela tem bom olho para os detalhes. Assim como você em suas fotografias.

— As fotografias contam histórias — Alison murmura. — Mas as pessoas esquecem de ler as entrelinhas. — Libertando a mão da mão de papai, ela cai num silêncio mortal.

Com os olhos cheios de tristeza, papai está prestes a fechar a carteira quando Alison vê o aromatizador com a foto da mariposa... que ele ainda não pendurou no caminhão.

Com as mãos trêmulas, ela agarra o aromatizador. — Por que você está levando isso?

— Mamãe... — Minha língua faz força para formar a palavra, artificial e dura, como tentar torcer a haste de uma cereja e dar-lhe um nó. — Fui eu que fiz para ele. É um modo de manter uma parte de você junto conosco.

Com a mandíbula cerrada, ela se volta para papai. — Eu disse para você manter esse álbum escondido, não disse? Ela nunca deveria ter visto. Agora é só uma questão de tempo...

É só uma questão de tempo até o quê? Até eu acabar aqui onde ela está? Será que ela acha que as fotografias a enlouqueceram?

Franzindo a cara, ela joga o aromatizador sobre a mesa. Sua língua estala num ritmo firme. O som penetra em mim como se alguém estivesse revirando minhas entranhas com a palheta de um violão.

Suas explosões mais violentas sempre começam com um estalar de língua.

Papai tensiona os dedos em torno do aromatizador, cauteloso.

Uma mosca pousa em meu pescoço, fazendo cócegas. Quando eu a espanto, ela vai pousar ao lado dos dedos de Alison. Ela esfrega as patinhas uma na outra.

“Ele está aqui.

Ele está aqui.”

Os sussurros do inseto ficam mais altos que o vento, e o resto dos ruídos ambientes, mais altos que o estalar de língua de Alison e da respiração cautelosa de papai.

Alison inclina-se na direção do inseto. — Não, ele não pode estar aqui.

— Quem não pode estar aqui, ursinha? — indaga papai.

Fico olhando, duvidando que seja possível. Será que os loucos compartilham seus delírios?

Porque é a única explicação para que Alison e eu estejamos ouvindo exatamente a mesma coisa.

A menos que a mosca realmente falasse.

“Ele cavalga no vento”, ela sussurra mais uma vez, e depois sai rodopiando pelo pátio.

Alison me enquadra com o olhar desvairado.

Fico tensa, assombrada.

— Benzinho, o que foi? — Papai está parado ao lado dela, com a mão em seu

ombro.

— O que isso quer dizer: *“Ele cavalga no vento”*? Quem? — Pergunto a Alison,

sem me importar mais em revelar meu segredo a ela.

Ela olha para mim, intensa e muda.

Papai fica olhando para nós duas, cada vez mais pálido.

— Papai? — Inclino-me sobre minha perna apoiada e puxo a meia. — Você poderia ir pegar um pouco de gelo para o meu pé? Está latejando.

Ele franze o rosto. — Não pode esperar um pouquinho, Alyssa?

— Por favor. Está doendo.

— Sim, ela está com dor. — Alison estica o braço e toca meu tornozelo. O gesto é chocante — tão normal e acolhedor que gela meu sangue e os meus

ossos. Alison está me tocando *pela primeira vez em onze anos*.

O acontecimento monumental deixa papai tão aturdido que ele sai sem dizer mais nada. Percebo, pelo tremor em sua pálpebra direita, que ele trará a enfermeira de volta com ele.

Alison e eu não temos muito tempo.

No instante em que ele desaparece pela porta, eu recolho minha perna da cadeira, contraindo-a por causa de um espasmo de dor no tornozelo. — A mosca. Nós duas ouvimos a mesma coisa, certo?

O rosto de Alison fica lívido. — Há quanto tempo você ouve as vozes?

— Que diferença isso faz?

— Toda a diferença. Eu poderia ter lhe dito coisas... coisas que evitariam que fizesse a escolha errada.

— Diga-me agora.

Ela balança a cabeça.

Talvez ela não esteja convencida de que ouço o mesmo que ela. — Os cravos.

Devemos honrar seu último pedido. — Pego uma colher de plástico e, segurando os cravos, vou aos pulos com a muleta até a beira do pátio de cimento, onde começa o jardim. A terra tem aroma úmido e fresco. Os aspersores acabaram de regá-la. Alison me segue de perto.

Não vejo mais os jardineiros com cara de morsa. A distância, a porta da cabana está aberta. Os homens devem estar lá dentro. Bom. Ninguém para nos interromper.

Alison pega as flores e a colher e ajoelha-se. Ela usa a colher para cavucar a terra macia. Quando o plástico quebra, ela cava com os dedos até abrir uma cova rasa.

Ela coloca os botões dentro da cova e cobre-os com terra. A expressão em seu rosto é como um céu repleto de nuvens que se revolvem, indecisas sobre dispersar-se ou provocar uma tempestade.

Minhas pernas vacilam. Por tantos anos, as mulheres de nossa família foram tachadas de loucas, sem o serem. Podemos ouvir coisas que outras pessoas

não podem. É a única explicação para nós duas ouvirmos a mosca e os cravos dizerem a mesma coisa. O

truque é não responder ao que dizem os insetos e as flores diante de pessoas normais, porque aí pareceríamos loucas.

Não somos loucas. Eu devia estar aliviada.

Mas algo mais está acontecendo, algo inacreditável.

Se as vozes são reais, não faz sentido que Alison insista em se vestir como Alice.

Por que ela estala a língua? Por que ela tem ataques de fúria sem razão aparente? São essas coisas que a fazem parecer mais louca que tudo. São tantas as perguntas que quero fazer.

Eu as coloco de lado, porque existe uma que é a mais premente de todas.

— Por que nossa família? — pergunto. — Por que isso acontece conosco?

A expressão de Alison torna-se amarga. — É uma maldição.

Uma maldição? Será possível? Lembro-me daquele site estranho que encontrei quando pesquisava sobre a mariposa. Somos amaldiçoadas com poderes místicos, como aqueles intraterrenos que eu vi?

É por isso que minha avó Alícia tentou voar? Ela tentou testar a teoria?

— Tá bom — digo, fazendo um esforço para acreditar no impossível. Quem sou eu para retrucar?

Ando batendo papos com dentes-de-leão e besouros há seis anos. A verdadeira

magia deve ser melhor do que ser esquizofrênico. — Se é uma maldição, existe um modo de quebrá-la.

— Sim. — A resposta de Alison é um grunhido de pesar.

O vento fica mais forte, e suas tranças tremulam como um chicote.

— E qual é? — pergunto. — Por que ainda não fizemos isso?

Os olhos de Alison me fitam. Ela se retirou para algum lugar dentro de si mesma —

um lugar em que ela se esconde quando fica assustada.

— Alison! — Inclino-me para agarrar seus ombros.

Ela volta a se concentrar. — Porque temos que entrar na toca do coelho.

Nem pergunto se a toca do coelho é real. — Então nós vamos encontrá-lo.
Quem

sabe alguém em sua família possa ajudar?

É um exagero. Nenhum dos Liddells britânicos sabe de nossa existência. Um dos filhos de Alice teve um caso secreto com alguma mulher antes de partir para a Segunda Guerra Mundial e morreu no campo de batalha. A mulher engravidou e veio para os Estados Unidos criar o fruto de seu amor. O

menino cresceu e teve uma filha, minha avó Alícia. Nunca tivemos contato com

nenhum deles.

— Não — diz Alison, com a voz cortante. — Deixe-os fora disso, Allie. Eles não sabem mais do que nós, ou não continuaríamos nessa situação.

A determinação por trás de sua expressão anula qualquer dúvida que sua afirmação críptica possa levantar. — Está bem. Sabemos que a toca do coelho é na Inglaterra, certo?

Existe um mapa? Algum tipo de instrução por escrito? Onde devo procurar?

— Não deve.

Dou um pulo quando ela abaixa minha meia para expor a marca de nascença sobre meu tornozelo esquerdo inchado. Ela tem uma marca idêntica no lado interno do pulso. A marca é como um labirinto feito de linhas com ângulos retos, igual aos quebra-cabeças que se veem em revistas.

— Tem muito mais nessa história do que as pessoas sabem — acrescenta ela.
— Os tesouros mostrarão a você.

— Tesouros?

Ela pressiona sua marca contra a minha, e uma sensação de calor surge no ponto de contato. —

Leia nas entrelinhas — sussurra ela. O mesmo que dissera antes sobre a fotografia.

— Você não pode perder a cabeça, Allie. Prometa que vai se afastar disso. Meus olhos queimam. — Mas eu quero que você volte para casa...

Ela se afasta do meu tornozelo. — Não! Não fiz tudo isso por nada. — Sua voz é contundente e ela parece tão pequenina e frágil aos meus pés.

Me dói perguntar o que ela quer dizer, mas, acima de tudo, quero somente abraçá-la.

Caio de joelhos, ignorando a ferida por baixo da bandana de Jeb. Sentir os braços dela ao meu redor é como estar no paraíso. Sentir o perfume de seu xampu ao enterrar o nariz em sua têmpora é igualmente delicioso.

Não dura muito. Ela se retesa e me afasta. Um sentimento conhecido de rejeição me atinge o peito.

Depois, me lembro de que papai e a enfermeira devem voltar a qualquer instante.

— A mariposa — eu digo. — Ela tem um papel nisso tudo, não tem? Eu encontrei

um site. A foto da mariposa preta e azul me levou até ele.

Lá no céu, nuvens diminuem a luz do sol e a transformam numa névoa cinza, e a pele de Alison reflete a mudança. O terror molda seu olhar. — Então você já começou. —

Ela levanta as mãos trêmulas. — Agora que começou a procurar por ele, ele não vai faltar com a palavra. Não tecnicamente. Você é alvo fácil.

Entrelaço meus dedos nos dela, tentando trazê-la de volta à terra. — Você está me assustando. De quem está falando?

— Ele virá buscá-la. Ele vai penetrar em seus sonhos. Ou no espelho... Fique longe dos espelhos, Allie! Está entendendo?

— Espelhos? — pergunto, incrédula. — Você quer que eu me afaste dos espelhos?

Ela se coloca de pé com dificuldade, e eu procuro equilibrar-me na muleta. — Um espelho quebrado corta mais do que a pele. Ele corta sua identidade.

Como se estivesse esperando essa deixa, a bandana de Joe escorrega do meu joelho, revelando a atadura cheia de sangue. Um pequeno uivo escapa da boca

de Alison. Nenhum estalar de língua me avisa de que ela vai dar o bote. Minhas costas batem no chão. O ar é forçado para fora de meus pulmões e uma dor explode entre meus ombros.

Alison me escarrancha no chão, tirando minhas luvas com as lágrimas lhe escorrendo pela face. —

Ele me fez machucar você! — Ela soluça. — Não deixe que aconteça novamente!

Eu já a ouvi dizer essas palavras antes e, em um instante, volto no tempo e no espaço. Uma criança de cinco anos — inocente, distraída — observando uma tempestade de primavera se formar através da porta de tela. Os aromas da chuva e da terra molhada me agitavam, me davam água na boca. Bem diante do meu nariz, uma mariposa pousou na tela, do tamanho de um corvo e com um corpo luminoso e asas negras semelhantes a cetim.

Deixo escapar um som agudo e ela alça voo, flutuando no ar, me provocando, me convidando para brincar.

O lampejo de um relâmpago, uma imensidão de luz. Mamãe sempre me disse que

não era seguro ir lá fora no meio de uma tempestade... Mas a mariposa pairava, linda, zombeteira, prometendo que não haveria problema. Empilhei alguns livros para alcançar a tranca e fui correndo para fora dançar com o inseto no canteiro de flores, com a lama escorrendo pelos dedos dos pés. O grito de mamãe me fez olhar para cima. Ela vinha correndo na nossa direção com um par de tesouras de poda.

— Vou cortar sua cabeça! — gritava ela, podando todas as flores *onde a mariposa pousava*, cortando as pétalas de seus talos.

Eu a segui, hipnotizada por sua energia, com a chuva caindo sobre nós e os relâmpagos incendiando o céu. Achei que ela estava dançando e abri meus braços no ar atrás dela. Então, tropecei. Pétalas brancas caíam ao chão, cheias de sangue. Papai chegou correndo. Eu lhe disse que precisávamos de curativos para os narcisos. Ao me ver, ele soltou um gemido. Eu era jovem demais para entender que flores não sangram.

De alguma maneira, eu havia me colocado na linha de fogo, e as tesouras de poda retalharam minha pele — das palmas das mãos até os pulsos. O médico disse que eu não senti dor por causa do choque. Aquele foi o última dia em que

Alison morou em casa, e a última vez em que eu a chamei de mamãe.

Um trovão me traz de volta ao presente. Meu coração martela contra meu esterno.

Eu havia me esquecido da mariposa. Aquele inseto foi meu animal de estimação secreto quando era criança, e o catalisador de minhas cicatrizes. Não é de admirar que sua fotografia me parecesse tão familiar. Não é de admirar que Alison ficasse tão louca ao vê-la novamente.

Ela chora compulsivamente, expondo minhas mãos nuas à luz tênue. — Eu sinto

muito, muito! Ele me usou, e eu falhei com você. Você merece muito, muito mais do que isso. Todos merecemos.

Ela sai de cima de mim e desenterra os cravos. A terra cai dos talos enquanto ela se levanta. —

Ele não pode levá-la! Digam a ele que... — Alison espreme as pétalas entre os pulsos, como se tentasse estrangulá-las. Depois, atira os botões em frangalhos para o lado e vai aos tropeços até o globo de luz, tentando tirá-lo da base. Como ele não se mexe, ela soca a bola com os punhos.

Seguro seus cotovelos, temendo que ela se fira. — Por favor, pare — imploro.

— Você me ouviu? — Ela grita para o globo prateado, libertando-se de mim. —

Você não pode levá-la! — Algo se move lá dentro, uma sombra embaçada. Mas, olhando melhor, é somente a imagem de Alison refletida, gritando tanto que as veias de seu pescoço saltam.

O que acontece a seguir é quase um sonho. As nuvens formam um redemoinho.

Começa a chover com força. Fico olhando a chuva e de repente — como em câmera lenta

— o vento enrola sua trança no pescoço.

Uma tosse seca faz tremer sua garganta e ela se inclina para a frente, os dedos tentando soltar a trança.

— Alison! — Dou um pulo na direção dela. Nem percebo que meu tornozelo não

está mais doendo.

Alison cai na terra que já virava lama, procurando respirar. A chuva desaba com mais força, como se alguém estivesse atirando pedrinhas em nós. Suas unhas sujas de terra se cravam no cordão platinado que a estrangula. Em seu desespero, ela arranca um pouco da pele do pescoço. O sangue surge nos vergões da pele. Seus globos oculares saltam, vão de um lado para outro enquanto ela luta para respirar. Seus sapatos batem contra o chão enlameado.

— Alysss — sibila ela, incapaz de falar.

Estou chorando tanto que não consigo ver meus dedos lutando contra a trança. Um relâmpago cai a distância... Uma vez... Duas... E então o cordão trançado se aperta em volta dos meus dedos e os enreda, uma pressão tão intensa que tenho a sensação que minhas juntas vão se separar. Meus dedos voltam ao lugar contra minha vontade e apertam o pescoço dela.

Alguma coisa está me forçando a matar minha mãe!

Náusea, quente e cruel, me rasga as entranhas.

— Não... — Quanto mais eu luto para libertar a nós duas, mais juntas ficamos.

Meus *dreadlocks* grudam em meu pescoço como um pano molhado. Chuva e lágrimas brotam de minha sombra nos olhos, e gotículas negras mancham o avental já sujo de Alison. — Solte! — grito para o cabelo dela.

— Pare... Allie — Seu apelo soa oco e sibilante, como o ar escapando de um pneu.

A trança volta a apertar meus dedos.

— Me desculpe — sussurro, soluçando. — Não estou tentando machucá-la...

O trovão me penetra os ossos, o riso debochado de algum demônio maligno. Por

mais forte que eu puxe, as tranças me envolvem com mais força ainda e apertam o pescoço dela. Suas mãos ficam frouxas. Ela fica roxa, os olhos virados para cima até as íris desaparecerem.

— Alguém me *ajude*! — O grito força meus pulmões.

Os jardineiros vêm correndo. Dois pares de mãos carnudas me pegam por

trás e, sem mais nem menos, a trança se solta.

Alison suga o ar com força, enchendo os pulmões e tossindo. Eu volto a mancar, e um dos jardineiros me segura.

A enfermeira Jenkins chega apressada com a seringa nas mãos. Papai está bem atrás dela e eu me jogo em seus braços.

— Eu n-n-não — digo, gaguejando. — Eu nunca, nunca...

— Eu sei. — Papai me abraça. — Você estava tentando impedir que ela se ferisse.

— O abraço dele faz minhas roupas ensopadas grudarem no corpo.

— Mas não foi a Alison — murmuro.

— É claro que não — sussurra papai no meu ouvido. — Não foi ela. Sua mãe não é ela mesma há anos.

Consigo controlar a vontade de vomitar. Ele não entende. Ela não estava tentando estrangular a si mesma; o vento controlava sua trança. Mas quem, em sã consciência, acreditaria nisso?

Pouco antes de Alison fechar os olhos, ela murmura alguma coisa, num gaguejo de bêbado: — As margaridas... escondem o tesouro. O tesouro enterrado.

E então, ela fica inconsciente — um zumbi.

E eu fico sozinha para encarar a tempestade.

Fios de

borboleta

Demorou tanto para acomodar Alison na clínica que papai teve de me levar direto para o trabalho.

Encostamos na guia diante da única loja de roupas *vintage* em Pleasance. Ela fica localizada em um pequeno centro de compras no lado comercial do centro da cidade, com um bistrô de um lado e uma joalheria do outro. A Loja de Roupas Esportivas do Tom fica do outro lado da rua.

— Lembre-se. Estou no trabalho. É só dar uma ligadinha que eu venho pegar você.

— A careta de papai forma rugas nos cantos de sua boca.

Sinto-me entorpecida, ainda me pergunto se imaginei tudo aquilo. Olho para além da fachada de tijolos cor-de-rosa da loja e da cerca preta de ferro. Meu olhar foca e desfoca as letras pretas arredondadas sobre a porta: FIOS DE BORBOLETA.

Seguro o aromatizador diante de meu nariz. O cheiro me lembra a primavera, caminhadas ao ar livre e famílias felizes. Mas só o que eu sinto aqui dentro é o inverno, e a minha família está mais bagunçada do que nunca. Quero dizer ao papai que os delírios de Alison são reais, mas sem nenhuma prova ele vai pensar que minha sanidade também está se estilhaçando.

— Você não precisa fazer isso — afirma ele, pegando minha outra mão. Mesmo

através das minhas luvas, seu toque parece gelo.

— São só duas horas — respondo, rouca de tanto gritar no pátio. — Jen não conseguiu ninguém para cobrir o turno dela na última hora e Perséfone — minha chefe —
está fora da cidade.

Sexta-feira é dia de prospecção para Perséfone, quando ela vai a cidades vizinhas para visitar feirinhas e brechós à procura de mercadorias. Ao contrário do que papai pensa, não estou bancando a mártir. O horário entre três e cinco

horas é completamente morto; praticamente não entra nenhum cliente, só depois da hora do rush. Pretendo usar esse tempo para pesquisar o site da mariposa no computador da loja.

— Tenho que ir. — Aperto a mão de papai.

Ele aquiesce.

Abro o porta-luvas para colocar o aromatizador lá dentro, e uma avalanche de

papéis cai sobre meus pés. Um panfleto que está por cima da pilha me chama a atenção. A cor de fundo é um rosa bem claro, com uma letra genérica branca impressa na frente: *ECT*

— *Porque a Terapia Eletroconvulsiva é Adequada para o Seu Ente Querido.*

Eu o recolho. — O que é isso?

Papai se inclina sobre o banco para guardar os outros papéis. — Falamos nisso mais tarde.

— Pai, por favor.

Ele se retesa e olha pela janela. — Eles tiveram que dar a ela outra dose de sedativos enquanto você estava no saguão.

Aquelas palavras são um golpe para mim. Fui fraca demais para continuar quando eles levaram Alison na cadeira de rodas para a cela com paredes acolchoadas. Covarde, fiquei deitada no sofá do saguão puxando meus arruinados dreadlocks feito um robô enquanto assistia a algum *reality show* idiota na TV.

Realidade... Eu nem sei mais o que é isso.

— Você me ouviu, Allie? Duas doses em menos de uma hora. Todos esses anos eles a têm drogado para que ela esqueça. — Ele aperta o volante. — Mas ela está ficando pior.

Ela ficou gritando sobre tocas de coelho e mariposas... E pessoas que perdem as cabeças.

As drogas não estão funcionando. Então os médicos me ofereceram essa opção.

Minha língua absorve a saliva como uma esponja.

— Se você olhar o primeiro parágrafo — começou a explicar, apontando para

alguns números no panfleto —, essa prática voltou a ser usada desde...

— Sabe, eles usavam enguias — interrompo em voz alta demais —
antigamente.

Eles as envolviam na cabeça do paciente. Um turbante elétrico.

As palavras não têm sentido — espelham como me sinto por dentro. Eu só consigo pensar nos meus animais de estimação em casa. Aprendi bem cedo que não poderia ter o costureiro cão ou gato.

Não que os animais falem comigo; só insetos e plantas estão na minha frequência.

Mas, toda vez que o gato tigrado de Jenara pega uma barata e a rasga em pedaços, tenho náuseas só de ouvir os gritos do inseto. Então, decidi criar enguias. Elas são elegantes e místicas e usam um órgão de choque para atordoar sua presa. É uma morte silenciosa e digna, parecida com a dos insetos que morrem por asfixia em minhas armadilhas. Mesmo assim, não toco a água delas sem usar luvas de borracha. Nem posso imaginar o que elas fariam com a mente de alguém.

— Allie, não é a mesma coisa que faziam setenta anos atrás. É feito com eletrodos enquanto o paciente está anestesiado. Os relaxantes musculares mantêm o paciente alheio a qualquer dor.

— Mas ainda podem causar danos cerebrais.

— Não. — Ele lê o texto de cabeça para baixo em voz alta. — Quase todos os

pacientes da ECT

apresentam alguma incomodidade como confusão, incapacidade de concentrar-se e perda de memória recente, mas os benefícios superam os desconfortos temporários. — Ele procura meu olhar, com o olho esquerdo trêmulo. — Perda de memória recente é um *desconforto*. Não é dano cerebral.

— É uma forma de dano cerebral. — Sou filha de uma doente mental há onze anos.

Sei todas as definições e níveis de anomalias psicológicas.

— Bom, isso pode ser uma bênção, levando em consideração que as lembranças

mais recentes de sua mãe consistem em nada além da clínica e de uma infinita sucessão de drogas e avaliações psicológicas. — Os sulcos profundos em volta da boca dele parecem se estender até o crânio. O que eu não daria para ver seu riso de Elvis naquele momento.

Minha garganta se contrai. — Quem é você para decidir isso por ela?

Os lábios dele se reprimem e formam aquela expressão sisuda que ele esboça sempre que ultrapasso os limites. — Sou um marido que ama sua esposa e sua filha. Um homem que está exausto além de suas forças. — A mistura de defesa e resignação em seu rosto me fazem ter vontade de me encolher e chorar. — Ela tentou se matar bem na sua frente. Mesmo que seja uma impossibilidade física para ela sufocar a si mesma, isso não importa. Os remédios não estão funcionando. Temos que dar outro passo.

— E se isso não funcionar... O que vai ser? Uma lobotomia com um abridor de lata?

— Jogo o panfleto sobre o banco dele. O papel vai parar em sua coxa.

— Allie! — A voz dele fica mais cortante.

Consigo enxergar o que ele quer. Ele está desesperado para ter Alison de volta, mas não para mim.

Todos esses anos ele vem ansiando por ela, a mulher que ele costumava levar para o drive-in... Que andava de mãos dadas com ele pulando sobre poças e sarjetas depois da chuva... Que bebia limonada na varanda e compartilhava os sonhos de um futuro feliz.

Se ele fizer isso, ela pode nunca mais voltar a ser essa mulher.

Abro a porta e piso na calçada. Embora o sol do fim de tarde tenha despontado por entre as nuvens, um arrepio me percorre o corpo todo.

— Pelo menos deixe-me ajudar com as muletas. — Papai se prepara para desenterrá-las de debaixo do banco do passageiro.

— Não preciso mais delas.

— Mas Jeb disse que você torceu...

— Novidade, papai... O Jeb nem sempre está certo. — Aperto a bandana que

cobre minha atadura.

Meu tornozelo não dói desde que Alison apertou sua marca de nascença contra a minha. Na verdade, meu joelho arranhado também parece melhor. Acrescente isso à lista de esquisitices inexplicáveis.

Não tenho tempo para ficar pensando nisso. Tenho problemas maiores.

Papai olha ao longe, cerrando a mandíbula. — Borboletinha...

— Não me chame assim — retruco.

Ele abaixa o rosto ao passarem duas clientes tagarelando. A última coisa que quero fazer é magoá-

lo; ele ficou ao lado de Alison durante anos, sem falar que me criou sozinho.

— Me desculpe. — Eu me abaixo para vê-lo melhor. — Mas vamos pesquisar um

pouco mais, tá bom?

Ele solta um suspiro. — Assinei os papéis antes de sairmos.

Minha máscara de compreensão se esvai e dá lugar à raiva. — Por que você fez

isso?

— O médico ofereceu essa opção há meses. Eu já venho pesquisando há algum

tempo. A princípio, não conseguia nem pensar na ideia. Mas... Eles vão começar na segunda-feira. Você pode ir comigo visitá-la depois.

Um calor desconfortável me sobe pelo pescoço. A umidade da tempestade e o ruído dos insetos que estão por perto tornam tudo ainda pior.

— Por favor, tente compreender — explica papai — o quanto eu preciso que ela

volte para casa.

— Eu também preciso dela.

— Então não faria tudo para que isso acontecesse?

Dentro de mim, um lado escuro se agita e ganha vida. Ele me provoca para

dizer exatamente o que estou pensando. — Sim. Eu até entraria numa toca de coelho. — E bato a porta.

Papai buzina, certamente querendo uma explicação para o meu comentário. Entro depressa na loja, sem olhar para trás.

A campainha automática produz um trinado e uma lufada de ar balança o candelabro de contas de cristal pendurado no centro do teto. Fico ali, atordoada, enquanto o ar-condicionado gela minhas roupas úmidas. O forte aroma de coco que as velas dos candelabros exalam ao longo das paredes revira meu estômago.

— É você, Al? — A voz abafada de Jenara soa por meio da porta aberta do depósito.

Limpo a garganta e aperto o aromatizador. Na pressa de escapar, me esqueci de deixá-lo no caminhão. — Oh-oh.

— Viu meu vestido para o baile de formatura? Está na arara de mercadorias novas.

Pego o único cabide da arara. A capa de plástico faz barulho. Jen comprou dois vestidos na Fios de Borboleta há meses. Ela os cortou e remontou a fim de criar um top verde-limão bem justo que se abre em uma renda cor-de-rosa com estampa de zebras minúsculas. Lantejoulas furta-cor presas a mão refletem a luz quando eu penduro o cabide de volta na arara.

— Legal — digo. É incrível mesmo, e, sob circunstâncias normais, eu ficaria muito mais entusiasmada com sua criação. Mas hoje não consigo encontrar forças.

Jogo o aromatizador de mariposa por baixo do balcão do caixa, ao lado da bolsa de maquiagem de Jenara. Ele vai parar em cima dos volumes de mitologia de Perséfone.

Uma sensação de que alguém está nos observando me gela os ossos e eu viro a

cabeça para olhar o pôster na parede. É de um filme chamado *O Corvo*. Perséfone é apaixonada pelo herói: couro preto, rosto branco, maquiagem preta nos olhos e uma expressão de perpétua inquietação. Criou-se um pouco de mistério em torno daquele ator.

Ele morreu no set de filmagem.

Sempre me senti atraída por aquele pôster. Mesmo em um pedaço de papel, o sujeito consegue ter olhos muito expressivos — olhos que parecem me conhecer, assim como eu os conheço. Embora eu nunca tenha visto o filme, o ator me parece familiar, a ponto de eu conseguir sentir o cheiro do couro que envolve o seu corpo... De sentir sua maciez em meu rosto.

— *Ele está aqui...* — Dou um pulo quando essas palavras invadem meus ouvidos —

as mesmas que a mosca disse antes. Só que desta vez não é um sussurro, não é um dos ruídos aos quais estou acostumada. É um homem com forte sotaque britânico.

Espelhos cobrem as paredes da loja, e um borrão se movimenta entre eles. Quando olho mais de perto, os reflexos nada mostram além da minha própria imagem.

— *Ele cavalga no vento.* — A voz penetra no meu sangue. Uma rajada de ar frio surge de repente e apaga as velas, deixando somente a luz da tarde e o candelabro do teto.

Vou recuando aos poucos até bater no balcão. Os olhos insondáveis do pôster seguem cada movimento meu, como se fosse ele que estivesse falando com a minha cabeça e agitando o vento.

Arrepios gélidos me percorrem a espinha.

— Al! — O grito de Jen quebra a magia. — Pode me ajudar a carregar umas coisas?

Precisamos montar a vitrine do Anjo Negro antes de eu sair.

Esforço-me para fugir do olhar hipnótico do pôster e ir para o depósito. O ar-condicionado desliga. A rajada de vento deve ter vindo de lá.

Rio de nervoso. Estou cansada, com fome e em choque. Meus delírios são reais e minha família está amaldiçoada. Só isso. Devia ser fácil de aceitar, certo?

Errado.

Meus sapatos ensopados fazem barulho a cada passo quando eu atravesso o piso

ladrilhado nas cores branco e preto. Jenara me encontra na porta, com uma pilha tão alta de roupas e acessórios nos braços que mal consegue me ver.

— Então, meu vestido é *legal*? — A pergunta chega por detrás da pilha. — É assim que você alimenta o ego da sua melhor amiga?

— É maravilhoso! O Bret vai amar. — Ainda sentindo os olhos do pôster, fico na ponta dos pés e pego a peruca azul e a pequenina máquina de gelo seco do alto da pilha em seus braços.

— Como se isso importasse — ela diz por detrás do amontoado de coisas. — Eu te disse que o Jeb ameaçou transformar o Bret em uma abóbora amassada se ele não me trazer para casa antes da meia-noite? Ele pegou um lindo conto de fadas como “Cinderela” e transformou em uma ameaça de morte. É perversão pura.

— É, ele vem encarnando algum personagem ultimamente.

Tudo começa a deslizar de cima daquela torre. Retiro vários acessórios do alto da pilha e o rosto dela finalmente aparece.

Seus olhos verdes delineados com muito lápis preto se arregalam quando ela me vê:

— Caraca!

Parece que você brigou com o Pé-Grande! Você e o Jeb acertaram os ponteiros em uma poça de lama?

— Rá-rá. — Indo na direção da vitrine, largo as coisas ao lado da Moça na Janela, o manequim de Perséfone.

Jenara acomoda algumas asas com plumas escuras no alto da pilha de acessórios.

Elas cintilam com lantejoulas pretas.

— Não, sério. O que aconteceu? Eu achei que vocês iam visitar sua mãe. Espera aí.

— Jen toca meu braço. — Alguma coisa deu errado?

Vários cachos rosa escuro despencaram de seu cabelo preso no alto da cabeça. Os cachos formam espirais parecidas com chamas cor-de-rosa sobre seu tubinho preto, lembrando-me do que fizeram com o cabelo de Alison na clínica.

— Ela surtou — deixo escapar. — E me atacou.

Todos os outros detalhes ficam parados na minha garganta: como eles

rasparam seu cabelo para que ela não tentasse se sufocar novamente — embora agora eu desconfie que já era uma preparação para a terapia com choques. Como eles ficaram limpando a baba dos cantos de sua boca e colocaram fraldas de adulto, porque, quando alguém está muito sedado, não tem controle das faculdades. E, o pior de tudo, como eles a levaram para a cela acolchoada em uma cadeira de rodas, curvada e tolhida por uma camisa de força, como uma velhinha sem vida. Por isso não pude segui-los e dizer adeus. Já tinha visto o bastante.

— Poxa, Al. — A voz de Jen é suave e carinhosa. Ela me puxa para dar um abraço.

O perfume cítrico de chiclete de seu xampu me acalma. — Pode deixar que eu faço a minha própria maquiagem e o resto. Vá para casa.

— Não posso. — Eu a puxo para mais perto. — Não quero ficar perto das coisas

que me lembram dela. Ainda não.

— Mas você não deve ficar sozinha.

A campainha soa e três senhoras adentram a loja. Jen e eu nos afastamos uma da outra.

— Eu não vou ficar sozinha — respondo. — Não durante o horário comercial.

Jen inclina a cabeça, me analisando. — Olha, eu posso ficar mais meia hora. Vá se recompor. Eu cuido dos clientes.

— Tem certeza?

Ela sacode de leve uma de minhas tranças. — Certeza absoluta. Não posso deixar você tomando conta da loja com cara de palhaço que foi recusado no circo. E se entra algum gato?

Forço um sorriso.

— Leve minha bolsa de maquiagem — oferece ela. — Tenho uns apliques que você

pode experimentar.

Vasculho minhas coisas que se encontram no depósito e pego um par de

botas de plataforma e algumas roupas, e depois me agacho para entrar no pequenino banheiro. O

tubo de ventilação acima da pia joga ar gelado sobre a minha pele. Um brilho fluorescente vindo da pequena luminária distorce meu reflexo. Eu escovo o cabelo, desfazendo os nós, e prendo um dos *dreads* roxos de Jenara.

Minha maquiagem já foi lavada por lágrimas e pela chuva, deixando manchas pelo rosto. Agora só consigo me lembrar de Alison. Mas, se eu olhar com mais profundidade, sou eu usando uma camisa de força e um turbante de enguia, fazendo caretas que nem o Gato de Cheshire ao sorver carne assada de uma xícara de chá.

Quanto tempo ainda tenho antes de a maldição me pegar de vez?

Apoio-me na pia, desamarro a bandana de Jeb e absorvo o aroma dele. Antes desta tarde, tudo o que eu queria era ir para Londres ficar com ele e ganhar créditos para a faculdade. É incrível a diferença que algumas horas podem fazer.

Se eu não encontrar uma maneira de ir para a Inglaterra procurar a toca do coelho, o cérebro de Alison será frito e eu vou terminar onde ela está dentro de alguns anos. Não tenho como conseguir dinheiro suficiente para a passagem de avião antes de segunda-feira.

Sem contar o passaporte.

Rangendo os dentes, começo a tirar meu leggings rasgado e a atadura. O corte no meu joelho está quase bom, e quase sem casca. Estou esgotada demais para ficar imaginando a razão. Abro a torneira de água fria e esfrego as lembranças físicas do que aconteceu, secando minha pele e lingerie com o secador de cabelo.

Depois de riscar meus olhos com pinceladas verde-escuras e me contorcer para

entrar em uma meia-calça xadrez roxa, verde e vermelha, jogo por cima uma minissaia com combinação bufante.

Uma camiseta de manga cavada verde por baixo de um bustiê vermelho — junto

com meias-luvas roxas — e estou pronta para encarar os clientes.

Dou uma última olhada no espelho. Alguma coisa se move por trás de minha imagem, tremeluzente e negra, como as asas emplumadas da pilha de acessórios. O aviso figurado de Alison me toma de assalto. “*Ele virá buscá-la.*”

Ele vai penetrar em seus sonhos. Ou no espelho...fique longe do espelho.” Solto um grito agudo e me viro depressa.

Não há nada ao redor a não ser minha sombra. O cômodo parece encolher e me

desequilibrar, como se eu estivesse dentro de uma caixa rolando ladeira abaixo. Meu estômago fica embrulhado.

Saio correndo para o depósito mal-iluminado e quase tropeço nos cadarços de

minha bota alta, numa corrida desesperada para voltar para perto de Jen.

Ela corre para me encontrar. — Nossa. — Ela me conduz para o banquinho que fica atrás do balcão do caixa. — Você está com uma cara como se a sua cabeça fosse explodir.

Comeu alguma coisa?

— Sopa de sorvete — murmuro, aliviada por as clientes já terem saído e não terem me visto.

Estou tremendo toda.

Jen sente a temperatura da minha testa. — Você não parece ter febre. Talvez seja algum problema com o nível de açúcar no sangue. Vou pegar algo para você no bistrô.

— Não me deixe. — Agarro o braço dela.

— Por que não? Eu já volto.

Percebendo o quanto eu pareço maluca, mudo de tática. — A vitrine. Nos temos

que... — A explicação se detém na minha língua quando percebo que ela já terminou de montá-la. — Ah...

— É, ah. — Jen solta meus dedos de sua manga. — Vou acender as velas também.

Por que você as apagou? Você precisa de todas as vibrações relaxantes possíveis. Vou trazer um croissant e algo para beber; algo sem cafeína. Nunca vi você tão pilhada. —

Antes que eu possa responder, ela já atravessou a sala.

A porta se fecha atrás dela, deixando-me só com a decoração da vitrine. Uma peruca azul e uma fantasia aderente de anjo negro abraçam a silhueta da Moça na Janela. As asas gigantes estão amarradas em volta dos ombros do manequim com uma tira de couro da mesma cor. Lantejoulas pretas cintilam sobre as plumas, e há fumaça saindo da máquina de gelo seco, serpenteando a cena macabra.

De alguma maneira, aquelas asas e a fumaça são uma coisa só.

Penso na minha amiga mariposa. Por que Alison a atacou com a tesoura de poda?

Só porque ela me atraiu para uma tempestade? Tem que haver algo mais sério, algum tipo de animosidade já existente, mas não consigo compreender qual.

Relutante, viro o rosto para o pôster. Seus olhos escuros olham direto para mim, penetrantes. —

Você sabe, não é? — sussurro. — Você tem as respostas.

Silêncio...

Rio com desdém — um som vazio e solitário. Estou oficialmente perdendo a razão.

Insetos e flores que sussurram já não são mais do que o suficiente? Esperar que um pôster responda? Isso me torna uma candidata ao sanatório.

Tremendo, vou até o computador do outro lado e encontro o site que pesquisei

antes. Passo direto por tudo que já vi, tentando encontrar uma conexão com os desvarios de Alison.

Há outra série de fotos: um coelho branco tão magro que parece um esqueleto;

flores ostentando braços, pernas e bocas de onde pinga sangue; uma morsa com algo que se projeta de sua metade inferior, como raízes de árvores. É a turma do País das Maravilhas depois de uma boa dose de radiação venenosa. É também uma conexão: de alguma forma, a mariposa e esses seres do reino subterrâneo estão ligados à história de Lewis Carroll. Não é de admirar que vovó Alícia tenha continuado a pintar os personagens da história nas paredes.

Desde Alice, minha família é maluca. Será que ela realmente entrou na toca

de um coelho e voltou para contar a história, mas nunca mais foi a mesma depois dessa experiência? Aliás, quem seria?

Todos os meus pelos se eriçam como se uma corrente elétrica percorresse meu

corpo.

Depois da última imagem, há uma moldura antiga de hera e flores nos dois lados do fundo preto, e um poema centralizado em letras brancas adornadas.

Era briluz. As lesmolisas touvas

Roldavam e reviam nos gramilvos.

Estavam mimsicais as pintalouvas,

E os momirratos davam grilvos.[1]

Eu já vi esse poema no livro original. Com o bloco de anotações em mãos, rabisco *País das Maravilhas* no alto e copio o poema, palavra por palavra.

Abro uma nova janela de pesquisa para buscar interpretações. Um mesmo site

apresenta quatro possibilidades diferentes. E se todas elas estiverem erradas? Leio superficialmente dois outros sites até que o terceiro me chama a atenção.

Ele mostra ilustrações junto com as palavras — criaturas com narizes longos e envergados cavam buracos debaixo de relógios de sol. Uma sensação de que conheço aquilo toma conta de mim, e eu fecho os olhos. Crianças brincam na tela das minhas pálpebras. Um menino alado e uma menina loira mergulham em um buraco debaixo da estátua de uma criança que equilibra um relógio de sol na cabeça.

Não sei de onde vêm essas imagens. Devo tê-las visto em algum filme — mas não consigo lembrar qual. Elas parecem tão reais — e tão familiares.

Anoto rapidamente as definições daquela interpretação do poema. De acordo com quem escreveu, *briluz* significa quatro horas da tarde; a *touva* é uma criatura mítica — uma mistura de texugo e lagarto com focinho de saca-rolhas. Elas são conhecidas por fazerem seus ninhos debaixo de relógios de sol. *Roldar* e *reviar* são verbos que significam cavar na terra como uma hélice gigante, revirando o solo até que um túnel profundo seja formado.

No contexto do poema, o buraco está sendo cavado em um local específico, considerando que *gramilvo* é a grama debaixo de um relógio de sol.

As outras palavras não estão definidas, mas já é um começo.

Segundo o poema e as imagens na minha cabeça, parece que a toca do coelho pode estar localizada debaixo daquela estátua do menino com o relógio de sol.

Eu só preciso encontrá-la.

Volto para o site dos intraterrenos e vou descendo para ver se há mais algum detalhe que tenha me escapado. No final, um enorme espaço preto que vai até o fim da página.

Nenhum outro texto, nenhuma foto, mesmo com muito espaço para colocar algo. Será que o *webdesigner* quis deixar espaço para mais tarde?

Estou quase saindo do site para pesquisar relógios de sol na Inglaterra, na esperança de encontrar uma cidade e um endereço, quando um movimento no fundo escuro do site me chama a atenção. É

como assistir a um grilo nadando em meio à tinta. Mas, em vez de um grilo, a

simulação de uma mariposa negra flutua pela tela, como a mariposa do meu passado.

Estou começando a achar que a mariposa está ligada a tudo: ao menino e à menina que vi ao lado do relógio de sol, à verdadeira maldição de minha família. Se pelo menos eu conseguisse lembrar mais sobre o inseto. Mas minhas lembranças estão borradas e obscurecidas, como olhar para baixo de uma altura estonteante através de nuvens espessas.

A animação volta a deter minha atenção. Ela começa no alto de um espaço vazio.

Quando chega a um quarto da descida, um texto em azul brilhante aparece por baixo do rastro das asas da mariposa.

Encontre o tesouro.

Leio e torno a ler até que meus olhos queimam, chocados pela semelhança com o que Alison disse.

“As margaridas escondem o tesouro. O tesouro enterrado.”

Papai cavou todo o jardim quando ela foi internada pela primeira vez, anos atrás —

e o deixou destruído. Não havia nada enterrado lá. Então o que será que ela queria dizer?

Outra linha de texto aparece na tela. *Se deseja salvar sua mãe, use a chave.*

Dou um pulo para trás, me afastando do computador, com o coração acelerado e as mãos suando dentro das luvas. Não percebi. As palavras estão olhando para mim, piscando.

Como alguém pode estar falando comigo?

Como alguém saberia sobre Alison e como me encontrou?

Olho para todos os cantos da loja vazia.

Tenho que contar para alguém. Papai está fora de cogitação; ele me mandaria para a terapia de eletrochoque. Jenara vai pensar que é só mais um dos meus atormentadores da escola me pregando mais uma peça.

O Jeb. Apesar da estranheza entre nós, sei que ele sempre irá me apoiar. Vou mostrar o site para ele. Só o fato de pensar no seu sorriso confortador — que diz que ninguém me compreende como ele — já me resgata do limite do terror.

Ao som da campainha, olho para cima. O rosto de Taelor retribui o olhar e eu quase solto um gemido bem alto. Seu cabelo na altura dos ombros reflete o brilho dourado do sol.

As palavras *Brilho, Glamour e Muita Petulância* estão escritas em letras reluzentes na sacola que ela carrega.

Volto ao computador. A tela fica branca e mostra uma mensagem de erro.

— Oi, Alyssa. — Taelor examina atentamente a prateleira de joias a caminho do balcão. —

Alguma promoção hoje? — Ela ergue um broche de strass em forma de caveira com penduricalhos de ossos cruzados. — De preferência algo que não cheire a casa funerária.

Ignorando-a, digito mais uma vez o endereço do site. A mensagem de erro volta a aparecer.

Chacoalho o mouse. Se eu não conseguir encontrar o site novamente, nunca poderei convencer Jeb de que o que vi era real.

Taelor chega mais perto. Uma das alças de sua bolsa de grife escorrega de seu ombro bronzeado.

— Acho que não importa. Gente como você não se importa com quem usou essas

coisas e nem se estão mortos ou não.

Depois de fazer uma pausa para torcer o nariz para uma camiseta, ela joga a sacola de compras e a bolsa do outro lado do balcão e rapidamente apoia os braços na beirada dele. Ela era uma ótima tenista, mas, quando viu que seu pai nunca ia aos torneios, desistiu.

Uma pena.

Os dez centímetros extras das minhas botas me elevam quase à estatura dela.

—

Você não precisa se aprontar para um baile? — pergunto, esperando que ela vá embora.

O olhar dela se enche de delicadeza e inocência. — É por isso que estou aqui. Vim na loja ao lado pegar o presente de formatura do Jeb. Pensei em deixá-lo na casa dele de tarde para ele poder usar hoje à noite.

Nem pergunto o que ela poderia ter comprado para Jeb em uma joalheria.

— O que é isso? — Ela estica a mão por cima do balcão e puxa minhas anotações para si. Tento pegá-las, mas ela é rápida. — País das Maravilhas, é? Então está pesquisando sobre os coelhos da família.

— Tchau, Taelor. — Recupero minhas anotações à força, e acidentalmente derrubo sua bolsa no chão diante do balcão.

Ela nem se incomoda em pegá-la. Sua expressão endurece. — Nada de tchau.

Primeiro vamos conversar.

Aquela presença inquieta em minha mente me provoca para revidar. Uma explosão de adrenalina faz minha língua disparar. — Obrigada, mas prefiro falar com um besouro.

Os olhos de Taelor se arregalam, como se ela tivesse se surpreendido com o insulto.

Sorrio. É

bom a gente se sentir por cima de vez em quando.

Ela demora alguns segundos para pensar em uma resposta. — Você fala com besouros, é? É bom saber que vai poder brincar com alguém quando Jeb for embora. E não fique pensando que pode usar essa bobagem de amiga magoada para impedir que ele se mude para Londres comigo no mês que vem.

— Com *você*? — Acabo de despencar de onde estava. Sinto-me como quando estava andando de skate e caí — como se um holofote de mineiro estivesse focado em mim.

— Ele ainda não te contou? — Taelor estava exultante. — Não me surpreende. Ele está sempre tão preocupado com seu estado mental. — Ela se encosta no balcão e coloca seu rosto a poucos centímetros do meu. Seu perfume caro faz meu nariz pinicar. — Vou fazer o último ano do Ensino Médio em uma escola preparatória em Londres. Me ofereceram um contrato como modelo lá. Meu pai vai alugar um apartamento para o Jeb.

Assim, todo mundo sai ganhando. Jeb pode fazer contatos para se promover como pintor através das pessoas que eu vou conhecer, e nós ficamos na casa dele nos finais de semana.

Interessante, não acha?

Sinto um aperto no peito.

Ela se retrai. Há certo pânico em sua expressão. Por quê? Ela acaba de anular a chance de eu ter a amizade de Jeb só para mim mais uma vez. Agora ela tem tudo.

— Nossa! Você realmente achou que tinha uma chance, não? — Taelor zomba. —

Só porque ele pediu que você posasse para alguns rabiscos, isso não quer dizer que ele é a fim de você.

Fico boquiaberta. Jeb nunca me pediu para posar. Algumas vezes ele tirou seu lápis e caderno de desenho quando estávamos juntos, mas eu nunca imaginaria que ele estivesse me retratando.

— A arte dele trata da morte, da tragédia, então é óbvio que ele goste de seu estilo Mortícia. Isso não é um elogio. Não se iluda.

Estou atordoada demais para responder.

— Nós duas gostamos dele. — A voz dela fica mais suave, e posso ver que, pelo menos desta vez, ela está sendo sincera. — Mas você gosta dele o bastante para deixá-lo fazer o que é melhor para *ele*? Ele tem talento demais para ficar servindo de babá para você o resto da vida, como seu pobre pai. Você não acha que isso seria uma tragédia colossal?

A ânsia de arrancar os olhos dela faz minhas veias fervilharem. — Pelo menos eu tenho um pai que gosta de mim o bastante para me apoiar. — As palavras a atingem feito setas envenenadas. Sua expressão ferida faz com que eu me arrependa de ter dito aquilo.

A campainha soa e o aroma de café expresso invade a loja.

— Ah, droga. — Jen lança um olhar de raiva para Taelor enquanto a porta se fecha atrás dela. —

O que está fazendo aqui? — Ela para perto de mim e coloca de lado um croissant e uma vitamina de fruta.

Taelor limpa a garganta e sua máscara de indiferença volta ao lugar. — Alyssa e eu estávamos conversando sobre Londres e sobre por quê ela não é bem-vinda para ficar comigo e o Jeb. — Ela pega sua sacola. — Fede aqui na terra dos mortos. Fui.

No instante em que ela sai, Jenara vira-se para mim. — Um dia desses ela vai se descuidar e mostrar ao Jeb esse lado perverso.

Eu arranco a pontinha do meu croissant. — É por causa dela que ele não quer que eu vá. Ele não quer que eu... atrapalhe eles.

Torcendo sua meia arrastão com uma caneta, Jen não responde.

— Por que não me contou?

Os olhos dela se enchem de remorso. — Eu só soube que ela ia hoje de manhã. E eu não sabia como contar para você quando você entrou. Você está sofrendo tanto com sua mãe.

Dobrando as anotações do País das Maravilhas, olho novamente para o computador fora do ar. O

que importa se o site sumiu? Jeb não vai mais me ajudar e nós nunca mais

seremos como antes.

— Al?

Os soluços que eu vinha reprimindo desde a minha briga com papai se aninham em meu peito. E

explodem como milhares de bolhas de ácido, consumindo meu coração silenciosamente. Mas me recuso a chorar.

— Vamos lá — Jen me anima. — Se alguém pode convencê-lo a largar dela, é
você. Conte para ele. Conte o que você sente de verdade.

Penso nas maravilhosas pinturas de Jeb. Em todas as coisas que ele pode ser, se tiver oportunidade. Ele não precisa de mais bagagem emocional para atrasá-lo. E eu tenho o suficiente para afundar um petroleiro. Ademais, não conseguirei aguentar se ele me recusar.

Ele já escolheu Taelor em vez da gente.

Enfio as anotações no bolso da saia. — Nada a dizer. Eu me apaixonei por ele

quando estávamos na sexta série, então não conta. — Ela começa a dizer alguma coisa, mas eu a detenho. — E você também não vai chorar. Nós fizemos a promessa do dedo

mindinho, e isso é para sempre.

Uma ruga de preocupação surge em sua testa enquanto ela pega seu vestido e sua maquiagem para o baile. — Isso não terminou.

— Terminou, sim. O Jeb fez a escolha dele.

Balançando a cabeça, ela sai.

No momento em que a porta se fecha, eu me volto para *O corvo*. O cara emo olha para mim, e seus olhos vertem lágrimas negras, como se ele soubesse da minha dor. Sinto o estranho desejo de estar em seus braços — aninhada no couro.

Estou esperando dentro da toca do coelho, amor. Encontre-me. Seu olhar marca o desafio na minha alma como um ferrete em brasa.

Assustada com o aprofundamento da nossa conexão, dou um passo para trás

e

derrubo o porta-canetas com o cotovelo. Um lápis rola do balcão em frente e cai no chão.

Dou a volta para pegá-lo e fico surpresa ao ver a bolsa de Taelor no chão. Ela saiu com tanta pressa que esqueceu de pegá-la.

Resisto ao desejo de jogar as coisas dela na rua. Em vez disso, pego a bolsa pelas alças e a guardo debaixo do balcão até ela voltar. O zíper está meio aberto, revelando um grande maço de dinheiro.

Confusa, tiro o dinheiro, desenrolando o maço de notas de vinte e cinquenta dólares.

Tem mais de duzentos e quarenta dólares. Se eu acrescentar aquilo às minhas economias em casa, terei o suficiente para comprar uma passagem de ida para a Inglaterra, e ainda sobrá um pouquinho para um passaporte falso e as despesas; então, eu só precisaria encontrar um endereço para o relógio de sol.

Não seria a primeira vez que ficaríamos devendo aos Tremont. Na quinta série, papai pegou um empréstimo com o pai de Taelor para ajudar a pagar as despesas médicas de Alison. Foi assim que Taelor ficou sabendo sobre meu parentesco com Alice Liddell.

Então, de certa maneira, é uma indenização justificada. O pagamento de Taelor a mim por todos os anos em que ela tornou minha vida um inferno.

Meus dedos tremem enquanto eu jogo a bolsa estripada no fundo da lata de lixo e coloco papéis por cima. Estendo a mão por baixo do balcão para pegar o aromatizador e o derrubo — junto com o dinheiro — sobre o livro de cristais místicos de Perséfone. O

volume tem um elástico costurado na encadernação que mantém as páginas fechadas.

Volto-me mais uma vez para o pôster. Os soturnos olhos do rapaz parecem controlar tudo que eu faço, e não há nada que me impeça de ultrapassar os limites desta vez.

Não há mãe, não há pai, e com certeza não há Jeb. Nem mesmo seu sorriso poderia me salvar agora.

Tesouro

Quando eu e papai chegamos em casa, junto o dinheiro roubado às minhas economias em um estojo de lápis preso por um elástico e o escondo atrás de meu espelho giratório.

Ao colocar meu celular para carregar, mando uma mensagem para Hitch me encontrar do lado de fora do Submundo por volta da meia-noite e lhe explico o motivo. Ele é a única pessoa que eu conheço que pode fazer um passaporte falso. Ainda não acredito que peguei o dinheiro de Taelor e escondi sua bolsa. Mas, como o papai diz, faremos o que for preciso para trazer Alison de volta para casa. Imaginar como Jeb ficaria furioso se soubesse que eu iria encontrar com Hitch no meio da noite e sozinha me dá ainda mais determinação para seguir adiante.

Um estrondo muito próximo balança as janelas, e a chuva forte golpeia o telhado.

Mais uma tempestade se aproxima.

Estico o braço ao lado do vidro frio do aquário e ligo uma suave luz azul. Afrodite e Adônis executam uma dança graciosa enroscando seus corpos compridos.

Quando sigo para verificar minhas armadilhas de insetos na garagem, corto caminho pela sala.

Papai está lá, sentado em sua poltrona reclinável, fitando as margaridas gigantes que Alison colou nos braços e nas costas. Ele soluça.

Quero abraçá-lo e me desculpar pela briga, mas, quando ele percebe que o estou observando, diz que caiu alguma coisa em seu olho e sai para buscar hambúrgueres para o jantar.

Partículas de pó voam à deriva sob a luz âmbar da luminária de chão ao lado de sua poltrona. A luz esquisita, junto às paredes de madeira escura, dão à sala de estar uma aura estranha, como uma fotografia antiga em sépia.

Fotografias. Por que Alison disse aquilo sobre fotografias... como as pessoas esquecem de ler nas entrelinhas?

Fico ali parada, perto da poltrona reclinável, e tudo o que ela disse me

percorre a mente, como pedregulhos atirados num poço sem fim. Uma frase sempre volta à tona: “*As margaridas escondem o tesouro. O tesouro enterrado.*”

A explicação está me encarando bem de frente. Está lá há anos. Ajoelho-me diante da poltrona, amarrotando as camadas de renda debaixo de minha minissaia, e tiro minha mochila do caminho. É

difícil acreditar que sete horas atrás eu estava na escola. Tanta coisa aconteceu que perdi totalmente a noção do tempo.

Dou um puxão em uma das margaridas de tecido de Alison no lugar onde duas

pétalas aplicadas se enrolam devido aos pontos puídos. Seguindo um palpite, escorrego meu dedo indicador entre as aplicações e a forração para encontrar um buraco cavado bem fundo dentro do estofamento da poltrona.

Seguro a respiração e puxo a aplicação até ela ficar pendurada só por uma pétala e alguns fiapos.

O buraco do tamanho de uma moeda de dez centavos olha para mim, num círculo

perfeito demais para ser accidental. Todo esse tempo, eu achei que ela havia costurado os retalhos ali para cobrir pontos puídos. Todo esse tempo, eu estava enganada.

Cavucando a forração rasgada, vou tirando o estofamento até atingir algo pequeno, duro e metálico. Sinto o contorno do objeto, seguindo sua forma redonda que se alonga e possui entalhes e dentes. *Uma chave*. Meu dedo indicador a arrasta para a abertura do buraco e a puxa para fora. Um colar de corrente amarrado a ela se enrosca no estofamento feito uma cobra.

O desafio do site agora faz sentido: “*Se deseja salvar sua mãe, use a chave.*”

Talvez eu devesse estar apavorada, mas estou entusiasmada por finalmente ter

alguma prova palpável de que Alison está tentando me dizer alguma coisa... que suas palavras sem sentido não eram tão sem sentido assim. Eram pistas coerentes.

Ao bater levemente o dedo sobre o metal frio, fico imaginando o que aquela chave possa abrir.

Nunca vi uma igual, tão intrincada, com tiras de cobre entrelaçadas em forma

de hera. Ela parece velha — uma antiguidade, na verdade. Tão pequenina que poderia abrir um diário.

Penduro a corrente em meu pescoço e a escondo sob a camiseta. Alison disse *margaridas*, no plural. Poderia haver outras coisas por trás das outras aplicações?

Inspirada, ignoro o fato de papai poder voltar a qualquer instante. Nem mesmo paro para pensar nas consequências de rasgar por completo sua poltrona favorita.

Ele mantém um canivete suíço na mesinha, para abrir a correspondência. Abro a parte da tesoura, corto todas as margaridas pela metade e escavo os buracos debaixo delas.

Pedacinhos de algodão do estofamento flutuam feito flocos de neve ao meu redor.

Logo, estou sentada aos pés da poltrona com uma pequena coleção de objetos

relacionados ao País das Maravilhas: um prendedor de cabelo antigo — que parece mais um grampo, na verdade — com uma pedra em forma de gota na cor rubi presa à ponta curvada; uma pena para escrever; um leque vitoriano de renda branca com luvas combinando que cheiram a talco e pimenta-do-reino. Seguro um espirro e afasto de mim duas fotos de minha tataravó Alice, preferindo um livrinho que também encontrei.

Passo a mão sobre a capa de papelão esfarrapada e analiso o título: *As Aventuras de Alice no País das Maravilhas*. Diante da palavra *Alice*, está rabiscado o nome de Alison com caneta vermelha.

Ela queria que eu encontrasse esses “tesouros”. Algo aqui deverá me fazer desistir de entrar na toca do coelho. Em vez disso, estou convencida de que essas coisas podem me ajudar a curar Alison, me ajudar a quebrar a maldição dos Liddell para sempre.

Enfiado dentro da capa do romance está um panfleto de turismo para a trilha do relógio de sol do rio Tâmis, em Londres. Nele, há a estátua de um menino equilibrando um relógio de sol na cabeça.

Recosto-me, incrédula. É a mesma estátua que vislumbrei antes, a que tinha crianças brincando ao redor. Alison deve ter procurado pela toca do coelho

quando era mais jovem; ela deve ter ido a Londres procurá-lo. De que outro lugar esses *souvenirs* poderiam ter vindo? E, ainda mais importante, o que a fez parar de procurar?

A estátua data de 1731 — muito antes do nascimento de Alice Liddell —, então ela já estava lá quando minha tataravó era pequena, o que significa que ela pode ter caído no buraco debaixo da estátua.

Agora tenho um endereço, mas, segundo o panfleto, não há acesso público para essa área. Aos turistas só é permitido olhar para a estátua do relógio de sol por trás do gradil.

Mesmo que eu vá até lá, precisarei de um milagre para chegar perto dela e explorar o relógio de sol de perto.

Recolo o panfleto dentro do livro, passando os olhos pela história que conheço tão bem. É

repleta de desenhos em preto e branco. Algumas páginas estão dobradas e alguns trechos, sublinhados: o poema da Morsa e o Carpinteiro, as lágrimas de Alice que causam uma inundação, o chá da tarde do Chapeleiro Maluco.

A caligrafia de Alison enche as margens com anotações e comentários em tinta de várias cores.

Toco todos eles, triste por nunca termos sentado juntas — com o livro nas mãos —

para que ela pudesse me explicar o que tudo aquilo significa.

A maior parte das anotações está borrada, como se as páginas tivessem sido molhadas. Detenho-me na ilustração do Rei e da Rainha de Copas, onde ela escreveu: *A Rainha e o Rei Vermelhos — foi aqui que começou. E aqui acabará...*

Por trás das cortinas, um relâmpago.

Depois da última página da história, há mais umas vinte páginas coladas a mão. Em cada uma delas, alguém esboçou desenhos parecidos com os personagens deformados do País das Maravilhas do site da mariposa: o coelho esquelético, as flores cruéis com dentes cheios de sangue, até uma interpretação diferente da Rainha Vermelha — uma mulher com traços delicados e cabelo vermelho vivo, com desenhos feitos a tinta preta em volta dos olhos e asas transparentes.

Os esboços remetem a mais uma visão das crianças, mais forte do que a que eu

vivenciara antes, porque meus olhos nem se fecham. Minha sala de estar vai sumindo e eu estou no meio de um campo, sentindo o perfume da primavera. Gotículas de luz do sol piscam em volta de mim, no mesmo ritmo dos ramos de árvore que balançam à brisa. A paisagem é estranhamente fluorescente.

A menina — que parece ter cinco anos — está vestindo um paletó de pijama vermelho com babados e mangas longas e bufantes, com uma calça combinando que cobre seus tornozelos. Ela está sentada num montículo de grama ao lado do menino, que não deve ter mais de oito anos. Os dois estão de costas para mim.

Asas negras pendem das costas do menino como um manto, combinando com sua

calça de veludo e com a camisa de seda. Ele vira de lado, de modo que consigo ver seu perfil, mas seu rosto permanece oculto atrás de uma cortina de cabelos azuis brilhantes, enquanto ele usa uma agulha para unir mariposas mortas em um fio, montando um cordão — o menino faz o equivalente a uma guirlanda de pipoca macabra.

Seus pés — enfiados em botas pretas de trilha — estão apoiados em uma série de desenhos, os mesmos que estão colados dentro do livro *País das Maravilhas* de Alison.

— Pronto. — Sua voz jovem e suave farfalha como plumas ao vento. Sem olhar

para cima, ele aponta sua agulha para a imagem da Rainha Vermelha. O cordão de mariposas mortas segue o movimento, que o faz remexer-se. — Conte-me os segredos dela.

A menina balança os pés descalços, com as unhas cor-de-rosa cintilando na luz suave. — Estou cansada do País das Maravilhas — murmura ela com a voz tímida de inocência. — Quero ir para casa. Estou com sono.

— Eu também. Talvez se você não tivesse brigado comigo no ar durante as aulas de voo —

adverte ele, com um sotaque britânico se tornando mais aparente — nós dois nos sentiríamos melhor.

— Fico enjoada quando voamos muito alto. — Ela boceja. — Já é hora de dormir?

Estou ficando com frio.

Balançando a cabeça, o menino cutuca a imagem mais uma vez. — Primeiro, os

segredos deles.

Depois, eu a levarei de volta para a sua cama quentinha.

A menina dá um suspiro e pega uma das asas dele, aninhando-se nela. O aconchego e o conforto me invadem, espelhando o que ela deve estar sentindo. Ela se embrenha no túnel acetinado, envolvendo-se no perfume dele — de alcaçuz e mel.

— Me acorde quando for a hora de partir — pede ela, com a voz abafada.

Com os olhos ainda escondidos atrás do cabelo revoltado, ele ri. Seus lábios são benfeitos e contrastam com a pele clara, seus dentes perfeitos brilham em sua alvura. —

“Dlim, dlão. Cabeça de cão. Menina bonita, meu amor que roubou meu coração.” Ele puxa sua asa, deixando-a com frio e amuada.

Ele deita de barriga no chão. Suas asas se espalham pelos lados como poças de petróleo negro e reluzente, e ele se inclina sobre a pilha de cadáveres de mariposas. Depois de espetar o abdômen de uma, ele a coloca no lugar, atrás das outras que estão no cordão.

A menina fica olhando, fascinada. — Quero espetar uma.

Ele levanta a mão e cinco dedos se esticam — alvos, graciosos e longos. — Me diga cinco segredos e eu deixo que você pendure uma mariposa para cada segredo que acertar.

Batendo palmas, a menina pega o desenho da Rainha Vermelha e o coloca sobre o colo. — Ela gosta de cinzas no chá, ainda fumegando e com brasas.

O menino concorda. — E por quê?

Ela inclina a cabeça, pensando. — Hum.

Não sei explicar por quê, mas sei a resposta. Fico apreensiva, esperando para ver se a menina adivinha, torcendo por ela.

Levantando sua fila de cadáveres, o menino provoca: — Parece que vou terminar isto aqui sozinho.

Ela dá um pulo, os pés pisando na grama verde-limão. — Ah! As cinzas são para a mamãe dela.

Tem alguma coisa a ver com a mamãe dela.

— Não é o suficiente — rebate ele, espetando outra mariposa com a agulha, a pilha começando a diminuir. Ele dá um sorriso maldoso.

A frustração dela é visível. Ele a repreende o tempo todo. A provoca até que ela revide; mas ele também tem outro lado, um lado estimulante e paciente, pois consigo sentir a afeição e o respeito que ela tem por ele.

Ele enfia outra mariposa no cordão, estalando a língua. — Que pena que você não vai me ajudar.

Mas acho que você é pequena demais para segurar uma agulha mesmo.

Ela resmunga. — Não sou.

Cansada da arrogância dele, grito a resposta. — O silvo do vapor quando as brasas crepitam no chá! Isso acalma a rainha. Faz com que ela se lembre de sua mãe fazendo sshhh quando era bebê e chorava.

As duas crianças voltam a cabeça para a minha direção, como se tivessem me

ouvido. O rosto da menina se revela — uma realidade vívida. Ela *sou eu...* Uma sósia minha antes de entrar no jardim da infância, com os dentes da frente faltando e tudo. Mas é o rosto dele — os olhos negros familiares do menino escorrendo tinta — que me remete de volta à minha sala de estar de joelhos, e o campo desaparece à minha volta.

Fico atordoada. Será possível? Não são lembranças de algum filme ao qual assisti; são lembranças que eu *criei*. Se eu tinha essa lembrança presa dentro de mim, o que mais aconteceu comigo que não consigo lembrar?

Será que estive mesmo no País das Maravilhas, fazendo companhia a uma das

criaturas intraterrenas?

Inspiro aos trancos. Não. Eu nunca estive lá.

Meus dedos percorrem os traços do cabelo flamejante da Rainha Vermelha

do

desenho. Se eu nunca estive lá, como sabia sobre a rainha e sua mãe? Como eu sabia que ela ficou solitária quando era princesa, depois que sua mãe morreu, porque o rei não suportava ficar perto dela por causa da semelhança com sua esposa morta? E como eu sabia da tristeza dela quando o pai se casou novamente por necessidade, pois são as rainhas que mandam no País das Maravilhas?

Sei essas coisas porque *ele* as ensinou para mim. O menino alado.

Britânico... Lembro da voz que ouvi na minha cabeça no trabalho, junto com o pôster e os olhos pretos insondáveis e sangrentos do rapaz. Seu desafio ressurge em minha mente: “*Estou esperando dentro da toca do coelho, amor. Encontre-me.*”

Amor. Foi como o menino chamou a menina — como o menino me chamou — em minha lembrança recuperada. É a mesma pessoa... Ou criatura... Mas está mais velho agora, como eu. De repente, parece que há anos sinto saudade dele. Minhas emoções se embaralham em duas direções diferentes — uma mistura excitante de terror e anseio que me deixa tonta.

A campainha toca, me jogando de volta ao presente. O controle remoto da garagem de papai está quebrado. Só pode ser ele.

Me ponho de pé. O estofamento da poltrona cobre todo o chão. Flocos de algodão pendem dos buracos no tecido. Parece um daqueles brinquedos que espremem massinha de modelar por buracos estrategicamente localizados.

A campainha toca novamente.

Tiro algum estofamento preso no meu cabelo. Como vou explicar o que fiz com a poltrona?

Com a cabeça a mil, escondo meus achados dentro de minha mochila, tomando a

decisão espontânea de levar tudo para Londres. Depois, pensando nas violentas criaturas no reino interior que vi na Internet e no rapaz alado de olhos negros que, de alguma maneira, faz parte do meu passado, jogo o canivete de papai lá dentro também.

Depois de colocar a mochila no canto, vou aos tropeços até a porta e destranco a fechadura, olhando para a bagunça que deixei para trás.

Ao abrir a porta, Jeb sobe na varanda, enfiando o telefone no bolso do

smoking.

Esforço-me para manter uma aparência calma. — Oi.

— Oi — responde ele. Um relâmpago corta as nuvens atrás dele. O clarão produz sombras de seus cílios sobre as maçãs de seu rosto. Uma rajada de vento traz o cheiro da sua colônia.

Talvez ele esteja aqui para pedir desculpas. Espero que sim, porque estou precisando da ajuda dele neste momento.

— Precisamos conversar — diz ele. Sua voz ríspida me faz levantar as defesas

instantaneamente.

Parado à soleira da porta, Jeb é muito mais alto do que eu. Apesar do smoking, seu estilo ainda é *grunge*, desde o queixo não barbeado até a bandana apertada no bíceps direito. Sua barriga tanquinho e suas botas pretas de combate em lugar de uma camisa e sapatos sociais completam o *look*. A Paris Hilton da escola de Pleasance vai ter um chilique quando vir o toque pessoal que ele acrescentou ao traje.

— Você não deveria estar a caminho do baile do pó de arroz? — pergunto com

cuidado, tentando senti-lo.

— Não vou dirigir.

Tradução: a Taelor vai pegá-lo na limusine da família e está bastante atrasada.

Ele esfrega a articulação de um dedo na decoração em voluta da porta, com a mandíbula rangendo de um lado para o outro. Jeb está perturbado com alguma coisa, isso é certo. O que poderia ser?

Quem merece um pedido de desculpas sou eu. De joelhos, na verdade.

— Posso entrar? — Um brilho vermelho cintila debaixo de seu lábio, onde há um piercing com uma pedra vermelho-escura que reflete a luz. O mistério da sacola da joalheria está oficialmente desvendado.

— Que lindinho — disparo, zombando. — A Taelor te deu um brinco para o

lábio...

E brilha!

Ele cutuca o piercing com a língua. — Ela está tentando ser diplomática.

A raiva toma conta de mim ao me lembrar de Londres e de todas as coisas que

Taelor me disse. —

É claro que está. Porque ela é a oitava maravilha do mundo, e isso falando somente de suas pernas.

Jeb franze a cara. — O que você quer dizer com isso?

— A Taelor tem toda a diplomacia de uma viúva-negra. A pedra do signo dela é a granada. E você a está usando em seu lábio. Ela quer enredar você em sua teia.

Ele me repreende com o olhar, franzindo a cara. — Dê um tempo para ela. Ela teve um dia horrível. Perdeu a bolsa com dinheiro dentro. — Ao fazer uma pausa, ele percorre o batente da porta com o dedo. — O último lugar que ela se lembra de ter estado com a bolsa foi na sua loja. Mas ela acha que você teria ligado se encontrasse. Você não encontrou, certo?

Reprimo a culpa que me incomoda. — Não. E não sou a *guarda-bolsas* de sua majestade, para sua informação.

— Sério, Al. Tenha um pouco de compaixão, tá? Não acha que já a magoou demais?

— Eu *a* magoei?

— Esfregar na cara dela que o pai não gosta dela como o seu pai gosta... Você não compreende isso. Você tem tanta sorte de ter um pai como o seu. Nem eu nem ela tivemos isso. Você sabe que esse é o ponto fraco dela. Foi muita frieza.

Falando em frieza, meu sangue gela nas veias. Estou morrendo de vontade de contar o que ela me disse e que me forçou a ser maldosa, mas eu não devia precisar fazê-lo. Houve um tempo em que ele confiava em mim o bastante para ficar do meu lado acima de qualquer dúvida. Agora ele está sempre tentando acalmar os ânimos entre nós duas. Mas o problema não está comigo... Exceto por ser uma ladra e mentirosa.

Tudo me pressiona: as descobertas estranhas, minha amizade com Jeb arruinada e minha família despedaçada. Sinto-me asfixiada. Tento bater a porta. O pé de Jeb me impede. Me afasto, num pulo, e as dobradiças se abrem.

A mão dele está na maçaneta, então não consigo fechar a porta novamente.

Gotículas de chuva cintilam em seu cabelo brilhante, que sem dúvida bebeu galões de gel e levou horas para ficar perfeito. É a única parte da aparência dele que Taelor vai aprovar.

Quanto a mim, prefiro o *look* desleixado — cabelo desgrenhado, o corpo escorregadio de suor com óleo de automóvel ou aquarela respingada sobre sua pele cor de oliva. É esse o Jeb com quem eu cresci. Com quem eu podia contar.

O Jeb que perdi.

Endureço meu olhar e meu coração. — Se foi por isso que você veio, para me

repreender por ter magoado a sua namorada perfeita, já cumpriu sua missão.

— Ah, não. Eu ainda nem comecei. A Jen me mandou uma mensagem. O Hitch

ligou para ela. Acho que ele não é um sujeito tão mau quanto a gente imaginava, porque ele ficou se perguntando em que tipo de encrenca você tinha se metido. Por que você precisa de um passaporte falso para hoje à noite?

Minha garganta se comprime. Quero escorregar pela fenda até o piso. — Não posso falar nisso agora — murmuro.

— E quando será uma boa hora? Talvez você possa me mandar uma mensagem

quando estiver no avião.

Eu lhe dou as costas, mas ele me segue até a entrada. Cercando-o para que ele não entre na sala, cruzo os braços sobre o meu bustiê, tentando refrear o desejo de socá-lo. —

Você não pode entrar sem ser convidado.

Ele encosta o ombro na fotografia emoldurada de Alison em um campo de trigo

durante a colheita.

— É mesmo? — O salto de sua bota empurra a porta, deixando lá fora a tempestade e o aroma de chuva. — Da última vez que verifiquei, eu não era um vampiro — ele diz em voz baixa.

Cerro os punhos com mais força e dou um passo para trás, ficando sobre a borda do tapete que delimita o começo da sala. — Você tem muita coisa em comum com um

vampiro.

— Porque sou mau?

— Mais provas. Você acaba de ler minha mente. — Deslizo uma mão para tentar

pegar a chave escondida debaixo de minha camiseta.

Jeb pega meu outro pulso, enrugando minhas luvas ao me puxar para junto dele, na entrada — um cara a cara com minha minissaia bufante que roça as coxas dele. — Se eu pudesse ler a mente das pessoas, saberia o que está acontecendo na sua cabeça para você pensar em viajar para outro país sozinha no meio da noite sem dizer para ninguém.

Tento me libertar, mas ele não deixa. — Hitch é um bobo. Eu disse que queria uma identidade falsa, não um passaporte. Ele confundiu tudo.

Jeb me solta, mas sua expressão continua cheia de tensão. — O que você quer fazer com uma identidade falsa?

Aquela vacilação no meu pensamento ganha vida, envolvendo meu crânio, me

incitando a irritar Jeb só para vê-lo se contorcer. — Para frequentar bares e pegar uns caras.

Viver um pouco. Ter experiências. Quem sabe aí eu estarei pronta para ir a Londres a tempo do seu casamento real com Taelor.

A explosão de veneno surte o efeito desejado. A expressão de Jeb continua ameaçadora, mas fica frágil, como uma mistura entre sentimentos feridos e o desejo de estrangular alguém. — O que está acontecendo com a gente?

Dou de ombros e fico olhando para minhas botas, controlando aquela sensação

interior que me provoca. A chuva açoita as janelas, aumentando a bolha de

silêncio entre nós. Viro-me para escapar para a sala, sem nem ligar para a condição em que a deixei.

Jeb vem logo atrás de mim. É como se eu fosse o Coelho Branco tentando vencer o Tempo. Ele pega a cauda do meu saiote e me rodopia para encará-lo. Sua expressão endurece quando ele vê a poltrona atrás de mim.

— O que aconteceu com os retalhos da sua mãe? — Ele me pega pelos braços. —

Espere...

Aconteceu algo errado hoje na clínica?

Liberto-me dele e levo as mãos ao estômago para acalmar a sensação de tontura. —

A Alison teve um ataque. Dos graves. A Jen não te contou?

Ele continua analisando meu rosto, absorvendo cada traço. — Ela estava com

pressa. Eu só recebi a mensagem sobre o Hitch. É por causa da sua mãe que você está fazendo essa encenação?

Minhas bochechas inflamam. *Encenação*. Como se eu fosse uma criança na pré-escola tendo um chique. Se ele pudesse ver as coisas que estão acontecendo dentro de mim neste momento, teria o bom senso de ficar assustado.

Por fim, percebo o que está acontecendo... O quanto estou perto da insanidade... A loucura por trás das coisas em que estou começando a acreditar. Começo a tremer.

Jeb abre os braços. — Vem cá.

Eu nem hesito. Deixo-me cair em seus braços fortes, ansiando por alguma coisa comum e sadia.

Ele nos conduz até o sofá sem separar meu abraço desesperado — com seus braços em volta da minha cintura e meus pés descansando sobre suas botas, como se estivéssemos valsando. Respiro seu perfume de lavanda até quase me afogar. Abraçados, nos jogamos sobre as almofadas. Não percebo que estou chorando até me afastar um pouco e a barriga tanquinho dele ficar colada na minha face úmida.

— Me desculpe pela camisa — tento tirar a mancha de maquiagem que deixei no

lado esquerdo da barriga dele.

— Dá-se um jeito. — Jeb abotoa o casaco, escondendo a mancha.

— Que se dane a dignidade — sussurro, enxugando o rosto.

Ele afasta alguns fios de cabelo grudados em minha testa úmida. — Quer dignidade? Olha só isso.

— Ele tira algo do bolso interno de seu casaco. — O comitê do baile votou por um baile de máscaras. A Tae me comprou uma máscara.

— Um baile de formatura com máscaras? Original *mesmo*. — Respondo com um tom de sarcasmo forçado, grata por Jeb evitar o assunto da poltrona e Alison. Se é para meu conforto ou para o dele, não me importa.

— Sem risadas. — Ele coloca a máscara, um retalho de cetim preto com um elástico. Pequenas plumas de pavão decoram os buracos dos olhos e as bordas externas, o que faz parecer que uma borboleta tenha se chocado contra o rosto dele. Não consigo segurar um riso de desdém.

— Ei. — Com as covinhas à mostra, Jeb me belisca a barriga.

Pego os dedos dele, sorrindo. — Então... você é uma *drag queen* que mudou de lado, certo?

— Ah, você vai pagar por isso, menina do skate. — Ele me cutuca até eu dar um pulo para trás e cair no sofá, e então me prende.

— Ai. — Cruzo os braços, protegendo os pontos que doem, tanto de chorar quanto de rir.

— Machuquei você? — Ele para, com as mãos nos dois lados da minha cintura.

— Um pouco — minto.

A testa dele está bem perto da minha, seus longos cílios pretos olhando pelos furos da máscara.

Sua expressão é remorso puro. — Onde? No tornozelo?

— Em todo lugar. Dores de riso.

Ele dá uma gargalhada. — Ah. E então, retira o que disse?

— É claro. Você parece mais um espanador de pó, mesmo.

Jeb ri, depois tira a máscara e usa o elástico como um estilingue para mandá-la voando para o outro lado da sala. Ela atinge a parede e se esparrama no chão, formando um carço emplumado.

— Boa viagem — dizemos simultaneamente, compartilhando um sorriso.

É disso que tenho sentido falta. Ficar com o Jeb me faz sentir uma pessoa quase normal. Até eu lembrar que não sou.

Apresso-me para criar alguma distância entre nós. — Você tem que ir. Não quer que Taelor o veja saindo do meu lado do duplex.

Ele levanta meu tornozelo e o coloca em seu colo. — Antes quero dar uma olhada nessa torção.

Estou prestes a dizer que está melhor, mas suas mãos fortes e quentes atrás do meu joelho me fazem cerrar a boca. Mordendo meu lábio inferior, observo-o tirando o cadarço da minha bota.

Quando ele escorrega o dedo indicador por baixo da bainha do meu legging e contorna minha marca de nascença, o gesto é tão inesperadamente íntimo que minha canela estremece.

Os olhos dele grudam nos meus, e me pergunto se ele também sentiu aquilo. Mais uma vez, ele está olhando para mim como se eu fosse um de seus quadros.

O som de um trovão balança a sala, quebrando nosso olhar.

Eu tusso. — Viu? Está melhor. — Puxando minha perna, refaço o nó no cadarço.

— Al. — Seu pomo de Adão se mexe quando ele engole. — Quero que esqueça

essa coisa do Hitch. Seja o que for que está acontecendo, não vale a pena... — Ele para. —

Perder uma parte importante de você.

Inacreditável. Ele acha que sou tão recatada que nem fala a palavra. — Quer dizer minha *virgindade*?

O pescoço dele fica vermelho. — Você merece mais do que uma transa de uma

noite só. Você é o tipo de garota que deve se comprometer com um cara que realmente goste de você. Tá bom?

Antes que eu possa responder, um ruído de asas me distrai. A princípio, penso que é dentro da minha cabeça, e então, por sobre o ombro de Jeb, percebo algo se movendo. O

lampejo de um relâmpago pisca por trás das cortinas, iluminando o corredor. Não há dúvida. A mariposa de Alison

— enorme, asas pretas aveludadas, corpo azul luminescente — fica ali parada por um momento diante do espelho do corredor e então voa para meu quarto.

Minha cabeça dá voltas.

— Não — digo. Não pode ser o mesmo inseto da imagem... O da minha infância.

Mariposas só vivem alguns dias. Não anos.

— Não o quê? — indaga Jeb, alheio à mariposa, com a atenção em mim. — Você

vai continuar com isso?

Minha pulsação ressoa tão alto em meus ouvidos que quase abafa o toque de Taelor no celular de Jeb.

— É melhor você ir. — Eu o puxo para ficar de pé e o conduzo na direção da porta.

— Espere — lança Jeb com a cabeça para trás, entre passos relutantes. Ele vira e me encara ao lado da porta. — Quero saber o que vai fazer hoje à noite.

Espreito pela garoa a limusine branca diante da garagem dele, pensando mais uma vez se deveria dizer-lhe a verdade. *Vou para Londres procurar a toca do coelho. Mesmo morrendo de medo de para onde ela pode me levar, de quem está lá dentro esperando por mim. E do que deverei fazer quando estiver lá dentro. Eu tenho que ir.*

Mas as palavras que Taelor dissera antes rasgam a minha fantasia em mil pedaços:

“O Jeb tem talento demais para ficar servindo de babá para você...”

Sinto meu estômago revirado e digo a coisa mais difícil que já disse na vida.

—

Você não pode dar palpites na minha vida. Você abandonou nossa amizade por causa da Taelor. Então não se meta, Jeb.

Ele dá um passo para trás, entrando na varanda com expressão aturdida. — Não me meter no quê?

— A dor na voz dele me dilacera o coração. — Não me meter em seus planos de ir para a cama com um coitado qualquer ou não me meter na sua vida?

A limusine buzina e os faróis dianteiros cortam a bruma molhada. Antes de me

arrepender do que disse, sussurro: — Os dois. — E depois bato a porta, me viro e me apoio nela.

Minhas costas mergulham na madeira densa. O arrependimento inunda meu coração já apertado, mas não permito que a dor me faça parar. Assim que as rodas da limusine rolam sobre o asfalto molhado, recupero minha mochila, que está na sala. Estou pronta para procurar meu passado.

Quando entro no corredor, hesito, atraída por meus mosaicos pendurados nos dois lados do espelho. Algo está errado com o *Pulsção de inverno*. As contas de vidro prateado que formam a árvore vibram de luz, e os grilos do fundo esticam as pernas em uníssono.

Suas asas se esfregam, produzindo um chiado horripilante.

Arfando, fecho os olhos com força até o chiado parar; depois, volto a abri-los.

O mosaico está normal — parado e inanimado.

Solto um gemido e me afasto. Um estalido quebra o silêncio do meu quarto. Eu

tinha deixado a porta entreaberta, e uma suave luz azul irradia de lá de dentro. Esse brilho só pode ser do corpo da mariposa. Entro devagar, aliviada e desapontada por ver que é só a lâmpada do aquário das enguias.

Com o coração acelerado, procuro o interruptor da luz principal.

Mais um relâmpago cai lá fora, rompendo o fornecimento de energia. A casa fica às escuras.

Aperto o batente da porta com tanta força que minhas unhas quase entram na madeira. O som de asas batendo dispara de um lado para o outro do quarto sombrio. Meu pulso dispara, martelando.

Todos os meus instintos me dizem para fugir para o corredor, sair pela porta da frente e tentar alcançar Jeb para ele me proteger.

Mas ouço a limusine partindo. Ele já se foi.

Alguma coisa macia roça meu rosto. Solto um ganido. Aos tropeços, deslizo as

mãos pelo alto da minha cômoda, encontro minha lanterna e a acendo. A luz amarela ilumina um quadro que Jeb fez para mim e potes com corpos de insetos.

Os pelos do meu pescoço se eriçam conforme me aproximo do espelho giratório. O

vidro está quebrado de cima a baixo, como um ovo bem cozido e cristalizado que recebeu batidas de uma colher, esperando para ser descascado.

O que Alison disse sobre espelho quebrado? Que romperia a minha identidade?

Pedaços pontiagudos de um quebra-cabeça refletem minha imagem despedaçada:

centenas de miniaturas de meu leggings xadrez me espiam entre botas de cano alto e anáguas de pregas vermelhas na altura das coxas; milhares de bustiês envoltos em outro milhar de camisetas. Depois, centenas de rostos meus com olhos azuis gélidos por entre manchas de delineador verde.

E lá, por trás das minhas muitas cabeças, asas negras tremulantes e um brilho azul suave. Dou meia-volta e aponto a lanterna, esperando encontrar a mariposa atrás de mim.

Nada.

Quando me volto para o espelho, um grito fica preso em minha garganta. A silhueta de um homem aparece atrás de mim no reflexo. A imagem está distorcida e quebrada em mil pedaços, exceto seus olhos de tinta e sua boca escura e simétrica. Estes, vejo com clareza. É o menino das minhas lembranças — já adulto agora.

Pela toca

do coelho

“*Adorável Alyssa.*” Os lábios do rapaz ronronam aquele sotaque britânico que ouvi na loja. “*Você pode curar sua família. Use a chave para levar seus tesouros para o meu mundo. Conserte os erros de Alice e quebre a maldição. Não pare até me encontrar.*”

O que ele quer dizer com “erros de Alice”? Algo que ela fez dentro do País das Maravilhas causou tudo isso?

O peso da minha mochila me mantém parada no lugar enquanto o encaro fixamente, fascinada.

Tenho medo de virar as costas e ver se ele está atrás de mim, medo de que a silhueta e a voz linda sejam somente fragmentos de uma mente frenética à beira de um colapso.

— Você é real? — sussurro.

“*Eu pareço real?*”, ele sussurra em resposta, com a respiração quente alcançando minha nuca. Um par de mãos fortes me envolve por trás, fazendo cada nervo do meu corpo saltitar. Eu me viro depressa. O brilho da lanterna varre o cômodo vazio, mas a pressão daqueles dedos ainda me percorre o abdômen. Atordoada com a sensação, deixo minha mão seguir o toque dele, do meu umbigo até a barra da minha saia. Meus joelhos cedem.

De alguma maneira, ainda estou de pé, como se aquele fantasma me segurasse.

“*Lembre-se de mim, Alyssa.*” Um nariz afasta uma mecha do meu cabelo para trás.

“*Lembre-se de nós.*” Ele começa a cantarolar uma melodia assustadora. Uma música sem letra, somente as notas familiares de uma canção já esquecida.

Assim que a música acaba, o abraço termina. Tento me equilibrar sobre meus pés.

Dentro dos reflexos despedaçados, a mariposa tomou novamente o lugar dele. De alguma maneira, a mariposa e o rapaz estão ligados.

Eu deveria estar horrorizada. Deveria estar exaurida. Mas algo acerca do

intraterreno é sensual e revigorante, mais estimulante do que qualquer coisa do meu mundo.

Estendo a mão na direção de um dos reflexos da mariposa, uma rachadura.
Meu

dedo toca o vidro, só que, em vez de ser cortante, ele tem a textura de metal esculpido.

Mudo a lanterna de posição e percebo que não é uma rachadura no espelho... é uma chave, pequena e intrincada.

Procuro a chave que está debaixo da minha camiseta, com os dedos tremendo.

“Tsc, tsc”, meu guia sombrio repreende, embora eu não consiga vê-lo em lugar nenhum. “*Eu já ensinei. Está esquecendo um passo.*”

Ele tem razão. Eu me lembro. “Visualize aonde você deseja ir”, digo, usando as palavras que ele disse anos atrás. A chave realiza seus desejos, e abrirá o espelho se essa for a minha vontade.

Apoiando a mochila no chão, tiro o panfleto do relógio de sol de dentro dela e o analiso. Quando levanto a cabeça, é a imagem do panfleto que me encara no reflexo do espelho quebrado. Insiro a chave no buraco e a viro.

O espelho se torna líquido e ondulado, absorvendo minha mão. Eu a puxo de volta e a chave cai sobre o meu peito, suspensa pela corrente. Ergo meus dedos. Eles parecem os mesmos de sempre...

Completamente intactos. Nem molhados estão.

Um estalido chama minha atenção de volta para o espelho. O vidro estilhaçado

começa a ficar liso, formando uma janela líquida em vez de um reflexo. É um portal que se abre para um jardim iluminado pela luz do sol e flores no lugar onde fica a estátua do relógio de sol.

“*Deseje com todo o seu coração.*” O comando vaga em minha cabeça, silencioso como um eco do meu passado. “*Em seguida, entre.*”

Tenho um momento de lucidez. Se estou prestes a ser magicamente sugada para

Londres, preciso ter um modo de voltar para casa. Alcanço meu estojo de dinheiro e o jogo dentro da mochila. Lanço a lanterna lá dentro também. E se a toca do coelho for escura demais?

Dou um passo à frente e permito que minhas duas mãos afundem no vidro líquido até os cotovelos.

Do outro lado, uma brisa fresca me toca os braços. Alguém afaga minha pele,

descendo do cotovelo até o pulso... Dedos tão macios e sagazes que me incendeiam as veias.

É um toque que eu já conheço, embora esteja um pouco diferente. Não é mais

inocente e calmo.

Quando olho para dentro do portal, minhas mãos enluvadas aparecem na paisagem adiante de mim, lançando sombras sobre a grama ao lado da silhueta alada do rapaz.

Antes que eu possa vê-lo claramente, ele some.

Hesito e penso em Jeb. É quase como se eu ouvisse a voz dele chamando por mim de algum lugar distante. Queria que ele estivesse aqui, agora, entrando comigo.

Mas não posso olhar para trás. Por mais desvairado que pareça, aquele rapaz no espelho é a resposta para tudo que aconteceu no meu passado. Esta é a minha única oportunidade de encontrar o País das Maravilhas, livrar a linhagem Liddell de sua maldição e salvar Alison. Se eu conseguir fazer isso, poderei enfim ser normal. Talvez normal o bastante para revelar a Jeb o que eu sinto.

Respirando fundo, mergulho lá dentro.

Vou girando em uma bruma de verdes, azuis e brancos, minhas percepções se desenrolando como um rolo de gaze. Parece que sinto espinhos — pequeninas agulhas que se enroscam em mim mais uma vez. Caio de costas no chão e espero com os olhos bem fechados enquanto a minha mochila me espeta as costas.

A tontura passa e os aromas de solo úmido e de ar fresco passam à minha volta.

Pisco e vejo um sol luminoso e um céu azul. Estranho. Se estou na Inglaterra, ainda deveria ser de madrugada... bem antes do nascer do sol. De alguma maneira, cheguei na mesma época que a foto do panfleto — a época que imaginei. Folhas de grama me pinicam por entre as luvas quando coloco meu peso sobre as mãos para ficar sentada. A estátua do menino com o relógio de sol está a alguns metros de distância.

Atrás de mim há uma fonte cuja água flui por painéis espelhados que têm o meu tamanho. Eles devem ser o outro lado do portal pelo qual eu passei, porque meu cabelo e minhas roupas estão úmidos. Uma cerca de ferro com as extremidades cheias de espetos projeta sombras pelo jardim.

Fico de pé, largo minha mochila no chão e limpo os respingos de lama da minha saia e coxas.

O gorjeio dos pássaros e o ruído das flores e dos insetos parecem reais. Sinto de verdade na pele a brisa que agita as folhas acima de minha cabeça. Consigo sentir de verdade o cheiro da fragrância de rosas brancas de um arbusto do outro lado da estátua.

Todos os meus sentidos me dizem que isso não é um delírio.

Minha imaginação não poderia invocar mãos como as daquele rapaz que me guiou

— ou a música que ele me acendeu na memória. Uma música cujos versos me escapam, mas que de algum modo me definem. A melodia me traz de volta sensações de conforto e segurança — como uma antiga canção de ninar.

Concentro-me nos ruídos. Um sussurro diferente penetra os meus ouvidos.

Encontre a toca do coelho...

A brisa me acaricia com uma fragrância suave. São as rosas falando.

Ajoelho-me e rastejo na direção da estátua do relógio de sol, afastando a grama ao andar. Deve haver algum buraco ou tampa de metal — algo que poderia ocultar um túnel.

Uma pedra ornamentada e uma área coberta de hera rodeiam a ampla plataforma da estátua.

Começo a cavar por entre as folhas. Um ruído de fundo surge quando perturbo a morada sagrada de aranhas, besouros e insetos voadores. Alguns se dispersam sob meus dedos; outros se lançam ao ar.

Seus sussurros grudam em mim feito eletricidade estática e me guiam.

Se com uma pluma tocar, no reino interior irá entrar.

Levanto-me com um pouco de esforço e depois piso na hera, empurrando a estátua.

Ela não se move.

Se a hora não acertar, a noite aqui vai passar.

Hora. Tento me lembrar das definições do poema para *era briluz*. Não eram quatro horas? De acordo com a sombra do relógio de sol, já passa das cinco. Talvez eu tenha que atrasar o relógio.

Tento forçar a haste do ponteiro do relógio de sol para uma nova posição, de modo que sua sombra caia sobre o numeral romano IV. Não se move. Talvez a estátua só precise *pensar* que são quatro horas.

Vasculho a minha mochila, tirando a pena de escrever que desencavei da poltrona de papai. “Com o toque de uma pena...” Centralizo a pena sobre o mostrador e o movo até que ele projete sua sombra sobre o número IV. Depois, enfio a pena em um orifício para mantê-lo no lugar. O relógio de sol ainda marca cinco horas, mas espero que meu improviso dê certo.

Uma série de cliques soa de dentro da base da estátua, como trincos sendo abertos.

Com o coração acelerado, forço o ombro contra os braços de pedra do menino. Com os calcanhares bem firmes na hera, uso as pernas para empurrar e forçar a pedra.

A pedra range contra o metal e a estátua se move sobre a base. Com um jorro de poeira que logo se dissipa, revela-se um buraco do tamanho de um poço.

Caio de joelhos. Reviro as coisas dentro de minha mochila para encontrar a lanterna. Acendendo-a, vasculho as profundezas abaixo de mim. Não consigo ver o fundo.

Não posso mergulhar de cabeça dentro de um túnel que não sei aonde vai dar.

Uma imensa sensação de solidão e pânico toma conta de mim. Não sou muito

chegada a altura — a única razão por ainda não ter aprendido um *ollie* no

skate. Adoro a emoção de andar nele, mas queda livre nunca foi minha ideia de diversão. Certa vez fui fazer rapel em um desfiladeiro com Jeb e Jenara. A subida não foi ruim, mas Jeb teve que me carregar nos ombros por toda a descida e eu fiquei de olhos fechados.

Mais uma vez, pego-me desejando que ele estivesse aqui.

Sento-me. Aquela pressão estimulante dentro de mim ganha vida...
Garantindo que estou pronta.

Se a realidade é pelo menos um pouco parecida com o livro de Alice, ela não cai livremente, mas vai *flutuando* até lá embaixo. As leis da física podem ser diferentes dentro da toca.

Então, talvez a questão não seja a profundidade, mas a *velocidade* da queda.

Solto a lanterna dentro do buraco. Ela vai caindo vagarosamente, como uma bolha luminosa.

Quase dou uma gargalhada.

Tomo um trago de água de uma das garrafas no fundo da mochila. Em seguida,

fecho o zíper e a coloco nos ombros.

Empoleirada de joelhos à beira do buraco, tenho um momento de dúvida. Sou muito mais pesada do que um pedaço de plástico com algumas pilhas. Talvez eu devesse empurrar algumas pedras só para ter certeza.

— Al!

O grito atrás de mim me faz perder o equilíbrio. A terra some debaixo de mim.

Gritando, tento agarrar o vazio e caio no buraco.

Lá dentro, a cavidade fica mais larga. Flutuo, parecendo mais uma pena ao vento do que uma paraquedista e a minha posição muda de vertical para horizontal. Meu estômago treme, tentando ajustar-se à ausência de peso.

Lá em cima, alguém mergulha atrás de mim.

Em segundos, ele agarra meu pulso e me puxa para alinhar nossos corpos.

É impossível...

— Jeb?

Os braços dele nos grudam, seu olhar pregado no cenário que passava lentamente.

— Santa mãe de Deus...

— Que disparate! — interrompo com uma citação do livro País das Maravilhas. —

Como veio parar aqui?

— Que lugar é esse? — pergunta ele, hipnotizado por tudo à volta.

Guarda-roupas cheios e abertos, outras peças de mobília, pilhas de livros em prateleiras flutuantes, despensas, potes de geleia, molduras de quadro vazias, tudo grudado a esmo nas paredes do túnel, como se estivesse colado com velcro. Uma grossa hera se enrosca em torno de cada item, incorporando-os às paredes de terra, fixando tudo no lugar.

Cada vez que passamos por algo, Jeb me puxa mais forte, com um misto de medo e fascínio no rosto. A certa altura, liberto meu braço e agarro um pote envolto em folhas.

Coloco-o entre nós e tiro a tampa, depois estico o braço novamente para deixar o pote de cabeça para baixo, flutuando junto conosco. Uma gota de geleia de laranja escorre dele e fica suspensa no ar enquanto flutuamos — para baixo, para baixo, para baixo até que nossos pés pousam suavemente no chão, como se tivéssemos descido com cordas.

A entrada da toca do coelho agora não é mais do que um pontinho de luz lá em

cima. Estamos em uma sala abobadada vazia e sem janelas, com uma ligeira iluminação de velas penduradas de cabeça para baixo em candelabros. O aroma de cera e poeira paira no ar. Minhas pernas bamboeiam, como se eu estivesse correndo sem parar há uma semana.

Devemos ter caído pelo menos uns oitocentos metros. Ainda estamos abraçados, mas nenhum dos dois parece querer se soltar.

Depois de alguns minutos, Jeb nos solta e fica olhando para mim — para *dentro* de mim.

— Como? — sussurro, ainda incapaz de atinar que ele está aqui.

Ele fica pálido, balança a cabeça. — Eu... Eu escorreguei na varanda por causa da chuva. Só pode ser isso. Sim, é por isso que estou molhado. Estou sonhando. Mas... — Ele pressiona sua testa contra a minha e eu anoto mentalmente cada lugar em que nossos corpos se tocam. As mãos dele começam a subir pelas minhas costelas e param em cada lado do meu rosto. — Você parece real — sussurra ele, sua respiração quente se misturando com a minha. Cada ponto de contato entre nós acende uma pequena chama. — E você é tão linda.

Certo, esta é a prova de que ele está delirando e em choque. Para começar, ele nunca disse nada parecido para mim. E depois, a esta altura, minha maquiagem deve estar parecendo um jornal ensopado.

A chave. Ela concede desejos. O rapaz sombrio que é meu guia me disse para *desejar com todo o coração*. Então, quando visualizei Jeb ao meu lado antes de entrar, porque o queria comigo, ele entrou também.

Nunca quis arrastá-lo para dentro disso.

Entrelaçando nossos dedos, faço com que ele tire as mãos do meu rosto. — Talvez haja um modo de mandar você de volta. — Embora eu tenha a sensação terrível de que não há. Algo que ele disse antes me intriga. — Espere... Como assim escorregou na varanda?

Eu ouvi a limusine ir embora.

— A Tae e eu brigamos. Ela foi para o baile sem mim. Eu queria verificar como você estava mais uma vez — não podia deixar as coisas daquele jeito. Você não atendeu a porta. Ela estava destrancada, então eu... Deve ter sido aí que bati a cabeça.

Agarro os ombros dele. — Você não bateu a cabeça. Nós estamos aqui de verdade.

É real.

— Arram. — Ele se afasta. — Isso seria afirmar que você realmente mergulhei no espelho. Que eu também mergulhei para pegar você. E que depois fiquei preso dentro de uma árvore e tive que descer para encontrar você. Não. Não é possível.

— Isso não deveria ter acontecido — murmuro, me remoendo de culpa. — O País

das Maravilhas é o meu pesadelo. Não o seu.

— País das Maravilhas? — Ele aponta para o túnel acima de nós. — *Esta é a toca do coelho?*

— É. A Alison escondeu as pistas para este lugar nas margaridas da cadeira do papai. Foi por isso que eu a rasguei.

Basta um olhar para o rosto de Jeb para perceber que ele não está acreditando no que eu falo.

Respiro fundo, tiro a mochila e pego o panfleto e os tesouros. Penso em contar-lhe sobre a mariposa e meu guia sombrio, mas esses detalhes ficam presos dentro de mim, como um amontoado estático de coisas.

— Eu ainda não examinei bem essas coisas — acrescento. — Mas acho que foram

elas que me trouxeram até aqui. Acho que o livro de Lewis Carroll não era propriamente ficção. Era um relato real das experiências de minha tataravó, com algumas discrepâncias.

Por exemplo, não havia nada mencionando que um relógio de sol cobria a toca do coelho.

Ambos olhamos para a réstia de luz lá em cima.

Jeb balança de um lado para o outro, como se estivesse enjoado. Recobrando-se, ele levanta o olhar e me encara. — Seu pai sabia sobre essas coisas que você achou?

— Não. Se soubesse, ele a teria colocado na terapia de eletrochoque antes.

— Terapia de eletrochoque? Eu achei que ela tinha batido a cabeça num acidente de carro. Que tivesse lesão cerebral.

— Foi uma desculpa. Nunca houve acidente. Ela tem fixação pelo País das Maravilhas. Agora posso provar que ela não é louca. Que tudo é real.

O rosto de Jeb se enche de dúvida. — Primeiro temos que voltar. E isso não vai ser fácil.

Ele tem razão. Não há portas. É como se tivéssemos caído dentro da garrafa de um gênio e a única saída fosse virar fumaça e sair voando.

— Temos que encontrar ajuda. — Ele pega seu celular do bolso do casaco. Depois de pressionar várias teclas, Jeb franze a cara.

— Sem serviço? — pergunto.

Ele joga o telefone dentro de minha mochila e analisa o conteúdo, determinado. —

O que mais você tem aí dentro?

Uma abelha me rodeia e eu a espanto. Ela deve ter entrado pela abertura acima de nós. — Água mineral... barras de cereais. Material de escola.

Agacho ao lado dele e meto a mão dentro da mochila para garantir que ele não abra meu estojo de lápis; depois, afasto o livro “das maravilhas” de Alison para pegar as luvas brancas que encontrei na cadeira. Tiro as minhas e coloco as outras. Elas ficam perfeitas.

Em seguida, prendo o grampo logo acima de minha orelha esquerda. Me vem uma

lembrança vaga e nebulosa de que eu costumava brincar de me enfeitar com esses itens junto com meu amigo intraterreno. Agora é um impulso. Não consigo resistir.

Jeb tira da mochila o canivete suíço de papai. Com as sobrancelhas arqueadas, ele ergue o objeto.

— Peguei emprestado de um escoteiro... — digo, piscando.

Ele o acomoda no bolso da calça do smoking. — Não é possível. Briguei com muita gente da sétima série e guardei lembranças das batalhas. Escoteiros não carregam canivetes maneiros assim.

Sinto o corpo ligeiramente relaxado quando Jeb esboça um sorriso. Não tenho

certeza se ele acredita em tudo isso ou se ainda acha que está sonhando, mas pelo menos está tentando manter o senso de humor.

Ele fecha o zíper da mochila. O som dos dentes de metal ecoa no recinto. A abelha volta a rodear minha cabeça. Percebo que esses são os dois únicos sons que ouço. Nenhum ruído de fundo. Nem um sussurro, nem um lamento, nenhum sinal de uma palavra sequer.

Pela primeira vez em seis anos, entro em contato com o silêncio.

Fecho os olhos e deixo que ele me invada, suave e entorpecedor.

Silêncio. É. Felicidade.

Inspirada por esse pensamento, levanto-me para explorar o lugar.

— Fique por perto, menina do skate. — Jeb recolhe a lanterna, que havia caído sobre a mesa redonda no meio da sala. Eu não devia estar pensando nisso depois de trazê-lo para cá, mas é incrível como me sinto bem ao ouvir meu apelido.

Detenho-me perto das paredes com listras roxas e que possuem candelabros de

cabeça para baixo.

Ladrilhos brancos e pretos cobrem o piso circular. Uma pilha de cera perfumada cor de creme do tamanho de um formigueiro descansa debaixo de cada vela gotejante. Como os pavios continuam acesos é um mistério. Mesmo com a cera derretendo, as velas parecem não diminuir de tamanho.

— Eu não acredito — lança Jeb. Ele ergue um frasco marrom escuro com um rótulo amarrado no gargalo como uma etiqueta de preço. — Beba-me. — Ele lê em voz alta.

— Sem chance. — Saio para o lado dele correndo.

— Isso encolhe a gente ou algo assim, certo? — pergunta ele.

— É o que diz o livro. Tem algum doce naquela caixa de vidro debaixo da mesa?

Enquanto guardo o frasco na minha mochila, ele se agacha. — Um bolinho sobre

uma almofada de cetim. Parece que tem passas decorando. Elas formam a palavra

“Coma-me.”

— É o bolo que faz a gente crescer de novo.

Ele tira a bandana da manga de seu smoking e embrulha a caixa com o doce.

—

Deduzo que você queira este aqui também, como prova?

Balanço a cabeça, concordando. Mas não estamos coletando provas. Alguma

coisa me diz que poderei precisar dessas coisas mais tarde, depois que eu tiver mandado Jeb para casa e puder continuar sozinha.

De volta às paredes, procuro uma saída. Há cortinas de veludo vermelho colocadas em intervalos, decoradas com cordas douradas que pendem por cima delas como remates que lembram maçanetas.

O comprimento dessas cortinas é longo o bastante para ocultar uma porta. Abro a primeira, na esperança de encontrar alguma porta antiga e decorada que possa ter uma fechadura que aceite a chave que trago no pescoço. Não há nada lá, exceto a parede. Tento outra cortina e obtenho o mesmo resultado.

— Dê uma olhada nisto. — Jeb puxa o lençol que cobre uma engenhoca de madeira apoiada contra a parede oposta. Cordões, polias e um mostrador gigante de relógio formam a intrincada estrutura.

Há um cartaz onde se lê: RATOEIRA DO LINGUARDARTE. Lembro do poema

do Jaguadarte, associado aos livros de Carroll. A palavra é parecida, mas não igual. Mais uma inconsistência com uma história que achei que sabia de cor.

Personagens do País das Maravilhas cobrem a frente, em tons vivos de tinta. Uma longa plataforma se projeta no fundo, ligada a algumas polias.

— Parece um Rube Goldberg — opina Jeb, inclinando a cabeça para esquadrinhá-la.

— Um o quê?

— Rube Goldberg, o cartunista e inventor. Ele desenhava engenhocas complexas

que desempenhavam tarefas simples de maneira complicada. Isto aqui é uma ratoeira.

Fico olhando para ele.

— O que foi? — questiona.

Rindo, balanço a cabeça. — Olha a sua veia de inventor reaparecendo. Achei que você tinha superado isso na sétima série. — Jeb era obcecado por construir coisas: montava labirintos e rampas de bolas de gude com seu pai na garagem da casa. Era o único momento em que eu os via se entendendo bem.

Um sorriso melancólico percorre seu rosto, e sei que ele também está se

lembrando.

— O que é aquilo na plataforma? — pergunto, para mudar de assunto, me repreendendo por ter tocado nele.

Ele dá uma batidinha no que parece ser um pedaço de queijo. — Uma esponja. Eu me pergunto se essa armadilha funciona de verdade.

— Só há uma maneira de descobrir. — Estendo a mão para pegar uma alavanca

com as palavras EMPURRE-ME escritas em vermelho.

— Espere. — Jeb larga o lençol e me afasta. — Por que haveria uma ratoeira aqui?

E se eles a armaram para presas maiores, como intrusos?

A abelha retorna, zunindo à minha volta novamente. Eu a espanto. Devagar, ela paira no ar, depois aterrissa na mesma alavanca que eu estava prestes a empurrar.

Com um som estridente, a máquina inicia uma reação em cadeia.

Primeiro, o ponteiro maior do relógio entra no lugar, apontando para o algarismo romano IV. Isso ativa a roda de uma polia, que, por sua vez, faz girar um saca-rolha através de um nicho até um buraco. A ponta afiada do saca-rolha penetra e desequilibra uma prancha de gangorra no próximo nível.

Jeb e eu recuamos vários passos, de mãos dadas.

Eu já vi esse processo antes. Vasculho o bolso de minha camiseta e retiro as anotações do site sobre o País das Maravilhas, olhando novamente as definições de “*era briluz*.”

Jeb fica atrás de mim para ler sobre meu ombro. — Onde você encontrou isso?

— Shhh... — Está tudo lá: as quatro horas, o nicho, o saca-rolha. Depois de emitir um assobio agudo, a máquina lança no ar a esponja alaranjada, que voa para o outro lado do cômodo.

Eu a persigo, derrapando e parando quando ela atinge o chão ao lado de uma das cortinas que eu havia investigado.

“*Pegue-a*.” Aquele sotaque britânico penetra em minha cabeça, um lembrete

da razão pela qual vim parar aqui. Não para arrebanhar provas do País das Maravilhas, mas para curar a maldição da minha família. Tenho que encontrar o rapaz das minhas lembranças. Ele me dirá como reparar os erros de minha tataravó. Pego a esponja e enfio-a no bolso de minha saia.

O som estridente começa novamente. No lugar onde Jeb se encontra, as polias e rodas voltam à posição original. Como se estivesse amarrada à máquina por fios invisíveis, a cortina ao meu lado se ergue, revelando uma portinha que não estava lá dois minutos atrás.

“*Abra-a.*”

Como um boneco de cordas controlado por meu guia intraterreno, estendo a mão na direção da porta.

— Al, não! — grita Jeb.

Eu a abro antes que ele me alcance.

Um corredor longo e escuro se estende a partir da porta. Abaixo a cabeça e verifico.

Há luz suficiente atrás de mim para ver que o túnel vai se estreitando gradualmente. Um movimento repentino na escuridão me faz ir rolando de volta para Jeb. Ele envolve minha cintura com um braço e me aperta contra ele enquanto a sombra de um pequeno coelho, parado sobre duas pernas, aparece à porta.

— Atrasado — diz ele, com a voz diminuta.

Trinco os dentes para não gritar. Não posso acreditar. O Coelho Branco é *real*.

— Atrasada, quero dizer. Senhorita Alice muito atrasada está. — O coelho pula sob a luz tremeluzente das velas. Seu fraque vermelho desabotoado se abre, revelando sua caixa torácica.

Jeb solta um palavrão e eu coloco a palma da mão sobre minha boca.

Não é o Coelho Branco ou nenhum outro tipo de coelho. É uma criaturinha parecida com um duende e do tamanho de um coelho. As pernas, braços e corpo são humanos, mas sem carne — um esqueleto descarnado. Luvas brancas cobrem suas mãos cadavéricas; botas brancas protegem seus pés. A exceção à aparência esquelética é sua cabeça careca e seu rosto de homem velho, coberto

com carne pálida como a de um albino. Seus olhos — esbugalhados e inquisitivos, como os de uma corça — têm um brilho rosado. Longas antenas brancas brotam de trás de cada uma de suas pequenas orelhas humanas.

Fica claro que a jovem Alice deve tê-lo confundido com um coelho. Seus chifres parecem orelhas quando vistos no escuro.

— Coelho Branco? — arrisco, sentindo o braço de Jeb me apertar enquanto ele

murmura algo, incrédulo.

— Rábido Branco — a cópia de um esqueleto retruca. — Liddell, Alice... você não é. Mas dela as mãos você tem.

Olho para minhas luvas. — Sou a tata...

— Ninguém — interrompe Jeb, interpondo-se entre mim e a criatura. Ele não me

deixa sair de trás dele. Percebo que ele vai pegar o canivete do bolso e o detenho. Depois, inclino a cabeça para continuar olhando para o coelho.

— Grande Ninguém é você? — a criatura pergunta, dobrando as antenas para o lado para poder me ver.

— Não. Meu nome não é esse. Você disse que o seu é Rábido?

A criatura olha para a mesa e em seguida para nós, retorcendo as mãos enluvadas nervosamente.

— Rábido eu sou. Minha família Branca é. — Parecendo confuso com nossa falta

de respostas, ele faz uma reverência, curvando-se. — Rábido Branco, da Corte Vermelha sou eu. São vocês quem?

Minha voz some. Minhas lembranças e as histórias da Internet eram verdadeiras.

Entramos no reino interior e estamos cara a cara com um intraterreno. Aquela estranha melodia soa dentro do meu coração, a que foi colocada lá pelo meu companheiro de infância esquecido. É ainda mais poderosa do que a palpitação que sinto de vez em quando.

Ela me diz para assumir minha identidade, para orgulhar-me de quem sou.

Sem nem pensar, deixo escapar: — Alyssa Gardner, da corte humana, sou eu.

Jeb sibila e retesa os ombros, mas não perde o foco sobre nosso convidado.

— Ohhh. — A criatura cadavérica desfalece fazendo um estalido esquisito, como uma campainha feita de ossos. Seus lábios se retorcem num rosnado hediondo, revelando dois dentes longos e salientes. — Luvas dela essas são. Uma ladra você é!

Jeb saca o canivete e o abre na lâmina em um movimento ágil, me mantendo atrás dele com o outro braço.

— Tudo você vai estragar. — Os olhos rosados de nosso convidado ficam vermelhos. Sua boca espuma saliva. — Não bem-vindos. Assim disse a Rainha Grenadine, não bem-vindos são vocês! —

Seu berro agudo paira no ar enquanto ele pula para o corredor sombrio e desaparece.

— O que você quer dizer com Rainha Grenadine? — grito atrás dele. — Desde

quando existe uma nova rainha? O que houve com a Vermelha?

Jeb fecha o canivete e me agarra antes de eu entrar no corredor para seguir a criatura. — O que era aquilo? — Seus dedos se fincam em meus ombros enquanto tento me libertar. — Sério, o que era aquilo, Al? Nenhum coelho vivo se parece com aquilo!

— Jeb! Ele está fugindo! — Debato-me feito um animal selvagem. — Eu sei para

onde ele vai... É

a porta para a qual a minha chave foi feita. Por favor! — Há medo nos olhos de Jeb, e eu me pergunto por que não sinto o mesmo. Só o que sei é que eu sempre fui diferente no meu mundo. Num lugar como este, sou simplesmente comum.

— Não. — Jeb cruza meus braços sobre o meu peito e me ergue contra uma das

cortinas na parede, de modo que meus pés ficam soltos no ar, me espetando feito uma borboleta num quadro de cortiça. — Não vamos a lugar algum. Aquele doido raivoso acha que você roubou essas luvas. E

agora ele sabe o seu nome. Muito legal, por sinal.

— Eu não disse intencionalmente — consigo pronunciar, com as botas balançando por causa do meu esforço para descer.

— Como assim *intencionalmente*?

A mesma melodia interior que me deu coragem para falar há pouco me alerta para não contar nada sobre a mariposa, sobre o estranho e nem sobre a música.

— Pelo que eu sei — exponho —, este lugar é um reino mágico. E a coisa que

acabamos de ver é um intraterreno... Um de seus habitantes.

— Mágico? — Jeb me fita como se minha cabeça estivesse torta. — Não me lembro de a versão de Lewis Carroll mencionar alguma coisa sobre um esqueletinho ambulante.

— Alice devia ser muito jovem para entender o que viu. Talvez sua mente tenha bloqueado os detalhes mais sinistros. — Olho para minhas mãos enluvadas, simpatizando com o desejo de esconder as memórias ruins em um nível em que poucas pessoas o fariam.

— Se você estiver certa — opina Jeb —, então nosso guia está errado. — Ele olha para o pontinho de luz do sol lá em cima. — A entrada ainda está aberta. — Ele me desce para o chão, mas me mantém segura pelo cotovelo.

Agarro a lapela de seu smoking. — Não está vendo? Não importa que o País das

Maravilhas seja diferente do que Carroll escreveu. Todos esses anos, Alison ficou trancada em um hospício a troco de nada. É real. Você não estava lá hoje. Eles a trataram feito uma inválida. Se eles fritarem o cérebro dela, ela pode ficar inválida para sempre. Eu não vou sair daqui sem ajudá-la!

— Já temos com quem ajudá-la. O bolo e o frasco.

— Não é suficiente. Eu tenho que consertar coisas que Alice fez. Ele me disse... —

Tarde demais para me conter.

— *Quem* disse?

— Eu... encontrei um site. — Cerro os dentes. Já falei demais.

— Algum pervertido te atraiu para cá por algum site de magia? — Jeb não

solta meu braço.

— Não exatamente.

— Já terminamos. — Agora ele não está mais me escutando. — Vou levar você

para um lugar seguro. — Ele desliza uma das cordas da cortina por trás de mim e em seguida a enrola no chão em forma de espiral. — Primeiro nós pegamos todas as cordas e as amarramos juntas para fazer um laço.

Depois, vamos usar a mobília que está na parede do túnel para subirmos. Vai ser como daquela vez em que escalamos as rochas do desfiladeiro, há alguns anos.

Não sei o que me assusta mais: o fato de o plano ser bom e poder dar certo ou meu desejo de que ele não dê.

A voz do meu guia retorna, desta vez severa, quase raivosa. *“Estou cansado destes jogos. Beba da garrafa. Um gole. Encontre-me.”*

Luto para me desvencilhar de Jeb, mas ele é muito forte. Ele já está na quarta corda quando um som seco e estridente reverbera acima de nós. Ambos vemos o pontinho de sol ficando totalmente escuro — a estátua se fechou para nós.

Com o queixo caído, Jeb larga a corda e o meu braço. Saio disparada pelo corredor, pegando a mochila e uma vela da parede enquanto corro. Agacho na escuridão com os gritos de Jeb ricocheteando em torno de mim.

Depois de quase tropeçar nos cadarços de minhas botas, uso a boca para segurar a vela e liberar uma mão. Inspeciono o conteúdo da mochila, procurando o frasco marrom. A chama da vela projeta centelhas amarelas pelas paredes.

Jeb está bem atrás de mim. Não quero envolvê-lo ainda mais nessa bagunça, mas a única maneira de mantê-lo a salvo é tendo-o comigo.

Curvo-me para continuar andando, pois a passagem fica mais estreita. Tiro a corrente do meu pescoço e a envolvo no pulso, de modo que a chave fica pendurada e solta.

De alguma maneira, sei que, a menos que eu queira que a chave encolha também, ela não pode me tocar. Bem adiante, onde a passagem fica mais estreita, posso ver uma miniatura de porta.

Com a mochila dependurada em um ombro, tiro o frasco marrom e removo a rolha, entornando um gole do líquido em minha boca do lado oposto aquele em

que seguro a vela.

O sabor amargo queima minha garganta. Recoloco a rolha no frasco e guardo-o na mochila, largando-a no chão para Jeb.

— Só um gole! — grito, olhando para trás, e deixo a vela para ele.

Os músculos se encolhem — os ossos estalam. Cada centímetro da minha pele

esquenta e aperta, como se eu estivesse dentro de uma secadora de roupas, ficando cada vez menor. A náusea me revira o estômago enquanto o corredor parece crescer à minha volta.

Quando olho para trás, Jeb está de barriga no chão, arrastando-se na minha direção com um braço esticado, tentando me alcançar. Entrelaço-me em seus dedos, tropeço para a frente e, me debatendo com uma chave que agora é do tamanho da minha mão, destranco a porta e mergulho de cabeça no País das Maravilhas.

O mar de

lágrimas

Levanto-me, pequenina como um grilo, como no meu pesadelo recorrente. Só que

desta vez não sou Alice. E até agora ainda conservo minha cabeça.

Escalando um monte de terra, olho em volta. Um jardim de flores eleva-se mais adiante, projetando sombras enormes. Pelas aberturas entre os talos, que mais parecem troncos, uma praia se estende ao longo de um oceano sem fim. Um barco a remo vazio aguarda na margem — gigante comparado a mim. Sal e pólen temperam o ar.

— Não pode ser. — A voz de Jeb ressoa.

Dou meia-volta sobre o calcanhar para olhar para ele, cobrindo os ouvidos. Um olho imenso espia de dentro da porta da toca do coelho.

— Beba do frasco marrom — peço.

— Não consigo ouvir. — A fala dele faz tremer o chão debaixo dos meus pés.

Imito o ato de beber alguma coisa e estendo o dedo indicador, sinalizando o número um.

Jeb some.

Espero que ele esteja usando a mochila durante a transição. A julgar pelo tamanho atual das minhas roupas, tudo o que tocar encolherá também.

Em questão de segundos, Jeb pula e atravessa a abertura com a mochila a reboque.

A porta se fecha atrás dele, com a chave do lado de dentro.

Arrebatando-me pela cintura, ele me puxa para si. — O que você estava pensando?

— Me desculpe.

— Pedir desculpas não vai consertar esta bagunça. Estamos do tamanho de insetos e trancados para fora da única saída.

— Bom, foi você que deixou a chave na porta!

Seu rosto fica vermelho. — O que vamos fazer agora?

— Comemos um pouco de bolo e crescemos de novo.

Ele arregala as sobrancelhas, fingindo estar chocado. — É lógico. Vamos comer um pedaço do bolo mágico de cem anos.

— Você pode ficar pequeno, se quiser. Posso carregá-lo no bolso.

Resmungando, Jeb tira a mochila dos braços. — Que seja. Vamos lá. Estamos

menores do que essas flores fedorentas, para gritar...

— O rapaz acha que nós fedemos, Ambrósia. — Uma voz áspera de bruxa irrompe

do nada. Um movimento varre o jardim, como se o vento fizesse oscilar as flores.

Jeb e eu recuamos, quase tropeçando na mochila que estava no chão.

Uma das margaridas gigantes se curva, produzindo uma enorme sombra azul. Uma

boca distorcida se escancara no centro amarelo da flor, e fileiras de olhos piscam em cada pétala. — Acha, sim, Redolence. Que audácia — diz ela. — Sim, porque, se alguém aqui fede, é ele. Nós não temos glândulas sudoríparas.

Jeb me empurra para trás dele, invertendo nossa posição. — Hum, Al? Não sou só eu que estou ouvindo uma flor falar, certo?

Agarro a cintura dele, com o coração martelando contra suas costas. — Você se acostuma. —

Tento sufocar o pânico que me invade.

— O que isso quer dizer?

Não tenho tempo para responder, porque Jeb nos choca contra um talo enorme.

Uma capuchinha se curva, rosnando. Uma centena de olhos cinza se aninham em

suas pétalas cor de laranja. — Olhem por onde andam, por favor.

Vários dentes-de-leão sacodem suas pétalas, que mais parecem algodão, ralhando.

Pequeninos globos oculares projetam-se de suas sementes tufosas, como antenas de caracóis.

Engulo um grito quando todos eles começam a falar ao mesmo tempo:

— Há quanto tempo não recebemos visitas tão deliciosas?

— Em nossos anos pregressos ou nos anos futuros deles?

— Não importa de verdade. Eu estava mais querendo enfatizar esse fato.

Jeb nos conduz a uma pequena clareira no meio das criaturas tagarelantes e me vira para encará-

lo. — Elas acabaram de nos chamar de “deliciosos?”

Atrás de nós, um dente-de-leão espirra. As sementes explodem de sua cabeça tufosa, deixando pontos vazios. — Meus olhos! Alguém pegue meus olhos! — Ele estende suas folhas para tentar apanhá-los.

Logo adiante, um gerânio se curva no meio de seu talo e abre um balde que está no chão. A palavra *Pulgões* está escrita em um lado, com tinta vermelha brilhante. Fisgando um inseto azulado do tamanho de um rato, a flor cutuca a vítima, que se contorce, em sua boca e a mastiga, com baba escorrendo pelas pétalas que formam seu queixo. Suas pálpebras se fecham por debaixo da baba.

A expressão de Jeb torna-se amendrontada. — Uma flor come um pulgão. Quem

come acaba comido! As pessoas às vezes comem flores, Al. *Deliciosos...*

Aquela pontada de desconforto se torna um soco daqueles de nocautear. — Devemos...

— Correr! — Jeb me pega pela mão e me força a correr na direção da porta da toca do coelho.

— Como vamos entrar? — Minhas coxas doem com a trepidação de cada passo.

— Quebramos o maldito cadeado.

Eu quase tropeço nos saltos de minhas botas. Jeb não dá descanso, me arrastando pelo caminho. —

Não precisamos ir tão depressa! Elas estão presas no chão!

— Não aposte nisso — retruca ele.

Sigo o olhar dele e olho para trás. É como um filme de zumbis — as flores gemem e cortam seus talos da terra; suas bocas se escancaram e são mantidas abertas por dentes longos e espigados, claros e com baba pingando feito pingentes de gelo. O dente-de-leão careca se liberta primeiro, e nele brotam braços e pernas humanos. Ele usa suas raízes para conseguir impulso, como se estivesse sendo carregado por serpentes. Ainda usa um ramo de hera como chicote e o enrosca no pescoço de Jeb, laçando-o. Com um puxão, ele o derruba.

— Jeb! — Pego seus pulsos e inicio um cabo de guerra contra a flor sibilante.

— Não podem sair por onde entraram — outra flor grunhe, contorcendo-se em sua cova de terra a alguns metros dali. É então que percebo que elas não são flores. Não flores de verdade. Assim como o dente-de-leão, braços e pernas aparecem quando elas se desprendem do chão.

Elas são parte humanoides, parte plantas — mutantes de olhos múltiplos.

— A toca do coelho só possui abertura para o *nosso* reino. Os portais que se abrem para o seu são guardados nos castelos bem distantes do oceano, dentro do coração pulsante do País das Maravilhas — explica uma flor, acenando com o braço. Trepadeiras se agarram à carne

esverdeada de seus bíceps nus. — É lá que fica a única saída. Você não acha que já teríamos saído se houvesse como fugir da toca?

Pensei em toda aquela mobília enfiada nas paredes do túnel com hera. Então, elas vinham tentando *construir* um caminho para entrar em nosso mundo? Sinto um arrepio.

Jeb luta com as trepadeiras, que agora se enroscam em sua cintura. — Al, corra —

grita.

— Sim, corra — aconselha o dente-de-leão, zombeteiro. Ele pega meu queixo com dedos de musgo e inclina a cabeça para me ver com os três olhos que lhe restam. — Corra ou seja comida.

Uma nova onda de pavor me percorre a espinha. Eu o rechaço e sou surpreendida por um senso de sabedoria: o menino intraterreno das minhas lembranças certa vez me ensinou a derrotar essa flor.

É fácil como soprar tufos ao vento.

Num impulso, estendo o braço e arranco o que sobrou de suas sementes, deixando-a cega. Um líquido branco gosmento que brota dos globos oculares expostos escorre pelas minhas mãos. A flor dá um grito agudo e cai no chão, inválida.

Tenho o pressentimento de que Jeb está tentando pegar o canivete do bolso por baixo das cordas verdes que o prendem. Se eu puder criar uma distração, talvez ele possa nos tirar dessa.

Levanto as sementes do dente-de-leão. Os globos oculares pegajosos se contorcem em minha mão, tentando olhar para mim. Eu os jogo no chão e piso neles. — Quem é a próxima? — digo, esperando parecer durona, mas minha voz vacila.

As flores-zumbi uivam e lançam seus ramos, envolvendo meus calcanhares.

Serpentes de hera me sobem pelas pernas e torso até o peito, selando-me feito um casulo de folhas tão espesso que só minha cabeça e braços erguidos ficam livres. Depois, dois cordões prendem meus pulsos. Com um puxão, eles me viram de barriga para baixo. Não posso me mexer.

Quase me esqueço de Jeb e do dente-de-leão enquanto os outros me rodeiam.

Mãos disformes, verdes de clorofila, deslizam sobre mim — frias e ásperas como folhas caídas de uma árvore depois de uma tempestade. A tontura anuvia o meu

pensamento. Os ramos estão apertando muito. Não consigo me soltar. Não consigo nem inalar o ar para gritar.

Rajadas de ar quente me envolvem. Com os olhos bem fechados, soluço. A baba

escorre da boca de alguém para a minha nuca, grudando em meu cabelo.

— Espere! — grita uma delas, muito perto do meu ouvido, que zune. — Ela está

usando as luvas!

Escorregando a face contra o chão arenoso, olho para cima e vejo centenas de cílios piscando em rápida sucessão.

— É verdade! — grita alguma coisa estranha com cabeça de rosa branca. — Você

está com o leque também?

Com o pescoço torto, faço que sim. Minha narina esquerda fica cheia de terra com o movimento.

— Devemos comemorar! — Elas passam o balde de pulgões uma para a outra.

— Acham que é ela? Depois de todo esse tempo? — pergunta uma flor com pétalas cor-de-rosa, mascando seu lanchinho.

— Ela bem que parece com *you know who*.

— Essa parece até mais endiabrada, certamente — Pinky acrescenta. — Os olhos de um lírio tigrado ela tem.

— Imaginem só. — Uma das flores joga um pulgão esperneante na boca e passa o

balde. — Em breve estaremos ligadas ao coração do País das Maravilhas mais uma vez!

A de cabeça rosada inclina-se, voltada para mim. — Então, você está aqui para consertar as coisas?

Meu olhar passa por suas hastes. Jeb está quase se libertando das trepadeiras. Só mais um pouquinho. Vencendo o medo que me paralisa o peito, forço-me a falar. — Sim.

Para consertar as coisas.

— Já era hora. Podemos colher raízes, mas não podemos flunar sobre a água, nem dentro de um barco. Devemos permanecer fincadas ao solo. O caminho para o coração do País das Maravilhas tem que ser aberto para nós. Para que isso aconteça, as lágrimas de Alice devem ser secas. É o seu trabalho!

— Ouviu, ouviu? — pronunciam todas em uníssono. — Seu trabalho é

consertar os erros dela.

A rosa ergue dois dedos espinhentos para silenciar o resto do jardim. — Você deve atravessar o mar e ir até a ilha das areias negras. Dentro do coração do País das Maravilhas, o Sábio aguarda. Ele está aqui desde o começo. Ele fuma o cachimbo da sabedoria. Ele sabe o que deve ser feito.

— Cachimbo? Quer dizer a Lagarta? — pergunto.

Um riso maldoso irrompe entre os que me capturaram.

— A Lagarta — zomba Pinky. — Bem, suponho que você pode chamá-lo assim. É

como a outra o chamava.

— A outra? — pergunto.

— A outra *você* — explica a rosa. — Aquela cujas lágrimas formaram o mar que agora nos isola do resto da nossa espécie. Já era hora de uma descendente vir aqui reparar as coisas.

Antes que eu possa responder, um monstro laranja levanta-se para falar. Uma ramagem espigada lhe cai da boca e fica presa em sua baba. Urtiga selvagem lhe cobre as unhas das mãos. — Podemos pedir ao octobenus para atravessá-la. Usaremos o cavaleiro élfico para influenciá-lo. Só o sangue dele já vale por todo o ouro branco do palácio da Rainha de Marfim. O octobenus pode trocá-lo por um bando de mariscos. Ele nunca mais vai passar fome. Ele não pode recusar tal oferta.

— Este rapaz não é cavaleiro — diz a rosa. — Ele desceu com ela.

A laranja balança as pétalas. — Ele foi enviado para acompanhá-la. Ele tem olhos cor de esmeralda, e a gota de sangue em seu lábio cristalizou-se e formou uma pedra preciosa. Ele é inegavelmente um cavaleiro élfico da Corte Branca.

Tento acalmar meus pensamentos para analisar a conversa delas. Elas pensam que o piercing no lábio de Jeb é uma marca de intraterreno. Procuro-o para ver se ele ouviu, mas ele não está mais preso pelas trepadeiras.

— Bem, ele não está com o uniforme! — berra Pinky. — Vamos ver se suas orelhas são pontudas.

Elas viram as costas. — Ele fugiu!

As flores saem disparado na direção do som do zíper da mochila, mas Jeb já

está com o bolo nas mãos.

Em menos de dois segundos, ele fica muito mais alto do que nós. Com o corpo

encolhido e tenso, ele varre o jardim com uma de suas botas gigantes. As flores gritam, agrupadas juntas em um buquê de pétalas tremulantes.

Jeb está elegante e majestoso como um deus grego, adorável e temível em sua ira.

Ele me ergue de modo que eu fico pendurada em seus dedos por ramos de hera, amarrada em meu casulo como um ioiô impotente.

Uma onda de nervoso percorre meus membros. Tenho que escapar... As amarras

estão muito apertadas... Não consigo expandir os pulmões.

— Não consigo respirar! — debato-me, mas o esforço só me consome mais

depressa. Meu estômago balança feito um pêndulo. As criaturas floridas gritam e se desesperam por mim, mas Jeb cerra os dedos e me aninha dentro de sua mão — uma escuridão terna, porém sufocante.

— Shh. Peguei você, Al... — Sua respiração se precipita sobre mim quando ele abre a mão.

Meu medo de altura briga com uma claustrofobia que acabo de adquirir. Rolo por sua pele quente até que seu dedão, cuidadosa e carinhosamente, me detém. Enrijeço o corpo para permitir que ele desate os ramos de hera. Seus dedos gigantes e calejados são gentis, apesar do tamanho.

No minuto em que me solto, agarro o dedão dele — quase maior do que eu — e

esfrego o nariz sobre ele. O dedo tem gosto de grama, glacê e todos os sabores de Jeb, em proporções maiores. Meu coração martela contra sua articulação interna. — Obrigada —

agradeço, sabendo que ele não consegue me ouvir.

Com cuidado, ele me leva na direção do seu rosto. Seus olhos são do tamanho de pires de uma xícara de chá, enormes e emoldurados por cílios como uma touceira de musgo e sombras. — Fique firme — sussurra ele.

Ele me levanta até seu ombro. Monto em uma alça da mochila. Com uma mão e as

duas botas bem presas para ficar mais segura, aceno para ele.

Diante do meu sinal, Jeb chuta o balde de pulgões, libertando-os. Ele ruga para as flores e elas se enraízam novamente na terra, recriando o jardim que antes nos rodeava. Ele as ultrapassa com apenas um passo. Sorte delas não terem sido esmagadas.

Chegamos ao barco a remo, e Jeb estende a palma da mão para me abaixar até ele.

A textura da madeira lembra ondas de areia em um deserto, com lascas pontiagudas feito os pelos de um porco-espinho. Encontro uma superfície e aguardo.

Jeb coloca a mochila no casco do barco. Ele vasculha dentro dela e sua mão reaparece, equilibrando um pedaço de bolo sobre a ponta do dedo. Para ele, provavelmente não é mais do que uma migalha. Levanto-me e como o bolo do seu dedo, fechando os olhos enquanto meus ossos e minha pele se distendem e expandem feito elásticos. Quando volto a olhar para nós, estou perfeitamente proporcional a ele, sentada no barco, e Jeb está agachado diante de mim, observando ansiosamente.

— Tudo bem? — Ele esfrega as mãos nas minhas coxas.

Controlo meu estômago. — Tudo.

— Certo. Tomara que a gente não tenha mais que fazer esse número de encolher-crescer. As entranhas doem. — O casaco dele está enfiado no fundo do barco e seus braços nus cintilam de suor.

Ele passa a mão no cabelo, deixando-o desgrenhado. — Essas luvas salvaram a sua vida — observa ele. — Por que você teve a ideia de usá-las?

Sinto-me incapaz de colocar em palavras a sensação estonteante ou a lembrança de uma infância aqui, então, tento resumi-las. — Um palpite feliz?

Ainda vejo as flores se metamorfoseando em monstros perante nossos olhos. Como disse Jeb, este não é o País das Maravilhas que Lewis Carroll criou. Mas, de alguma maneira, meus instintos nos foram úteis até agora. Graças ao meu guia intraterreno ausente.

Tenho que encontrá-lo. Quanto mais fico aqui, mais me sinto atraída por ele.

Vamos encontrar a Lagarta, como sugeriam as flores. Com sua sabedoria, ela poderá ajudar a encontrar o meu guia e a romper a maldição.

Como se lesse minha mente, Jeb sai do barco a remo e empurra a proa na direção das ondas brilhantes. A areia arranha o fundo do barco e ele pula para dentro quando já estamos na água. — Elas disseram que existe uma saída do outro lado do mar. Acho que é nossa única opção. — Falando do banco à frente ao meu, ele rema com força, e os músculos de seus bíceps se enrijecem.

— Você acha mesmo que essas são as lágrimas de Alice? — pergunto. — Que eu

devo encontrar um modo de fazer com que elas sumam?

— Não sou a pessoa certa para responder isso. Acabo de ver um esqueleto com

antenas e uma floresta de flores zumbis que devoram pulgões.

Apoio os cotovelos nos joelhos. — Me desculpe por ter surtado quando estava presa pelos ramos.

— Finalmente, agora sei como é ser Alison, presa dentro de um pesadelo.

— Está brincando — pergunta Jeb. — Você se atirou como isca para eu poder

escapar. Não fiquei animado quando você se meteu na linha de fogo, mas foi uma ótima tática de distração. Olhe. — Ele cutuca minha bota com a bota dele. — Vê se descansa um pouco.

Recosto-me para relaxar meus músculos doloridos. O som ritmado do remar aquietou meus olhos fechados. Não faz nem um minuto que estou descansando quando Jeb assobia.

— Olhe. — Ele aponta para algo atrás de mim.

Com exceção da praia que acabamos de deixar e que vai desaparecendo conforme a distância, não há mais nada. Estamos cercados por água em todas as direções. Enquanto tento compreender aquilo, o sol desaparece, como se alguém tivesse desligado um interruptor. Tensiono os músculos do corpo no assento, os dedos apertando as bordas do barco.

— O que aconteceu? — indaga ele, com a voz nervosa.

— É a noite. Não existe crepúsculo aqui — respondo, tão segura quanto estou de que remamos na direção certa para encontrar o sujeito alado do meu

passado.

Jeb apenas me olha e continua remando.

Estrelas faíscam no céu roxo, refletindo a água escura que faz redemoinhos ao nosso redor. Nós também giramos, o barco flui em círculos lentos até que fica impossível diferenciar o que é água e o que é céu.

Jeb recolhe os remos. — Não adianta remar. Temos que deixar a corrente nos levar e esperar o melhor. — A luz das estrelas faz seu piercing brilhar.

— Pode me passar a mochila? — Tenho uma necessidade repentina de olhar para os desenhos do livro de Alice.

Jeb tira duas barras de cereais e uma garrafa de água, depois pisa por cima dos remos para chegar até mim, fazendo com que balancemos um pouco. — Você precisa comer. — Ele me dá a mochila e a barra, e depois se senta de pernas cruzadas diante de mim.

Coloco a barra de lado, abro a água e tomo um gole. Depois, tiro o *País das Maravilhas* da mochila. — Elas acharam que você era um cavaleiro élfico da Corte Branca.

Jeb rasga a embalagem de sua barra. — É, seja lá o que isso for.

Folheio os desenhos. — Aqui. — A figura poderia ser um gêmeo de Jeb: corpo

musculoso, queixo quadrado, cabelo escuro, pontos vermelhos com pedras preciosas alinhados nas têmporas e lábios.

Olhos verde-escuro e aveludados como a parte interna das folhas. A única diferença são as orelhas pontudas.

Jeb analisa a imagem, mastigando.

— Eles servem a Rainha de Marfim — explico — em seu castelo de vidro. O

sangue deles cristaliza quando em contato com o ar. É assim que eles se marcam, abrindo buracos na carne de modo que seu sangue possa vazar e se tornar uma pedra preciosa. Eles são treinados para não ter emoções, para agir somente por instinto. O excesso de autocontrole os torna protetores ferozes, mas também torna a rainha muito solitária.

Engolindo, Jeb levanta a cabeça. — Parece que você está lendo direto de

uma

enciclopédia. Como sabe tudo isso?

Viro as páginas até deparar-me com o coelho esquelético. — Do mesmo modo que

sei que o Rábido Branco foi torturado por um feitiço que foi comendo sua pele e deixou somente seus ossos.

Mas a Rainha Vermelha o resgatou, detendo a magia malévola antes que chegasse ao rosto dele. Ele jurou servi-la e a ninguém mais até o dia de sua morte. Então, por que ele está servindo a alguém chamado Grenadine agora?

— Ahn?

Balanço a cabeça. — Nada. Olha, você me viu lá atrás. Eu sabia como deter aquele crápula do dente-de-leão. Eu sabia como entrar no espelho. É porque me ensinaram.

Jeb amassa a embalagem da barra de cereais e a enfia na mochila, depois fica esperando que eu explique.

— Eu não sei como, mas, antes de Alison ser internada na clínica, eu estive aqui.

Devo ter vindo muitas vezes — estou lembrando cada vez mais. Acho que eu devia vir mais à noite. Quero dizer, durante a noite do nosso mundo. Enquanto meus pais dormiam.

Jeb não se mexe, mas vira os olhos para o céu.

Desmorono. — Você acha que sou louca, não é?

Ele sopra e bufa. — Você já olhou à sua volta? Se você for louca, eu sou louco também.

Deixo escapar um riso de alívio. — Bem lembrado.

— Muito bem, é hora de você ser franca comigo. — Ele tira os outros tesouros que encontrei na poltrona e coloca tudo aos meus pés. — Comece pela sua mãe. Por que ela foi mandada para a clínica? — Ele faz uma pausa. — E o que isso tem a ver com suas cicatrizes? Certamente elas não são o resultado de um acidente de carro.

Depois de mais um gole lento de água, conto a minha história, das tesouras de podar aos narcisos que sangram. Mas não estou pronta para compartilhar detalhes da mariposa, tampouco do meu guia sombrio. Essas memórias parecem particulares, de algum modo.

Quando chego à parte sobre os insetos e plantas falantes que Alison e eu ouvimos, o olhar dele se intensifica.

Ela brinca com os cadarços de minha bota. — Então, você escolhe insetos para sua arte porque é a única maneira que você consegue de...

— Silenciá-los? É.

Ele balança a cabeça. — E eu achava que a minha infância tinha sido torta. Não é de admirar que você tenha medo de acabar na Clínica das Almas também. — Ele se apoia nos cotovelos. — Agora entendo. Aquela batalha que sempre vejo nos seus olhos. Luz e escuridão. Como nas minhas fadas góticas. — Ele me analisa como se eu fosse uma obra de arte novamente.

— Então, os desenhos que você fez de mim... São a base para a sua pintura?

As sobrancelhas dele se erguem.

— Todas as vezes que peguei você olhando para mim como se eu fosse uma paleta de tinta.

Batendo os dedos no barco, ele fecha uma carranca. — Não sei bem do que você

está falando.

— Eu sei sobre os esboços que a Taelor encontrou.

Alguma coisa — pode ser surpresa ou vergonha — percorre seus olhos.

Estico os dedos. — Ela está certa, não é? As coisas mórbidas e repulsivas são sujeitos fascinantes. — Me dói dizer aquilo quase tanto quanto me doeu ouvir.

— Foi isso que ela disse?

Levanto um ombro num gesto de afirmação silenciosa.

Jeb se endireita e coloca uma mão no meu queixo. — Olhe, ela ataca quando se

sente ameaçada.

Depois que encontrou os esboços... Ela perdeu o prumo. Quero dizer, o

sujeito que ela está namorando tem uma obsessão estética por outra garota. Dá para ver o lado dela, não dá?

— Talvez. — Eu nunca poderia adivinhar que eu era a obsessão de alguém, estética ou qualquer outra coisa. Se eu inspiro a arte dele, então por que foi a Taelor que ele escolheu ter em sua vida? — Jeb... Por que você a aguenta?

Ele faz uma pausa. — Acho que é porque eu sou a única coisa estável que ela tem.

— E, consertando os problemas dela, você espera compensar tudo o que seu pai fez para a Jen e sua mãe?

Jeb não responde. Me vale como um sim.

Sou tomada por um sentimento de ódio ao pensar na fraqueza e na violência do pai dele. — Você não é responsável pelos erros dele. Só pelos seus próprios. Como ir para Londres com Taelor.

— Isso não é um erro. Vai ajudar na minha carreira.

Fixo o olhar nas minhas botas. — Muito bem. Assim como o meu “estilo Mortícia”

vai ajudar a minha. — Ensaio uma risada, mas até para mim ela parece falsa.

— Olha. — A insistência na voz de Jeb me faz levantar o olhar para ele. — A Tae estava errada sobre isso, sabe? Você acha que minhas pinturas são feias ou aberrantes?

Penso nas aquarelas dele: mundos de beleza sombria e fadas góticas vertendo lágrimas negras sobre cadáveres humanos. Sua descrição da tristeza e da perda é tão pungente e surreal que me toca o coração.

Entrelaço minhas mãos enluvadas. — Não. Elas são lindas e assustadoras.

Ele aperta meu queixo. — Um artista só é bom quando seu modelo é bom.

Por um único instante que pareceu se estender, ficamos em silêncio. Em seguida, ele me solta.

Esfrego os joelhos, esquentando meu legging. — Posso vê-los algum dia?

— Os esboços?

Eu faço que sim.

— Uma coisa eu digo: se sairmos dessa inteiros, eu faço uma exibição só para você.

— Ele mantém o olhar sobre o meu por um minuto longo demais, e meu sangue ferve.

Como vou conseguir deduzir qualquer coisa se não consigo nem ler os sinais do meu próprio corpo?

— Tá bom. — Ele olha para o livro *País das Maravilhas* que está sobre seu colo e separa as fotos de Alice, aproximando-se. — O que é isto? — Ao ligar a lanterna, ele aponta sua luz amarela para elas, efetivamente me distraindo do golpe causado por minhas emoções.

As imagens estão esmaecidas e gastas. Em uma delas, há uma menina triste e linda com manchas de terra no vestido e no avental. As palavras *Alice, sete anos de idade e recém-saída da toca do coelho* estão escritas a mão na parte de trás. A outra foto é de Alice aos oitenta e dois anos de idade.

Eu as coloco lado a lado. O que foi mesmo que Alison disse? “*As fotografias contam uma história. Mas as pessoas se esquecem de ler nas entrelinhas.*”

Ela disse a mesma coisa quando passou o dedo em minha marca de nascença —

insistindo que havia mais coisas na história que as pessoas não sabiam.

Espiando as fotos mais de perto, procuro o rosto e o corpo da jovem Alice. Há uma sombra em seu cotovelo esquerdo que parece combinar com o labirinto pigmentado que Alison e eu compartilhamos.

Analiso o mesmo ponto na Alice mais velha, mas não há marca de nascença.

— É isso! — Aponto para as fotos. — Ali e ali. Quando era criança, Alice tinha uma marca de nascença que combinava com a minha e a de Alison, mas ela a perdeu quando ficou velha.

Jeb segura as duas fotos sob a luz. — Será que a foto foi retocada?

— Por que alguém faria isso?

Jeb estende a mão, pega a barra de cereais no banco ao meu lado, abre a embalagem e envolve meus dedos em torno dela — insistindo, em silêncio, para que eu coma. —

Existem respostas no livro?

Mastigando um naco da barra de granola, vou repassando as páginas. Passo o dedo sobre as anotações borradas de Alison nas margens enquanto Jeb segura a lanterna. — Pode ser, se essas notas estivessem legíveis. — Chego ao final, depois dos esboços e das últimas páginas, e estou prestes a colocá-lo de lado quando Jeb toma o livro de mim.

— Olhe aqui.

Se ele não tivesse mostrado, eu não teria percebido a página em branco dobrada ao meio e colada de modo a formar uma bolsa voltada para dentro da última capa. Retiro de lá um pedaço de papel dobrado. É velho, está amarelado e amassado.

As palavras *Língua dos mortos* estão rabiscadas atrás, seguidas por uma trilha de pontos de interrogação tortos, e depois uma definição escrita a mão. *Língua dos mortos: a língua dos moribundos. Só se pode usá-la com aquele que foi a causa de sua desgraça. É a recompensa final, designar uma tarefa que o ofensor deve cumprir ou ele deverá morrer.*

Jeb e eu olhamos um para o outro. Eu desdobro o papel para vermos o que está

escrito dentro. Sei, depois da primeira sentença, que é algo em que eu gostaria de nunca ter posto os olhos. Mas não posso fingir que não vi...

14 de novembro de 1934: Na data da avaliação mental, Alice Liddell Hargreaves é uma mulher de 82 anos, miúda, que foi trazida a nós por membros da família preocupados.

Segundo os parentes, seu estado mental começou a se deteriorar meses atrás, quando ela acordou certa manhã, não reconheceu onde estava e tinha somente uma vaga noção de sua identidade.

O psicólogo que conduziu as entrevistas nota que a paciente está preocupada com pensamentos interiores, frequentemente cismando com o tamanho do recinto e sentindo-se oprimida por ele.

Ela ocasionalmente fica agachada em um canto ou se aninha em uma cadeira

quando está sendo entrevistada. Ela é desatenta e vaga, e tem interações vívidas com objetos inanimados, mas se mantém isolada de trocas com seres humanos.

A paciente é desorientada quanto ao espaço físico ou lugar, com uma acentuada deficiência para se situar no tempo, sendo inclinada a dissertações melancólicas sobre a perda de 75 anos que ela alega ter passado trancada em uma gaiola de pássaro no “País das Maravilhas”, tendo sido “persuadida pela estátua de um menino quando tinha sete anos para entrar na toca de um coelho”.

O psicólogo que a examinou atribui isso ao elaborado delírio originado por uma infância devotada à imaginação vívida que foi alimentada por um amigo íntimo da família Liddell chamado Charles Dogson, também conhecido como Lewis Carroll. A paciente recorreu a essas fantasias para explicar sua perda de memória.

Visto que a paciente exhibe os seguintes sintomas: (1) delírios elaborados e amnésia seletiva, (2) interesse e prazer acentuadamente diminuídos em interações sociais, exceto a socialização com insetos ou plantas, (3) ausência de apetite; prefere frutas e sobremesas e recusa-se a ingerir alimentos nutritivos a não ser que a bebida seja servida em um dedal e a comida, em um comedouro de pássaro — ela foi diagnosticada como maníaca e esquizofrênica.

Tratamento recomendado: eletrochoque duas vezes por dia — voltagem natural administrada através da aplicação de uma enguia elétrica na cabeça. O aconselhamento psiquiátrico deverá acompanhar o tratamento até que todos os delírios sejam contidos, a memória seja restaurada e o ânimo da paciente seja elevado.

Atiro o relatório para Jeb.

Ele me observa. — Você está bem?

Como responder? Minha tataravó mergulhou tão fundo em sua psicose que não

conseguia se lembrar de seu passado nem do presente. As idiossincrasias do dedal e do comedouro são muito parecidas com a obsessão de Alison em relação às xícaras de chá. A consistência me perturba.

Poderia estar acontecendo mais alguma coisa... Não um delírio, mas uma manipulação? Seria por isso que Alison esteve tão envolvida no mistério de Alice? Seja o que for, é óbvio que ela caminha para o mesmo destino das minhas outras ancestrais.

— Entende agora por que eu não posso deixar que ela prossiga com esses

tratamentos? — Aponto para o papel. — A data da morte de Alice. Ela morreu dois dias depois do relatório. A terapia de eletrochoque deve tê-la matado!

Com um puxão, arranco meus *dreadlocks* — ignorando o buraco na raiz do meu cabelo — e os lanço ao mar. Estou cansada de refutar a minha semelhança com Alison. Já que somos parceiras neste jogo bizarro, também podemos ser parecidas.

Jeb me puxa para sentar ao lado dele, mas o barco balança e eu acabo caindo em seu colo. Nós dois ficamos imóveis. Quando eu começo a tirar minhas pernas, ele me segura no lugar. Meu coração está aos pulos; não posso negar o quanto é incrível ficar tão perto dele.

Ignorando os alarmes que soam dentro de mim, cedo e aperto o rosto contra a pele macia de seu abdômen, com meus braços cruzados entre nós. Ele afaga meu cabelo e eu me aconchego debaixo de seu queixo, com as pernas recolhidas em posição fetal.

— Estou assustada — sussurro. *Por mais razões do que eu posso contar.*

— Você tem todo o direito de estar — responde ele, com suavidade. — Mas nós

vamos voltar para casa. Vamos contar tudo ao seu pai. Com os dois depoimentos e este relatório do laboratório, ele tem que acreditar.

— Não. Isso só prova que Alice era tão louca quanto ele acha que Alison é. No fim, ela nem se lembrava que tinha casado e constituído família. Mesmo com a prova viva dos filhos e netos à sua volta, ela não lembrava.

Jeb fica em silêncio.

— Não quero acabar numa camisa de força — desabafo, refreando o choro.
— Com

todas as minhas lembranças perdidas... Ou tão sem sentido que poderiam ser de qualquer outra pessoa.

Os braços de Jeb se retesam ao meu redor. — Seu futuro não vai ser assim, Alyssa Victoria Gardner. — Ele nunca me chamou pelo nome completo. Jeb o fala que nem meu pai, agregando poder a cada sílaba, exatamente o que eu preciso.

— Então como vai ser? — pergunto, faminta por qualquer migalha que ele possa me dar.

— Você vai ser uma artista famosa. — A voz soa extremamente delicada, calma e segura. — Você vai viver em um daqueles apartamentos chiques em Paris com seu marido rico. Ah, que por acaso é um exterminador mundialmente famoso. Que tal essa mudança de destino? Você nem vai precisar caçar seus próprios insetos. Assim você terá mais tempo para passar com seus cinco filhos brilhantes. E eu irei visitá-la todo verão. Vou aparecer na porta com um vidro de molho de churrasco do Texas e uma baguete francesa. Eu vou ser Tio Jeb, o esquisito.

Tio Jeb? Gosto da ideia de tê-lo para sempre em minha vida. Mas, quando olho para seu abdômen maldito sarado e imagino os traços torneados do seu tórax — um maldito conjunto de pontos feitos um por um, cada vez que ele acidentalmente deixava cair uma bebida ou deixava um brinquedo para que seu pai tropeçasse —, fico passada ao perceber como os sentimentos antigos nos arrebatam.

Embora o tecido cubra as cicatrizes, conheço cada uma delas de cor. Eu as vi inúmeras vezes, quando íamos nadar juntos ou trabalhávamos na garagem dele. Sonhei com elas na sexta série, imaginando como seria traçar aquele caminho com a ponta de meus dedos.

Neste momento, estou imaginando a mesma coisa. Como seria curar as feridas dele com o meu toque.

— Um exterminador, não — falo sem pensar junto ao pulso que treme em meu pescoço.

— Ahn?

Faço uma pausa. — Vou me apaixonar por um artista. E teremos dois filhos e viveremos no campo. Uma vida tranquila, para que a gente possa ouvir nossas musas e responder quando elas chamarem.

Ao segurar a ponta do meu queixo para encontrar seu olhar, ele me dá um sorriso terno, iluminado pelas estrelas — que me derrete as entranhas. — Gosto mais da sua versão.

A boca dele está tão perto da minha, sua respiração tão quente, adocicada e tentadora, mas a lembrança de Taelor e Londres me voltam à mente. Não posso deixar meu coração ser roubado por um cara que gosta de outra garota ou ser o tipo de pessoa que rouba o namorado de outra. Eu já roubei dinheiro de Taelor e já deixei tudo isso chegar aonde chegou. Pulo do colo dele, com minha saia de renda raspando nas calças de seu smoking.

Como se tivesse saído de um transe, Jeb senta-se sobre as palmas das mãos e olha para a água ondulante.

— O que você acha que vai acontecer amanhã? — pergunto com a voz tão trêmula

quanto o resto de mim.

— Aconteça o que acontecer, não se jogue nas coisas sem mim. Vamos fazer tudo juntos. Fechado?

— Ele levanta uma das minhas mãos, estica a minha luva amassada e fecha os meus dedos enquanto espera por uma resposta.

— Fechado — concordo.

— Bom. — Ele bate meu punho fechado no dele. Eu tremo; por causa da brisa fria e também pela doçura do gesto.

— Tome. — Jeb pega o casaco de seu smoking e me ajuda a vesti-lo. Depois, coloca tudo dentro da mochila. — Vamos tentar dormir um pouco.

Ele aninha minhas costas contra seu peito, e ficamos de conchinha no fundo do barco. O nariz dele descansa no meu cabelo. Uma espiral de estrelas brancas se enrola e explode em suaves centelhas.

Parece uma espiral de relâmpago, o mosaico da aranha e do besouro no qual eu

trabalhei hoje cedo antes de ir andar de skate no Submundo. Outro tremor me percorre.

Lembro-me de ter visto as mesmas constelações com meu guia intraterreno anos atrás. Não me surpreende que isso tenha aparecido na minha arte.

— Espero que não seja uma tempestade a caminho — Jeb sussurra na minha nuca,

com os braços apertados em volta de mim. — Este barco não aguenta ondas fortes.

Enfiando minha mão no bolso da saia num gesto distraído, cutuco a esponja que meu guia quer que eu guarde.

— É só uma constelação — respondo, e Jeb não questiona como eu sei aquilo.

Em silêncio, observamos o desenho do céu até que ele rompe em mil cores resplandecentes, como silenciosos fogos de artifício. Ao final, não resta mais nada além das estrelas brancas comuns.

— Uau! — Nós dois exclamamos.

Depois de alguns minutos em silêncio, Jeb relaxa e sua respiração fica rascante, lenta e estável, contra a minha nuca. Embora seja o corpo de Jeb que me mantém aquecida, a última coisa que visualizo antes de cair no sono são olhos negros de tinta e asas brilhantes envergadas.

8

Octobenus

O pesadelo de Alice me encontra durante meu sono...

Não estou sozinha desta vez. Jeb carrega a espada roubada, e corremos pelo caminho na direção do covil da Lagarta. Os espinhos que já rasgaram meu avental de criança alongam-se e se transformam em enguias folhosas. Os cordões serpenteantes se enrolam em nossas pernas e nos levam de cabeça para baixo até o tabuleiro de xadrez.

Nossos corpos se congelam e viram peças do jogo. Uma mão aparece, usando uma luva preta, e nos move de quadrado em quadrado. Ela me pega para dar um xeque-mate, mas Jeb ganha vida e decepa os dedos com a espada para me libertar. Os pingos de sangue caem um a um e se metamorfoseiam em lagartas. Jeb e eu voltamos correndo para o caminho. O

cogumelo aguarda no centro, escondido em uma teia. As lagartas nos perseguem até lá.

Elas cavam túneis para entrar no casulo, enchendo-o até ele se contorcer — o casulo é uma coisa viva que respira. Uma lâmina negra afiadíssima dilacera o casulo a partir de dentro. O que está lá dentro, seja o que for, vai sair.

Acordo assustada, e pisco diante da claridade do sol. Minhas mãos estão fechadas e os punhos, cerrados. O que me acordou? Eu estava tão próxima de desvelar o rosto dentro no casulo — algo que venho esperando há anos.

Com um bocejo, concentro-me no aqui e agora. Em algum momento durante a

noite, devo ter me virado para Jeb no barco, e ele me puxou para si, aninhando-me debaixo do seu queixo. Agora só vejo um close de sua barriga tanquinho. Ele ainda dorme. Sua respiração pesada esvoaça meu cabelo num ritmo lento. Seus braços agarram minha cintura.

O dia anterior regressa ao meu pensamento aos pedaços: a toca do coelho, o jardim de flores mutantes, o mar de lágrimas.

Aconchego-me sob o pescoço de Jeb com os dedos recolhidos dentro das

mangas do casaco do smoking, determinada a não acordá-lo só para poder fingir que as coisas são simples e perfeitas.

Apenas por mais alguns instantes.

O barco balança e percebo que foi isso que me acordou. Não é um movimento suave da correnteza.

Parece mais um movimento do tipo “alguma coisa pesada se moveu na borda e está nos observando.”

Congelo — fico dura como a madeira abaixo de nós.

Fungadas guturais enchem o ar, como as de buldogue asmático. O calor do sol sobre meus ombros esfria quando uma sombra recai sobre nós. Meu coração tem um sobressalto.

Antes que eu possa emitir um grito, Jeb entra em ação, rolando-nos na direção da proa e puxando-nos para ficarmos de pé. Ele estava acordado o tempo todo.

— Sem chance — diz ele.

Oscilo com o movimento do barco, segurando a cintura de Jeb com uma mão e o

assento atrás de mim com a outra. Olho em torno dele.

À primeira vista, nosso intruso parece um polvo. Ele tem duas presas gigantes com imagens de serpentes e chamas furiosas entalhadas ao longo do marfim. Mas, por baixo de camadas de banha, sua outra metade é um emaranhado de tentáculos pegajosos cobertos por ventosas. É como se alguém tivesse misturado duas criaturas diferentes, criando um octopolvo. Ele deve pesar quase duzentos quilos, e seu corpo ocupa a maior parte do barco.

Grande daquele jeito e com os tentáculos pendurados metade para dentro e metade para fora, o barco deveria ter virado. Jeb e eu deveríamos ter sido arremessados feito pedras em um estilingue assim que ele escorregou para dentro. Em vez disso, o casco está nivelado e desliza pela água cristalina como se a criatura não pesasse mais do que nós. Me pergunto o que Isaac Newton teria a dizer sobre esse furo nas leis da física por aqui.

Jeb me cutuca para eu me sentar atrás dele, mas ele continua de pé, cada músculo de seu corpo tenso e pronto para reagir. — O que é você?

Nosso visitante não convidado limpa uma meleca que pinga de seus olhos com os dedos humanos nas pontas de suas nadadeiras. — Boa pergunta, cavaleiro élfico. Sou um octobenus. Agora, deixe-me adivinhar sua próxima pergunta. O que eu quero? Para esta, a resposta é simples. Quero parar com o eterno sofrimento da minha barriga. — Suíças longas e loiras, em contraste com uma pele cor de canela, pendem sob suas narinas. Seus tentáculos batem no mar, espirrando água sobre nós.

Da corrente em seu pescoço, ele abre um medalhão do tamanho de uma caixa de

charutos e tira algo de dentro. Ele coloca um marisco na palma da mão, segurando cuidadosamente sua casca para mantê-la fechada. — Bom dia, pequenino repolho do mar

— diz ele, provocando. — Ainda preocupado com sua família?

O marisco tenta abrir a boca para responder. O octobenus volta a fechá-la para que ele fique quieto. — Vamos fazer o seguinte: se você conseguir saciar minha fome, eu liberto os restantes. Quer tentar?

Embora o marisco não possa abrir a boca o bastante para falar, um músculo rosado no formato semelhante ao de um machado esgueira-se para fora da abertura — como um braço ou perna defeituoso —, acariciando a bochecha da enorme criatura numa derradeira tentativa de salvar sua vida.

Um murmúrio escapa de minha garganta. Jeb estende o braço para trás e me dá sua mão. Entrelaço nossos dedos.

Em um acesso de banha e baba, o octobenus abre a concha com força, sela sua boca em volta dela e suga o conteúdo, produzindo um ruído terrível de sorvo. O grito excruciante do marisco ecoa na minha cabeça e depois cai em um silêncio mortal. Aperto mais forte o braço de Jeb, tentando não me sufocar.

— Não. Ainda estou com fome. Suponho que irei comer as crianças em seguida. —

Nosso visitante indesejado solta um riso medonho e cortante, e depois joga a concha vazia ao mar. Com um tentáculo, ele vai dando tapinhas até ela afundar, e esse movimento faz o barco balançar.

Os dedos de Jeb me apertam o punho conforme ele tenta manter o equilíbrio.

— É preciso ser ligeiro com presas escorregadias como esta — o octobenus diz. —

São traiçoeiras... Sempre tentando pegar você com sua Língua dos mortos. Pode imaginar virar escravo do último desejo de um marisco? — Ele ri novamente.

Língua dos mortos... O termo que estava atrás da avaliação psiquiátrica de Alice. De trás de Jeb, dou uma espiada e vejo a criatura com cara de morsa colocar um monóculo no aquoso olho esquerdo.

— Agora — lança ele —, se fizer a gentileza de ficar de lado, elfo, eu gostaria de ver melhor sua protegida.

A postura de Jeb endurece. — Nem pensar.

A octoaberração larga o monóculo. — Aquelas flores desajeitadas acham que o seu sangue tem o poder de comprar minha cota de bivalves! — Seu grito chocalha em nossos ouvidos, e nos atravessa, com seu cheiro de peixe e morte. — Mas a questão nunca foi *comprá-los*. Sou um caçador. Tenho que capturá-los. É a minha natureza. Mariscos são criaturas habilidosas, sempre usando os bracinhos para se mover por aí e escapar para seu refúgio no leito do mar. Se não fosse tão escuro lá embaixo, e com meus olhos já tão ruins... Tenho sorte se consigo capturar meia dúzia antes que todos se escondam. — Ele limpa a boca com uma forte nadadeira. — Mas o Sábio possui uma flauta mágica que atrai minhas presas para fora dos seus esconderijos. E agora eu tenho alguma coisa para trocar por ela.

— Oferecendo meu sangue em troca. — Jeb adivinha.

Isso não pode estar acontecendo. Não importa em quantas brigas ele se envolveu em casa. Mesmo com o canivete, ele não tem nenhuma chance contra um mostro marinho de trezentos quilos.

— Ele não é um elfo com pedras preciosas! — grito de trás de Jeb. — Ele é humano. Olhe as orelhas.

Jeb aperta meus dedos — um pedido para eu ficar quieta.

— Não importa. Joias e riquezas não significam nada para o Sábio. Mas você,

repolhinho, ele está desesperado por sua ajuda. Se está! Há anos ele está esperando que você volte para cá.

Aquela afirmação fica se revirando em minha cabeça. As flores disseram que
o

Sábio é a Lagarta.

Então... Ela está esperando por mim? Talvez a lagarta tenha enviado a mariposa e o meu guia sombrio para me encontrar e me trazer para cá.

Os tentáculos de nosso captor se contraem ao longo das bordas do barco feito pítons gigantes, e a madeira range. — Com você como refém, posso trocá-la pela flauta. Ele a colocará aos meus pés se a levar em segurança.

— Terá que me matar para chegar até ela — adverte Jeb.

Dou um puxão no pulso dele, mas ele me ignora.

O octobenus aperta as mãos-nadadeiras. — Ah, um amigo leal. Eu tive um desses, muitos anos atrás. Ele era artesão. Foi ele que esculpiu minhas presas e fez um lindo baú para guardar minha reserva de mariscos. Depois, descobri que ele estava saqueando meu estoque. Então, uma noite, quando ele dormia, eu o capturei — os tentáculos se enroscam em volta do barco numa demonstração — e o preendi no baú com as conchas vazias. Atirei tudo no mar para abafar seus gritos. Os ossos dele são isca de peixe agora.

Mordo os lábios para não gritar.

Nosso captor ri. — Triste, não é? Veja, se eu fui tão insensível com um amigo, o que me impede de matar você? Nada impede que eu satisfaça as necessidades da minha barriga. — Ele corre a extremidade fina e pontuda de um tentáculo até a ponta de suas presas babadas. — Eu *vou* pegar a garota!

Ele lança seus tentáculos e agarra Jeb pela cintura.

— Não! — Meus braços se levantam para segurá-lo. Os tentáculos o arrebatam,

erguendo-o no ar.

— Há terra... à sua esquerda! — Jeb grita enquanto luta com a criatura, escapando por pouco da ponta mortal de uma presa. A luta impele o barco.

Ao repelir mais gritos, agarro-me ao banco para manter o equilíbrio. Jeb tem razão.

Há alguma coisa no horizonte. E brilha feito lantejoulas pretas. Pode ser a ilha da qual as flores nos falaram.

— Vá! — Jeb grita. — Eu vou segurá-lo o quanto puder!

Ele passa a corrente em volta do pescoço do monstro. Com puxões rápidos, ele

envolve alguns tentáculos para que eu possa escapar. Uma das presas rasga a calça de Jeb na altura do joelho. O som do tecido rasgando me lembra da horrível morte do marisco.

Não posso deixar que isso aconteça com Jeb.

Não conseguiremos escapar do octobenus na água. Como revidar? Ele não tem

fraquezas óbvias...

Só um apetite insaciável.

— Espere! — Caio de joelhos diante dele, encenando uma ideia repentina, na esperança de que dê certo. — Por favor, solte meu amigo e eu o ajudarei.

— Al! — Jeb grita.

— Dê-me sua palavra, menina intraterrena — diz nosso captor com um sorriso

gordo e desdenhoso. — Você conhece as regras... Um juramento da nossa espécie não pode ser quebrado, ou você perderá seu poder.

Não sei por que ele está me chamando de menina intraterrena, mas estou disposta a usar isso a meu favor. — Prometo que o ajudarei.

— Não é o bastante — rebate ele, apertando ainda mais Jeb em seus tentáculos até fazê-lo gemer.

— Faça do modo apropriado. Cubra seu coração... Jure pela magia da sua vida. E

seja bem específica.

Não tiro os olhos dos lábios de Jeb, que já estão azulados, e levo a palma da mão ao peito. — Eu juro pela magia da minha vida que o ajudarei a saciar seu apetite.

Num movimento ruidoso que o faz virar seus bigodes, ele relaxa os tentáculos e solta Jeb, que cai no casco do barco.

Abraço as roupas babadas de Jeb. Ele me mantém equilibrada no barco e ficamos de pé juntos. Ele tosse tanto que quase não consigo ouvir sua voz. —

Você devia ter... caído fora.

— Não — sussurro. — Vamos ficar juntos, lembra? — Em seguida, volto-me para

nosso captor.

— Senhor Octobenus, eu sei como encher sua barriga. Podemos dar bolo aos seus mariscos.

Jeb franze a cara para mim, finalmente recuperando o fôlego.

A criatura relaxa no banco sobre um ninho de tentáculos, ofegante e fungando

devido ao exercício da luta. — Você está me oferecendo bolo de mariscos?

— Não. O bolo é *para* os mariscos — respondo. — Para aumentar seu estoque até chegarmos à flauta. Nós temos uma coisa que fará seus mariscos crescerem e ficarem do tamanho de um prato de comida. — Eu viro o rosto para Jeb e articulo com os lábios as palavras *O comedor acaba comido*.

A expressão dele se ilumina ao compreender o que digo. Ele arrasta a mochila em nossa direção.

É incrível como ele está composto depois de quase ser empalado, esmagado e

devorado.

A morsa mutante observa, curiosa.

Jeb abre a bandana para exibir o bolo com as palavras *Coma-me* escritas com as passas.

O octobenus dá um pulo. — Um bolo de aumento! Onde vocês encontraram essa

preciosidade?

Pessoalmente, nunca vi um. Eles foram proibidos depois do incidente com Alice.

Não importa, não importa... — Ele abre o medalhão da corrente uma vez mais. O novo marisco luta com ele furiosamente.

— Me dê isto aqui — ordena o octobenus. — Se falhar, rasgo as entranhas do meu amigo mortal e faço delas alimento para os peixes. — A baba lhe desce

pelas presas e preenche as imagens esculpidas com um visco brilhante.

— Ah, vai dar certo. — Jeb desliza o bolo pelo casco. — Aposto minha vida que vai.

— Acaba de apostar. — A morsa mutante grunhe ao curvar-se para pegar o bolo.

Tirando uma migalha, ele se prepara para enfiá-la na abertura da concha do marisco.

— Você precisa dar mais do que isso — diz Jeb, recuando lentamente para a borda do barco, com a mochila nas mãos. — O máximo que puder enfiar na boca dele.

— Sim, sim. Imagine! Mariscos do tamanho de pratos... — Sem olhar para cima,

ele ri e tira um pedaço maior. Depois, abrindo a concha à força, ele enfia o bolo dentro e a fecha novamente.

Em segundos o marisco começa a tremer junto com o barco.

— Agora! — Jeb mergulha no mar segurando a minha mão. Um tapa dos tentáculos

roça as minhas pernas, mas em seguida a água cálida se fecha sobre nós, e afundamos. Jeb nada cachorrinho na minha frente, seu cabelo formando redemoinhos semelhantes à flora marinha das profundezas azuis.

Ele me puxa pelo pulso. Bato as pernas para subir, minhas botas e roupas pesadas e desajeitadas na água.

Chegamos à superfície e damos profundas talagadas de ar, parados em um ponto

distante o bastante para vermos o que acontece no barco. O marisco cresce, do tamanho de um estojo de maquiagem para o tamanho de uma caçamba de lixo.

Em uma exibição estranhamente graciosa de banha, nadadeiras e tentáculos, o

octobenus percebe seu erro e tenta escorregar para fora do barco. Tarde demais. A concha gigante se abre e um apêndice em forma de machadinha salta

para fora — grande e poderoso como uma anaconda. O

músculo envolve o octopus e o leva à boca, sugando os tentáculos feito fios de espaguete gigante, e em seguida se fecha.

O barco se verga e racha. Em segundos, o marisco mergulha no mar, deixando

somente espuma e destroços flutuando atrás de si. A água forma ondulações em torno do naufrágio, um final sinistramente sereno para uma cena tão violenta.

Jeb segura meu pulso e a mochila com uma mão, enquanto usa o outro braço em um nado de peito lateral para nos impulsionar na direção da praia preta.

Algo me puxa para baixo.

Bato as pernas até ficar com câimbra, tentando manter a cabeça fora da água. Não adianta. Solto-me de Jeb, com medo de puxá-lo para baixo comigo.

Debaixo da água, procuro o que está me ancorando, horrorizada com a possibilidade de que seja uma criatura marinha, mas não vejo nada. O peso parece estar centralizado em minha cintura, mas estou descendo muito depressa para encontrá-lo. Eu me debato, braços e pernas lutando contra o ímpeto descendente. Meus pulmões clamam por oxigênio.

Jeb aparece acima de mim. A mochila desce atrás dele na direção das profundezas escuras.

Minhas mãos e pernas irrompem num movimento ainda mais forte, lutando contra a força da água. Jeb tenta me puxar para cima pelos braços. Eu me afasto, resistindo. Ou talvez esteja resistindo a mim mesma. Ao meu medo...

A expressão dele quando me agarra é resoluto. Ele se recusa a ceder, e isso me assusta ainda mais.

Balanço a cabeça.

Salve-se! É o que meus olhos lhe dizem, mas ele é teimoso demais para ouvir.

Quero dizer a ele que sinto muito por tê-lo arrastado até aqui. Em vez disso, bolhas vazias rodopiam entre nós.

Uma dor impetuosa e pungente me aperta o peito. Debato-me na água, procurando alguma maneira de me libertar, de fazer aquilo desaparecer. Minhas lágrimas se mesclam com as de Alice e o pensamento fica obscurecido. Jeb ainda está me puxando, mas é inútil — continuamos afundando.

Quando estou prestes a ceder à inconsciência, começo a perceber que o peso vem do bolso da minha saia. Entorpecida, tiro a esponja que peguei no fundo da toca do coelho.

O que antes possuía o tamanho de um pedacinho de queijo agora é grande como

uma bola de golfe, e continua crescendo. Ela desce, deslizando para o fundo do mar, arrastando a água junto, criando um rodamoinho.

Estou livre.

Abraçados, Jeb e eu emergimos e temos tempo suficiente para encher nossos pulmões antes que a sucção do funil nos arrebate. A esponja está do tamanho de uma laranja agora, e posso ver o fundo do mar lá longe abaixo de nós.

Solto um grito, agarrando-me a Jeb.

Meus olhos se fecham ao batermos em alguma coisa sólida.

— Al — chama Jeb, e só então percebo que consigo respirar.

Busco sofregamente o ar, abro os olhos e pisco com força para secá-los. O mar sumiu. Vegetação marinha achatada e pilhas de areia seca nos rodeiam. Poças de água brilham em alguns pontos, refletindo a luz do sol. A distância, avisto nossa mochila. As areias pretas da ilha elevam-se à altura de um desfiladeiro acima de nós — uma escalada que não conseguiremos fazer.

A alguns metros, entre os destroços, sentado ao lado de um baú musgoso em decomposição, o marisco gigante lambe os lábios cheios de sangue. Suponho que o octobenus acabou reencontrando seu amigo artesão, afinal.

Uma brisa agita o ar, trazendo cheiro de peixe e sal. Imagino que a esponja deva estar do tamanho de uma montanha. Mas lá está ela, ao lado das minhas botas ensopadas, do tamanho de uma bola de basquete. Eu a recolho. Difícil compreender que um mar inteiro esteja contido aqui dentro.

Jeb me ajuda a ficar de pé e eu largo a esponja. Ela pousa com um som de borrito.

Mesmo estando fraca e exausta, sou tomada por um sentimento de realização. —

Nós conseguimos

— murmuro, mal conseguindo compreender o significado dessas palavras.

—

Secamos o mar. Como as flores queriam que fizéssemos.

— *Você secou* — enfatiza. Jeb afasta o cabelo de minha testa. — E você quase se afogou fazendo isso. — Antes que eu possa responder, sua boca quente e macia toca a minha testa, minha têmpora e em seguida meu queixo. Todas as vezes, seu piercing roça suavemente em minha pele. Ele se detém na linha do maxilar e curva-se para me puxar mais para perto num abraço, com o nariz enfiado no meu pescoço. — Nunca mais me assuste desse jeito.

Não importa que estejamos molhados; o calor irradia através de nossas roupas

ensopadas. Passo a mão em seu cabelo. — Você voltou para me salvar.

Ele aproxima o nariz da curva do meu queixo, e uma poderosa onda de emoção

pulsa através do corpo dele. — Eu sempre voltarei para você, Al.

Uma leve batida de alerta no meu peito me recorda de Taelor e da determinação de Jeb de ir para Londres sem mim a fim de ficar sozinho com ela. Mas a adrenalina vem ainda mais forte. Eu toco sua orelha com meus lábios, provando do resto das lágrimas de Alice. — Obrigada.

Ele tensiona os músculos dos braços. Seu nariz fuça o cabelo em minha nuca, como se quisesse se perder naquele emaranhado. Nossos corações estrondeiam. Tremores de nervoso percorrem o meu corpo e meus membros estremecem.

— Jeb — sussurro. Ele murmura algo indecifrável, e minhas mãos hesitantes agarram seu pescoço.

Um grunhido escapa de sua garganta. Fico sem ar quando ele aperta meu cabelo em seus dedos e o puxa para trás, com olhar intenso. Ele já está se curvando para chegar mais perto quando uma cacofonia de cliques e estalos nos interrompe.

Viramo-nos em círculos, observando ao nosso redor. Milhares e milhares de mariscos saem de seus túneis na areia. Agarro a mão de Jeb, temendo que eles nos ataquem por termos destruído seu lar. Em vez disso, irrompem gritos e aplausos.

Olhando para trás de Jeb, fico pasma. — Atrás de você.

Ao lado da parede de areia que parecia um desfiladeiro, toneladas de conchas se empilham uma na outra — rolando para cima, para os lados — com o objetivo de formar uma escada-rolante viva.

— Nós derrotamos o inimigo deles — sussurro. — Eles querem ajudar.

Jeb não hesita. Pega minha mão e me conduz na direção dos degraus que sobem,

arrebatando a mochila no caminho. Juntos, seguimos em direção às brilhantes areias pretas da ilha.

Quando chegamos ao alto, aceno para os mariscos, que desaparecem no leito do

oceano lá embaixo.

Jeb abre a mochila para checar nossas coisas. — Acho que eu não devo ficar admirado que nada esteja molhado. — Ele abre o estojo de lápis antes que eu possa detê-lo.

E fica boquiaberto. — O que é isso?

— São minhas... Economias. — Ótimo. Eu não só me atirei nos braços do namorado de Taelor como também menti sobre o dinheiro que roubei dela.

Jeb conta o montante e olha para cima. Há algo insondável por trás daqueles grandes cílios.

— Você parece diferente — lança ele, colocando o dinheiro de volta no estojo e sacudindo gotas de água do cabelo.

— Pareço? — Esfrego a pele em torno dos olhos. Será que todos os meus segredos estão piscando na minha cara feito um letreiro de neon? — Minha maquiagem deve estar toda borrada.

— Você está cintilante — o corpo todo.

— Ah, deve ser resíduo de sal. — Eu tiro seu casaco do smoking, torço-o para tirar a água e o devolvo.

— Ahn — murmura ele, ainda concentrado em mim. — Então... Vamos

conversar

sobre aquilo? —

Jeb enfia o casaco na mochila.

— Sobre o quê?

— O que aconteceu lá embaixo entre nós.

O calor me formiga as bochechas. Ele se arrependeu. Ou talvez esteja com medo de que eu conte a Taelor. De qualquer maneira, acabo parecendo uma idiota. — Foi a adrenalina. Só isso. Nós só estávamos felizes por estarmos vivos. Não se preocupe. O que acontece no País das Maravilhas fica no País das Maravilhas, certo?

Ele nem sequer esboça um sorriso. Só fica me olhando e depois balança a cabeça.

Lábios esticados, ele se concentra em fechar o zíper da mochila.

Quero acreditar que ele sentiu o mesmo que eu... As coisas que eu não deveria estar sentindo. Mas como pode ser? Não é comigo que ele vai mudar para outro país.

Tento me concentrar em outra coisa, como a água dentro de minhas botas que faz barulho entre meus dedos ou nos rombos enormes no meu legging.

— E agora, para onde? — pergunta ele.

É possível que ele esteja se referindo a algo além do nosso destino físico, mas estou assustada demais para me dar a chance de estar errada. Em vez disso, concentro-me no nosso paradeiro.

A costa se estende até onde a vista alcança... Um deserto infinito de fuligem tremeluzente. Não é nada parecido com o que eu esperava encontrar no coração do País das Maravilhas, se é isso que este lugar é. Não há fauna nem flora em lugar nenhum, exceto por uma solitária árvore, mais alta e mais larga do que uma sequoia, a alguns metros de nós.

A familiaridade me atrai para perto dela. Cascas pretas de joias cobrem toda a árvore, do tronco nodoso aos ramos que se retorcem a dezenas de metros no ar. Ela brilha ao sol como um milhão de diamantes brancos. Na ponta de cada galho, rubis jorram feito líquido e pingam no solo, como se a árvore estivesse sangrando pedras preciosas, assim como os elfos fazem quando sua pele é

perfurada. Com as areias pretas como pano de fundo, a cena lembra os mosaicos de grilos que tenho em casa — uma beleza fascinante e ao mesmo tempo bizarra. Refreio um surto de pânico ao recordar como os grilos pareciam estar vivos e esperneando da última vez que os vi em minha parede.

— *A pulsação de inverno* — diz Jeb ao meu lado.

Concordo. — Também vê a semelhança?

Ele fica perplexo. — Você esteve aqui antes.

Desvencilho-me de meu desconforto e subo na árvore, abrindo caminho aos chutes por entre os rubis no chão. Um ponto na base do tronco lateja por trás da casca de diamantes, feito uma pulsação.

A cada tamborilar, ela se acende em linhas vermelhas com a mesma forma da marca de nascença em meu tornozelo. A imagem reacende uma lembrança de mim e de um

menino alado, indistinta, mas inconfundível.

Jeb se aproxima e me viro para segurar no ombro dele e manter o equilíbrio, erguendo minha perna direita para desamarrar minha bota.

— O que está fazendo?

— Seguindo instruções — respondo, tirando a bota e erguendo meu legging para

exibir o tornozelo. Jeb agarra meu cotovelo enquanto me agacho, pressionando o labirinto no meu tornozelo contra as linhas da árvore.

Um choque de eletricidade estática salta de mim para o tronco; depois, um forte estalar quebra o silêncio. Jeb me puxa para trás quando o tronco se abre, enquanto a casca brilhante se enrola feito um pergaminho para expor uma passagem. Um brilho suave e avermelhado vibra e sinaliza lá de dentro.

— O coração pulsante do País das Maravilhas — sussurro, enfiando o pé na bota novamente.

A luz vermelha reflete no piercing de Jeb. — Muito bem, acredito que você veio aqui quando era criança e está se lembrando de algumas memórias reprimidas. Mas como você pode ter uma marca no corpo que abre tudo neste lugar?

Hesito, e depois conto a ele o que li sobre os intraterrenos falarem com

insetos, e o que eu desconfio acerca da maldição de minha família: que compartilhamos algumas características com as criaturas daqui, incluindo esquisitas marcas mágicas em nossos corpos.

Jeb fica olhando para mim e me pergunto quanto mais ele pode aguentar sem ficar maluco.

— Você está bem? — indago, receosa.

Engolindo, ele passa os dedos pelos cabelos. — É com você que estou preocupado.

Então, como nós quebramos essa “maldição”?

Meu coração dá um pulo quando ele diz “nós”. Ele está nessa comigo até o fim. Não só porque está preso aqui, mas porque ele é o Jeb com quem eu cresci. *Meu Jeb*. — Tenho que encontrar alguém aí dentro. Alguém do meu passado... que costumava me trazer aqui.

Jeb franze a cara. — Muito bem. De acordo com as flores, este é o lugar onde os portais estão, certo? Os portais que nos levarão para casa?

— É — respondo, meio na esperança de que ele tente me convencer a esperar aqui fora enquanto ele verifica o terreno. Em vez disso, ele me detém somente o tempo suficiente para tirar a lanterna, recolocar a mochila e tomar a dianteira. Descemos por uma escadaria sinuosa em meio a um túnel escuro que parece descer espiralando para sempre.

— Não olhe para baixo — recomenda Jeb.

Por que as pessoas dizem isso? Só torna impossível não fazê-lo. Meu olhar mergulha nos degraus, que produzem um som abafado sob nossas botas. Ossos,

entrelaçados e amarrados com algum tipo de cordão dourado cintilante, formam a escada. A maioria dos ossos tem deformações de tamanho ou forma. Outros parecem humanoides.

Aperto a mão contra a boca.

— De quem são esses ossos? — Jeb sussurra. — Ancestrais? Prisioneiros humanos?

Repasso minhas lembranças esparsas. — Não me lembro de ter conhecido isso...

Jeb acelera o passo. Pulamos do último degrau e nos esquivamos por uma cortina de trepadeiras.

Em vez de nos depararmos com um subterrâneo, uma vista se descortina à nossa

frente sob um céu roxo escuro. O sol e a lua estão entrançados em um, a lua com coloração azul ao lado do seu irmão mais brilhante.

A luz combinada confere a tudo um tom ultravioleta. Plantas de todos os tipos —

arbustos, flores, árvores e grama — ficam fluorescentes sob os raios mistos: rosas, roxos, verdes, amarelos e laranja.

Os tons mais claros de nossas roupas brilham também. Não é de admirar que eu

sempre me senti tão em casa no centro de atividades Submundo. Em algum nível

subconsciente, ele me lembrava deste lugar.

Uma lufada de vento frio e carregado de aroma de calcário, folhagem e flores passa por nós.

Depois, sinto um aroma de algo mais — um perfume frutado vindo em nossa direção. Conheço aquele cheiro. — Siga a fumaça — digo, abandonando o caminho.

Jeb pega minha mão e me ajuda a ultrapassar um canteiro de cravos-de-defunto.

Aperto os dedos dele em agradecimento. Meu corpo está começando a sentir os efeitos de nossa insana jornada marítima. Tenho calos e feridas por todo lado.

Enquanto prosseguimos, não consigo parar de pensar em como ele voltou para me resgatar na água, em como ele não desistiu, em como ele pulou no espelho em meu quarto sem nem pensar em sua própria segurança. Talvez nós *devêssemos* conversar sobre o que está acontecendo entre nós, porque algo certamente está mudando do meu lado. Corro a língua pelo céu da boca nervosamente. Venho mantendo isso em tamanho segredo há tanto tempo.

— Escute, Jeb. — Engulo duas vezes. — Sobre o que aconteceu lá no fundo

do mar.

Eu...

— Mais tarde. — Olhando por cima de mim, ele pega em meus ombros. — Temos

companhia.

Ele me força a agachar, e uma nuvem brilhante se aproxima sobre nós, cintilando feito vaga-lumes.

— É ela! — grita uma vozinha esgoelada mais alta do que o zunido de muitas asas.

— É!

Um enxame de criaturas humanoides do tamanho de gafanhotos e da cor de feijão-de-lima paira sobre nós. São todas fêmeas, nuas e com escamas reluzentes que se curvam sobre seus seios e dorsos, formando desenhos sinuosos. Suas orelhas pontudas e os cabelos esvoaçantes cintilam, e seus olhos são bulbosos e metálicos feito os de uma libélula, como se elas estivessem usando óculos escuros de cobre. Asas revestidas com pelos na cor branco leitoso que lembram as pétalas de um dente-de-leão farfalham perto da minha bochecha.

Uma delas chega perto o bastante para dar um tapinha na testa de Jeb, com as mãos do tamanho do corpo de uma joaninha. — Eu o encontrei. Ele é o meu prêmio!

— É meu! — Três outras berram, enfiando-se no cabelo dele.

Jeb aperta as alças da mochila.

— Não, irmãs fadas — responde uma delas com a voz de sineta. Ela paira diante de Jeb, tão fascinada quanto as outras. — Nosso mestre disse que eles devem ficar sob minha guarda.

As outras resmungam e se afastam.

Suspensa no ar, a pequenina vitoriosa faz uma reverência enquanto bate as asas. —

Sou Gossamer.

Devo levá-los até aquele que procuram. — Seus olhos de libélula faíscam em minha direção e ficam mais brilhantes, como se ela estivesse com raiva. — Àquele que procura você. — Meu estômago se retorce com essa insinuação.

Em seguida, ela se volta para Jeb. — Cavaleiro élfico, você procura por prazer?

Posso oferecê-lo, se assim desejar.

Esfregando o dedo no piercing, Jeb olha para mim, totalmente perplexo. — Hum.

Não, obrigado.

Estou bem.

Às gargalhadas, a fada se afasta, unindo-se às outras.

Seguimos nossas guias luminosas para dentro de uma floresta fechada, serpenteando através da vegetação alta e fluorescente até chegarmos a uma clareira de musgo verde-limão, líquen amarelo vivo e cogumelos reluzentes. Um círculo de árvores se fecha acima de nós, com os galhos esticados e entrelaçados juntos de modo a formar um domo.

Lascas do céu roxo aparecem aqui e ali, o suficiente para lançar sombras.

Cada uma das fadas toma seu lugar dentro do teto suspenso, pontilhando os galhos feito velas acesas. Sua luminância acrescenta uma névoa suave e brilhante ao cenário.

Gossamer nos convida a segui-la até o meio da clareira, onde um cogumelo gigante listrado de ultravioleta aguarda, envolto em uma nuvem perfumada.

Uma sensação inconfundível de reconhecimento me possui. Reconheço este lugar

de meus pesadelos com Alice. Estamos no covil da Lagarta — o sábio guardião do País das Maravilhas.

— Ela não parece nada especial, meu senhor. — Gossamer paira sobre a espessa

fumaça que cobre o chapéu do cogumelo, escondendo o que quer que esteja sentado sobre ele. — Ela está coberta de lama e fede a marisco.

— Só podia, porque ela acaba de secar o mar, queridinha. Tinha que ser um feito bem trabalhoso, você não acha?

Todo o meu ser treme ao som daquele sotaque profundo. Fluido, masculino e

sensual. É *ele*. Meu guia intraterreno. Se eu pudesse ver além da fumaça...

— Sua vestimenta parece ser a de uma empregadinha — retruca Gossamer, crivando-me com um olhar de desaprovação. — Talvez o senhor devesse mandá-la para casa e esperar por outra. Por alguém mais aceitável.

— Quem está nu não deve julgar vestimentas — responde aquela voz familiar. —

Você sabe muito bem que não são as roupas que fazem uma mulher.

Humilhada, Gossamer vai juntar-se às outras fadas que pairam no ar. Finalmente, a fumaça se dissipa e revela um narguilé e a mariposa do tamanho de um corvo — asas negras e corpo azul luminescente — aninhada no alto do cogumelo, como uma borboleta repousada sobre uma pétala.

Ela inala fumaça da mangueira e solta plumas no ar. Algumas têm a forma de pássaros, outras, de flores. Um dos desenhos vaporosos se afasta e vira uma cabeça de mulher — como o entalhe de um camafeu. Conforme ela se dissipa lentamente, começa a parecer uma criança de cinco anos. *Sou eu*, com cinco anos...

— É tão bom vê-la novamente, amorzinho. Quanta saudade eu senti.

Falta-me o ar e eu caio de joelhos. A Lagarta, a mariposa e o rapaz alado são todos a mesma coisa, esse tempo todo...

— Eu já vi esse inseto — afirma Jeb. — No seu carro. No espelho. — Ele larga a mochila e segura meus ombros, tentando fazer com que eu fique de pé. Minhas pernas não cooperam.

— Na-não. Você nunca precisa se curvar diante de mim, adorável Alyssa. — A voz sai da probóscide da mariposa em baforadas de fumaça acinzentada. A atenção dele se volta para Jeb. — Você, ao contrário, se curvará diante *dela*.

A fumaça voa na direção de Jeb e se transforma em uma rede em pleno ar, envolvendo-o. O peso o faz cair de joelhos. Um graveto fere seu joelho no lugar onde a presa do octobenus havia rasgado sua calça. Pinga sangue do ferimento.

— Ah-há! Ele não é elfo. É um mero mortal. — A mariposa bate as asas como se

tivesse feito uma grande descoberta.

— Um homem mortal! — As fadas guincham com vozes dúcidas como sinos

tilintando. Elas mergulham das árvore como radiante flocos de neve, enxameando em volta de Jeb enquanto ele tenta se livrar da sua prisão de fumaça. As fadas tiram o canivete de suas mãos e depois entram através da rede, cobrindo-o feito formigas em um torrão de açúcar.

Dou um pulo para espantá-las. — Vão embora!

— Ah, não estrague a brincadeira — sussurra a mariposa em minha direção. — Não vamos quebrar seu soldadinho de brinquedo.

Pego o canivete e tento cortar a rede com a tesoura, mas as cordas desaparecem em minhas mãos.

Estou tão preocupada que quase perco a transformação que ocorre no alto do cogumelo. A mariposa ri, e eu olho junto a tempo de ver suas asas se dobrarem sobre seu corpo. Os apêndices acetinados aumentam até ficarem do tamanho das asas de um anjo, e depois se abrem para revelar o rapaz do reflexo no meu espelho quebrado — e de minhas lembranças — já adulto.

O canivete me escapa das mãos. Estou mentalmente presa entre o passado e o presente.

Ele tem mais ou menos a mesma idade e altura de Jeb. Está usando um terno preto de couro com botas utilitárias e se estica sobre o chapéu do cogumelo com a mangueira do narguilé aninhada elegantemente entre dois dedos e com os tornozelos cruzados. Calças desgastadas cobrem suas pernas musculosas. Ele é mais magro do que Jeb, mas está em ótima forma. Seu casaco, aberto até quase o abdômen, revela um peito liso e alvo, como a pele de seu queixo recém-barbeado.

As fadas roubam nosso canivete e nos abandonam, correndo para o seu mestre. Elas enfeitam seu cabelo e alisam suas roupas, arrulhando e rindo.

Não é surpresa que o pôster de Perséfone parecesse tão familiar. Meu companheiro intraterreno cresceu e ficou parecido com o herói, só que seu cabelo na altura dos ombros é azul e brilhante, e ele usa uma meia máscara de cetim vermelho. Exceto por isso, ele é seu sócia perfeito: pele de porcelana, olhos tão pretos quanto a maquiagem em volta deles, lábios cheios e escuros.

Com a mistura de neblina e fumaça fluindo em volta de suas asas escuras, ele também me recorda a vitrina de Jenara: um anjo negro.

Embora ele esteja mais para diabo.

Eu sei, porque minhas lembranças de infância retornam em uma onda avassaladora

— me atordoando com o nome que não pronuncio há onze anos.

9

Morfeu

“*Morfeu.*” Pronuncio, mais como uma acusação do que uma revelação.

O demônio alado mostra seus dentes brancos em um sorriso estonteante que me

atrai e me coloca em guarda. — Hum. — Ele move a mão ao longo do narguilé como se ele fosse um violino. — Sua voz é uma canção. Diga novamente. — Ele dá uma tragada no cachimbo.

Fico tão extasiada por vê-lo vivo e real que nem tento resistir. — Morfeu.

— Fantástica. Sua mãe deveria saber que é preciso mais do que tesouras de poda para me cortar de sua vida. Mas parece que ela conseguiu me cortar de suas memórias por algum tempo. — Ele sopra anéis de fumaça. — Estou magoado, Alyssa. Não deveria ter levado todo esse tempo para você me encontrar. — Recolhendo os anéis de fumaça em seu dedo, ele os atira ao ar, onde explodem em estrelas vaporosas.

Jeb, ao meu lado, luta com a rede. — Este é o palhaço que você estava procurando?

O do site? —

pergunta ele.

— Mais do que isso — respondo, sem estar segura que as palavras que formo são coerentes. —

Nós crescemos juntos, de alguma maneira. Era ele que frequentava meus sonhos

quando pequena.

Não era? Você me visitava em meus sonhos... Me trazia até aqui. Me contava coisas.

— *Ensinava* coisas é melhor. Ah, mas nós reservávamos tempo para nos divertirmos também.

Tenho que dar um jeito de continuarmos com essa tradição. — Morfeu passa o

narguilé para algumas fadas com seus dedos pálidos e elegantes. Fecho os olhos, lembrando de passagens quando éramos crianças, pulando nas pedras enquanto Morfeu alçava voo e me levantava por baixo dos meus braços — uma sensação terna de segurança. Quando volto a abrir meus olhos, enrubesço, lembrando do quanto seu toque pareceu diferente em meu quarto ontem à noite. Ele fica de pé sobre o cogumelo, as asas enroladas num arco enquanto apoia as mãos unidas debaixo do queixo.

— O Chapéu da Hospitalidade! — Ele grita de repente, sem o menor sentido.

Várias de suas assistentes pairam sobre ele com um chapéu preto de cowboy e

veludo e o colocam em sua cabeça. Ele o vira meio de lado. O veludo é decorado por uma tira de mariposas brancas em decomposição, fazendo-o parecer suave e ao mesmo tempo selvagem.

— Ela não tinha o direito de interferir. — Ele corre seu dedo longo pela aba do chapéu. Mechas de seu comprido cabelo azul tocam seus ombros. — Não era o lugar dela.

Leva um minuto para eu perceber que ele voltou a falar de Alison. — Você a conheceu?

— Sim. De todas as outras candidatas, de todas as suas antecessoras, a mente dela foi a mais receptiva a mim. Nos conectamos quando ela ouviu o chamado do mundo interior, aos treze anos de idade. Mas ela deu as costas à sua responsabilidade no momento em que conheceu o *Tomatinho*. — Ele sorri desdenhosamente quando fala o apelido de meu pai. Em seguida se

recompõe, alisando o casaco. — Não se importe com tudo isso. Vejo que está usando as luvas. Trouxe o leque também?

— Junto com tudo que ela escondeu.

— E ela achou que seus tesouros enterrados impediriam você de vir. Que pena que as palavras nas margens estão indecifráveis, não? Ela deveria ter ficado de boca fechada brincando com os seus cravos.

Cravos? Palavras indecifráveis? A compreensão me arrebatou. — Foi você. Você manchou as anotações para que eu não pudesse lê-las. E na clínica... foi

você que quase a matou!

— Não admito nada. Só que ela estava fora de controle. Ela precisava se acalmar, para sua própria segurança.

— É claro que ela estava fora de controle! Você brincou com a mente dela metade da vida! —

Ranjo os dentes. — É culpa sua ela estar naquele lugar.

Morfeu abre suas asas acetinadas — um movimento que impede que as fadas brilhantes me vejam e que me lança na sombra. — Agradeça a você mesma por isso. Ela estava lidando bem com as coisas até você aparecer. Pergunte ao seu pai. Ela nunca conversava com os insetos e plantas antes de você nascer. Pelo menos, não na frente de ninguém.

— Não — sussurro.

— Não dê ouvidos a ele, Al. — Jeb tenta me confortar. — Sua mãe te ama.

Morfeu ergue as mãos sobre a cabeça e aplaude. — Bravo, gentil Cavaleiro. Todas vocês viram isso? — As fadas entram na falsa celebração, dando voltas no cogumelo, todas exceto Gossamer, que fica sentada no narguilé, observando num silêncio majestoso.

— Mas que gesto nobre! — continua Morfeu, andando pomposamente no alto do

cogumelo. —

Preso e incapaz, mesmo assim seu único pensamento é defender a sensibilidade

ferida da donzela. E

eu devo dizer que ele está certo. — As fadas silenciam seus cumprimentos zombeteiros, confusas.

Com um agitar de asas, Morfeu flutua e pousa graciosamente diante de mim — belo e sombrio. —

Sua mãe realmente a ama. Muito, muito mesmo.

Minhas pernas tremem, mas sustento o olhar sobre ele, com o desprezo queimando meus olhos por trás.

— Fique longe dela. — Jeb atravessa um punho pela rede e roça a perna de

nosso anfitrião.

Morfeu esquiva-se. — Ah, ah, ah. — Ele faz com que a fumaça desapareça e a rede também, deixando os pulsos, os tornozelos e o pescoço de Jeb amarrados à base do cogumelo. — Se você se comportar como um macaco adestrado, será tratado como um.

— Idiota! — Invisto com a mão aberta, mas Morfeu agarra meu pulso no ar. O

impacto sacode meus ossos e acirra a dor de minhas contusões.

— É esse o fogo. — Morfeu inclina a cabeça, e a expressão em seu rosto é ao

mesmo tempo de diversão e surpresa. — É bom ver que ele ainda queima.

— Tire as mãos, seu filho de inseto! — Jeb luta contra as algemas de fumaça, o rosto ficando vermelho pelo esforço de tentar chegar até nós.

Rindo, nosso captor inclina-se sobre mim, ainda segurando meu pulso. — Ah, eu gosto mesmo dele — murmura. — Um artífice das palavras. — Ele está tão perto que seu hálito com sabor de fumaça penetra em mim, doce feito mel e forte como a seda da aranha, um conforto da minha infância.

— Quanto a você... Isso é maneira de tratar um velho amigo? Depois de tudo que vivemos? Tsc, tsc...

Fico tentada a me aproximar, buscar mais dessa sensação sedutora. Mas o desejo não é meu. De alguma maneira, ele está me manipulando. Tem que estar.

Eu o ataco. Suas unhas se enterram em minha luva, fazendo meu punho vibrar.

Os olhos negros brilham, frígidos e duros por trás de sua máscara. — Pare de lutar e escute. Sua mãe não tinha que virar as costas para mim. Ela não tinha que ir para a casa de loucos para proteger você.

— Espere. — Um alarme dispara dentro de mim. — Está dizendo que ela *escolheu* ir para lá?

— Ela só precisava estar a alguns quilômetros de distância de você. Ela poderia ter pedido o divórcio, se mudado para o outro lado da cidade, dado ao seu pai a custódia total.

Mas ela amava demais vocês dois para magoá-los tanto assim. Ela queria fazer parte de suas vidas... E ao mesmo tempo mantê-los seguros. Então, sacrificou sua vida. É a mais pura forma de amor.

— Está mentindo. — Minha acusação emerge com uma lufada de ar.

— Estou? Você é a única que eu alcancei ainda bem jovem. Você e sua mãe

tinham uma conexão mais forte do que qualquer coisa que eu já encontrara. Consegui usar os sonhos dela como um condutor para os seus. Quando ela percebeu o que eu estava fazendo, ficou louca. Mas foi uma loucura temporária. Que não haja dúvida — a fantasia de Alice, a obsessão pelo chá da tarde, os estalos da língua, conversar em voz alta com insetos e flores —, todos esses tiques que ela desenvolveu foram orquestrados por ela, para que ela fosse mantida longe de você. Por respeito ao sacrifício dela, prometi eu mesmo não mais me aproximar de você.

— Então quebrou sua promessa — sussurro.

— Não. Havia uma brecha, sabe? — As articulações de sua mão livre roçam a

minha têmpora. Seu toque é caloroso e delicado. — *Você* encontrou a *mim*. Como foi você quem me procurou primeiro, você me libertou dos vínculos da promessa. Menina esperta, muito esperta. Agora você está aqui para arrumar as coisas, não está, minha joia? Para reparar o que Alice estragou. Para consertar o País das Maravilhas, quebrando assim a maldição sobre o nome de sua família. As conversas com insetos e flores... Os laços com esse reino. Você não estará mais enfeitiçada. Por fim, sua mãe poderá parar de fingir ser completamente maluca, porque não mais necessitarei de ninguém de sua linhagem.

Meu peito dói, como se alguém usasse meu coração como um saco de pancadas. Foi por isso que Alison disse aquelas coisas no pátio... Que, se eu prosseguisse com meu plano para encontrar a toca do coelho, ela teria feito tudo por nada. Ela suportou tantos anos de humilhação, medicamentos e horror porque esperava manter-me afastada daqui. E eu fui e arruinei tudo ao procurar por Morfeu.

O que torna o plano do meu pai e dos médicos ainda mais devastador.

— Minha culpa — sussurro, tentando não chorar. — Tudo que aconteceu com ela...

É minha culpa.

— Al, não deixe que ele a culpe! — O ruído produzido por Jeb, lutando com as

algemas, é quase inaudível para mim.

Morfeu levanta meu queixo. — Sim, não se culpe. Porque você descobriu a toca do coelho e foi corajosa o suficiente para mergulhar nela. Você é a única que teve tanta astúcia e coragem desde a própria Alice. E você já conseguiu secar o mar que ela deixou para trás.

Você vai reparar tudo para a sua mamãe. Para todos nós. Você é muito especial, Alyssa.

Muito especial mesmo. — Ele puxa o meu punho, levantando-me até eu ficar na ponta dos pés e meu nariz tocar a borda inferior de sua máscara. Ele está tão próximo que quase consigo sentir seus lábios com sabor de alcaçuz.

Um estalo forte irrompe no ar e Morfeu me liberta. Volto a pisar sobre meus calcanhares. As fadas guincham quando as amarras de Jeb se soltam do cogumelo.

Jeb rola no chão e sacode as pernas com força. As algemas quebradas — ainda em seus tornozelos, pescoço e pulsos — o seguem feito a cauda espiralada de um escorpião, e atingem Morfeu, derrubando-o no chão. O impacto faz seu chapéu cair e evapora a fumaça, deixando os dois homens a lutar em um emaranhado de asas e membros.

Jeb monta em Morfeu e aperta seu pescoço. — Eu disse para não tocá-la. — Sua

voz profunda é rouca, mas calma, fazendo os pelos de minha nuca eriçarem.

Morfeu comete o erro de rir, e Jeb surta. Com uma mão apertando o pescoço de

Morfeu, ele o soca com a outra, amassando a máscara de cetim. Morfeu vira a cabeça para desviar do golpe. Suas asas estão tortas e são inúteis debaixo dele.

Contraio meus músculos. Estou em guerra comigo mesma. Uma parte de mim

deseja defender Morfeu — explicar seus motivos para Jeb; a outra parte torce para que Jeb faça picadinho dele. Eu me dobro, minhas têmporas latejam enquanto me afogo em um mar de lembranças distorcidas e emoções

desmembradas. As fadas choramingam, reunidas nos galhos acima de nós. Elas obviamente nunca viram seu mestre ser atacado por alguém.

Morfeu estica os joelhos para tirar Jeb de cima dele e eles giram pela grama fluorescente, deixando um rastro. Desta vez, Morfeu termina por cima. Suas asas se desdobram feito uma tenda. O

contorno do rosto de Jeb aparece, pressionado contra a membrana preta do outro lado. Um movimento de sugar o ar revela o contorno de sua boca.

Ele está se sentindo sufocado.

Atravesso meu labirinto mental e lanço-me na direção de Morfeu, derrubando-o. Ele rola no chão, envolto dentro de suas asas como uma pupa.

Ao cair de joelhos, encosto o rosto no de Jeb. Sua respiração aquece meu nariz, lenta e estável, mas ele não abre os olhos. — Jeb! Acorde, por favor... — Arrasto seus ombros para o meu colo e aninho sua cabeça.

Morfeu está de pé, limpando-se.

— O que você fez? — grito.

Ele ajeita sua máscara amarrotada e depois estica cada uma das asas por sobre os ombros, passando as mãos para verificar se ficaram danificadas. — Ele só está inconsciente. — Colocando de volta o chapéu, Morfeu toca as marcas de dedos em seu pescoço, com os olhos sombrios. — Foi uma gentileza. Eu poderia tê-lo matado. — Ele grunhe. — Na verdade, deveria. Estou certo de que me arrependerei dessa decisão.

Ao olhar para seu harém, Morfeu convoca as fadas para descerem. — Levem o

pseudoelfo para a casa. Despertem-no de seu torpor. Façam-no sentir-se bem-vindo como só vocês podem fazer.

Gossamer é a primeira a descer das árvores. Parece haver ainda mais fadas agora.

Seguindo sua líder, elas descem em torrentes, formando uma chuva faiscante.

— Não! — Atiro-me na frente de Jeb. Afasto-as com meus punhos. Sob a ordem de Gossamer, elas colidem com meus braços e costelas em velocidade total, atingindo-me feito granizo. Recuso-me a me mexer até que Morfeu me

agarra pelo colarinho e me força a levantar.

Minha resistência ao seu domínio só o torna ainda mais resolutivo. Seu braço envolve minha cintura, duro e forte como uma garra de metal. Ele aperta minhas costas contra sua lateral, e meus pés ficam suspensos. Cinquenta fadas ou mais levantam Jeb pelas roupas. A cabeça dele pende, sua camisa e calças franzem onde elas seguram, como se ele estivesse sendo içado por cordas.

— Jeb! — grito. Lágrimas borram minha visão quando ele não responde. —
Tenham cuidado com ele.

As pequeninas fêmeas só conseguem erguê-lo a poucos centímetros do solo, e a

grama alta se curva sob seu peso conforme ele é levado da clareira. Algumas das fadas restantes puxam a mochila no final da procissão. Quando o último trecho de grama se ergue atrás delas, empurro Morfeu e me liberto, mas só porque ele assim permite.

— Se nosso tempo juntos significa alguma coisa para você, não irá machucá-lo. —

Lágrimas cálidas me lavam a face.

Morfeu estende a mão para apanhar uma lágrima com a ponta de um dedo. Ele a

eleva contra o brilho suave que irradia das poucas fadas que ainda permanecem sobre nós.

Em seguida, arqueia os lábios de maneira inusitada. — Você chora por ele, mas sangra por mim. Deve-se perguntar qual é mais poderoso. Mais comprometedor. Suponho que um dia saberemos.

Minha garganta fica seca. — Do que está falando? *Sangro* por você?

Ele esfrega a minha lágrima em sua pele como se fosse perfume. — Tudo a seu

tempo. Quanto ao seu soldadinho, não chore por ele. Ele vai receber atenção mais que suficiente. E, quando ele estiver inconsciente em seu êxtase, esquecerá onde está e com quem veio. Embora eu imagine que terei de enviá-lo para alguma outra parte do País das Maravilhas para mantê-lo longe de você.

O terror me invade. Já é muito ruim aquelas minininfetas seduzirem Jeb, mas, se elas vão fazê-lo esquecer quem ele é, ele ficará perdido aqui para

sempre. Jeb está aqui por minha causa. Ele não merece um fim desses. — Por favor, mande-o de volta para o nosso mundo.

Morfeu dá de ombros. — Não é possível. Estamos tendo uns probleminhas de

transporte aqui no reino interior.

— Não pode ser.

Ele se aproxima. — Não pode?

Dou dois passos para trás. — Você me visitou em casa, no trabalho. Ficou me

observando. Quase sufocou Alison com o vento...

Ele joga a cabeça para trás e ri, levantando os braços como se fosse um grande ator.

— Imagina só. Eu, controlando o vento e o tempo. Ora, eu devo ser um deus.

Eu o encaro firmemente. — Sei muito bem o que vi.

Ele estica as mangas. — Eu usei os reflexos para visitá-la. O globo na clínica, os espelhos da loja... Os espelhos de sua casa. Através deles, projetei uma ilusão, mas não podia me materializar totalmente porque os portais estão obstruídos. Sua mente foi meu palco. Ninguém mais pôde me ver, ouvir ou sentir. Só você. E você me sentiu mesmo, não é, amor?

Pensar no modo como sua respiração-fantasma me fez comichar o pescoço quando

ele sussurrou

— quente e provocador — me deixa confusa até a medula. Ergo o queixo, uma

pobre tentativa de esconder seus efeitos em mim. — Havia magia... Na trança da minha mãe. Ela se movia, prendeu meus dedos em volta da garganta dela. Foi você.

Ele esfrega as unhas na lapela. — Foi magia, admito. Magia mal orientada. E não foi minha.

— O que isso quer dizer?

— Você ainda não está pronta para essa resposta.

Cansada de suas manipulações, empurro-o e o desequilibro, correndo para a abertura nas árvores por onde desapareceram as fadas, quase tropeçando em mim mesma na minha ânsia de encontrar Jeb.

Ouçoo um poderoso farfalhar de asas acima de mim; em seguida, Morfeu barra meu caminho. Eu paro, derrapando.

Ele se agacha com as asas abertas paralelas ao chão e me encara atentamente, como uma ave de rapina gigante — sombria e perigosa. Estou acostumada com este lado dele...

Seu lado escuro e temperamental. Não haverá discussão sensata com ele a menos que eu assumo o controle.

Ele fica parado e me pega pelos ombros antes que eu possa fugir novamente.

— Chega de brincadeiras — dispara ele. — É hora de você cumprir seu destino.

Não passei o primeiro terço de sua vida treinando-a em vão. Alice deixou perturbações em nosso mundo que só você pode reparar. Esperei 27 anos para este dia chegar... Fiz sacrifícios demais para ver tudo cair por terra. Você vai consertar o que ela quebrou, e isso abrirá o caminho para que você quebre a maldição e volte para casa. Até lá, eu dito as regras.

Alice deixou perturbações em nosso mundo que só você pode reparar. As flores zumbis disseram algo assim. Que somente um descendente de Alice poderia ajudar a consertar tudo. E o octobenus insistiu que o Sábio — Morfeu — estava desesperado por minha ajuda. Desesperado.

Foi ele que me sugeriu trazer a esponja, era ele que vinha me ensinando sobre o País das Maravilhas havia anos. Por quê? Ele deve ter algum tipo de interesse pessoal nisso tudo.

— Você precisa de mim. — Levanto a voz, arriscando minha suposição. — Não é

que minhas ancestrais não tenham conseguido encontrar o caminho para cá. Elas não *quiseram* vir. Temos que querer. Você não pode forçar. Sou a primeira que quis chegar tão longe, e não tenho que fazer nada que você me pede. Então, e se eu ficar presa aqui?

Sempre fui o peixe fora d'água. Sempre aprendi a conviver com isso. Alison... ela vai sobreviver, como sempre.

Morfeu não tem que saber a verdade: que a qualidade da vida de Alison depende do meu sucesso.

Prevejo que continuarei com este blefe até o fim.

— Essa é sua única chance. — Coloco as mãos na cintura. — Acabe comigo e

poderá terminar esperando mais 75 anos.

Uma expressão estranha paira sobre o rosto de meu companheiro de infância. Se não fosse pela máscara, eu poderia interpretá-la melhor, mas parece haver um lampejo de orgulho.

Seus dedos em meus ombros relaxam um pouco. — Quais são as suas exigências?

— Jeb e eu voltaremos a nos unir hoje. Você vai cancelar suas fadas e deixar a memória dele intacta. Ele será tratado como igual, não como seu peão. E eu quero *clareza*...

Como pode alegar ser amigo de Alison, se você e eu crescemos juntos? Como sabia sobre meus ancestrais se você tem a minha idade? E qual é o seu interesse nisso tudo?

Ele me liberta. — É só isso que pede?

Repassando o que o octobenus disse sobre votos entre os intraterrenos — um fato confirmado pela promessa que Morfeu fez a Alison de não me contatar —, acrescento mais uma coisa. — Quero sua palavra... Um juramento.

— Arre! — Suspirando, ele leva uma mão ao peito, como se estivesse jurando

lealdade. — Juro sobre a magia de minha vida não mandar embora e nem prejudicar seu precioso amigo desde que ele seja leal a você e à sua digna causa. Mas me reservo o direito de enfrentá-lo em qualquer oportunidade que se apresente. Ah, e terei prazer em elucidar todas as suas dúvidas. — Ele faz uma reverência — em cada detalhe, um cavalheiro.

Terno de couro e máscara amarrotada, aquele chapéu morbidamente sexy. Ele acha que é um astro do rock. E talvez seja, neste lugar. Mas ele deu a palavra e tem que cumpri-la, ou suas asas irão murchar e ele perderá seu encanto.

Endireitando-se, ele dá um passo para a frente de modo que sua bota toca na minha.

— Pronto.

Agora que aquele desconforto se dissipou, vamos continuar? Como agora estamos ambos adultos, temos que nos reapresentar.

Examino as árvores. Todas as fadas se foram. Meus nervos estão à flor da pele. —

Onde estão todos?

— Preparando um banquete de celebração para nós na mansão. Não temos damas de companhia.

Podemos aproveitar.

Em pânico, dou um passo para trás, mas as asas dele me envolvem e me mantêm no lugar, obscurecendo tudo, exceto ele. É como se estivéssemos em uma caverna.

Sua pele é quase translúcida sob a luz tênue. — É hora de me deixar entrar, adorável Alyssa.

Antes que eu possa responder, ele tira a máscara e a joga na grama. O que eu pensava ser maquiagem em volta dos olhos são, na verdade marcas permanentes — como tatuagens, mas internas.

São pretas feito cílios postiços, com safiras em formato de lágrima rematando as extremidades pontudas. O efeito é lindo, mas um tanto macabro e circense. Não consigo resistir ao desejo de levantar a mão e tocar as lágrimas faiscantes. As joias lampejam por meio de um espectro de cores até não serem mais safiras azuis, mas topázios flamejantes — alaranjados e quentes. Seus cílios se fecham como que em êxtase por dois segundos.

Depois, seus olhos de tinta se abrem e me engolem inteira.

— *Não tenho idade.* — A voz dele ecoa dentro de mim, mas seus lábios não se movem. — *Posso usar a magia para imitar a idade que quiser. Usar este poder afeta a mente, o físico e a emoção dos intraterrenos. Nos tornamos a idade, de todos os modos.*

Então, em essência, a única infância que tive foi com você em seus sonhos. Abra sua memória e verá.

A canção ganha vida mais uma vez — o acalanto de Morfeu.

Desta vez, não coloco resistência. Envolver minhas lembranças nas notas

fluidas, permitindo que elas permeiem cada pensamento até...

Pedaços do meu passado são projetados feito filmes na tela negra de suas asas. Sou eu, recém-nascida, chorando no berço. Um cobertor de cetim me envolve — vermelho com acabamento branco.

Minha janela está aberta e uma brisa de verão agita as cortinas de ilhoses, movendo o móbile acima de minha cabeça. Cavalos balançam e bailarinas dançam sobre mim.

É a canção que me acordou. Não a música do móbile, mas a canção dele. A lua

brilha e ele está aqui, uma silhueta de mariposa pendurada na parte de fora da tela. Sua voz profunda penetra no quarto, soa suave e gentil:

— *Vermelha e branca, a florzinha, descansando a cabecinha; cresça e floresça, seja forte e espertinha, pois um dia você vai...*

Antes que eu possa finalizar o verso, sou jogada em outra memória. Esta é nebulosa, como se eu estivesse olhando por um vidro manchado. Percebo que é porque estou sonhando. Sou uma criança pequena, não mais de três anos, andando com um Morfeu de seis por uma praia escura e radiante.

Suas pequenas asas se dobram sobre nós para fazer sombra. Eu seguro sua mão,

maravilhada pelo espetáculo de brilho que se descortina diante de nós: uma árvore feita de joias. Morfeu se agacha para apontar o labirinto na base da árvore e então enrola suas mangas de renda para revelar uma marca igual em seu antebraço. Viro meu tornozelo, fazendo a conexão. Ele me ajuda a pressionar minha marca de nascença contra o tronco.

Quando o portão se abre, ele dá pulos e dança. — Temos as chaves! Temos as chaves! —

Sua pequena voz exclama em contentamento infantil. Dou risada, pulando atrás dele.

Depois, volto à minha casa dois anos mais tarde. É manhã de sábado e sou atraída até a porta de tela pela canção de Morfeu — agora tão familiar quanto os lençóis rosados da minha cama. O

perfume de uma tempestade de primavera atravessa a rede. Ele aguarda em forma de mariposa do outro lado. É nossa rotina: eu brinco com ele, meu amigo

de infância, em meus sonhos noturnos — explorando nosso mundo encantado nos lampejos que ele me proporciona —,

depois o vejo em intervalos durante o dia, como inseto. Mas seus ensinamentos já estão entranhados em minha cabeça, ganhando vida em uma sensação esvoaçante de confiança que me impele para encontrar uma saída.

Logo, estou dançando com a minha mariposa em nosso jardim. Mamãe me vê.

Correndo para fora, ela leva tesouras de podar longas e afiadas e corta pétalas de flores, gritando “*Vou cortar sua cabeça!*” Quando percebo o que ela quer realmente, um estranho desconforto me agita por dentro. Eu vi como as pétalas se esfrangalham perante as lâminas. Não quero que ela estrague as asas lindas da minha mariposa. Levanto as mãos para deter a tesoura. A mariposa escapa ilesa. Mas eu não tenho tanta sorte...

Saindo do transe, atiro-me ao chão e aperto as mãos doloridas contra o peito. As cicatrizes pulsam como se fossem recentes. Morfeu inclina-se sobre mim, afagando meu cabelo. — Eu lhe disse que você era especial, Alyssa — murmura ele, o peso de sua mão estranhamente confortando o algo de minha cabeça. — Ninguém jamais sangrou por mim.

A lealdade de uma criança por outra é imensurável. Você acreditou em mim, compartilhou novas experiências comigo, cresceu comigo. Isso conquistou minha sincera devoção.

Enfim, compreendo. A outra lembrança, a que presumi que fosse real durante todos esses anos, foi colorida pelo que meu pai pensava ter acontecido. Pelo que ele testemunhou quando olhou pela janela da cozinha, onde estava fazendo panquecas. Ele achou que eu estava dançando atrás de Alison, quando o tempo todo eu estava tentando proteger meu amigo.

Alguém que eu *pensava* ser meu amigo. Um amigo sai voando e deixa você sangrando e de coração partido?

Estou aos pedaços. Todas as revelações se misturam em minha mente, demais para assimilar. O

trauma que meu corpo enfrentou nas últimas horas cobra seu preço. Minhas contusões palpitam e meus membros parecem pesados como pedras.

Ainda de joelhos, inclino-me sobre as coxas de Morfeu — um apoio sólido. O couro frio de suas calças acomoda minha face. Fecho os olhos. Sim... já estive

aqui antes, abraçando-o em segurança.

A princípio, penso estar imaginando quando ele se curva para me receber em seus braços. Mas, quando o perfume de alcaçuz e a pele quente me envolvem, sei que é real.

— Você foi embora — acuso-o, me esforçando para ficar acordada. — Eu estava

ferida... e você me deixou.

— Um erro que eu juro pela magia de minha vida nunca cometer novamente.

—

Apesar de ele estar me abraçando, sua resposta parece distante. Mas a distância não importa; ele deu sua palavra.

Eu o lembrarei disso.

Meus olhos estão entrecerrados e vejo sombras se formarem sobre nós. Ou serão asas?

Por um momento, a preocupação com Jeb me volta à mente; depois, mergulho num

sono escuro e sem sonhos.

10

Mais e mais

curioso

Sinto-me quente... quente demais. Uma névoa azulada brilha e depois escurece —

como o sol refratando ondas. O fluxo da água goteja perto de mim, e ainda mais perto escuto o farfalhar de roupas.

— Jeb?

— Calma, amor. — Morfeu está sentado ao meu lado — a pele com aroma de

alcaçuz, o cabelo azul e selvagem, olhos tatuados com pontos de pedras preciosas. Agora me lembro. Ele me tirou do covil do cogumelo e me trouxe para cá. Acordei no meio do voo e desmaiei por causa do meu medo de altura, acordando novamente por um instante enquanto ele me arrumava em sua cama.

A névoa azulada é, na verdade, lençóis de água que caem da elegante cobertura ligada à estrutura da cama. Cortinas líquidas.

As asas de Morfeu cortam a queda de água e a desviam, mantendo-o seco. Cada vez que ele muda de posição, a cortina aquosa se move junto, como se fosse traçada uma espécie de barreira invisível entre ele e a água que cai.

Tento sentar, mas a pilha de cobertores é muito pesada. A claustrofobia faz meu coração pular.

— Morfeu? — Minha voz estala, seca e áspera, como se eu tivesse comido bolachas salgadas.

Deve ser de todas as lágrimas que engoli no oceano.

Ele está deitado ao meu lado no colchão, apoiado no cotovelo. Seus dedos percorrem os fios de cabelo platinado que se espalham sobre o travesseiro em torno de minha cabeça. — Você estava chorando enquanto dormia. Está sofrendo?

Faço um sinal positivo com a cabeça, procurando tirar minha mão de

debaixo dos cobertores para tocar minha garganta. — Jeb — murmuro.

Morfeu franze a cara. — Seu amigo está a salvo e descansando no quarto de hóspedes. O que significa que você é minha por enquanto. — Ele começa a afastar as cobertas.

O que parecia sufocante minutos atrás agora parece uma armadura sendo arrancada.

Não sei ao certo o que estou usando debaixo das cobertas, então me agarro ao último cobertor na altura da clavícula.

Morfeu inclina-se mais. Seu cabelo roça meu ombro à mostra, comichando com

suavidade. —

Florzinha tímida — sussurra ele, o hálito doce me envolvendo. — Nós simplesmente vamos misturar sua dor e fazê-la sumir.

Misturar... Não soa como algo que meu pai aprovaria. Nem Jeb, por sinal. Começo a empurrar Morfeu para trás, mas o cobertor escorrega pelo meu corpo a um sinal de seus dedos pálidos e elegantes. Me resta uma longa camisola champanhe de cetim com alcinhas.

Ela cobre todos os lugares certos, mas sinto-me exposta. Morfeu teve que me ver nua para vesti-la em mim. Cruzo os braços sobre o peito, com o rosto em flamas.

Ele sorri. — Não se preocupe. Minhas queridinhas a despiram. E levaram suas

roupas para serem queimadas.

— Queimadas? Mas... Eu não tenho mais nada...

— Agora fique em silêncio e não se mexa.

— Você mencionou um banquete. Não vou vestida assim de jeito nenhum.

—

Aperto os braços em torno de mim mesma.

Ele balança a cabeça e depois empurra a bainha da minha camisola até ela chegar ao tornozelo, deixando à mostra minha marca de nascença. Sento-me, prestes a puxar a perna, mas seus olhos escuros e profundos se voltam para os

meus. — Confie em mim.

A sensação palpitante em minha mente me incita a ouvir. Aqui neste lugar, onde não tenho mais o ruído das vozes me distraindo, posso escutar meus pensamentos com mais clareza pela primeira vez em anos. Posso compreender aquela palpitação em minha mente.

Essa sensação pulsante — sou eu.

Tenho outro lado, além da boa moça e da filha obediente, que é instintivo e selvagem.

É esse lado que escolhe confiar nele, apesar do nosso passado bizarro... Ou talvez por causa dele.

Enrolando a camisa até o cotovelo, Morfeu exhibe uma marca de nascença idêntica na parte interna do antebraço — da qual me recordo nos meus sonhos. Intrigada por nossa semelhança, seguro o pulso dele com uma mão, percorrendo as linhas com a outra. O

labirinto brilha sob meu toque. Sua expressão muda, e um ruído abafado lhe escapa da garganta — algo entre um ronronar e um rosnar. O

braço dele se retesa, como se fosse necessário muita concentração para não se mover enquanto sacio minha curiosidade.

Ele é uma contradição: magia contida pronta para entrar em ação, gentileza em guerra com a severidade, uma língua tão afiada quanto a ponta de um chicote, mas a pele tão macia que a sensação é a de que ele está envolvido em nuvens.

Sustentando seu olhar, lembro o que *misturar* significa. Tomo a atitude de pressionar nossas marcas de nascença uma contra a outra. A união produz calor, como quando Alison curou meu tornozelo e joelho, embora esta seja uma reação mais volátil. A calidez me ferve o corpo inteiro, deixando-me rubra da cabeça aos pés.

Morfeu me convida a deitar e abaixa a barra da camisola, e, em seguida, levanta o cobertor até o meu queixo. Ele coloca o chapéu na cabeça em certo ângulo. Suas asas se erguem quando ele levanta, e a cortina de água se eleva em um arco em torno dele.

— Não saia daqui até eu voltar com alguma coisa para sua garganta. — Sua voz tem um tom rústico que deixa meu corpo ainda mais quente.

Quando ele recua, a cortina de água se fecha, deixando-me sem visão para o exterior. No minuto em que ouço a porta da sala se fechar, apresso-me a sair das cobertas, pressiono minhas costas contra a cabeceira e recolho os joelhos para perto do queixo, tremendo ao sentir uma corrente de ar frio.

Fecho os olhos e penso naquela sensação — o pulsar de sua magia junto ao meu

dedo, sua pele junto à minha. Esfregando minha marca de nascença, livro-me da euforia.

Quanto mais me lembro de Morfeu e deste lugar, mais me esqueço de mim mesma...

Ou de quem eu achava que era.

Por que Alison não me contou? Se ela tivesse sido honesta, eu não estaria confusa deste jeito enquanto o Jeb está trancado em outro lugar.

A culpa me golpeia o coração. Ela estava tentando me proteger. Ela irá receber um tratamento de eletrochoque desnecessário se eu não quebrar a maldição e voltar depressa.

Instintivamente, estendo a mão na direção da cortina líquida e desejo que a água reaja a mim do modo como reagiu a Morfeu. Ela se ergue feito uma coisa viva,

deixando-me seca. Agarro um cobertor, amarro-o nos ombros, improvisando um manto, e atravesso num pulo, aterrissando em um tapete felpudo. Ainda sinto os músculos um pouco doloridos. Fora isso, nada mais me dói.

Giro o corpo sobre o calcanhar. A decoração da sala me parece ligeiramente familiar — selvagem e deslumbrante, assim como seu habitante. Não existem janelas nem espelhos. Uma luz suave e âmbar cai do gigantesco candelabro de cristal que ocupa grande parte do teto arredondado. Veludo dourado e roxo cobre as paredes, intercalado com ramos de hera, conchas do mar e plumas de pavão.

Uma série de prateleiras de cristal ocupam a parede à esquerda. Metade delas contém chapéus de todos os tipos e tamanhos decorados com mariposas mortas; a outra metade contém o que primeiro aparentam ser casinhas de boneca de vidro transparente.

Depois percebo que são terrários.

Dentro dos terrários, mariposas voam de um lado para o outro e se aninham em

folhas e ramos.

Teias espessas revestem os painéis de vidro em alguns pontos, parecidas com as teias no meu pesadelo de Alice. São casulos — lagartas se transformando em mariposas.

Ao ouvir a queda d'água, penso em como as asas de Morfeu cortaram o líquido e comparo a cena ao meu sonho no barco a remo, quando uma lâmina negra estava prestes a cortar a teia.

Não era uma lâmina.

Com um ruído, a porta se abre e eu me volto, com o coração aos pulos.

Morfeu atravessa a soleira da porta e nos fecha lá dentro. — Já levantou? E sem uma gota de água no corpo. — Ele traz uma bandeja com um bule de chá e xícaras de porcelana combinando. — Muito bem.

— Você. — Aponto o dedo trêmulo para os casulos. — O pesadelo que eu tenho há anos. Foi você que o colocou na minha mente, não foi?

Ele retesa a mandíbula enquanto coloca a bandeja sobre uma mesa de vidro. — Que pesadelos seriam esses? Eu não me conecto mentalmente com você desde que sua mãe foi internada... Ontem foi a primeira vez. — Ele serve chá em uma xícara. Ondas fumegantes preenchem a sala, espalhando notas de mel e frutas cítricas pelo ambiente.

— Eu sou Alice — digo — em busca da Lagarta. Eles vão cortar minha cabeça. Ele é o meu único aliado. — Esfrego o pescoço. — Espere, não. Tem também o Gato de Cheshire. Mas nenhum deles pode me ajudar. O Gato perdeu o corpo, e a Lagarta... — Olho para os recipientes de vidro. — É

você, preso dentro do casulo.

Morfeu atrapalha-se com a tampa do bule, provocando um ruído alto. Quando ele se volta para mim, seus olhos estão arregalados. — Você se lembra. Depois de todos esses anos, você ainda reteve os detalhes.

— Detalhes do quê? — Minhas pernas ficam bambas, e aperto o cobertor mais forte em volta do pescoço.

Morfeu aponta a cadeira ao lado dele. — Sente-se.

Como não me movo, ele pega minha mão e me conduz. Ele está usando

luvas

pretas, que lembram as luvas com as quais sonhei no barco. Estou prestes a comentar sobre isso quando ele me dá uma xícara.

— Tome um pouco de chá e vamos repassar a história.

Repassar?

Enquanto ele se serve de chá, tomo um gole do meu. O líquido quente e doce acalma minha garganta. Passo um dedo na mesa embaixo do pires. A superfície é um tabuleiro de xadrez, preto e prateado. Uma chapa de vidro o cobre para protegê-lo de gotas e arranhões. Peças em jade — peões, torres, cavalos e outras — estão distribuídas em um padrão incomum. Frases flutuam sobre três quadrados prateados, como por um passe de magia, em letras pequenas e brilhantes. Inclino-me para ler, pegando as palavras *oceano* e *mão*, e então Morfeu passa a luva sobre o vidro e as borra.

— O que era aquilo? — pergunto.

— É assim que fico a par de seu progresso.

— “Progresso.” Pode explicar melhor? — Tomo outro gole de chá.

Suas asas se estendem pelos dois lados de sua cadeira quando ele se senta diante de mim, colocando seu chapéu sobre a mesa. — Eu preferiria mostrar.

Ele retira uma pequena caixa de cobre de uma gaveta do seu lado da mesa. A tampa se abre e Morfeu a entorna. O conteúdo se espalha sobre o tabuleiro de xadrez, uma série de pequeninas peças de jogo. Estas também são de jade: uma lagarta fumando um narguilé, um gato com um sorriso arrojado, uma menininha de vestido e avental. Há outros personagens, também, todos familiares.

Morfeu e eu jogávamos com eles quando eu fazia minhas visitas durante o sono.

Estendo a mão para pegar o boneco de Alice e o levanto, correndo o dedo pelas linhas de seu avental. Com a parte externa em tom marmoreado com traços de verde, ela parece diferente das fotos — mais frágil. Preciosa e rara, como a pedra na qual ela foi esculpida.

Morfeu ergue sua xícara e me observa por sobre a borda enquanto bebe, e em seguida a repousa no pires, tilintando. — Ela sempre foi a sua favorita.

Fico ao mesmo tempo lisonjeada e assustada com a expressão de adoração

que

percorre o rosto dele. Uma confusão nostálgica invade meu peito. — Você me contava uma história com elas.

— Contava, sim. Ou melhor, nós a assistíamos.

— A assistíamos?

As joias sob seus olhos cintilam, mudando para um azul pacífico. — Como está se sentindo, Alyssa?

Intrigada com a pergunta, franzo a cara. — Bem. Por que pergunta? — Assim que termino de falar, a sala começa a girar, as peças de xadrez giram junto. Minha xícara de chá entorna e metade de seu conteúdo é atirado ao ar. Levo as duas mãos à garganta. — Você colocou alguma coisa na bebida...

— Estou só lavando o palato de sua mente. Você precisa estar relaxada e leve como uma pluma para canalizar sua magia nos estágios iniciais. Senão, ela virá em ataques e surtos e ficará incontrolável, como ficou no asilo. — A voz desincorporada de Morfeu flutua em volta de mim, e o candelabro pisca — do escuro para a luz, do escuro para a luz.

— Está dizendo que...? — *Não, não é possível.* — Eu estava controlando aquela magia? — Pensar que tive algo a ver com o quase sufocamento de Alison faz minhas entranhas tremerem.

— Fora de controle é mais apropriado — corrige Morfeu, zombando. — Você

estava consternada demais para fazê-la funcionar de modo adequado.

Esforço-me para encontrá-lo em meio ao caos, sentindo a necessidade de ver seu rosto para saber se ele está falando sério. — Mas como?

— No momento em que sua mente aceitou a possibilidade de que o País das

Maravilhas fosse real, ela liberou o vácuo de dúvida que a mantinha presa — explica ele, de algum lugar acima de mim. —

Agora, pare de pensar como humana. A lógica dos intraterrenos reside na nebulosa fronteira entre a razão e a loucura. Mergulhe nessa lógica, visualize as peças de xadrez ganhando vida; veja, e tudo será.

Cética, giro num círculo de antigravidade por tudo na sala: as prateleiras de vidro, os chapéus, a mesa e o tabuleiro de xadrez. A cortina de água da cama forma um funil em torno de nós, balançando e rodopiando, procurando não tocar

em nada. A estátua de Alice escorrega de minhas mãos enquanto tento manter o equilíbrio na sala que rodopia. Sem muita convicção, penso que ela pode me alcançar, pegar minha mão, mas ela sai do meu ângulo de visão.

— Era uma vez uma menina chamada Alice — conta Morfeu, com voz líquida e

calmante. Ainda não consigo vê-lo. — Ela era inocência, doçura, felicidade e luz. Talvez seu único defeito fosse ser muito...

— Curiosa — acrescento à fala dele, e, naquele instante, as peças de xadrez crescem até o tamanho de seres humanos. Esforço-me mais ainda para imaginá-los vivos: visualizar sangue correndo em seus corpos entalhados como riachos límpidos através das montanhas, imaginar seus pulmões se expandindo e enviando oxigênio aos corações pulsantes de pedra.

Concentro-me tanto que me assusto quando a Lagarta, com o narguilé fumegando

em uma das mãos, agarra meu punho. — Você se parece com uma menina que eu conhecia.

O nome dela começava com A. Quem sabe o seu também começa? — A fumaça esverdeada se estende com um lençol espesso e perfumado em torno de mim, combinando com o resplendor do jade.

O gato flutua ao nosso lado. Ele segura o lençol de fumaça e, usando suas garras feito tesouras, corta oito letras vaporosas para compor a palavra: *Alegoria*. Ele dispõe as letras feito um cordão de flocos de neve feitos de papel. O sorriso em sua face esverdeada se alarga.

— Ah — diz a Lagarta, com suas baforadas de tabaco formando nuvens em volta de nós —, ela é uma personagem figurativa. Ela irá jogar do meu lado, então, pois sou o acadêmico.

O gato balança a cabeça, e seu sorriso desaparece. Eles dão início a um cabo de guerra, me puxando de um lado para o outro. Eu grito ao sentir as articulações de meu braço estiradas ao limite.

— Me soltem!

— Não, não. As únicas coisas figurativas aqui são vocês dois, idiotas. — Morfeu liberta-me deles e em seguida envolve minha cintura com um braço e rouba o narguilé da Lagarta com o outro. — Agora, tomem seus lugares.

Ao ouvir isso, as peças animadas de xadrez descem com as outras pelo funil de água. Morfeu flutua para cima, para cima, na direção do enorme candelabro na abóbada do teto — a única parte da sala que ainda está estável. As lâmpadas são do nosso tamanho, e a altura estonteante me dá náuseas.

Passo os braços em volta do pescoço dele e enfio o rosto em seu peito macio enquanto ele nos acomoda sobre a peça de metal. — Isso não está acontecendo — digo.

Mas está, porque consigo lembrar que aconteceu antes, anos atrás.

— Reúna sua coragem. Olhe para baixo. Seu show está prestes a começar.

Balanço a cabeça e cerro os olhos. — Estamos muito altos... Isso faz meu estômago dar um nó.

Ele ri e dá uma tragada no narguilé, jogando a fumaça sobre mim, saturando-me daquele cheiro confortador. — É assim que você sabe que está viva, Alyssa. Os nós.

Antes que eu possa responder, uma batida alta me faz arriscar uma espiada.

O funil de água forma uma cortina, que se abre para revelar um palco. O quarto de Morfeu foi transformado. As peças de xadrez vivas dominam a cena, seus corpos de um verde leitoso vívido sobre um tabuleiro lustroso preto e prateado que se estende por todo o chão. Tudo está distribuído em um grande círculo que lembra um picadeiro.

O marido da rainha, o rei da Corte Vermelha, está espreguiçado sobre um trono de veludo. Outra mulher com vestimenta da realeza está de pé à sua direita, com laços carmim amarrados em cada um dos dedos. Ela tem laços nos dedos dos pés também. A mulher fica tentando silenciar as fitas, como se elas não parassem quietas. A Rainha Vermelha está na frente dos dois, presa com correntes. A tribuna de jurados, que é na verdade uma jaula cheia de tigres com dentes pontiagudos e focas com cabeça de bolha, está à direita. Guardas de cartas perfilam as paredes.

Sentada na cadeira de testemunhas está Alice, mexendo com a barra de seu vestido entalhado.

O Rábido Branco está atrás dela, com as antenas baixas e os ombros recolhidos, numa aparência cansada e triste. Seu casaco e suas botas são do mesmo tom marmóreo de sua cabeça tosquiada e brilhante. Uma estranha variedade de criaturas encontra-se sentada em arquibancadas de madeira e

petisca amendoim e pipoca. Até a Rainha Vermelha e seus cavaleiros élficos compareceram.

Uma criatura com cara de sapo está de pé atrás de um pódio, embora esteja vestida de modo mais parecido com um domador do que com um juiz. Ela bate um martelo. — A Corte Vermelha está agora em sessão! — Sua peruca emplumada se mexe. Só quando a criatura estica suas longas e finas pernas é que percebo que é uma cegonha. Depois de alisar suas penas de jade, ela volta a se acomodar no lugar e o juiz continua. — Rainha Vermelha, porque *Alice* entrou em nosso mundo através da toca do coelho, que fica na província Vermelha, e, porque a senhora falhou em capturá-la antes que ela desencadeasse suas travessuras sobre todo o País das Maravilhas, a senhora foi acusada de séria negligência e devastação por associação. Como se declara?

As asas da Rainha Vermelha pendem em suas costas. Ela olha para o rei e para a mulher com os laços. — Eu declaro preocupação temporária causada por um coração partido. Meu marido me largou para ficar com Grenadine... Eu estava muito aturdida com sua traição e não notei algo tão insignificante como uma criança mortal entre nós.

Murmúrios explodem da tribuna do júri. Grenadine olha com remorso para os laços nos pés. O rei fica inquieto no alto de suas almofadas de veludo.

— Quem deveria estar acorrentado é você — dispara a Rainha Vermelha para o

marido. — Não era suficiente que, antes de sua morte, meu pai tenha preferido ela a mim, uma pirralha amnésica que nem carrega seu sangue? Mas sua traição é muito pior. Minha simplória meia-irmã não consegue se lembrar em que dia estamos a menos que um de seus laços falantes lhe cochiche. Ela certamente não consegue lembrar-se de quem ela deve amar. Você é responsável por cortejá-la e distrair-me de meus deveres.

O juiz inclina-se sobre seu pódio, abraçando-o com suas mãos membranosas.
—

Talvez a senhora devesse ser grata ao seu marido real por pedir que esta corte renuncie à sentença mais severa. Se culpada a senhora for considerada, será exilada no deserto. É

preferível a que perder a cabeça, eu diria.

— E quanto àquela *Alice*? — A Rainha Vermelha lança um olhar corrosivo para a tribuna de testemunhas. — E a sentença dela?

O juiz aponta o martelo para Alice. — Ela escolheu ler sua confissão escrita em troca de ser enviada para casa com a promessa de nunca mais voltar e esquecer tudo o que viu aqui. — Ele faz um sinal com a cabeça para a criança, pedindo que ela fique de pé.

Inclino-me para a frente para ver melhor, tão interessada no resultado que não mais me importo com a altura em que estou, contando somente com o braço de Morfeu em torno de minha cintura para manter-me ancorada ao candelabro.

Alice faz uma mesura e tira um pedaço de papel do peitilho do avental. Ela tosse duas vezes, delicadamente, e lê em voz alta: — Talvez meu primeiro erro tenha sido quem escolhi para serem meus amigos. Ou foram eles que me escolheram? O gato sorridente e a lagarta fumante... Ah, eles urdiram planos tão bons!

Olho para Morfeu, que dá tragadas de fumaça e sorri com certo embaraço.

Abaixo de nós, o juiz agita o martelo, perturbando a cegonha que está sobre sua cabeça. Ela solta um cacarejo e arrebatada o martelo com seu bico. — Descrições dos planos, por favor! — pede o juiz, num guincho, lutando com o pássaro.

Alice pigarreia e respira fundo. — Colocamos um ponto-final no chá da tarde,

derramamos sopa sobre a duquesa para fazê-la espirrar a fim de roubarmos suas luvas e leque, deflagramos um oceano acidental e ajudamos um artesão faminto a enganar sua amiga morsa e roubar um bando de mariscos muito faladores, obrigada.

Vários membros bivalves da plateia atiram pipocas na testemunha e berram a palavra “Infame!”

Alice se esquiva da chuva de grãos agachando-se atrás da cadeira. O juiz — que conseguiu salvar seu martelo com a perda de sua peruca e de sua dignidade — acena para que ela fique de pé e ereta.

— Como você conseguiu se esconder no castelo da Rainha de Marfim?

— Eu não estava me escondendo, na verdade. O Gato de Cheshire e o Sr. Lagarta insistiram que eu visitasse a Rainha de Marfim e pedisse que ela me enviasse para casa, pois ela é mais agradável do que a Rainha Vermelha. — Alice volta um olhar penetrante na direção da Rainha Vermelha.

A rainha agrilhoadada ri desdenhosamente, e suas correntes se mexem como se estivessem vivas, quase agarrando o tornozelo de Alice antes de esta subir em sua cadeira.

Batendo o martelo, o juiz pede ordem. — O conselheiro real da Rainha Vermelha poderia dar um passo para a frente e apertar suas correntes?

Rábido Branco adianta-se para pegar os elos de metal e mantê-los esticados. — Continue — ordena o juiz.

Amassando suas mãos enluvadas, Alice desce da cadeira e recita o resto de sua confissão de memória. — Marfim parecia alegre por ter convidados. Na verdade, ela gostava muito do Sr.

Lagarta, que é garboso, em sua maneira de contrair o corpo. Quando eu estava me preparando para seguir os cavaleiros até o mais alto torreão do castelo, onde a porta para minha casa aguardava, chegou um convite da corte da Rainha Vermelha, uma partida de croqué. Mas era uma armadilha para que pudessem me aprisionar e me obrigar a fazer esta confissão no tribunal. — Ela faz mais uma reverência. — Peço sinceras desculpas pelos problemas que causei. Posso ir para casa agora?

— Nunca voltará para casa, seu polipozinho canceroso! — grita a Rainha Vermelha.

Eu quase não entendo o que acontece a seguir. As mãos do Rábido movem-se mais depressa do que um relâmpago, escorregando uma lâmina que, de modo mágico, corta os grilhões de metal da Rainha Vermelha. Isso acontece tão depressa que ninguém mais nota até que a rainha abre suas asas e agarra Alice pelos ombros, levantando-a no ar. A cegonha do juiz recolhe a lâmina do chão e segue a Rainha Vermelha, que sai pela porta da corte levando Alice, junto com todos os outros.

No instante em que eles saem, pressiono Morfeu. — Siga-os! — ordeno.

— Siga-os você mesma — diz ele, que em seguida me solta. Eu grito, sobressaltada, em pleno ar, meu estômago saindo pela garganta. Sinto uma comichão entre os ombros, como se alguma coisa estivesse tentando sair; e desaparece logo depois. À distância de poucos centímetros do chão, dou uma guinada e caio em minha cadeira, com a xícara de chá na mão. As peças de xadrez encontram-se espalhadas sobre a mesa, como se aquela encenação nunca tivesse acontecido.

Não caio nessa.

Morfeu está sentado à minha frente, girando a peça de xadrez da Rainha Vermelha enquanto meu estômago volta ao lugar.

— Como termina? — pergunto.

— Seu pesadelo sabe.

Coloco a figura de Alice sobre um quadrado preto. — A cegonha e a rainha lutaram suspensas no ar. Alice escapou e veio procurar você.

— Mas eu não podia fazer absolutamente nada por ela porque minha metamorfose

já havia começado. Fiquei trancado naquele casulo por 75 anos.

— Então como é que Alice venceu?

Morfeu rola a estátua da Rainha Vermelha pelo tabuleiro, derrubando Alice.
— Ela não venceu.

Como você sabe muito bem, sua linhagem foi amaldiçoada.

— E foi por isso que você me trouxe aqui.

Ele balança a cabeça, concordando. — Para libertar sua família e reabrir os portais que levam para casa, você deve reparar todos os danos que fizeram com que a Rainha Vermelha fosse exilada e perdesse a coroa: secar o mar, levar as luvas e o leque de volta para a duquesa, fazer as pazes com os mariscos e com os convidados do chá da tarde. Só você pode quebrar os elos mágicos da Vermelha.

Um silêncio pesado se segue, quebrado somente pelo som da cascata em torno da cama. Procuro a figura da lagarta, mas a mão de Morfeu prende a minha. O calor atravessa sua luva e me penetra os ossos.

Por um instante, vejo-o muito claramente como a criança provocadora que ele era quando passávamos tempo juntos em meus sonhos. Eu o compreendo agora, por que ele recolhia corpos de mariposas, por que suas asas representavam liberdade, algo que ele não tivera enquanto permaneceu trancado dentro de seu casulo... Por que ele adorava voar, principalmente durante tempestades, por que superar os relâmpagos lhe dava uma sensação de poder. Do mesmo modo, ele compreendia minhas esquisitices: meu medo de altura, minha sede de segurança. Só que agora ele é atormentado, sedutor e insondável. Um adulto completo com tanta bagagem quanto eu.

— É por isso que você está envolvido — murmuro, testando a hipótese. — Para

apacar sua consciência da culpa de ter falhado com Alice.

Sibilando, ele levanta, numa comoção de asas e couro. Uma lufada de ar causada pelo movimento faz esvoaçar meu cabelo. — Minha culpa pelo que aconteceu com Alice nunca será aplacada. — Ele arrebatou a figura do Gato de Cheshire e anda pelo tapete.

Apesar de sua altura impressionante, ele tem a graça de um cisne negro. — E não se iluda.

Não sou assim tão altruísta.

— Conheço você muito bem para pensar o contrário. — Levanto uma sobrancelha,

brindando com minha xícara de chá.

Ele me lança um olhar rápido, quase sorrindo. — Na luta com a cegonha, a

Vermelha conseguiu pegar a lâmina. Eu estava inatingível em meu casulo, mas Chessie estava lá. Ele mergulhou para salvar Alice antes que a Vermelha pudesse decapitá-la. Ele recebeu o golpe que era dirigido a ela.

— Morfeu equilibra a figura do gato na ponta de um dedo, colocando-a contra a luz.

— Chessie pertencia a uma estirpe rara: não parte espírito e parte carne, mas as duas ao mesmo tempo. Ele podia sumir e reaparecer em pleno ar e assumir qualquer forma. Um ser assim é quase impossível de matar. Quando a Vermelha o atingiu com a espada vorpai, a única lâmina que pode cortar qualquer magia no reino interior, ela fendeu sua magia em duas. Cortado ao meio, mas ainda vivo.

— Então ele não morreu? — Coloco minha xícara de lado.

— Não exatamente. Sua cabeça rolou na direção dos arbustos onde Alice estava

escondida. Ele conseguiu pegar a espada vorpai na boca e cuspiu-a aos pés dela. A parte inferior de Chessie foi capturada pela Rainha Vermelha e, num último ato de desafio, ela ofereceu-a ao seu animal de estimação, o bandersnatch, antes de ser capturada e expulsa do reino.

Morfeu sacode a caixa que antes continha as peças de xadrez. Dela cai a

maior figura de todas: uma criatura grotesca com garras de dragão e cauda de ferrões. Sua boca aberta e dentes pontiagudos fazem minha espinha se arrepiar. Quando eu era pequena, costumava esconder essa peça enquanto brincávamos com as outras.

Morfeu joga o gato no ar e deixa que ele caia sonoramente na palma de sua mão, apertando-o entre os dedos. — O que eu lhe ensinei sobre o bandersnatch? — pergunta ele, me testando.

— Ele é maior do que um caminhão. Engole a comida inteira para que a vítima se decomponha lentamente no vazio escuro de sua barriga — uma morte que pode levar mais de um século para se efetivar.

Aquela centelha de orgulho brilha novamente em mim. — Correto. Para Chessie,

que não pode morrer, é como estar exilado em uma ilha deserta, sem qualquer sol, lua nem estrelas. Nem vento e nem água. Só a morte a sua volta. Lá dentro, metade dele ainda reside, presa e ansiando reunir-se com sua cabeça.

Um lampejo de compaixão me toca o coração. — Você quer que eu ajude a libertar Chessie do bandersnatch para que ele possa encontrar sua cabeça.

Morfeu vira-se para olhar para mim, com as asas pensas. — Tudo o que preciso é da espada vorpal. Somente sua lâmina pode cortar o couro do bandersnatch. Alice escondeu a espada em um lugar que ela sabia ser seguro. Em algum lugar tão ridículo e mundano que ninguém a procuraria lá.

— O olhar dele cai sobre as figuras à minha frente e eu pego um personagem com um chapéu esquisito, que parece uma gaiola.

— O chá da tarde. O Chapeleiro Maluco está com ela — arrisco.

— Você esqueceu. Isso é estritamente um Carrolicismo — o nome que Lewis usou

em seu conto de ficção. Seu verdadeiro nome é Herman Chapelão. E não há nada de maluco nele. Ele é bem alegre, na verdade, *quando está acordado*.

Tamborilo com o dedo na cabeça da escultura, esperando uma explicação.

— Alice deixou os convidados do chá sob um feitiço de sono — continua Morfeu.

— Acorde-os e eles lhe dirão onde está a espada. Você já secou o mar e fez as pazes com os mariscos. Um convidado do banquete desta noite receberá as

luvas e o leque em nome da duquesa. Depois disso, consertar a situação dos convidados do chá será a única coisa ainda a fazer.

Parada diante da figura de Alice e pensativa, coloco a lagarta ao lado dela.

Morfeu volta para perto da mesa, solta o gato dentro da caixa de metal, então varre todos os outros personagens para dentro dela. Parado diante de mim, ele estende a mão. —

O que me diz, Alyssa?

Está disposta a me ajudar enquanto ajuda a si mesma? Um favor para um amigo de infância?

Quando eu e Jeb voltarmos para casa, posso dizer a Alison que o pesadelo finalmente terminou, que nunca mais estaremos ligadas ao País das Maravilhas. Imaginar o sorriso dela reacende uma chama em meu coração.

Respiro fundo, entrelaço meus dedos nos de Morfeu e o encaro. — Farei isso.

Ele levanta minha mão e aperta os lábios macios contra meus dedos. — Sempre

soube que o faria.

— Ele sorri, com suas joias cintilando em um tom prateado e luminoso.

Linguardarte

Aguardo em um corredor frio e espelhado com uma mesa de vidro e cadeiras como companhia. Jeb deve me encontrar aqui. Estou louca para vê-lo novamente, mas ao mesmo tempo estou apreensiva quanto à reação que ele terá ao saber de minha decisão de ajudar Morfeu sem discutir isso com ele antes.

Fecho os olhos, desorientada pelo movimento à minha volta. Espelhos perfilam

cada centímetro do teto e das paredes, até o chão. Figuras sombrias deslizam nos reflexos.

Em nosso mundo, os espelhos são feitos colocando-se uma camada de alumínio

sobre um vidro plano. Uma pessoa não pode ver nada além de seu reflexo. Aqui, posso ver sombras dentro deles, como se elas estivessem impressadas entre as camadas. Morfeu me disse que são espíritos de mariposas. Isso me faz pensar nos insetos que matei em casa.

Aparentemente, no País das Maravilhas, todos — ou todas as coisas — possuem

alma. O

cemitério é um lugar sagrado reverenciado por todos os intraterrenos. Ninguém pode pisar lá a não ser as guardiãs do lugar: as irmãs Twid.

Nas mãos das gêmeas, os mortos são cultivados: semeados, regados e mantidos

livres de ervas daninhas, como um jardim virtual de fantasmas. Uma irmã nutre as almas —

cantando para os recém-chegados e mantendo o contentamento da flora espiritual. A outra irmã arranca os espíritos decaídos que definharam e se tornaram amargos ou revoltados —

algo a ver com aprisioná-los dentro de outras formas para a eternidade.

As Irmãs Twid não estão muito satisfeitas com Morfeu neste momento porque ele se recusa a enviar suas mariposas mortas a elas. Ele prefere soltá-las para voarem livres em algum lugar entre a vida e a morte do que amarrá-las em

uma prisão de terra. Então, Morfeu as esconde dentro de seus espelhos.

Alguns podem considerar morbidez. Eu vejo um certo grau de ternura em seu

esforço para oferecer-lhes dignidade. A mesma ternura que vislumbrei em nosso passado, e antes, quando ele cuidou dos meus ferimentos.

A marca de nascença que tenho em meu tornozelo é universal para as criaturas do País das Maravilhas — chaves para seu mundo e um modo de curar uns aos outros —, além de ser uma parte da maldição dos Liddell. Eu ainda não sei por quê, quando mais velha, Alice perdeu a marca. Nem por que ela esqueceu o período em que habitou o mundo real, jurando que vivia em uma gaiola de pássaro em vez de ter casado e tido uma família. Mas pelo menos uma coisa está clara: faço parte deste reino até que consiga quebrar a maldição.

Botas pesadas ecoam pelo chão espelhado e eu olho para cima.

— Jeb! — Corro na direção dele. O chão é escorregadio e as botas que as fadas me deram possuem pouca tração. Escorrego. Jeb larga a mochila, dá um pulo para a frente e me pega.

Ele me puxa para cima até nossas testas se tocarem e meus pés ficarem pendurados no ar. Nunca deixo de ficar extasiada com a facilidade com que ele me levanta, como se eu não tivesse peso nenhum.

Afago seu rosto recém-barbeado e seu piercing — inspirando seu cheiro, me assegurando de que ele está bem.

— Ele tocou em você? Machucou você? — sussurra Jeb no silêncio.

— Não. Ele foi um cavalheiro.

Jeb franze a cara. — Cavalheiro, sei.

Dou um sorriso debochado, o que derrete sua seriedade e o faz sorrir. Ele me roda no ar. — Senti sua falta — diz ele.

Enfio o queixo em seu ombro largo e o abraço forte. Meu corpo está sedento e bebe seu calor como uma esponja. — Nunca mais me deixe, está bem? — Em qualquer outro momento, isso poderia soar um tanto piegas. Mas neste, é o pedido mais sincero que já fiz na vida.

— Não planejo — sussurra ele, com a boca tão próxima que seu hálito roça a

ponta de minha orelha.

Quando saio do abraço, ele está observando as silhuetas que correm em torno de nós.

— Gossamer me contou sobre elas — explica ele. — Não acreditei. O cara é fanático por mariposas.

Apoio meus antebraços em seus ombros, com os pés ainda balançando na altura das canelas dele.

— Você devia ver o quarto dele. Ele tem casinhas de vidro cheias de mariposas vivas. Ele as mantém lá dentro até elas saírem dos casulos. Quando estão fortes o bastante, ele as liberta.

— Ele levou você para o quarto dele? — Uma nuvem negra cobre o rosto de Jeb. —

Jura que ele não tentou nada?

— Palavra de escoteiro.

Ele aperta a minha cintura, me fazendo cócegas. — Só que você nunca foi escoteira.

Contraio o corpo e sorrio. — Não aconteceu nada. — É mentira. Morfeu me impressionou muito, mostrando-me um lado de mim mesma que mal posso acreditar que existe — e que não estou certa se Jeb será capaz de aceitar. Mas talvez ele não precise saber sobre os parafusos soltos em minha cabeça nem sobre meus poderes esquisitos. Talvez eu consiga esconder minhas tendências amaldiçoadas até sairmos daqui e eu me curar.

Dedos trançados em volta do pescoço de Jeb, puxo seu pequeno rabo de cavalo.

Para ajudar a nos encaixarmos no banquete, vamos ambos fantasiados. Ele será o cavaleiro élfico, então as fadas puxaram seu cabelo por sobre as orelhas para esconder as pontas redondas. Eu gosto assim. Sua mandíbula forte e traços expressivos ficam mais aparentes.

— Achei que elas iriam dar-lhe um chapéu — caçoo.

— Que nada. Eles são exclusivamente para vermes com asas.

Dou risada e empurro os ombros de Jeb, uma permissão implícita para ele me

colocar no chão.

Ele me pousa de pé. — Você está linda.

— Obrigada. — Eu não revelo que minhas roupas foram criação de Morfeu: uma

túnica pêsego estilo baby-doll sem mangas com sobreposições de babados que começam abaixo dos seios e vão até o meio da coxa. Os babados têm acabamento de renda vermelha, que complementa o cinto vermelho estilo sadomasoquista incrustado de cintilantes rubis que cinge minha cintura. Cinco robustos anéis de prata decoram o cinto, combinando com a blusa cinza sob minha túnica. As mangas bufantes da blusa cobrem meus braços até os pulsos, onde surgem luvas de renda vermelha sem dedos. Um legging listrado em cinza e pêsego cobre minhas pernas feito aquelas bengalas doces e desaparece dentro das botas de cano alto de veludo vermelho.

Todo esse conjunto é um esforço calculado para me fazer parecer selvagem e indomável, para que os excêntricos convidados do jantar sejam mais receptivos comigo.

Para esse fim, as fadas teceram frutas vermelhas e flores nos dreadlocks por toda a minha cabeça e depois enfiaram o grampo de cabelo dos tesouros de Alison encontrados na poltrona bem acima de minha têmpora esquerda. Por alguma razão, Morfeu insistiu que eu o usasse.

Aponto para o uniforme de cavaleiro élfico de Jeb. — Eu já vi isso antes. Essa cruz representa a elite dos elfos joalheiros. — As calças pretas envolvem suas pernas como jeans bem talhados. Há uma corrente prateada que entra e sai por duas presilhas do cinto, formando a ilusão de cinco cordões diferentes, e uma cruz feita de diamantes faiscantes na coxa esquerda. Percorro as joias com os dedos. — Você não é só um cavaleiro... É um dos acompanhantes reais.

Jeb detém minha mão sobre sua coxa musculosa. Seus olhos ficam mais intensos, como quando nos abraçamos no fundo do oceano.

Recolho minha mão e ele retesa o queixo.

Constrangida, concentro-me no resto de seu uniforme. A camisa tem mangas compridas e é feita de um material aderente. É prateada, com listras pretas verticais de tecido semitransparente. Procuo suas queimaduras de cigarro, ansiosa para vê-las, e noto que os poucos pelos de seu peito sumiram.

— Você raspou o peito?

Ele olha para as listras pretas. — Na verdade, não havia um espelho no meu aposento. Gossamer raspou depois que tomei banho, quando fez a minha barba. Ela disse que elfos não têm pelos em nenhum outro lugar além da cabeça.

Em nenhum lugar? Eu o imagino nu — Gossamer tocando seus músculos abdominais, entre outros lugares. — Aquela fada viu você nu?

Ele pigarreja. — Não foi só ela. Chegou uma hora que tinha umas trinta em cima de mim.

Um surto de ciúme me toma. Meus punhos se fecham. — Trinta fadas tocaram seu

corpo nu?

— Fique fria com relação às fadas, tá bom? Feijões-de-lima que voam não são

minha praia. Agora vem cá. Quero te mostrar uma coisa. Ele vira meu rosto para a parede espelhada e fica atrás de mim, com o queixo apoiado no alto de minha cabeça, e levanta as mãos para os dois lados do meu rosto.

— Repare nos seus olhos.

Minha imagem olha de volta, transposta sobre as sombras de mariposas. Notei a maquiagem assim que entrei no corredor. As fadas fizeram um trabalho incrível para que parecesse real. Sombra preta cai dos olhos como listras de tigre debaixo de meus cílios inferiores. As linhas lembram as tatuagens de Morfeu, só que em uma versão mais feminina.

— Você esteve assim o tempo todo. Eu notei quando saímos da toca do coelho.

Achei que sua maquiagem tinha manchado. Mas, depois do mar, você ainda estava com ela.

Eu não liguei as coisas até ver Morfeu sem máscara há alguns minutos. — Jeb faz uma pausa, e parece aborrecido. Ele esfrega os polegares nas bordas dos desenhos negros. —

Eles não desaparecem. E o brilho em toda a sua pele? Não são restos de sal. Você está começando a se parecer com os meus desenhos de fadas, de verdade.

Sentindo-me aturdida, enrosco os babados da minha túnica nos dedos. Isso

explica por que o octobenus achou que eu era intraterrena. — Por que você não disse nada?

— Nós estávamos muito ocupados com tudo aquilo acontecendo.

Volto-me para o meu reflexo. — Então, a maldição está ficando pior.

— Pior do que você pensa. — Jeb fica atrás de mim e passa as mãos por trás de meus ombros. —

Sua roupa tem fendas... Para as asas que vêm por aí?

Seus polegares calejados afagam a pele nua ao longo de minhas escápulas.
Não

consigo responder.

Pelo que vimos até agora, só alguns intraterrenos têm asas. A ideia de alguma coisa surgir de minha pele me deixa tonta. Na verdade, pensar nas mudanças que já sofri é o bastante para me fazer sentir como se eu estivesse rodando em um carrossel descontrolado.

A expressão carrancuda de Jeb se fixa sobre mim no reflexo. — Por que essa maldição só afeta as mulheres de sua família?

— Alice era do sexo feminino — respondo, ainda passando por um turbilhão por

causa da questão das asas. — Só alguém do sexo feminino pode arrumar a bagunça que ela fez.

— Bagunça — diz Jeb, franzindo a cara ainda mais. Agarrando meus braços com

delicadeza, ele me vira e olha dentro dos meus olhos. — Quando eu estava com as fadas, Gossamer mencionou o que você fez com o mar. Ela não chamou aquilo de arrumar a bagunça. Ela disse que foi um *teste*. E sabe o que é mais estranho ainda? Ela está ressentida que você tenha conseguido... Que você esteja aqui.

Alguma coisa não está batendo. Não vamos fazer mais nada para ajudar o mariposão até que ele abra o jogo conosco.

— Ele já me disse a verdade. Ele me disse os passos que tenho que percorrer.

—
Conto a Jeb o que vi no quarto de Morfeu, embora não tenha coragem suficiente para compartilhar detalhes sobre nosso momento de “mistura” e nem o show de marionetes do xadrez.

— Então, você simplesmente vai acreditar na palavra dele?

— Ele tem uma motivação nobre. Um amigo está em perigo.

— Pare de humanizar o sujeito, Al! — Jeb bate a mão na parede de espelhos. As sombras das mariposas afastam-se, assustadas. — Ele não é do nosso mundo, está bem? E

ele tem esse poder de entrar na sua cabeça. Fiquei olhando para você e para ele na clareira...

Você não pensa direito com ele por perto.

A acusação reaviva minha raiva com relação a Londres. — Então é isso que você quer dizer? Que eu não sou forte o bastante para pensar por mim mesma?

— É diferente. Olhe o que está acontecendo com você!

— Mas eu posso parar isso se fizer mais uma coisa. Só isso.

— Ah, é? Pelo que estou vendo, quanto mais você faz por ele, mas se parece com ele.

— Não. Você está errado. — Puxo uma de minhas tranças, desejando poder convencer a mim mesma tão facilmente quanto declamo essas palavras. Desejando poder negar que, quanto mais tempo fico aqui, mais fundo este lugar entra em meu sangue, ou que Morfeu é o torniquete que aperta as minha veias e retorce.

Jeb cerra os dentes com tanta força que sua mandíbula estala. — Não vamos discutir por causa disso, Al. É tudo o que ele quer. Não vou deixar que ele faça isso.

— Faça o quê?

Ele enrola o cabelo com que estou brincando em volta de seu pulso e me puxa para perto, inclinando a cabeça de modo que nossas testas se toquem. — Se colocar entre nós.

Meu corpo inteiro fica mole e quente com a brusca possessividade em sua voz, mas ele não tem esse direito. — Você esqueceu? Já existe alguém entre nós.

Você vai mudar para Londres com ela.

— Fui um idiota. E pensar, por um segundo, que estar do outro lado do oceano me daria algum controle.

Um nó ardente me aperta o peito e dou um passo para trás. — *Controle?* Sobre o quê? A minha vida? Cai na real, esquecidinho: não sou mais a sua “irmãzinha”. Já cansei de ser colocada na prateleira junto com todas as suas outras responsabilidades; em algum lugar entre cortar as unhas dos pés e trocar as meias sujas. — Eu o empurro para o lado e ando na direção da cadeira de vidro, determinada a esperar por Morfeu lá.

De repente, Jeb pega uma das argolas de meu cinto e me rodopia. Em um movimento suave, ele me coloca sobre a mesa estreita em forma de semicírculo. Minha pele treme sob seu toque quando ele me empurra contra a parede e enfia os quadris entre minhas coxas. Estamos nivelados, cara a cara. A sensação de agitação me toma a mente — e, na sombra de meu lado sombrio, uma descarga de satisfação me sobe, uma excitação perversa de saber que posso atizar as emoções dele até essa reação visceral.

Firmo as mãos contra seus ombros para manter um espaço entre nós, mas é pura

encenação. Meu blefe perde força e torna-se morno entusiasmo no instante em que ele pega meus pulsos e os puxa para baixo, aproximando-se ainda mais, de modo que nossos narizes quase se tocam.

— Cai na real você — rebate ele, com o hálito feito um jato quente na sala fria. —

Eu sei que você não é mais uma menina. Acha que sou cego? — Seus dedos se entrelaçam nos meus, prendendo meus braços contra os espelhos frios e lisos, de modo que nossos corações batem um contra o outro.

— E a esquecida aqui é você. Porque não há nada fraternal no que você me faz

sentir.

Minha mente se fecha. Eu devo ter engolido cada espírito de mariposa daqui até o fim do mundo.

Posso jurar que elas estão flanando no meu estômago.

Jeb solta meus dedos e pega meu rosto em suas mãos, quase sem me tocar,

como se eu fosse quebradiça. — Eu estou perdendo o controle sobre mim mesmo. Centenas de esboços e mesmo assim não me canso do seu rosto. — Ele passa o polegar sobre a covinha em meu queixo. — Seu pescoço.

— A palma de sua mão se move pela minha garganta. — Sua... — As duas mãos

encontram a minha cintura e me arrastam para fora da mesa para que fiquemos de pé um diante do outro. — Não vou perder mais um instante desenhando você — sussurra ele nos meus lábios — quando posso tocá-la.

— Ele pressiona sua boca contra a minha.

Uma fagulha, quente e elétrica, pula entre nós. Surpresa e excitação me transpassam, iluminada pelo calor e pelo sabor dele. Seis anos de desejos secretos. Seis anos negando que ele é a órbita do meu mundo.

E pensar que ele também viveu fugindo de mim.

Desorientada pela incredulidade e pelo prazer, me fecho. Meus braços pendem

frouxos ao lado do corpo, os punhos abrindo e fechando. A boca de Jeb vibra contra a minha em um gemido. Ele coloca minhas mãos em volta de seu pescoço, aproximando-se mais.

O sabor dele é incrível — como chocolate com sal. Familiar, embora novo e excitante. Aperto os dedos em seu pescoço. Os sentimentos que eu reprimia se desenrolam e batem dentro de mim como enguias elétricas, me dando choques e trazendo-me à vida.

Cada receptor sensorial vibra, hiperligado. Eu o saboreio, o inalo, o sinto.

Só ele.

Meus lábios seguem os dele, pulsando lentos, macios e quentes. Seu piercing arranha meu queixo, um contrapeso áspero e sensual.

Suas mãos guiam meu queixo, me mostrando como inclinar o rosto. Ele me incita a abrir os lábios com os dele. Minha língua percorre seus dentes, encontrando aquele incisivo torto antes que sua língua encontre a minha.

Talvez eu esteja respirando muito forte. Talvez eu esteja babando demais. Talvez eu não chegue aos pés das outras garotas com quem ele esteve. Mas não importa, porque, de todas as coisas que já vivi nesta jornada — encolher e

crescer, fadas voadoras, peças de xadrez com vida —, nenhuma é mais mágica do que este momento.

Seus beijos cedem e ele começa a esfregar o nariz pelo meu rosto e pescoço, carinhoso e pungente.

— Al — sussurra. — Seu sabor é tão doce... como madressilva.

— Não — murmuro, extasiada.

Ele se afasta com os olhos sérios e sombrios. — Quer que eu pare?

— Não. — *Eu tantas vezes adormeci rezando para que você me olhasse desse jeito.*

Me tocasse desse jeito. — Não parta meu coração.

Sombras de mariposas flutuam sobre ele no teto espelhado, me distraindo da seriedade de sua expressão. — Eu arrancaria o meu primeiro.

Acredito nele. Ficando na ponta dos pés, aperto seu rabo de cavalo. Desta vez, *eu* o beijo. Ele reage com um frêmito, os dedos me penetrando os quadris. Deslizo as mãos enluvadas para baixo a fim de encontrar seu peito, em busca das cicatrizes. Parando nas correntes em sua cintura, eu as seguro com força até o metal me ferir os dedos, depois nos coloco contra a parede. A friagem do espelho me penetra as escápulas, mas seu corpo perfeito contra o meu faz o meu sangue ferver, me consumindo.

Estamos os dois tão envolvidos que nenhum de nós ouve os passos até que um

grunhido nos separa. Viramos e encontramos Morfeu ali parado, com ódio suficiente em seus olhos escuros para mandar o diabo para o céu.

Jeb recolhe os dedos dos anéis em meu cinto, mas mantém uma mão nas minhas

costas. Eu toco meus lábios; eles vibram e estão sedentos, ansiando por mais.

— Ora, ora. Mas que cena acolhedora! — A voz de Morfeu não está fluida desta

vez. Ela arranha feito pregos enferrujados me tocando os tímpanos. Ele arranca suas luvas e bate-as contra a palma da mão, as asas caídas e arrastando no chão, como um manto. —

Talvez você possa devolver o batom a Alyssa. Não temos tempo de encontrar outro antes do jantar.

Jeb limpa meu brilho labial de sua boca. Eu lambo os lábios, atingida por uma inexplicável onda de culpa.

O acalanto de Morfeu toca suavemente em meu pensamento, melancólico e seco. As palavras da canção parecem ter sido alteradas para se adequar ao que ele sente: *Vermelha e pêssogo, a florzinha, Atraindo meninos com sua linda cabecinha;*

Provoque, jogue, seja dengosa e esperta,

Pois um dia o magoar, fique certa.

O acalanto fica mais amargo e alcança notas estridentes em meus ouvidos, fazendo-me retrair.

Com um grunhido que vem do fundo do peito, Morfeu vira-se para um espelho e

escova suas roupas com as luvas. Ele está usando uma camisa branca com babados sob um casaco vermelho de brocados que balança na altura das coxas. Ele é transpassado e tem botões de metal nas duas lapelas.

Suas calças lembram leggings — veludo amassado vermelho. Botas de cadarço

pretas que vão até a altura da canela. Ele poderia ser um Romeu saído diretamente da peça de Shakespeare, não fosse o cabelo azul e as asas.

Morfeu abre toda a envergadura das asas em seu completo esplendor. As joias nas pontas dos desenhos em seus olhos faíscam com sua irritação, de vermelho a verde. —

Você não sabe, cavaleiro élfico — ele se vira para nós — que é muito desfavorável para um guarda fazer uma proposta à sua inocente protegida?

Eu franzo a cara. E por acaso eu tenho a palavra *puritana* estampada na testa? —

Você não sabe nada sobre mim.

Morfeu torce a boca num sorriso irônico. — Talvez você estivesse somente

fingindo, então?

Ficando com as bochechas coradas feito um pêssego imaculado?

Jeb me arrasta para atrás de si. — Ela não vai falar sobre isso com você.

Morfeu bufa. — Um pouco tarde para cavalheirismos. Se alguém tivesse visto essa demonstração, sua máscara de cavaleiro teria terminado antes mesmo de começar. Você se esqueceu de informar a ele qual é a primeira ordem de um cavaleiro, queridinha? Manter as mãos e as emoções sob controle? — A atenção de Morfeu cai sobre seu ombro direito.

Gossamer está espiando por baixo de seu cabelo. Ela e Jeb trocam olhares.

O olhar de Morfeu volta-se para mim, cortante feito lâminas de ônix. Tudo que eu quero é me deleitar com a lembrança do meu primeiro beijo. Em vez disso, estou me culpando por ter traído um sujeito do reino interior que eu não via há anos, e, por alguma razão, a ideia de magoá-lo é insuportável.

Jeb retesa a postura. — Mudança de planos — afirma ele. — A Al não vai mais

ajudar você com esse joguinho, seja qual for. Você vai nos mandar de volta. Agora.

Morfeu levanta um lado da boca, desdenhando. Ele se dirige a Gossamer mais uma vez enquanto ainda olha para mim. — Parece que você estava errada. Você me disse que o mortal não representava uma ameaça. Talvez tenha subestimado o poder de sedução de nossa engenhosa Alyssa.

Gossamer observa seus próprios pés pequeninos. Suas asas batem devagar, como as de uma borboleta em repouso. — Achei que ele preferisse alguém...

— Shhh! Não pode revelar esse segredo! — grita Morfeu. O volume de sua voz faz Gossamer cair de seu poleiro. Ela flutua no ar com as mãos tampando as orelhas pontudas.

Morfeu leva um dedo à boca. — Leia meus lábios, fadinha tagarela. *Pegue.* A.

Maldita. Caixa. Já é hora de mostrar à nossa donzela e ao seu soldadinho de brinquedo que tipo de boas-vindas eles receberão se derem as costas ao seu único aliado.

Gossamer chispa para o corredor.

— E traga-me meu Chapéu da Lisonja! — Morfeu grita para ela. Seu

comando

ainda ecoa no ar quando ele dá uma volta sobre o calcanhar e se vira para nos observar.

Pretensioso, ele veste as luvas. — Há um problema com o seu pedido, pseudoelfo. Não posso simplesmente mandá-los de volta. E Alyssa sabe disso.

Jeb vira a cabeça para trás com olhar inquisidor.

— Nossa! — Morfeu bate a palma da mão no rosto, como se estivesse perplexo. —

Vocês estavam ocupados demais para falar de algo pertinente? Ou talvez nossa inocente donzela estivesse se sentindo culpada pelo dinheiro que ela “tomou emprestado” da bolsa da sua outra namorada, e você, sendo um nobre cavaleiro, decidiu confortá-la.

Jeb vira para mim. — Espere... Aquele dinheiro no estojo de lápis. Tae *realmente* deixou a bolsa na loja? Você roubou o dinheiro dela.

Morfeu inclina-se entre nós. — Bem, de que outra maneira Alyssa iria para Londres me procurar?

O olhar de Jeb fica imóvel, repleto de acusação. — Não acredito que você mentiu na minha cara.

Você roubou o dinheiro para comprar um passaporte falso e planejava ir para Londres.

— As duas coisas — diz Morfeu em tom provocativo, agora atrás de mim.

—

Mentirosa e ladra.

Aquele pedestal está escorregadio, não está, queridinha?

Dou-lhe uma cotovelada tão forte que suas asas farfalham. — Eu fiz o que tinha que ser feito para ajudar Alison — grito para Jeb, ignorando o sorriso convencido de Morfeu, que passa por mim. — Eu só tomei *emprestado*. Vou devolver.

Morfeu para ao lado de Jeb. — Nisso ela está certa. A motivação sempre justifica o crime. É a lei de nossa terra.

— Ouviu isso? — dispara Jeb, me trespassando com o desdém em sua voz.
— A

baratinha local te deu o selo de aprovação. E você ainda se pergunta por que não posso confiar que você ande por aí sozinha.

Uma pequena fogueira queima na base da minha garganta, uma necessidade irritante de me justificar que me invade feito ácido. — Eu tinha um plano.

— Ah, grande plano. — Jeb faz um gesto mostrando a sala à nossa volta.

— Eu não sabia que seria assim, Jeb!

Antes que Jeb possa responder, Morfeu se interpõe entre nós, agarrando cada um pelo ombro. —

Me desculpem, pombinhos — diz ele, recitando. — Mas, por mais que eu esteja

adorando, essa briguinha corre o risco de ofuscar minha grande revelação.

Ele aponta para a porta, onde Gossamer aguarda com outras trinta fadas. Cinco delas carregam uma cartola vermelha com uma larga faixa preta ostentando uma pluma de pavão. Um cordão de corpos iridescentes de mariposas azuis decora a aba, feito uma guirlanda.

As outras fadas trazem uma sacola preta pesada demais para ser erguida, então elas a arrastam pelo chão.

— Todos os convidados já chegaram, mestre — avisa Gossamer, em um trinado.

Ela e suas companheiras depositam a cartola no alto da cabeça de Morfeu enquanto as outras deixam a sacola ao lado de nossa mochila.

— Sirva os aperitivos e peça à harpa que toque alguma coisa. — Morfeu ajusta o ângulo do chapéu. As mariposas mortas tremem com o movimento, como se lutassem para escapar. — Não demoraremos.

Gossamer aquiesce e segue as outras, olhando para trás mais uma vez antes de

adentrar o corredor ao lado.

Morfeu pega a sacola. Ao caminhar na direção da mesa de vidro, suas asas acetinadas roçam minha bota esquerda. Uma vibração penetra pela minha marca de nascença e sobe pela canela, indo parar na minha coxa, quente e excitante. Fazendo uma careta, escorrego a perna para trás e dou um tapa na bota para aliviar a sensação. Jeb me observa com olhar desaprovador.

Morfeu abre a sacola e vemos uma caixa de chapéu alta e prateada decorada com veludo branco.

Nunca vi nada assim, nem mesmo nos meus sonhos. A curiosidade me atrai até a

mesa.

Morfeu indica a cadeira, desempenhando mais uma vez o papel de anfitrião cavalheiro.

— Vou ficar de pé — murmuro. Gostaria de deixar seus olhos negros ainda mais

negros por ter provocado minha briga com Jeb só para se vingar do beijo. Mas estou estranhamente intrigada que ele se importe o suficiente para ter ciúmes, é verdade.

Jeb se acomoda atrás de mim e aperta meus ombros — ainda meu protetor, mesmo

quando está bravo. Recosto-me em seu corpo quente, em gratidão.

Morfeu lança um olhar desgostoso para nós e depois arrasta a caixa para o centro da mesa. Na verdade, ela é feita de peltre. Rosas de veludo branco cobrem os lados, e entalhes se enrodilham no alto da tampa, em alguma língua arcaica. Quanto mais eu olho para as palavras, mais legíveis elas se tornam. Será mais uma manifestação da maldição dos Liddell, que esta língua me venha naturalmente?

— Hora das apresentações — diz Morfeu, abrindo a tampa um segundo antes que

eu possa compreender a primeira sentença.

Um fluido escuro e oleoso se move dentro da caixa. Uma folha de vidro sobre o topo mantém o líquido lá dentro. Morfeu dá uma sacudidela no conteúdo e um objeto esbranquiçado vem à tona.

Ele me lembra uma Bola 8 Mágica que vi uma vez em um bazar. A bola de plástico preta continha uma janela. Um fluido azul preenchia o interior, e um dado branco emergia até a janela, marcado com frases em cada um dos lados. Você só tinha que fazer uma pergunta para a bola, rodá-la nas mãos e depois virá-la para cima. Sua resposta aparecia na janela escrita no dado... E ia de *bem provável* até *pergunte novamente depois*.

Só que este objeto flutuante é quase do tamanho de um melão e tem formato oval.

Fios grossos e esbranquiçados rodopiam lá dentro. Morfeu agita novamente a caixa. O

globo gira e revela um rosto.

É uma cabeça!

Com um ganido, controlo a bile que me sobe até a garganta.

Jeb solta um palavrão e tenta me virar para ele, mas não consigo deixar de olhar para ela. O

líquido deve ter algum tipo de formol. Por que Morfeu teria uma cabeça conservada em uma caixa de peltre?

— Acorde, minha bela — sussurra Morfeu, com suavidade forçada. Eu observo,

mortificada, ele bater levemente no vidro, percorrendo os cílios fechados e cristalizados daquele rosto. Quando os olhos se abrem, quase caio para trás.

A coisa está viva.

Percebo que conheço aquela imagem, da encenação com as peças de xadrez. É a

Rainha de Marfim, ainda mais linda do que sua cópia em jade, delicada e alva como a luz da lua. Marcas parecidas com tatuagem perfilam as duas têmporas, em uma rede de veias, como se asas de libélulas tivessem sido transferidas para um carimbo e depois para a pele.

Seus olhos são de um azul tão claro que quase não têm cor; longos cílios se curvam para cima a cada piscada. Eles são iguais a suas sobrancelhas, prateados e cristalinos, como se fossem revestidos de gelo. Nos contornos externos, duas linhas pretas mergulham até as maçãs do rosto e terminam em forma de lágrima; é como se ela chorasse tinta. Lábios de um rosa pálido — curvos e belos como um coração — abrem-se num sorriso adorador quando seu olhar cai sobre Morfeu. Ela tenta falar.

Morfeu se inclina, passando carinhosamente a mão enluvada sobre seu rosto encerrado. Ela tenta falar mais uma vez, mas não pode ser ouvida através do

líquido e do vidro.

Jeb e eu ficamos ali parados, presos em nosso próprio silêncio.

Morfeu quebra a quietude. — Esta é uma caixa linguardarte. Ela pode conter um ser inteiro em seu interior, embora só o rosto apareça. Você já ouviu a frase “Cortem-lhe as cabeças”, do livro que carrega?

Olho para as minhas mãos enluvadas, pensando em minhas cicatrizes. O livro não é o único lugar em que vi essas palavras, e Morfeu sabe disso. Seria isso que Alison quis dizer quando mencionou que não queria que eu perdesse a cabeça?

— Bem, esta é a origem dessa frase — termina Morfeu. — A pequena Alice a

tomou muito literalmente. Isso costumava ser uma punição comum aqui no País das Maravilhas. Mas agora é considerada uma barbárie. É pior do que qualquer prisão, pois seu ocupante pode ser visto, mas não ouvido. Sua fala fica trancada aqui.

A caixa treme sob as mãos de Morfeu. A expressão da rainha muda de adoradora a desesperada.

Ela se debate com força, e bolhas chegam à superfície. Seu cabelo enrodilha-se feito plantas marinhas albinas. Morfeu envolve a caixa nos braços numa tentativa de impedir que caia da mesa.

Quando sua boca se estica em um grito mudo, ele fecha a tampa. O rosto de Morfeu fica lívido e ele guarda a caixa na sacola antes que eu possa olhar a inscrição novamente.

Esticando as mangas por sobre as luvas com dedos trêmulos, ele suspira. — Eu não queria perturbá-la. Ela fica em paz quando está sozinha. Mas, se não for libertada logo, todas as suas lembranças se perderão para sempre.

— Você se importa com ela — digo com um inesperado quê de inveja. Nas minhas

lembranças há muito perdidas de quando éramos pequenos, só havia nós dois. Nós nos entendíamos em todos os níveis. Morfeu me fazia sentir adorada, especial, importante.

Nunca imaginei que ele pudesse fazer o mesmo por outra pessoa quando crescesse e se tornasse um homem. — Morfeu, o que ela representa para você?

Ele não responde. Não em voz alta, pelo menos. Sua expressão é nebulosa e perturbada, e as joias em torno de seus olhos mudam de prateadas para pretas, como estrelas perscrutando o céu em uma noite de tempestade. A confissão de Alice no tribunal me vem à mente. “*Marfim, na verdade, gostava muito do Sr. Lagarta.*” Julgando pelo modo como Morfeu olhou para a rainha agora, por como ela o olhou, ele voltou ao castelo depois de sua metamorfose.

Imagino seus dedos elegantes correndo pela pele dela, seus lábios macios junto aos dela. Aquela pontada de inveja evolui para algo muito mais feio — uma cobiçosa mudança de emoção que não consigo nem nomear. O que há de errado comigo? Por que eu me importaria com a vida amorosa de Morfeu, quando finalmente beijei Jeb depois de tantos anos?

As asas de Morfeu se estendem e voltam a fechar. A obscuridade que permeia seus traços dá lugar à raiva reprimida. — Neste reino, os espelhos são portas. Mas o corredor no qual estamos leva somente a outras partes do País das Maravilhas. As portas que levam ao seu mundo estão dentro dos castelos Branco e Vermelho e estão ligadas às rainhas. O portal da Rainha de Marfim está congelado por causa do estado dela e permanecerá assim até que ela seja libertada pela pessoa que a colocou nesta caixa. Isso nos deixa somente o portal da Rainha Vermelha. Creio que vocês já conheceram o Rábido Branco.

Engulo seco e faço um sinal afirmativo com a cabeça.

— Então sabem como serão bem recebidos na província Vermelha. Pisem lá e

poderão terminar em uma caixa igual a esta.

Uma imagem minha e de Jeb trancados em meio a um líquido escuro me passa pela cabeça. Jeb deve ter sentido o meu arrepio, porque apertou mais forte os meus ombros. —

E quem colocou a Rainha de Marfim aí dentro? — pergunta ele.

Morfeu tira o chapéu e o coloca ao lado da sacola, deixando seu cabelo um emaranhado azul brilhante. — Depois que a Rainha Vermelha foi exilada para a floresta, nunca mais foi vista. Sua meia-irmã, Grenadine, desposou o rei e tornou-se rainha. Uma mulher por demais negligente para ostentar uma coroa. E agora o rei quer dar-lhe duas. — Morfeu fisga uma tiara de diamantes fulgurantes na sacola. — Tenho um espião no castelo Vermelho. Quando a Corte Branca veio até mim trazendo a notícia do destino de Marfim, há algumas

semanas, enviei ordens para que meu contato roubasse a caixa linguardarte.

Estou abrigando Marfim aqui, junto com sua coroa, para mantê-las a salvo de Grenadine e do Rei Vermelho. Se eles controlarem o portal Vermelho e o Branco, vocês nunca voltarão para casa. — Ele volta a guardar a tiara. — Tudo será resolvido quando Alyssa encontrar a espada vorpal. Ela é a arma mais poderosa do País das Maravilhas. Posso usá-la para forçá-los a libertar a Marfim. O portal dela será então aberto a vocês.

Jeb olha diretamente para Morfeu. — Deixe-me ver se entendi direito. Você nos atraiu para cá com a promessa de salvar a mãe de Ali, sabendo o tempo todo que não teríamos como voltar para casa antes de libertarmos sua namorada esquisita.

Morfeu levanta um dedo. — Como estamos esclarecendo os fatos, não devemos

esquecer que *você* nunca foi convidado, para começo de conversa. Se isso for demais para sua delicada constituição, escória mortal, poderá permanecer trancado em segurança no meu quarto de hóspedes até que tudo termine.

— Eu vou aonde a Al vai, insetão. E só para seu conhecimento, se alguma coisa acontecer com ela, vou espetar você pelas asas numa prancha de cortiça e usá-lo para treinar dardos.

O confronto entre Jeb e Morfeu é só um ruído de fundo. Estou aqui para quebrar a maldição por Alison — só isso importa.

Só que eu nunca deveria ter metido Jeb nisso. Se eu pudesse voltar no tempo...

Algo que as flores zumbis disseram me cutuca a memória. Algo sobre o tempo

andando para trás no País das Maravilhas. O que elas queriam dizer com isso? Obviamente, não é uma verdade literal.

O tempo tem andado para a frente desde a visita de Alice, ou as coisas não estariam neste estado.

Um sentimento de urgência me arrebatava. Alison irá para o eletrochoque na segunda-feira. —

Preciso chegar nesse chá da tarde e acordar os convidados.

Jeb olha para mim. — E como vai fazer isso? Dando um beijo mágico no seu chapeleiro de meia-tigela?

Morfeu coloca o chapéu na cabeça e o inclina. — Meia-tigela? As habilidades de Herman Chapelão são excepcionais. Ninguém faz chapéus como ele. E quanto a dar um beijo para acordá-lo?

Conto de fadas errado, Príncipe Encantado. Mas eu lhe asseguro — Morfeu roça o polegar na minha têmpora —, nossa queridinha aqui vai nos brindar com um "viveram felizes para sempre".

Jeb agarra o pulso de Morfeu no ar. Seus olhares se encontram.

— Sem tocar — Jeb rosna.

Morfeu dá um puxão e liberta a mão. — Nossos convidados sabem por que Alyssa está aqui.

Como eles sentem falta de suas excursões ao reino humano, estão dispostos a recebê-la na esperança de poderem voltar a ter acesso ao portal branco. Mas, se eles perceberem em você um estranho que chegou sem ser convidado, não serão tão amáveis.

Para a sua própria preservação, você deve ser convincente como um cavaleiro élfico. Estes têm temperamento estável e imparcial. É hora de fingir que possui essas virtudes.

Sinto a tensão no ar enquanto Jeb luta para conter sua irritação. Os dois se enfrentam, encarando-se.

Meto um braço entre eles. — Não temos que ir ao banquete?

Franzindo a testa, Morfeu tira as luvas brancas de Alice de seu casaco. A grama e a sujeira foram lavadas. — Vamos precisar do leque de renda. — Ele dirige o comando a Jeb, que se detém como se fosse dar-lhe um soco. Agarro o seu cotovelo — um apelo silencioso.

Jeb segue pelo corredor a fim de pegar a mochila.

Morfeu e eu analisamos um ao outro num silêncio perturbador. Não consigo decidir o que me perturba mais: meus traços intraterrenos cada vez mais evidentes... A urgência por causa do tratamento de Alison... A caixa linguardarte... Por que Morfeu parece se importar que eu beije Jeb se está

envolvido com outra pessoa... Ou, pior ainda, por que me perturba saber de seu amor pela Rainha de Marfim.

Os pensamentos se espalham à minha volta feito vidro quebrado quando Jeb retorna.

Morfeu enfia o leque em sua lapela junto com as luvas. — Deixem a bagagem aqui.

Se algo sair errado durante o jantar, venham imediatamente para este corredor. Ele é isolado... Praticamente impossível de encontrar a menos que se conheça a entrada secreta.

Gossamer providenciará que vocês sejam enviados para o chá caso tenhamos convidados inesperados.

— Convidados inesperados? — pergunto.

— Convidados com intenção maliciosa ou assassina. Você é, afinal, uma fugitiva da Corte Vermelha. — Morfeu esfrega as mãos como se apreciase a ideia de confusão. —

Estou faminto.

Vamos ao banquete.

O banquete

das bestas

Listras brancas e pretas cobrem as paredes da sala de jantar, que não possui janelas.

Não consigo definir com precisão onde terminam as paredes e começa o chão ou o teto.

É quase tão desorientador quanto os espíritos de mariposas que vi há pouco. Até a comprida mesa de jantar e as cadeiras da sala são pintadas de modo a combinar e criar um efeito de camuflagem. Os convidados parecem estar flutuando no lugar sobre um pano de fundo listrado. Sinto-me perdida, mas estranhamente em casa, como uma pulga que decidiu residir em uma zebra.

Um candelabro gigante instalado no teto abobadado ilumina os arredores com faixas de luz dançante. Atravesso a soleira com Morfeu ao meu lado direito, minha mão curvada sobre a sua. Jeb está dois passos atrás, à minha esquerda. No código élfico, é indecoroso para um cavaleiro ter qualquer interação com sua protegida, exceto para proteger sua vida, caso seja necessário. Não podemos nos tocar, não podemos trocar olhares, não podemos nem nos dirigir a palavra, ou nosso disfarce cairá por terra.

— Sua atenção, por favor. — Morfeu fala aos convidados. Gossamer espia por

debaixo de seu cabelo novamente, e a harpa que toca sozinha emudece, junto com o tagarelar dos convidados. — A Senhorita Alyssa, do Outro Reino. — Ele se vira para mim e estende meu braço. — Estes são os solitários de nossa espécie, nascidos na Corte Vermelha ou na Branca. Nós, os selvagens e rudes do País das Maravilhas, lhe damos as boas-vindas ao Banquete das Bestas.

Minha mão aperta a dele enquanto os convidados olham fixamente para mim, com

comida pingando de seus focinhos.

Reunida em volta da longa mesa está uma mixórdia de criaturas, algumas vestidas, outras nuas.

Embora variem em tamanho e gênero, elas são todas mais bestiais do que

humanoides. Uma parece um ouriço, com espinhos e tudo, só que tem a cara de um pardal.

Ela deve ser tímida, porque se enrola em uma bola quando entramos, e depois quica para baixo da mesa. Uma mulher cor-de-rosa com pescoço do comprimento de um flamingo abaixa-se e cutuca o ouriço com a cabeça, mandando a bola de debaixo da mesa para o outro lado da sala.

Há mais criaturas: algumas com asas; algumas são parte sapo e parte planta, com trepadeiras saindo de sua pele; outras são carecas como focas, com corpos de primatas e cabeças lanudas de carneiros.

A única coisa que todos têm em comum é o interesse por mim. Sou o ponto focal de mais de cinquenta pares de olhos.

Alguns murmúrios quebram o silêncio.

— É ela...

— É igualzinha, sim.

— Ouvi dizer que ela secou o mar com uma esponja. Uma esponja! Astuta e criativa.

Todos eles sabem sobre minha relação com Alice e o que vim fazer aqui. Potencial para um épico fracasso.

Meu nervoso se junta ao fedor de comida, pelos de animais e almíscar. Tudo na sala gira. Jeb está atrás de mim. Eu sei que, se eu desmaiar, ele irá me pegar. Também sei que, se desmaiar, estragarei tudo. Tenho que ficar forte para Alison. Então, me recomponho e meu olhar passa de uma cara estranha para outra, curiosa para saber qual criatura veio coletar o leque e as luvas em nome da duquesa.

Morfeu me conduz até a mesa e puxa uma cadeira à direita da sua, à cabeceira. Há um enorme malho apoiado ao lado da perna da mesa, e um debaixo de cada cadeira de nossa fileira. Ele me acomoda ao lado de uma criaturinha crespa que parece um furão albino usando um capacete de beisebol preto na cabeça, embora seus olhos serpentinos e língua bifurcada a privem de qualquer graça.

Jeb assume seu lugar atrás de mim, fora de alcance. Morfeu fica de pé ao lado de sua cadeira e faz uma reverência com o chapéu para os convidados, asas pretas arqueadas.

— Me desculpem pelo atraso. Mas, olhando o lado bom, nosso anjo vingador finalmente chegou. Então, que comece a comemoração!

Depois de uma salva de palmas de nossos convidados, Morfeu passa seu chapéu

para Gossamer e várias outras fadas. Elas o penduram no braço da cadeira enquanto Morfeu se senta, dobrando as asas sobre as costas feito um manto. Gossamer se aninha em seu ombro e todos os outros voltam a se acomodar, com um ranger de madeira e o farfalhar de pelos e tecidos. O falatório recomeça, junto com os ruídos de goladas, garfadas e sorvos.

— Prove um pouquinho, querida. — Morfeu aponta para o meu prato. Em seguida,

vira-se para ter uma conversa animada com um animal verde parecido com um porco que está sentado à sua esquerda, na minha frente. O porco está vestindo um terno cinza com listras e punhos de pele. Suas mangas são compridas, mas mal cobrem suas garras de lagosta. Ele sorri, e eu recuo ao ver seus dentes — pretos e redondos como grãos de pimenta.

No meu prato, uma porção de peixinhos dourados no centro, arfando.

— Pisca? — o furão ao meu lado diz com voz de flauta. Ele aponta o dedo com

garras para os peixes.

— Temos que comer os peixes crus? — pergunto a ele. — Nunca fui muito fã de

sushi.

— Sue-she? — pergunta ele.

— Deixa pra lá. — Meu olhar passa dos peixes para ele, agradecida pela distração.

— Então seu nome é Pisca?

Ele inclina a cabeça, o capacete brilhante cintilando conforme ele aponta para os esqueletos de peixes em seu prato. — Pisca.

Nauseada, olho novamente para meu próprio jantar pululante.

Seus olhos de peixe saltam das órbitas, olhando diretamente para mim. Pena

e

repulsa viram meu estômago. Não consigo nem imaginar minhas enguias de estimação fora da água e incapazes de respirar. Será que as mariposas e insetos que uso nos mosaicos sofrem assim quando morrem? Por que nunca me preocupei em perguntar?

— Pisca — repete a criatura ao meu lado. Ela levanta uma colher de prata quase do seu próprio tamanho, fica de pé na cadeira e passa a golpear vários dos meus peixes na cabeça, matando-os. — Pisca eles, entendeu? — Sua língua bifurcada lambe seus lábios.

— Ah, não! Por favor... — Num impulso, pego minha taça e jogo o líquido para que os outros peixes que continuam vivos possam voltar a respirar. A mistura se esvai rapidamente, revestindo os peixes com uma camada farinhenta que cheira a suco de maçã e canela. Desesperada, resgato os peixes sufocados da sujeira, limpando a gosma com as unhas e sujando o tecido de minhas luvas.

Todos estão me olhando novamente, mas estou muito indignada para dar importância.

— O que é isso? — desabafo para Morfeu.

Os olhos dele faíscam. — De onde você vem não se coloca areia na sidra? — Ele sorri afetadamente. Lembro-me de ver aquele mesmo sorriso nos sonhos quando criança, que costumava significar que estávamos prestes a fazer algo ousado e divertido. Mas agora há um quê de malícia por trás dele. O que poderia ter acontecido para transformá-lo de menino brincalhão no homem perturbado que ele é hoje?

— Prefere experimentar o vinho? — pergunta ele.

Na outra ponta da mesa, os intraterrenos primatas recolhem garrafas de vinho que flutuam no ar, e prendem tufo de lã de suas cabeças de carneiro nos gargalos para fazê-las descer. Depois, passam o vinho aos outros para brindar.

Franzindo o nariz, recuso a oferta.

— Ah, pobre e delicada flor. — Morfeu pega um guardanapo e toma minha mão

direita com delicadeza. — Vamos limpá-la. — Gossamer aparece flutuando sobre a mesa ao lado da minha mão direita e ajuda, com rispidez desnecessária, dando puxões nas minhas luvas e beliscando minhas juntas enquanto ri de mim.

Em contraste, Morfeu retira suavemente a mistura arenosa de meus dedos.

Faíscas de calor surgem do contato.

Há calor atrás de mim, também, e vem do olhar de Jeb. Não preciso ver, eu sinto.

Ele alertou Morfeu para que não me tocasse durante o banquete.

— Uma pena que estivéssemos tão ocupados no Corredor dos Espelhos e acabamos

perdendo a entrada — diz Morfeu, olhando para Jeb de soslaio. — Você teria adorado a sopa de aranhas, já que é tão adepta a ferir insetos.

Eu me contraio.

— Pena maior ainda — ele se inclina e sussurra bem baixinho para que só eu possa ouvir — que você desperdice seus beijos com um homem que fantasia com outras

mulheres. A pequena Gossamer pode ver a mente dos outros enquanto dormem. A linda jovem que povoa os sonhos de Jeb não é você. O interessante é que ele agora escolhe agir em nome de “sentimentos ocultos”. Justo aqui, longe de todos, quando ele quer tão desesperadamente dissuadi-la de sua missão.

Uma sombra penetrante me atravessa o peito, cortando-me como uma faca.

— Ah, mas é claro que ele é sincero — Morfeu continua a provocar. — Ele nunca escondeu nada de você. Sempre foi sincero.

A mudança de Jeb para Londres com Taelor toma minha mente, deixando-me tão

sombria quanto as nuvens escuras por trás dos olhos do nosso anfitrião.

Observando minha reação, Morfeu sorri. — Sim. Um homem que nunca mente

nunca partirá seu coração. — Plantando um beijo no alto de minha luva, ele joga fora o guardanapo e me solta.

Gossamer me encara com fúria e voa de volta para o ombro dele.

Lágrimas me brotam nos olhos. Me controlo para que elas não caiam, mas não

consigo comandar a dor que me toma o estômago. Morfeu deve estar certo. Jeb nunca mencionou nutrir sentimentos por mim na nossa vida real. Lá, ele ainda está com Taelor e ainda sonha com ela.

Morfeu fica de pé e recoloca o chapéu na cabeça, tratando de negócios. — Chega de brincarmos com essas migalhas insossas. Garçons, tragam o prato principal!

Algun movimento ao longo das paredes propicia uma distração momentânea da dor em meu coração. É como se pedaços do reboco ganhassem pernas. Só quando eles se desprendem de seus lugares e se esgueiram para uma das salas adjacentes é que percebo que são um bando de camaleões do tamanho de seres humanos, com ventosas nos dedos.

Quando os lagartos listrados retornam, com os olhos salientes girando em todas as direções, trazem uma travessa decorada com frutas secas e algo que lembra um pato. Está depenado e assado, mas ainda mantém a cabeça intacta. Um cheiro quente de ervas me pinica o nariz. Pelo menos está cozido.

— Posso apresentar a todos o prato principal? — Morfeu estende um braço com um gesto dramático. — Jantar, conheça seus dignos adversários: os convidados famintos.

Minha língua vira uma lixa quando os olhos do pássaro se abrem, e ele se esforça para ficar sobre os pés palmados, trôpego, a carne marrom e brilhando cheia de temperos e óleo. Ele tem um sino pendurado no pescoço que tilinta quando o pato se curva para cumprimentar a todos.

Isso não pode estar acontecendo.

Cada nervo do meu corpo se eriça, pedindo que eu me una a Jeb. Mas não posso.

Morfeu arrasta o pesado malho que está ao lado de sua cadeira e o bate na mesa, como o martelo de um juiz. — Agora que todos se conhecem, que comece a pancadaria.

Gossamer decola do ombro de Morfeu e sai da sala com as outras fadas quando

explode a confusão em massa. Todos os convidados ficam de pé, com os malhos na mão, prontos para caçar o pato que chocalha.

Ele é surpreendentemente ágil e se esquivava, fazendo manobras em meio às travessas, pratos e prataria.

— O que você está fazendo? — pergunto a Morfeu. — Eu nunca vi nada tão selvagem!

— Selvagem? — O porco verde bufa em resposta. — Você age como se fôssemos

um bando de animais. — Seus dentes de pimenta formam um sorriso desdenhoso.

— Pare de pensar com a cabeça, Alyssa. — Morfeu inclina-se sobre a mesa, seu

cabelo azul balançando na altura dos ombros. — Pense com isto. — Ele coloca um dedo acima do meu umbigo.

É bom que Jeb não consiga ver desse ângulo, ou ele quebraria a mão de Morfeu.

— Com o estômago? — Eu mal consigo enunciar a pergunta.

— Com suas entranhas. Instinto. A parte mais profunda de você sabe que é assim —

ele aponta o caos à nossa volta — que deve ser. Aquela mesma parte de você que a fez me procurar e atravessar o espelho. A mesma parte que lhe deu o poder de animar seu mosaico.

As palavras dele me remetem de volta àquele momento no meu corredor quando as patas dos grilos mortos começaram a chutar e as contas de vidro brilharam. Ele está dizendo que a magia da minha maldição fez aquilo também?

— Você compreende a lógica que está além do ilógico, Alyssa. É da sua natureza encontrar tranquilidade em meio à loucura. E é isso o que estamos fazendo aqui. Estamos dando à nossa comida uma chance de resistir. — Ele pisca para mim. — Agora, se nos desculpar, meu camarada e eu temos algumas bordoadas a dar. — Ele e o porco deixam a mesa. Morfeu se inclina para que suas cabeças fiquem na mesma altura enquanto eles se dirigem ao outro extremo da sala.

— Pisca! — grita o furão branco. Ele sobe na mesa com a colher nas mãos e acaba sendo atropelado pelo pato assado. Aparo meu amigo peludo antes que ele caia de cabeça no chão. Sua colher bate com força no piso, ao lado de seu

capacete. Sem o capacete, seu escalpo pelado fica exposto — a pele é tão fina que seu cérebro fica à mostra. Ele não tem crânio.

Ele se aninha no meu colo. — Datum. Muito datum, meu anjo! — Olhos cor-de-rosa em forma de contas me estudam, suaves de mórbida adoração. Fico tão cativada com a estranheza da criatura que não percebo a multidão que vem em nossa direção, brandindo seus malhos numa corrida caótica pelo prêmio.

Jeb puxa minha cadeira da mesa para me salvar de ser martelada, enquanto o furão se agarra na minha túnica com obstinação. Em seguida, Jeb se esquiva para o canto, ficando à minha frente, numa diagonal, mantendo distância. A expressão dele é de esforço para não fazer contato visual.

— Conhecem as regrassss! — Um lobo sinuoso sibila ao dar uma tacada, quase

acertando o pato quando ele se choca com uma travessa. — O primeiro a acertar é o primeiro a trincar!

Um uivo horripilante quebra o caos quando alguém arranca uma perna do pato. Ele consegue sair se arrastando enquanto vários dos perseguidores roem a coxa arrancada.

O pato sobe em uma garrafa de vinho que flutua e ganha o ar, rindo em delírio.

Arrancando e atirando pedaços da própria carne, ele incita os outros a tentarem pegá-lo.

Ele *quer* ser comido.

Uma pontada doentia convulsiona minha barriga, provocada pela excitação da caça.

Minhas pernas se contraem no desejo de pular. Reprimo o impulso.

Todas as criaturas capazes de voar o seguem com os malhos em punho, flutuando sobre os outros.

Os presos ao solo se descolam apressadamente para cima da mesa ou correm pelo chão, tropeçando em pratos e cadeiras na esperança de que alguém abata o prato principal e ele caia.

Tapo a minha boca para abafar um grito ou riso histérico. Poderia ser qualquer um dos dois a esta altura. Estou começando a apreciar a loucura.

Isso não é bom. Não mesmo.

Meu novo amigo furão acaricia meus dedos, as almofadas de suas patinhas cor-de-rosa macias contra a minha pele.

— Sã fique, anjinho — consola sua voz de flauta. — Sã e agradável. Escolha e

cante. Seja sorrisos reais para mim. — Ele ri, os dentes afiados brilhando à luz do candelabro. Seus caninos são longos como as presas de uma serpente.

Sinto meu instinto aguçado e faço o que Morfeu sugeriu — sigo-o. Faço cócegas na orelha esquerda da criatura, como faria com um bicho de estimação. Ele ronrona em resposta.

Me desligo de tudo — da perseguição ao jantar, da loucura no riso e nos gritos dos animados convidados, da carinhosa e peluda criatura no meu colo — quando vejo Morfeu passar o leque e as luvas para o porco.

Em troca, o porco passa para Morfeu um pequeno saco branco amarrado com uma

fita preta.

Depois, o porco recolhe seu malho e vai correndo juntar-se à festa, que fora parar na cozinha. O

ruído de potes e panelas na outra sala ecoa com força no repentino silêncio da abandonada sala de jantar.

Tenho um sobressalto quando o furão me agarra o rosto. — Seja doce, anjinho. —

Ele lambe meu queixo com sua língua bifurcada e fria e depois pula para o chão, arrebatando sua colher e seu capacete. — Pisca. Pé-de-vento e fora! — Com isso, ele recoloca o capacete e ruma para a cozinha.

Assim que ele desaparece, somente Jeb, Morfeu e eu ficamos no recinto. Livres de olhos curiosos, olho para Jeb da minha cadeira e ele me olha do outro lado, sem nenhum de nós se mexer.

Uma estranha pressão começa a penetrar no meu queixo onde a língua serpentina do furão deixou uma marca molhada. Ela penetra na minha pele e serpenteia até a minha boca, quente e fria ao mesmo tempo. Sinto seu gosto — amargo e doce, como um doce feito de lágrimas.

A sensação não para por aí. Ela flui para dentro da minha garganta, depois para meu peito, beliscando com uma tristeza profunda. No princípio, fico triste por mim e Jeb, por como ainda temos tantas coisas a acertar. Depois, fico triste por Alison e papai, e os anos juntos que perderam. Fico triste pela Rainha Vermelha e seu coração partido, e pela Rainha de Marfim, que sempre sofreu em silêncio, agora trancada sozinha na prisão daquela caixa.

A tristeza vai aumentando, como se toda a dor do mundo convergisse para um só ponto logo acima de meu coração. Quero chorar... Quero tanto que chego a ficar sem ar.

Jeb corre até mim, agachando-se aos meu pés. — Al, está tudo bem. Já passou. —

Ele sente minha testa. — Você está tão fria. Diga algo, por favor.

Não consigo responder por medo de começar a chorar de modo incontrolável.

— Ela está ficando azul! — Jeb grita para Morfeu. — Aquele furão esquisito fez alguma coisa com ela!

— Não, não. Não fique histérico, pseudoelfo. — Morfeu joga o chapéu sobre uma cadeira e junta-se a nós. Ele se inclina sobre mim. Jeb, relutante, se afasta alguns centímetros para dar-lhe espaço.

Morfeu levanta meu queixo e inclina meu rosto para um lado e para o outro, como um médico realizando um *check-up*. — Tem sorte de ele ter gostado de você, queridinha.

Os intraterrenos Mustela são conhecidos por seu temperamento, e têm o veneno de mil vespas em uma mordida de seus caninos. Suas cabeças são frágeis e vulneráveis. Se você o tivesse tocado em outro lugar além das orelhas, ele teria tomado isso como uma ameaça.

Você estaria se contorcendo no chão neste momento, sufocando em sua última e

excruciante respiração.

Tento falar, mas não consigo. A tristeza vai ficando cada vez maior. Cada batida de meu coração esgota meu peito feito uma sanguessuga. Quero escorregar para o chão, enrodilhar-me em mim mesma e chorar para sempre. Mas estou congelada no lugar.

— Você a acomodou ao lado daquela coisa de propósito, não foi? — pergunta Jeb, ou melhor, grita. — Para puni-la por ter me beijado! Seu miserável filho da... — Ele ataca Morfeu, girando-o e envolvendo-o em suas asas, e pressionando-o contra o tampo da mesa.

Pratos e utensílios tremem com o impacto. Com o antebraço apertado contra a laringe de nosso anfitrião, Jeb o mantém preso.

— Conserte isso. *Agora*.

— Não há nada para consertar. Foi um presente dele. — Morfeu grunhe quando o

braço de Jeb aperta sua garganta. Ele tenta se libertar, mas Jeb o embrulhou tão fortemente em suas asas que ele não consegue se mover. — Se você me deixar sair — balbucia ele por entre os dentes — eu mostrarei.

Rosnando, Jeb se afasta e cai de joelhos ao meu lado novamente, tomando minha mão mole. Ele entrelaça meus dedos nos dele. — Vamos, menina do skate. Fique comigo, está bem? Haja o que houver dentro de você, não deixe que vença.

A preocupação que tensiona os traços de Jeb deixa o meu peito ainda mais pesado e me sufoca.

Ele precisa que eu responda. Mas se eu abrir a boca para responder, vou chorar sem parar até nada mais restar de mim.

— Dê-me um pouco de espaço. — Morfeu agacha e Jeb se afasta, mantendo nossos

dedos entrelaçados. Morfeu coloca um guardanapo de pano perto do meu rosto. — Deixe que saia, querida.

Eu sei que parece um dique prestes a desmoronar, mas eu lhe asseguro que basta uma lágrima e você se sentirá bem.

Não é possível. Uma lágrima nunca será suficiente. Eu me dobro. Um grito agudo irrompe de minha garganta, tão profundo que fere minhas cordas vocais e esvazia meu abdômen. O grito termina em um soluço. E, então, uma única lágrima me rola pelo lado esquerdo do rosto.

De repente, sou eu mesma novamente. Aperto a mão de Jeb.

Morfeu embrulha no guardanapo o que parece ser uma bola de gude de vidro transparente, embora seja macia e maleável, como aquelas bolinhas de óleo

para banho. —

Isto é seu.

— Esta é a minha lágrima? — pergunto.

— É um desejo. Seu novo amiguinho tem o dom da invocação. Eles só concedem

um na vida, e ele escolheu você. Eu o mantereí em segurança por enquanto. Você ainda não está pronta para lidar com tanto poder. — Enfiando o guardanapo no casaco, nosso anfitrião começa a se levantar, mas Jeb agarra seu ombro e o mantém ajoelhado.

— Nada disso. Você vai dar isso para ela agora. Dê a ela e ela poderá usá-lo para nos mandar para casa.

Morfeu liberta-se. — E deixar a maldição continuar? Além disso, temo que não seja assim tão simples. Porque isto aqui pode ser usado por ela, e só para ela. Ela deve ser o sujeito do desejo, pois foi ela que o chorou. Ninguém mais pode se aproveitar deste poder.

Então, ela não pode levá-lo para casa. Se querem voltar, os portais são sua única chance.

Jeb e eu trocamos caretas.

— Terei outros desejos — sugiro.

Morfeu ri. — Ah, mas é claro que sim. Como fez Alice. Ela pediu uma infinita

variedade de desejos. Depois, as lágrimas não paravam de sair. Foi assim que o oceano nasceu, para começo de conversa. Nós quase nunca conseguimos parar essa fonte. Se você tentar ser mais esperta do que a magia, há sempre um preço a ser pago. — Morfeu coloca-se de pé.

Eu agarro o seu pulso. — Você me fez sentar ao lado dele por alguma razão. Você queria que eu produzisse esse desejo. Por quê?

Em silêncio, ele afrouxa o nó da gravata em seu pescoço, num gesto de relaxamento, mas sustenta meu olhar. O lado esquerdo de sua boca se curva num meio sorriso.

— Ei... — Jeb ergue nossas mãos unidas e aperta o polegar contra meu esterno para chamar minha atenção. Meu coração começa a bater com a pressão,

lembrando de suas carícias no corredor espelhado. — Você estava ficando azul, Al. Aquela cobra-furão podia ter matado você fácil, fácil.

Esse miserável arriscou sua vida só para se divertir. Ele não tinha nenhum motivo nobre.

— Os intraterrenos Mustela são excepcionais juízes de caráter — explica Morfeu, entoando. — Eu sabia que Alyssa estaria à altura. Tenho certeza absoluta de que ela pode defender a si mesma. Você, por outro lado, não parece compreender esse conceito.

Jeb me ajuda a levantar da cadeira e me puxa para um abraço. É bom estar em seus braços, mesmo estando incerta quanto aos seus motivos.

Nosso anfitrião coloca o chapéu no lugar. — Ainda bem que não comi nada, ou

ficaria nauseado com tal demonstração.

Jeb beija minha testa para provocar Morfeu. Eu me afasto, porque quero que ele me beije porque deseja.

— O porco. — Provoco uma mudança de assunto na conversa; não estou a fim de

bancar a juíza para nenhuma de suas briguinhas.

— Sim — Morfeu responde sem quebrar sua carranca de enfrentamento para Jeb.

— O porco é, na verdade, um diabrete nascido da duquesa.

Alguns pedaços da história de Lewis Carroll se encaixam. Alguém estava fazendo uma sopa para a duquesa com muitos temperos. Era por isso que o leque e as luvas cheiravam a pimenta. E ela teve um bebê que se tornou um porco — Então, o que ele lhe deu em troca das luvas e do leque?

Morfeu levanta o saco branco. — A chave para acordar Herman Chapelão no chá da tarde; gratuitamente. — Ele a entrega a mim, e Jeb começa a desatar a fita.

O dedo de Morfeu se põe sobre o laço. — É melhor não fazer isso. É a pimenta-do-reino mais poderosa e cara neste lado do reino interior. E só há o bastante para uma dose.

Jeb franze a testa. — Pimenta-do-reino. Que tipo de mágica barata é essa?

Antes que Morfeu possa responder, uma horda de fadas invade a sala de jantar, voando pela porta principal.

— Mestre, temos companhia — grita Gossamer. — Má companhia!

— Vão — diz Morfeu para Jeb, inclinando-se para pegar um malho.

Jeb enfia o saco de pimenta dentro do bolso e depois pega minha mão. Só demos dois passos na direção da saída secreta quando um baralho de cartas — cada uma completa com seis perninhas e bracinhos — marcha pela porta principal. Os guardas de cartas continuam chegando até cobrirem todas as paredes.

Olhando mais de perto, estes guardas de cartas têm cara de insetos com antenas tremelicantes, e seus dorsos finos como papel são, na verdade, conchas achatadas, salientes nas bordas e pintadas de vermelho e preto para lembrar naipes de cartas. Com seus membros estranhamente unidos e bocas perfurantes entrecruzadas nas mandíbulas, eles parecem mais insetos do que cartas.

Todos esses anos venho matando insetos e agora o carma está aqui para me fazer pagar, em naipes espadas.

Os insetos se dividem em naipes: cinco copas e cinco paus de um lado e cinco

espadas e cinco ouros do outro, com o Rábido Branco no centro. As fadas, pequeninas e indefesas, olham a situação de lá de cima, reunidas em volta do candelabro.

Um colete vermelho com luvas combinando pende da estrutura miúda e esquelética do Rábido. Em uma mão ele segura uma corneta e na outra um pergaminho enrolado. Ele entorta a cabeça com antenas para produzir três notas soprando o instrumento. Depois, com um estalido do pulso e um chacoalhar de ossos, o Rábido abre o pergaminho.

— Alyssa Gardner, da corte humana, é chamada diante da Rainha Grenadine, da

Corte Vermelha.

— Seus olhos cintilantes e cor-de-rosa se erguem, fixando-se em mim. Sou tomada por uma onda de terror.

Jeb e Morfeu se colocam na minha frente. Dane-se aquela história de defender a mim mesma...

— Ela não vai a lugar algum com você, *Rábido*. — Morfeu levanta seu malho.

— Caso contrário, diz a Rainha Grenadine. — Espuma lambuza a boca de Rábido, e seus olhos brilham como brasas acesas, vermelhos de fogo. — Caso contrário, seu exército assume o comando.

Diante do sinal dele, as cartas contra a parede se unem e dão um salto em nossa direção, como se controladas por uma mão invisível.

As fadas mergulham de lá de cima, tentando interferir. Morfeu abre as asas ao máximo para proteger a mim e a Jeb do ataque. Lanças atingem suas asas, esticando-as, mas sem trespassá-las.

Estico as mãos sobre as costas de Morfeu, absorvendo o choque quando seus músculos se retesam a cada golpe do malho. Seus grunhidos se sobrepõem ao barulho dos guardas, caindo no chão.

— Saiam daqui! — grita ele por sobre os ombros, ao nos conduzir de costas até a saída secreta para a sala espelhada, ainda usando as asas como barreira.

Jeb agarra meu cotovelo e me arrasta para a porta.

— Não! — Me debato. — Não podemos deixá-lo lutar sozinho. São muitos!

Cerrando os dentes, Jeb me arrebatava para o seu ombro. — Ele está se saindo bem. E

você é mais importante. — Seu braço aperta minhas coxas, minha cabeça e meu torso ficam pendurados de cabeça para baixo em suas costas. A escadaria sinuosa de mármore preto passa por baixo de mim, e o sangue desce para a minha cabeça.

Fecho os olhos com força, ouvindo a batalha na sala de jantar ficar cada vez mais longínqua.

A lembrança de como Morfeu e eu brincávamos em nossa infância, do modo como

ele curou meus ferimentos hoje, o som de seu lindo acalanto — tudo isso ferve em mim, num caldo confuso de emoção. Penso no desejo enfiado em seu casaco... O desejo que ele queria me dar, por alguma razão.

Se eu o tivesse agora, desejaria estar na sala de jantar ajudando Morfeu a lutar.

Estou prestes a tentar fugir quando ouço o som de potes e panelas.

— Pisca! Pisca todos eles!

Em seguida, ouço uma série de guinchos e rugidos — as mesmas vozes bestiais que ouvi na festa.

As bestas voltaram de sua caçada, e Morfeu não está mais lutando sozinho.

Jeb e eu nos esgueiramos pela passagem secreta que leva a outro lance de escadas.

Em pouco tempo estaremos tão distantes que o único som será o das suas botas pisando no chão espelhado.

— Pode me colocar no chão agora — resmungo.

— Eu não sei. É muito mais fácil salvar sua pele quando ela está pendurada no meu ombro.

— Você não precisa me salvar.

Jeb solta um riso sarcástico. — Não tenho muita escolha se você se joga em situações perigosas nessa sua cruzada. Agora você vem e nos coloca no meio de uma guerra mágica.

Eu bato nele. Bem no meio das escápulas.

— Ei... — Ele coloca meus pés no chão, de modo que ficamos olhando um para o

outro enquanto ele esfrega as costas. Apesar de sua careta, Jeb parece impressionado.

Meus dedos estão latejando. O sujeito poderia colocar uma pedra nessa história de vergonha. —

Eu já me sinto mal o bastante por ter arrastado você para dentro disto, está bem? Se eu pudesse fazer tudo de novo, você não estaria aqui. — Relaxo os dedos. Gossamer ainda não veio para abrir a porta no espelho, e uma urgência em chegar ao chá da tarde se instaura em mim.

Jeb levanta meus dedos e aperta os lábios contra eles. — Eu ainda desejaria estar aqui com você, mesmo se tivéssemos uma segunda oportunidade. Mas, se quisermos sair desta, você precisa parar de acreditar no homem-mariposa como se ele fosse algum tipo de santo.

— O nome dele é *Morfeu*. — Sinto um nó na garganta quando penso no que está acontecendo três andares abaixo. — Você acha que ele está perdendo? Acha que vão machucá-lo?

— Por que tanta preocupação com ele?

— Eu cresci com ele. Eu me importo.

— Não faz sentido. Isso foi nos seus sonhos. A amizade de vocês não era real.

— Parece real. Porque ele acredita em mim. Ele me deixa arriscar e aprender com isso. É algo que um amigo faz. — Cerrando os dentes, olho para Jeb.

A expressão dele fica tristonha, como se uma sombra o encobrisse. — Então, só porque o esquisitão alimenta seu ego, você está disposta a ignorar todas as mentiras dele?

Ele não disse a verdade sobre nada desde que nós chegamos.

— Então ele combina bem com você, visto que são dois mentirosos. — Odeio a

acusação na minha voz, mas não consigo contê-la. Separo nossas mãos, percebendo o saco sobre a mesa; o que continha a caixa linguardarte. — Por que ela ainda está aqui?

Fazendo uma careta, Jeb aproxima-se de mim enquanto desembrulho a caixa. —

Deve ser o lugar mais seguro. Você não deveria mexer com isso.

— Quero dar mais uma olhada na inscrição. — Eu queria olhar para a rainha de

novo. O que ela tem que deixa Morfeu tão encantado?

Jeb cobre a tampa com a palma da mão. — Sabe, você não pode simplesmente

chamar as pessoas de mentirosas e deixar por isso mesmo. Talvez eu não tenha sido honesto em relação a Londres. Mas você também mentiu.

Os espíritos de mariposas deslizam em minha visão periférica, como se acompanhassem minha pulsação acelerada. — Não sobre os meus

sentimentos. Você esperou até chegarmos aqui para assumir sua suposta atração por mim. De volta ao mundo real, onde vale mesmo, você escolheu a Taelor.

Ele me força a encará-lo, empurrando a caixa de chapéu para o fundo da mesa. —

De onde veio isso? Aquela baratona andou nadando dentro de sua mente novamente?

— Não. Mas Gossamer viu a sua quando você estava desmaiado. E ela viu que você sonhava com outra moça. Quando você me beijou... Foi só para me convencer a desistir e ir para casa, para você poder voltar para a Tae.

— O quê? — Os dedos dele são quentes e fortes, e eu os sinto através das mangas.

— O sonho que eu tive foi com Jen e mamãe. Estou preocupado com elas.

— Tá bom — digo, querendo ser convencida, mas ainda não completamente.

Ele se afasta e anda até o outro lado do corredor, mudo e estoico.

Meus braços sentem frio com a ausência de seu toque. A dor é excruciante, mas fico feliz por ter dito alguma coisa. Eu ficaria com essa dúvida para sempre, pensando estar roubando beijos que eram para outra garota. Puxo a caixa de peltre para perto de mim, concentrando-me na inscrição da tampa para impedir que as lágrimas quentes em meus olhos caiam. Se eu focar e desfocar através do borrão, as letras se movem, formando um texto legível. Eu o percorro com a ponta do dedo e sussurro as palavras: *“Eis a caixa linguardarte; a mais bela em seu interior repousa. Para libertar a dama e sua dor aliviar, há que em seu fluxo penetrar. Um mar vermelho de laços de amor, pinte as rosas da mesma cor, em finas pinceladas pelas mãos de um artista guiados. Uma troca de almas a porta fechará, e para todo o sempre o sangue a selará.”*

— É a chave para libertar a rainha se não foi você a pessoa que a aprisionou. — A voz em trinado de Gossamer me tira da minha meditação. —

Individualizada para o habitante da caixa. — Ela pousa em meu ombro, então consigo vê-la de perto: a forma perfeita de uma mulher, de um verde dourado e nua, exceto pelas escamas cintilantes nas partes estratégicas. Ela apoia as mãos na cintura. — Um mar vermelho de laços de amor. — Seus olhos de libélula se acendem. — As rosas devem ser pintadas com o sangue de alguém disposto a trocar de lugar com ela pela mais nobre das razões. O

amor deflagra a transferência.

A famosa cena de Lewis Carroll me passa pela cabeça — os guardas de cartas

pintando as rosas de vermelho no jardim para não serem decapitados. Que ironia! Neste País das Maravilhas, alguém poderia *perder* a cabeça para sempre pintando as rosas sobre esta caixa.

— Então Morfeu não foi completamente sincero — digo. — Existe outra maneira

de libertá-la e abrir o portal. Não depende somente da pessoa que a colocou lá. — Jeb está parado atrás do meu reflexo, com expressão convencida. Quase posso ouvir um “eu disse”

emanando de seus olhos.

— Não é uma decisão assim tão fácil — diz Gossamer, ralhando, e depois decola do meu ombro, as asas zunindo. — Uma vez que a troca seja feita, ninguém jamais poderá libertar a alma substituta.

O sangue produz um selo permanente, eterno. *“Uma troca de almas a porta fechará, e para todo o sempre o sangue a selará.”*

— Então, o que você está dizendo — Jeb dá um passo à frente — é que tem que ser um amor desapegado. O que Morfeu é incapaz de dar. Falta a ele esse tipo de coragem.

Gossamer bate as asas no ar, os braços cruzados sobre o peito. — Meu mestre tem grande capacidade de coragem. Ele salvou minha vida uma vez. — Ela olha para a entrada do corredor e para nós novamente. — Ninguém sabe do que é capaz até as coisas chegarem ao limite. É por isso que a chave para abrir a caixa é a essência do coração. Lá dentro se encontra o poder mais potente do mundo. — Suas palavras crípticas ficam pairando no ar.

Ela se agacha debaixo da mesa e tira o canivete de papai, deixando-o aos pés de Jeb.

Ele coloca a arma no bolso. Quero perguntar o que a fada quis dizer sobre a essência do coração, sobre o limite.

Quero perguntar como Morfeu e os solitários intraterrenos estão se saindo lá embaixo. Mas minha língua fica presa no poema da caixa linguardarte e na reação de Jeb às minhas perguntas.

Gossamer faz com que fiquemos de frente para um dos espelhos, e toca o vidro com a ponta do dedo. Os espíritos de mariposas desaparecem do plano intermediário, voando para outros espelhos ao longo das paredes.

Com a palma da mão estendida sobre a superfície reflexiva, a fada dá início àquele mesmo efeito estilhaçado que vi no espelho giratório em meu quarto. Uma longa mesa cheia de doces e xícaras de chá aparece no espelho, colocada sob uma árvore à frente de um chalé de campo que tem o formato de uma cabeça de coelho — completo com chaminés como orelhas e teto de pelos. Parece que o sol sobrepujou a lua desta vez, porque a luz do dia resplandece sobre tudo em volta. Com uma chave quase do tamanho de seu antebraço, Gossamer abre o portal, alisando o vidro.

O ruído forte de passos ecoa no corredor adjacente. A luta chegou aqui.

— Vão! — Gossamer comanda.

Jeb nem olha para mim e leva a mochila ao ombro, a face quase tão verde quanto a de Gossamer.

Pulo através do espelho, mais desesperada para escapar à minha dor e confusão do que de qualquer coisa que o Rábido Branco e o exército Vermelho possam causar.

13

Chapelão

Minhas botas acabam pisando em um prato cheio de doces. Quando a tontura passa, levanto o pé e sacudo um pouco de glacê.

Antes que eu possa explorar a mesa na qual me encontro, alguma coisa cai em cima de mim, vinda de trás. Tropeço e caio de cara em uma torta recheada de suculentas frutinhas roxas.

— Al... Me desculpe. — Jeb me ergue pelos cotovelos, puxando minhas escápulas na direção de seu peito. — Você está bem?

Recuso-me a responder pelo simples motivo de ele não ter especificado se era física ou emocionalmente. Com a ajuda dele, consigo ficar de pé entre uma travessa de pão com manteiga e uma tigela de violetas cristalizadas. Um pouco do recheio da torta decora minha boca.

Lambo os lábios e depois sacudo os dedos, tentando me livrar daquela coisa pegajosa.

Da ponta da mesa onde estamos, a paisagem que vimos refratada no espelho se

descortina por completo. O chalé em forma de coelho fica em uma colina — um oásis verde e luxuriante em meio a um deserto. A distância, dunas de areia parecem um tabuleiro de xadrez — quadrados pretos e brancos como aqueles em que sempre tropeço no meu pesadelo. Queria ter uma tela, pincéis e tinta para captar essa vista distorcida para sempre.

Uma brisa balança minhas tranças, pássaros gorjeiam em uma amoreira acima de

nós, e a luz do sol me aquece os ombros. Me faz lembrar tanto de Pleasance que uma onda de saudade me invade.

Eu queria poder falar com papai; mais ainda, queria poder abraçá-lo.

É sábado. Pelo menos eu acho que é. Se eu estivesse em casa, papai estaria grelhando bifes. Eu faria uma salada de frutas, porque estou encarregada de fazer com que ele coma refeições balanceadas.

E se eu fracassar e não voltar mais para casa? Alison se culparia para sempre e mergulharia nas profundezas para valer. O tratamento com eletrochoques só vai conseguir piorá-la. E papai ficará só na cozinha comendo cereais frios, tendo somente sua dor como companhia. E ainda tem a mãe de Jeb e Jenara. O emprego dele no Submundo ajuda a pagar as contas mensais. Elas dependem dele. O que fariam sem ele?

Se eu fracassar, arruinarei a vida de todos.

Jeb — ainda atrás de mim — me oferece um guardanapo. Limpo o rosto e resmungo: — Por que não aterrisou na outra ponta da mesa?

— Estava ocupada. — Jeb me vira.

Eu quase engasgo ao ver os convidados do chá da tarde — Herman Chapelão, a

Lebre Careca e o Camundongo — todos sentados na outra ponta e congelados sob uma camada espessa de gelo azulado.

— O mariposão tem uma noção deturpada de “dormindo” — lança Jeb.

Morfeu tem uma noção deturpada de tudo. Balançando a cabeça, caminho na direção deles. Ao passar pelo bule de chá, o vapor me atinge a canela, umedecendo meu legging. Chapelão e sua turma estão suspensos feito geleiras, mas a comida parece fresca e o chá ainda está quente.

— Cadê aquela pimenta? — Estendo a mão. É esquisito trabalhar em equipe. Minha família está no modo transtorno desde que eu me conheço por gente, mas pelo menos nos últimos anos eu posso contar com a amizade de Jeb. Agora ela está por um estranho fio emocional; não sei se acredito nele ou em Morfeu. Era mais fácil ficar possessa no mundo real, quando eu tinha certeza de que ele havia escolhido Taelor.

Jeb tira o saco do bolso. Eu desato o laço, respirando pela boca. Não quero arriscar inalar aquilo.

Só o cheiro leve de pimenta no leque e nas luvas já era suficiente para me fazer espirrar.

Espirrar...

Deve ser o que Morfeu pretendia com este saquinho de tempero.

— Você não vai desperdiçá-la tentando fazer o cara do chapéu espirrar, vai?

—

pergunta Jeb. —

Ele é uma escultura de gelo. Não tem nenhuma abertura onde deveriam estar as

narinas. E só temos pimenta para uma dose. É melhor ter certeza.

É estranho como ele às vezes pode me ler tão bem, embora em outras seja tão

distraído.

Fecho o saco e o devolvo. Ele tem razão. Nunca conseguiremos acordar Chapelão com pimenta.

Ele nem *tem* nariz. Eu me aproximo. Ele está segurando uma xícara de chá fumegante numa posição em que parecia estar enfatizando uma afirmação.

— Jeb, tem alguma coisa errada com a cara dele. É só um espaço vazio. — O vazio de um cinza azulado brilhante reflete minha imagem, mais perturbadora do que seria a expressão congelada de um estranho.

— Talvez o gelo seja tão espesso que cobriu os traços dele — arrisca Jeb.

— Não sei. Mas olhe só o chapéu. — Poderia ser um instrumento medieval de

tortura, uma parte cartola e outra parte gaiola, feito de pinos de metal com uma aba com dobradiças e que se abre feito uma tampa. Olhando bem, o metal parece crescer da cabeça dele, feito ossos. A gaiola penetra em buracos na carne, como as peças de xadrez do quarto de Morfeu.

— Um conformador — diz Jeb, com a voz tensa. — Ele tem um conformador

brotando da cabeça.

A maioria das pessoas não saberia da existência desse instrumento do século XIX

usado para customizar os chapéus para se moldarem aos vários tipos de cabeças, mas Jenara tem um em seu quarto. Perséfone o encontrou em um leilão, e, sabendo que Jen adora coisas relacionadas à moda, deu um lance baixo e acabou arrematando-o, porque ninguém sabia o valor do artefato.

A estrutura de tiras de metal se molda à circunferência da cabeça do cliente onde ficaria a aba do chapéu, e os pinos adaptam-se à conformação do crânio. Um papelão oval é inserido na tampa de aba e pressionado no lugar da coroa, fazendo com que os pinos façam buracos na forma da cabeça. Ele forma um molde que o chapeleiro pode usar para fazer um chapéu customizado para aquele indivíduo.

Por que este aqui está fisicamente ligado ao crânio de Herman está além de minha compreensão, e eu nem quero imaginar como ele o usa em seu trabalho.

Concentro minha atenção em seu rosto refletivo e volto-me para a “lebre”, que é demasiado hedionda. Em boa parte porque parece ter sido virada do avesso — não tem pelo, só carne mortiça.

É como olhar para um coelho esfolado. Mas pelo menos ela tem uma cara. Sua

expressão é demente, com um lampejo selvagem nos olhos brancos. Uma xícara de chá está equilibrada em cima de um doce em seu prato. Sua pata está enfiada na xícara de chá a partir do pulso, como se estivesse embebendo algo.

Dos três convidados, o Camundongo é o único que parece normal. Se é que

um

camundongo vestindo um casaco de porteiro pode ser considerado normal.

— Não sei como resolver isso — digo. — Eles estão todos congelados, então como vamos fazê-

los espirrar com uma pitada de pimenta?

Jeb balança a cabeça. — Vamos ver o livro. — Ele anda ao redor da mesa se esquivando e passa para uma cadeira vazia. Empurrando para o lado um vacilante carrinho de chá de três andares, ele pisa na grama. — Vem cá — diz ele, me chamando para pegar sua mão enquanto ele se senta à mesa e acomoda a mochila ao seu lado.

Permito que ele me ajude a descer, mas me liberto no instante em que meus pés tocam o chão.

Secando o resto de suco de amora do meu rosto com um guardanapo de tecido,

verifico minhas roupas para ver se estão limpas. — Estou com fome. — Que nada. Estou morrendo de fome. Nem me lembro da última vez que comi alguma coisa.

— Bem, não devíamos comer essas coisas. — Jeb aponta para a mesa posta.
—

Quem sabe o que isso poderia fazer com a gente? — Ele encontra uma barra de cereais na mochila e me dá metade, indicando uma cadeira vazia ao seu lado. Em vez dela, sento-me em outra dois lugares adiante. Ele me olha com firmeza enquanto comemos; os únicos sons são o farfalhar da embalagem, os pássaros e a brisa.

Evitando seu olhar, conto as listras pêssego e cinza do meu leggings. Minhas pernas estão começando a parecer pirulitos. Pirulitos doces e gostosos.

Fico com água na boca.

O que há de errado comigo? Preciso ajudar Jeb a descobrir uma saída, mas só

consigo pensar em comida.

Depois de engolir o último pedacinho da barra, a fome ainda não passou. Me

lembro do gosto bom que aquela coisa roxa tinha e desejo nunca ter caído nela, para começar.

Por outro lado, deve ter sido hilário de assistir. Eu me vejo tropeçando e caindo na torta e dou uma risada bem alta.

— O que é tão engraçado? — pergunta Jeb. Ele está com o romance País das Maravilhas aberto no colo e joga o resto da barra dentro da boca.

— Nada. — Outro ataque de riso me toma. Este é tão forte que mordo o interior de minhas bochechas para não ceder.

Alheio, Jeb vira as páginas. — Aqui diz no capítulo sete que o Rato ficava pegando no sono durante o chá e o Chapeleiro jogou chá quente no nariz dele para acordá-lo. A passagem está sublinhada, então talvez seja uma dica. O que acha?

— Acho que o Camundongo deve ter bom faro para chá. — Bato a mão na boca,

envergonhada pelo comentário sem sentido.

— OK. Chega de fingir que está tudo bem. — Jeb coloca o livro dentro da mochila junto com a embalagem. Ele chega perto de mim e pega meu queixo, levantando-o para que eu o encare. — Você acha mesmo que eu estava fingindo quando te beijei?

Um estranho desejo de brincar brota dentro de mim, completamente inadequado

para a seriedade da situação. — Há-há-há, cavaleiro élfico. — Afasto o queixo e fico de pé, coquete, frívola, e totalmente nada a ver comigo. — Você não deve tocar na minha preciosa bundinha, lembra? Afasta-te de mim, Jebbeth. — E viro as costas para ele.

Ele me pega pelo cotovelo. — Quer olhar para mim, por favor?

Puxo o cotovelo e me liberto, pulando sobre o carrinho de chá para o outro lado da mesa, de modo que os arranjos da mesa formam uma barricada entre nós. À minha esquerda está o Camundongo. Ele é do tamanho de um hamster, mas sua cauda fina é peluda como a de um esquilo e coberta de gelo branco. Há travessieiros empilhados em sua cadeira, para erguê-lo à altura da mesa. Sua cabeça descansa ao lado de uma xícara de chá quente cheia até a metade. Ele deve ter congelado enquanto cochilava.

Inclino-me para perto de suas orelhas — prateadas de gelo e alongadas. — Não o culpo por dormir a vida toda — sussurro para ele. Jeb está boquiaberto, como se eu fosse de Marte. — Queria ter dormido as últimas horas da minha.

A expressão de Jeb despenca, e sei que o magoei. Não foi minha intenção. Sinto-me tudo menos rancorosa. Além de estar faminta, estou extravagante, insensata e desinibida. É

muito libertador.

— Al, vamos lá. Não quero que as coisas fiquem desse jeito... Não entre a gente. —

Jeb começa a contornar a mesa e eu estou prestes a disparar numa corrida, pensando que um bom pega-pega seria divertido, quando ouço alguém fungando. É tão suave que a princípio penso que é o rumorejo das folhas acima de nós. Depois, vejo o nariz do Camundongo se retorcer. É brilhante, úmido e rosa, como uma bolinha de glacê de morango. Estou quase o arrancando e comendo quando Jeb chega por trás de mim.

O Camundongo funga novamente.

— O que você acha, Jeb? Uso a pimenta para acordá-lo? Ele pode ser nosso parceiro. Vamos chamá-lo de Skittles, que nem a bala. — As coisas que saem da minha boca não têm sentido nenhum, mas não consigo detê-las. Não mais do que consigo deter o ronco colossal de meu estômago que vem a seguir.

Me olhando com uma careta incomodada, Jeb senta-se ao meu lado e retira o saquinho da mochila.

— O nariz dele deve ter descongelado por causa do chá.

Não consigo me concentrar em nada a não ser meu corpo. Minha pele coça, como se eu precisasse *fazer* alguma coisa. Subo na cadeira, dela para a mesa, chutando alguns pratos para o lado.

— Al, que diabos...?

Uma música toca na minha cabeça... E não é o acalanto de Morfeu. Algo com uma batida sensual e viciante. Sacudo os quadris para a frente e para trás. Os rubis em meu cinto cintilam, e os anéis balançam — estilo dança do ventre. Eu nem sabia que podia me mexer assim. Deve ser por causa de todos aqueles anos que brinquei de bambolê com a Jen.

Os olhos de Jeb parecem que vão saltar das órbitas... E também as veias em

seu pescoço. Ele faz um som — algo entre um pigarro e um gemido —, magnetizado pela ginga em meus quadris. Depois se levanta. — Quer descer daí? Você ainda vai se machucar.

— Não. Sobe aqui comigo. — Levanto os braços sobre a cabeça e jogo a pelve de modo sedutor.

— É uma dança para acordar o Skittles. Sabe, que nem os índios americanos faziam para chamar chuva.

Jeb está boquiaberto. — Duvido que os índios se mexessem desse jeito.

Sentindo o ritmo pulsar em cada pedacinho de meu corpo, visualizo as correntes do cinto de Jeb dançando com a música, imagino espirais de energia correndo pelas argolas, induzindo movimento.

Com a ponta de um dedo, faço um sinal, chamando-as.

— Ei... Ei, espere! — A corrente de Jeb dá uma guinada, forçando-o a subir na cadeira. Ele tenta agarrar as argolas com as mãos, mas elas se libertam, puxando-o até ele subir na mesa e ficar na minha frente.

Agarro seus quadris, convidando seu corpo a gingar junto do meu. Agarrada a ele, fungo em seu pescoço, distribuindo beijos sobre sua pele macia enquanto penteio seu cabelo com meus dedos. Seu rabo de cavalo se solta. — Você tem um gosto tão bom que dá vontade de comer — eu sussurro.

As correntes se enrolam na perna dele, apertando. Retesando-se todo, ele as agarra.

— Co... Como você está fazendo isso?

Eu rio, correndo minhas mãos sobre seus bíceps e peito. — Morfeu me mostrou

como eu poderia animar objetos. Não é espetacular?

Estou me concentrando tanto em apreciar os músculos dele que isso quebra minha conexão com as argolas de metal. Assim que Jeb se liberta, pula para o chão e me desce também. Me jogo na cadeira, dando risada, enquanto ele segura minhas duas mãos cruzadas sobre o meu peito.

— Você está me assustando, Al. Pare com isso.

— Parar com o quê? — Liberto uma mão e, com um dedo, percorro sua camisa até

embaixo, seguindo o limite do tecido preto sobre seu umbigo gostoso e parando para agarrar sua cintura.

Um músculo no queixo dele salta.

Eu ronrono. — Você é viciado em controle, Jeb. Seu mundo vira de cabeça para

baixo quando a pequenina Alyssa não está tropeçando em seu cinto de castidade. Não é isso, garotão? — Dou um tapinha no botão que fica no alto de sua barguilha.

— Uhhh...

— Por que você não acorda o Skittles e depois nós vamos para casa e fazemos uma festinha de verdade? — Estou sorrindo tanto que meu rosto dói — um sorriso provocativo, gozador. Por alguma razão, não consigo parar.

— Você precisa parar de me olhar desse jeito — diz Jeb com a voz áspera.

— E se eu não parar? — Sinto uma comichão tão forte nas entranhas por saber que ele está confuso. Por saber que eu provoquei isso.

Engolindo em seco, ele tira novamente o saquinho de pimenta. — Casa. Muito bem.

Pode ser que, se a gente acordar o Camundongo, os outros também acordem.

— É! Que comece o chá! — *Aí, finalmente, vou poder comer alguma coisa.* Rufo um tambor na borda da mesa usando meus indicadores.

Jeb lança mais um olhar perplexo na minha direção. Me delicio ao ver que sou

capaz de tirá-lo do sério. Como quando seu sangue ficou verde por causa de Morfeu antes.

Nunca conheci nenhuma garota que controlasse Jebediah Holt. Seria o máximo ser a primeira.

Uma vozinha dentro de mim tenta sair, tenta me lembrar de que aquela não sou *eu*...

Que eu não diria essas coisas, não para Jeb — a quem eu não gostaria de ver sofrer. Algo está errado, e eu deveria contar para ele poder ajudar ou pelo menos se defender. Mas a fome dentro de mim esmaga minha consciência. É mais do que o desejo por comida. Estou faminta de poder também. Poder para fazer o

cara que eu quero se ajoelhar. Fazê-lo pagar por não me querer de volta.

Com um olho em mim e outro no saco de pimenta, Jeb o coloca no nariz do

Camundongo. A pequenina criatura inala com força. Um espirro se forma, e irrompe como um soluço. Sua cobertura gelada se espatifa. Nacos de gelo deslizam de sua pele marrom e casaco vermelho enquanto ele se ergue para coçar o nariz.

No momento em que nos vê, ele se esconde atrás de sua xícara de chá. Arriscando uma olhadela, ele pisca os olhinhos em nossa direção. Parecem gotas de chocolate. Aquela fome selvagem me revolve novamente.

Babando, jogo-me em cima da mesa.

— Epa! — O Camundongo solta um guincho estridente ao escapulir de seu esconderijo.

— Al, pare. Precisamos da ajuda dele. — Jeb tenta me agarrar pelos tornozelos, mas eu sou mais rápida.

Empurrando travessas e pratos para os lados, arrasto-me atrás do Camundongo

enquanto ele foge aos pulinhos para perto de seus amigos, com a cauda sacudindo. Ele derrapa e para quando percebe a condição deles. Com os bigodes murchos, ele se vira para olhar para mim.

— Senhorita Alice, tem que acordá-los! — guincha ele. Hesitante, seus pezinhos andam para trás.

— Você não é a Senhorita Alice. — Ele leva as patinhas à cara e me encara.
—

Você é muito mais...

— *Faminta*. — Agora entendo a preocupação do octobenus com seu estômago; intimamente. Estalo os lábios e dou uma guinada para a esquerda a fim de escapar da tentativa de Jeb de me pegar pela cintura. Minha mão vai parar em uma torta, e sacudo o glacê grudado nela. Tenho os olhos cravados na isca viva.

O Camundongo recua, guinchando nervosamente. Pequeninas mãos com garras

procuram os bigodes, colando-os debaixo do queixo. Ele está quase caindo dentro da torta na qual eu aterrissei, e estou torcendo para que isso aconteça. Eu adoraria uma fatia de torta de rato neste momento.

Jeb pisa em uma cadeira e pula para a próxima, no meu encalço. — Escute, pequenino. — Ele fala suavemente com o Camundongo. — Eu a impeço de comer você se você nos ajudar a acordar os outros. Você se lembra como Alice fez com que

adormecessem?

O Camundongo enrola a cauda em si mesmo, abraçando-a. — Ela deixou o relógio

cair na xícara de chá. — Ele me analisa com cautela do meio da mesa, dando um passo na direção da torta roxa.

Sento com os joelhos dobrados e cravo as unhas nas rótulas para me distrair do estômago. De olhos fechados, concentro-me no livro. Os detalhes da história são obscuros, mas lembro-me de uma discussão sobre o funcionamento interno do relógio de bolso do chapeleiro. Alguma coisa a ver com a lebre passar manteiga... manteiga. Balas amanteigadas, creme de manteiga, biscoitos amanteigados.

Solto um grunhido e bato o punho na mesa, fazendo tremer a prataria e os pratos e provocando grande dor no meu braço, que faz minha mente voltar a engrenar. *Engrenar!*

É isso — a lebre colocou manteiga no mecanismo com uma faca de pão e emporcalhou o seu interior com migalhas de pão. Na versão que consta no livro *País das Maravilhas*, foi por isso que a Lebre de Março largou o relógio dentro do chá — para lavá-lo. Mas talvez não tenha sido ela quem mergulhou o relógio. Ela poderia estar tentando tirá-lo de lá. Ao submergi-lo, Alice suspendeu o mecanismo e congelou os convidados no tempo. É isso que eu preciso consertar. O mecanismo. Eu só preciso secá-lo e colocá-

lo em movimento.

Abro os olhos e Jeb está bem distante de mim, com o livro nas mãos. Ele já está ao lado do lugar da Lebre Careca. Jeb entorna a xícara de chá com cuidado para não quebrar a pata congelada do coelho. Eu me arrasto até lá enquanto o chá respinga sobre os doces no prato. O relógio de bolso emerge, arrastando sua corrente. Jeb abre a tampa. — Parou às seis horas.

— Hora do chá! — O Camundongo chilreia com excitação, batendo palmas.
Seu

entusiasmo o faz cair para trás, dentro da torta amassada.

Meu foco dura somente o tempo suficiente para que eu pegue o relógio de
Jeb,

seque seu mecanismo, mova os ponteiros para um minuto depois das seis e o rebobine. Me perco de todos os pensamentos racionais depois disso, porque o rato trepa na borda da torta, comendo as frutinhas e pingando calda roxa.

Uma deliciosa calda roxa.

A saliva goteja do canto da minha boca. A fome insaciável que eu vinha reprimindo explode. Não sei mais onde estou. Na minha cabeça, o Camundongo é aquele pato assado do banquete e ele está no papo.

Jogo o relógio, quase nem ouvindo o ruído do metal. Num pulo, fico de pé e começo a caçada.

Minha presa mergulha atrás dos doces e abre túneis através dos pães, conseguindo me despistar toda vez que estou perto dela. Patino em pratos, escorrego em travessas e derrapo em bolos. Nem mesmo percebo que Jeb está no meio da mesa até ele me pegar e me derrubar, seu peso sólido nas minhas costas. — Al, pare! Você ficou louca?

Como um animal, rosno e arranho a toalha de mesa até ela rasgar com as minhas unhas.

— Al. — A respiração de Jeb no meu pescoço é quente. — Volte para mim.
Seja

minha menina do skate de novo.

Minha menina do skate. A súplica carinhosa quase me traz de volta.

Quase.

Talvez seja a adrenalina, ou talvez seja um demônio que me possuiu quando eu caí naquela torta e provei daquele troço roxo... Mas alguma coisa me dá força suficiente para empurrar Jeb de lado como se ele fosse um graveto. Ele rola para fora da mesa com um grunhido e eu agarro aquela delícia pegajosa de rato que se debate sem parar. Uma calda roxa me escorre dos dedos para minhas luvas.

Estou prestes a dar uma mordida em sua cabeça quando sou guinchada por

trás, e ele escapa.

— Me coloque de pé! — rosno, com uma explosão momentânea de força sobre-humana praticamente terminada.

Alguém me deita de costas e me gruda no lugar. Minha visão fica turva e quase não consigo distinguir as duas formas que se inclinam sobre mim.

— Ela provou o suco do fruto da Árvore Tumtum — diz a silhueta usando o chapéu de gaiola numa voz que varia entre o tenor e o alto. — Ela tem que comer as frutas inteiras, senão vai ficar maluca.

— A pessoa então explode em gargalhadas tão altas e absurdas que parece uma

hiena num pula-pula.

— Ah, mas... Ser maluco não é tão ruim — entoa a sombra com longas orelhas,

acrescentando sua gargalhada à mistura. — Podemos deixar que ela coma a *gente*. Abra a boca dela que eu entro.

Sempre quis ver um estômago por dentro.

Uma pata entra na minha boca e a segura, quase me sufocando. Eu lhe dou uma

mordida. O intruso a puxa e eu cuspo o gosto de carne chamuscada.

— Ela morde!

Risos e uivos explodem em todo canto.

— Afastem-se dela! — A explosão de Jeb os deixa mudos. Ele afaga meu cabelo

para me acalmar, o que tem o efeito oposto. Estar perto dele faz com que a fome perfure meu estômago — como um espinheiro plantado bem fundo.

Não há nada engraçado sobre a maneira como me sinto agora. — Jeb, por favor!

Estou com muita fome! Me alimente ou vou morrer!

— Está bem, está bem... — A voz dele titubeia e percebo que eu o coloquei

de

joelhos.

Meus intestinos queimam como se formigas de fogo o consumissem. Fecho os

olhos, mas ainda consigo sentir cheiro de comida — em todo lugar.

Depois de um intervalo que pareceu uma eternidade, algo acolchoado e frio roça meus lábios.

Abro a boca, gulosa, e engulo todas as frutinhas que cabem lá dentro. Elas explodem em minha língua, suculentas e deliciosas. Engolindo, imploro por mais.

Cinco bocadas depois, consigo me concentrar e não tenho mais dor.

Sento-me, piscando para os convidados do chá que se acomodaram no outro canto da mesa. O

coelho está preocupado com o relógio de bolso, secando-o com um guardanapo e

distribuindo desculpas para o Pai Tempo. Seus olhos brancos cintilam como bolas de gude quando ele sorri, sua boca sem lábios revelando três dentes amarelos e tortos. O

Camundongo está tomando banho em uma xícara de chá, seu uniforme manchado

esparramado sobre o pires. E Chapelão — ele realmente não tem rosto. Ora é parecido com o rato, ora com o coelho, como se alguém estivesse mudando de canal entre eles.

Jeb se inclina sobre a mesa. — Você está bem? — Ele parece preocupado.

Sinto-me mortalmente culpada pela maneira como quis puni-lo. — Eu estava...

— Desinibida e impulsiva. E como!

Olho para os pratos quebrados e a comida esmagada à minha volta. — Eu tenho um outro lado, Jeb. E não tenho certeza se ele tem a ver com a maldição. Acho que esse lado pode ter estado sempre comigo.

Ele junta nossas mãos. — Tudo bem que você tenha um lado meio ruim. Eu

também tenho. Assim, nós formamos um grande par. — Ele me ajuda a sair da mesa, envolvendo os braços na minha cintura. Quando ele beija a minha testa, seu piercing aperta o ponto entre minhas sobrancelhas, frio e reconfortante.

Eu me afasto. — Então, você não estava fingindo quando disse que queria ficar comigo e não com a Taelor. Isso... Nós... É real?

O polegar e o indicador dele me beliscam o lóbulo da orelha carinhosamente. Ele está tão quieto e pensativo. Temo que ele não responda.

Respirando fundo, ele olha para baixo. — Eu namorei a Tae... Para tentar não pensar em você.

Esperando que ela tirasse você de dentro de mim. O mesmo aconteceu com o lápis e o caderno de desenho: não funcionou. E depois eu não tinha certeza de que você sentia o mesmo. E, se você sentia, eu tinha medo de... — Jeb estuda as queimaduras de cigarro nos braços através das listras transparentes de suas mangas.

— Continue ... — pressiono.

— De despejar minha carga em alguém tão doce quanto você.

Não consigo controlar um sorriso. — Uau, nossa.

— O quê?

— Acho que nós dois não tínhamos consciência. Foi por essa razão que escondi

meus sentimentos de você.

— Porque eu sou doce? — Aquele sorriso de garoto, com a covinha, se abre para mim.

Correndo os dedos pelo seu cabelo desgrehado, dou risada. — Eu não queria

arrastar você para a loucura da minha família.

Um chocalhar de pratos faz tremer o outro lado da mesa, onde o Camundongo e a lebre brigam por uma colher, ambos tentando ver seu reflexo na prata.

Jeb pega no meu queixo, recobrando minha atenção. — Escute, eu nunca quis

magoar a Tae. Ela já passa o diabo com o pai. Mas, quando ela veio me buscar para o baile de formatura, nós terminamos.

Eu disse para ela que tinha acabado... Que nós devíamos terminar. Eu não ia dizer nada antes do baile porque ela me pediu. Ela já tinha comprado o vestido e eu tinha alugado o smoking, entende?

Mas ela sabe da verdade. Que, para mim, só existe você, Al. Só você.

São as palavras mais lindas que já ouvi em toda a minha vida. Meu estômago está esquisito, como quando eu era criança e o carrossel do playground parava de girar e eu ficava lá olhando o céu que rodava — tonta, feliz e extasiada — até que o mundo voltasse a ficar perfeitamente claro. — Ah, Jeb.

Ele levanta a minha mão e beija meus dedos. O piercing em seu lábio brilha na luz, me lembrando dos olhos com joias de Morfeu. Odeio ter permitido que ele metesse dúvidas na minha cabeça sobre o cara mais leal que já conheci. Não posso deixar Morfeu me influenciar novamente — nunca mais.

— Para mim também só existe você. — Entrelaço meus dedos nos de Jeb. — Me

desculpe pelas coisas que eu disse no Corredor dos Espelhos. E por ter mentido para você sobre a bolsa da Taelor...

E ter roubado....

— Shhh. — Ele se inclina para me beijar, tão terno e doce que tudo mais desaparece ao seu toque.

— Vamos esquecer tudo isso. Exceto uma coisa — sussurra ele em meus lábios. —

Quando voltarmos para casa, você faz o truque da corrente? Aquela dança na mesa foi muito sexy. — Ele grunhe.

Eu rio, estremecendo com a vibração ardente em seu peito. Ele também ri, e depois puxa meus quadris para si e beija minhas orelhas, minhas têmporas, meus lábios — me mergulhando em mil sensações diferentes, todas tão deliciosas que quase esqueço o que ainda tenho que fazer.

Desfaço nosso abraço. Os olhos semicerrados e questionadores de Jeb me olham. —

Já volto —

digo. Tiro minhas luvas emporcalhadas, jogo-as de lado e pulo na mesa,

parando ao lado de Chapelão. — A espada vorpal. Alice a trouxe para você antes de ser congelado.

Precisamos dela.

A tela plana do rosto dele pisca, mostrando o meu reflexo e em seguida o de Alice.

O efeito é horripilante, como uma tela de cinema alternando entre duas eras diferentes. Jeb aproxima-se, e espera.

— Espada? — Chapelão olha para seus dois companheiros. — Algum de vocês

lembra de algo sobre uma espada? — Todos eles caem na gargalhada, um som que me deixa atordoada.

— Talvez você a tenha engolido, Herman — diz a lebre, resfolegando. — Abra a

boca e vamos olhar.

— É melhor acender uma tocha — o Camundongo guincha. — Lá dentro é escuro e

vasto como um desfiladeiro.

Mais risadas e gritos.

Jeb pega a lebre pelas orelhas e a segura acima da mesa, pondo um fim ao festival de risos. Ele aponta para Herman e o Camundongo. — Um pouco de cooperação os

ajudaria muito a ficarem com suas peles.

O rosto de Chapelão lampeja à imagem de Jeb. — Está falando com a pessoa errada, sua marmota.

— Ele olha para a amoreira acima de nós. — Alguém mandou vocês para uma

caçada ao pato selvagem. Quer saber quem?

Um farfalhar de folhas e Morfeu aparece no alto da copa. — Seria eu? — intervém ele com um riso forçado.

Gaiolas

Faço sombra nos olhos para olhar para Morfeu, com um nó de raiva se formando no peito. Jeb tinha razão. Ele só faz nos enganar. — Você mentiu.

Seu sorriso se desfaz e Gossamer, debaixo do cabelo dele, estica a cabeça para olhar. — Eu estava mal-informado — diz ele.

O corpo inteiro de Jeb fica visivelmente tenso. — Mal-informado? Você mandou a Al para cá, a colocou em perigo porque estava *mal-informado*?

Desço da mesa, passando os dedos nos músculos trabalhados de suas costas para acalmá-lo.

Morfeu abre mais um sorriso forçado de seu poleiro no alto da árvore — régio e pomposo com as asas abertas bem alto, um fundo de cetim macio protegendo seu rosto pálido do sol. — Foi besteira, eu sei. Tomei boatos como verdade. Eu estava no meu casulo quando a pequena Alice escapou com a espada. Eu mesmo não vi o que aconteceu. Eu ouvi por aí que ela chegou aqui com a espada. Mas agora eu soube da verdade. A espada ficou escondida este tempo todo no próprio castelo Vermelho...

Guardada pelo *bandersnatch*.

— Certo. — A voz de Jeb sai sufocada pelo autocontrole forçado. — E nós temos que aceitar sua palavra.

— Meu espião só soube disso hoje. Alyssa acredita em mim, não é? — Morfeu

desvia seu olhar de mim.

Eu não respondo. A verdade é que não confio nele.

— Tome o silêncio dela como um não, insetão. — Jeb está concentrado na copa.

— Nenhum de vocês está ao menos curioso sobre a batalha que travei para mantê-los a salvo?

Lamento a ingratidão. — Morfeu estica as luvas enquanto Gossamer voa em torno de seu casaco, verificando os rasgos. As roupas dele estão amassadas e danificadas, até mesmo com fuligem em alguns pontos. Ele perdeu seu chapéu, e

seu cabelo está completamente emaranhado. — Tive que incendiar a sala de jantar para colocá-los para fora. Mas eles logo se espalharão por todo o País das Maravilhas atrás de você. A Rainha Grenadine planeja dar um jantar e está determinada a revelar um novo animal de estimação que divertirá seus convidados.

Os ombros de Jeb se impacientam debaixo de minha mão. — Animal de estimação?

— Grenadine deseja um substituto para Alice há décadas. Um pássaro engaiolado, por assim dizer. — Tendo jogado essa bomba, Morfeu dá um gracioso salto e pousa na mesa, perto de Chapelão e companhia. — Que bom ver vocês novamente. Como foi a soneca?

Os três intraterrenos saúdam Morfeu com abraços e apertos de mão.

Tomo a mão de Jeb, com o pulso acelerado. — Você se lembra do relatório psiquiátrico? Alice disse ao terapeuta que passou 75 anos em uma gaiola no País das Maravilhas. Mas ela deve ter voltado. Ela se casou e teve uma família. Caso contrário, eu não existiria. Certo?

Ele me puxa para perto. — Não sei o que está acontecendo. Mas precisamos tirar você daqui depressa.

— Agora a maldição já está quebrada — digo, embora não me sinta nem um pouco

diferente.

Morfeu parece alheio à nossa urgência. Ele dá tapinhas no conformador do Chapelão. O

homenzinho de cara insossa chega somente à altura de sua coxa. — É ótimo tê-lo de volta entre os vivos, Herman. Necessito desesperadamente um novo Chapéu da Lisonja.

— Posso fazer! — A tampa da engenhoca do chapeleiro se fecha. Sua estrutura

óssea e crânio se contorcem e entram no lugar enquanto os pinos de metal rangem e se moldam em volta de sua cabeça até que ele e Morfeu pareçam um par de bonecas

Matrioshka.

É por isso que ele é o melhor chapeleiro do reino. Ele se torna a cabeça e o rosto de seu cliente até terminar um projeto, produzindo o ajuste perfeito. Como deve ser isso?

Nunca ter uma identidade própria. Não é de estranhar que eles o chamem de maluco.

— Quiçá goste de um chapéu coco? — arrisca Chapelão, tateando suas maçãs do

rosto temporárias. — Tenho um ótimo feltro vermelho em casa.

— Hum... — Morfeu limpa a fuligem de sua lapela. — Eu estava pensando em

fazer de entretela.

— Ei! — Jeb bate o punho no nosso lado da mesa. O grupo se volta para nós. — A Al está correndo o risco de se tornar o periquito humano de alguém. Ela já terminou o que veio fazer aqui.

Cumpriu as exigências para quebrar a maldição. Agora precisamos voltar para o nosso mundo. E isso é para ontem.

— Ontem, você disse? — gorjeia o chapeleiro, em seu timbre vacilante. — Ontem é exequível.

Gargalhando, a lebre bate no joelho e acrescenta: — Mas dois ontens seria impossível.

O Camundongo dá um risinho maroto e veste seu uniforme. — Não, não! Você

pode retroceder quantos ontens quiser. Pode andar de volta até o começo da sua vida.

Todos eles se curvam, com as mãos nas costelas de tanto rir histericamente. A falta de sobriedade deles me espanta, e Jeb parece que vai surtar a qualquer instante.

Com um bater de asas, Morfeu pousa na grama ao nosso lado. Gossamer está aninhada em seu cabelo. — Tenho mais notícias ruins quanto a sua partida.

Jeb fecha a cara. — Como pode ficar pior?

— Quando o exército Vermelho atacou a minha casa, eles encontraram a

caixa

linguardarte e a levaram. Ela já não está mais sob minha proteção, e, sem a Rainha de Marfim, seu portal permanecerá fechado. Isso torna ainda mais imperativo que peguemos a espada e derrotemos Grenadine e seu rei.

Jeb avança para perto de Morfeu. — E como você propõe que nós os derrotemos se a espada está no castelo deles sob a guarda de algum cachorro mutante?

Agarro o ombro dele por trás, lembrando-o de se controlar. Morfeu é nosso único aliado, não importa as táticas detestáveis que ele use.

— Nem tudo está perdido — diz Morfeu. — Chessie pode dominar o bandersnatch,

posto que sua outra metade habita dentro da fera. — Ele coça os pezinhos balouçantes da fada. — Vocês vão pegar a cabeça de Chessie para mim. Ele terá controle total, e eu poderei roubar a espada, derrotar Grenadine e depois mandar vocês dois para casa pelo portal que quiserem, Vermelho ou Branco.

— Não! — dispara Jeb, num movimento tão rápido que quase desloca meu braço.

Ele pega Morfeu pela camisa rendada e o ergue até ele ficar na ponta dos pés e as asas arrastarem no chão. Gossamer se pendura em um cacho do cabelo azul. — Isso é uma manobra para dar mais uma “tarefa” para a Al, não é? Mais um teste. O que eu quero saber é para que ela está sendo testada? O que acontece quando ela passar em todos?

Arrogante, Morfeu bate de leve em cada um dos dedos de Jeb, como se tocasse uma flauta. — Ah, Gossamer tem falado demais, não? Ninfa ciumenta. — A fada foge do ombro dele e chispa para a árvore acima de nós. — Sabe, nunca se pode confiar em uma mulher com pele verde. Pergunte a qualquer homem que teve uma ressaca de absinto. — Morfeu olha para mim. — Tudo o que eu sempre quis foi libertar Alyssa e mandá-la de volta para o lugar dela.

— E onde seria isso? — Jeb coloca a cabeça na minha frente, de modo que Morfeu tem que olhar para ele.

— A casa dela, é claro. — As joias nas bordas das tatuagens de Morfeu ficam claras e cintilam feito líquido, traduzindo a sinceridade de lágrimas reais. — Nada me agradaria mais do que pegar a cabeça de Chessie eu mesmo. Mas, em razão de nosso mal-entendido com relação aos espíritos de mariposa que

abrigo, as Irmãs Twid e eu não estamos nos dando muito bem. Elas não me deixam pisar e nem voar perto do portão delas.

— Espere. — Dou um passo à frente. — O que isso tem a ver com o cemitério?

— É lá que reside a cabeça de Chessie — responde Morfeu. — Por estar tecnicamente

“parcialmente” morto, lhe foi possível buscar conforto lá. Então a solução é simples: salvar o gato para dominar o *bandersnatch*, libertar a Rainha de Marfim com a espada e depois vocês vão para casa.

— Que bobagem. — Jeb dá um empurrão em Morfeu. Suas asas intraterrenas se

abrem por completo, mantendo seu equilíbrio antes que ele caia sobre uma cadeira.

Gossamer mergulha das folhas, pairando sobre ele.

Jeb pega minha mão. — Deixe que outra pessoa vá atrás do gato. A Al corre perigo aqui.

Precisamos nos esconder até podermos chegar em casa. Ela fez tudo que você

pediu. A maldição está quebrada, certo?

Morfeu olha para mim, não para Jeb. — De que vale a maldição quebrada se não

puderem voltar para casa? Se Alison nunca mais puder ver sua filha, ficará pior do que está agora. A insanidade dela não será mais uma encenação.

Estremeço. Morfeu está certo. Alison nunca se perdoaria se eu me perdesse por sua causa.

Morfeu olha para trás, onde a turma do chá discute para ver quem vai beber a água em que o rato se banhou na bota da lebre. O canto de sua boca franze. — O jardim interno é sagrado para a nossa espécie. Somos proibidos de andar sobre aquele chão. Só posso enviar vocês.

Aperto a mão de Jeb, odiando o que vou dizer em seguida. — Então não temos

escolha. Nós vamos.

Jeb aperta meus dedos contra seu peito. — Não. Eu vou. Você volta voando com o meleca de inseto.

— Naturalmente — interrompe Morfeu, a voz variando entre o sarcasmo e a insinuação. — Terei prazer em levar Alyssa de volta comigo. Podemos retomar de onde paramos em meu quarto, certo, querida?

Faço cara feia.

Jeb me empurra para o lado, saca o canivete suíço e pressiona a lâmina contra o esterno de Morfeu. — Uma ideia melhor. Devolva o desejo para a Al... Agora.

Meu estômago dá um nó. — Jeb, eu não vou embora sem você.

— Não se trata disso. — Ele leva a lâmina até a garganta de Morfeu. — Você pode desejar nunca ter vindo. Você ainda seria o sujeito do desejo, e isso tirará nós dois daqui.

Eu nunca teria vindo se não tivesse visto você pular para dentro daquele espelho.

Ele tem razão. Funcionaria. O único problema é que eu terei feito isso por nada.

Alison ainda faria o tratamento com eletrochoques e minha família seria amaldiçoada novamente porque eu nunca terei vindo aqui para consertar as coisas.

— Dê a ela — diz Jeb —, ou ela vai ter uma mariposa tamanho família para usar na próxima obra de arte. Entendeu?

Gossamer voa sobre o rosto de Jeb, num frenesi de asas. Sua distração dá a Morfeu a chance de pegar o pulso de Jeb e dominá-lo. — Eu não estou com o desejo — diz ele, fervendo de raiva. — O

desejo se esvaiu quando eu tentava salvar suas miseráveis vidinhas e agora está nas mãos do Rábido Branco.

Jeb torce o braço e se liberta. — Mentiras.

— Não importa — responde Morfeu, observando Jeb com cautela. — Alyssa não o

usaria de modo tão prosaico. Do contrário, sua família sofrerá para sempre a

maldição que ela arriscou a pele para quebrar.

O calor do olhar cúmplice de Morfeu é mil vezes pior do que os holofotes dos

mineiros de Submundo, e não há como esconder minha alma desnuda. — Ele tem razão.

Jeb olhar para mim. — Você deve estar brincando. Sua mãe não iria querer que

você corresse perigo!

Olho para minhas botas. — Por que estamos falando nisso? Ele disse que não está com o desejo mesmo.

O riso de Jeb tem uma pitada de veneno por trás. — É incrível. Você continua um brinquedo nas mãos dele. — A expressão dele endurece. — Você sabe o que eu faria se tivesse um desejo? Eu desejaria que você confiasse em mim como costumava confiar.

Como você confia nele agora.

A insinuação me atinge lá no fundo. Ele não pode estar falando a verdade. Pode?

Jeb se vira para Morfeu, brandindo novamente a lâmina do canivete. — Se alguma coisa der errado, se ela sofrer um arranhão, eu corto você dos pés à cabeça. — Fazendo um esforço enorme para se afastar, ele dá meia-volta e pega nossa mochila.

— Pegue as indicações para chegar ao cemitério — explica ele, dirigindo-se a mim, e depois segue para a colina, parando no limite do deserto de tabuleiro de xadrez. Ele fecha o canivete e olha para a distância com toda a paciência e compostura de um animal selvagem engaiolado, enquanto Gossamer flutua em torno dele.

— Seu namorado tem sérios problemas com confiança — provoca Morfeu.

— Cale a boca. Ele teve uma infância difícil.

— Ele devia ser grato por ter tido uma infância, afinal.

— Pare de se fazer se vítima. Você teve uma infância. Eu estava lá, lembra?

As marcas pretas em torno dos olhos de Morfeu enrugam-se num sorriso sarcástico.

— Não, Alyssa. Eu estava me referindo à pobre e pequena Alice.

— O que quer dizer com isso?

— Você vai precisar de uma arma. — Morfeu se esquivava da pergunta.
Enfiando a

mão enluvada no casaco, ele vasculha um bolso interno e tira um pequeno e delgado cilindro de madeira. Ele o vira, revelando buracos ao longo do objeto e um bocal em uma ponta.

— Uma flauta? Como isso vai nos proteger? — pergunto.

Morfeu aproxima-se e enfia o cilindro na minha blusa. Ele o desliza por minha pele nua até encaixá-lo no meu decote. Gossamer deve estar distraído com Jeb, ou ele já teria jogado esse idiota do alto da colina. Pessoalmente, estou pensando em esfregar o instrumento no nariz dele.

O olhar dele me coloca em cheque. Em algum lugar, por trás dessa imagem fantasmagórica, está a sinceridade, talvez até preocupação. Meu coração bate junto à madeira fria e lisa da flauta.

— Esperemos que você se lembre daquelas aulas de música que foi obrigada a frequentar. —

Morfeu apoia o quadril na mesa. Suas asas relaxam. — Um violoncelo deve bastar para saber a escala musical. Se você tocou um instrumento, tocou todos, certo?

Pela primeira vez, sou atingida à queima-roupa. — Você é a razão pela qual ela queria que eu tocasse?

— Embora ela esperasse, de todo o coração, que você nunca viesse parar aqui,

mesmo assim ela a preparou. E, até agora, você se mostrou gloriosamente capaz. Como ela ficaria orgulhosa de seu comportamento grotesco na mesa há pouco.

Um rubor sobe, quente, para minhas bochechas. Ele me viu dançar? Ou talvez esteja se referindo à minha luta bárbara para comer o Camundongo. As possibilidades são igualmente perturbadoras. — Você estava vendo?

— A propósito... — Ele olha para as costas de Jeb e aproxima-se, murmurando

baixinho. — O

suco de Tuntum altera as inibições de uma pessoa, aumenta sua fome. Mas não é a fome de comida. É

das experiências que elas desejam. Se tivesse sido comigo e não com o seu soldadinho de brinquedo, eu teria encontrado um meio de saciar tanta fome sem recorrer a frutinhas.

A arrogância dele me ferve o sangue. — Você não tem equipamento para satisfazer nada.

Mariposa. Lembra?

Ele ri silenciosamente, num gesto sombrio e suave. — Sou um homem em todos os sentidos. Assim como você é uma mulher, mesmo que alguns acreditem que você não passa de uma menininha assustada que está sempre necessitando de ajuda.

Ignoro a farpa. — Naturalmente. Você é um especialista em mulheres. — O olhar de cobiça na expressão apaixonada da Rainha de Marfim por trás do vidro emerge em meu pensamento. Aquela pontada estranha e possessiva vem em seguida, mas eu a refreio.

— Sinto um certo ciúme?

— Até parece.

Ele sorri, arrastando uma asa sobre o ombro para alisá-la. — Estou nesta forma há algum tempo.

Tive que praticar um pouco. Mas somente uma mulher é igual a mim em todos os

aspectos.

Intelectual, física e magicamente.

— É ela, não é? — Minha inveja é quase palpável. — Você colocaria qualquer um em perigo para tê-la em seus braços.

— Sem dúvida.

— Odeio você.

— Só por causa do que eu provoco em você.

Minhas unhas se cravam nas palmas das mãos. — Só porque você traz à tona o que há de pior em mim.

— Ah, não, querida. Eu trago à tona a *vida* que há em você. — Seu olhar intenso me atrai. O

acalanto excita meu sangue, levando minha pulsação a seguir seu ritmo. *“Pêssego e cinza, cresceu a florzinha, forte ficou e seu caminho encontrou; duas coisas ainda há que fazer, até finalmente...”*

O fim do verso — a última peça do quebra-cabeças — ainda me escapa. Aperto as têmporas para tirá-lo de minha cabeça. A ponta de meu dedo roça meu grampo de cabelo, e ele me aperta. — Pare com isso! — retruco. — Onde é o cemitério?

Gossamer aparece no ombro de Morfeu quando ele aponta. — Depois do abismo...

Logo ali.

Ele indica uma gota entre as areias do tabuleiro de xadrez à beira da duna, não muito distante de onde Jeb está. É difícil distinguir daqui, mas parece ser uma fissura na terra.

— Há um abismo? — pergunto, mais desconfiada a cada segundo.

— Ele separa o deserto do vale — um pouco largo para um mortal saltar. O cemitério é do outro lado. Está encoberto por uma touceira de vinhas e hera que protege os espíritos da luz do sol.

Minha coragem dá meia-volta frente à ideia de arrastar-me através de um matagal escuro cheio de fantasmas — intraterrenos ou não —, mas controlo meu medo. Jeb estará lá; não estarei sozinha.

— A menos que ache um modo de atravessar o abismo — acrescenta Morfeu —,

terá que subir a pé. Pegue a crista mais alta que o circunda.

As areias da crista parecem se estender ao infinito. Se a contornarmos, pode levar um dia. Não temos esse tempo todo se quisermos impedir o tratamento de Alison. Estou quase me opondo quando o Camundongo grita: — Pássaros Jubjub!

Gossamer faz um túnel no cabelo de Morfeu quando ele bate as asas e ganha o céu.

O

deslocamento de ar passa por mim, numa lufada com perfume de alcaçuz. A turma do chá entra apressada no chalé da lebre e bate a porta. Nuvens de poeira preta e branca assomam a distância.

As nuvens de poeira se dissolvem, revelando um exército de guardas de cartas

montados em pássaros. Enormes, com constituição de avestruz, cauda de pavão e cabeça e asas de gafanhotos gigantes. Embora os pássaros pareçam não poder voar, suas longas pernas cobrem a distância entre nós com facilidade. É um enxame de gafanhotos mutantes vindo nos devorar.

Nunca mais matarei um inseto que seja na vida...

Com o coração martelando as vértebras como um gongo, grito para Morfeu lá em

cima: — Ajude-nos!

— Cuidado com as areias movediças — grita ele em resposta. — Use a flauta se

precisar ganhar terreno. Presumindo que vocês cheguem ao vale, dirijam-se diretamente para o cemitério. O exército não entrará para segui-los. — Numa investida, ele voa na direção oposta de nossos atacantes. E vai embora. Sem mais nem menos.

Presumindo que nós cheguemos? Fico tão aviltada que meus olhos queimam.

—

Você jurou que não me deixaria novamente! Suas asas vão encolher, seu covarde! — grito.

Mas você não está machucada... Ainda.

É a voz dele, mas não tenho certeza se ela vem da minha memória ou se ele ainda está dentro da minha mente. Seja o que for, eu tinha esquecido da estipulação para seu voto da magia da vida. Ele é o mestre dos detalhes.

Um martelar estilhaça o ar. Viro-me e vejo Jeb batendo o carrinho de chá contra o tronco da árvore. Antes que eu compreenda o que ele está fazendo, ele já desmontou duas prateleiras da estrutura. Ele afasta a franja do rosto e vira as

tábuas para analisar o fundo.

Elas são lisas e sem emendas, ligeiramente curvadas para cima no final.

Ele estende uma para mim. — Vamos!

Pego o pedaço de madeira, confusa.

Jeb coloca a mochila no ombro, corre para a beira da duna alguns metros adiante e coloca a sua prateleira no chão, na borda onde começa o declive. Com um sapato na madeira para mantê-la abaixada, ele se vira para mim: — É agora, menina do skate!

Corro para ele, os braços tremendo ao acomodar minha prancha no lugar. Ele espera que a gente desça nelas — como surfe de areia. Mas será que ele não vê o abismo entre o deserto e o vale?

O final do declive se curva para cima, como uma rampa de lançamento. Ele não

pode estar contando que nós...

— Hoje você vai aprender um *ollie* — diz ele, completando meu pensamento.

Minha pulsação martela no pescoço. — Sem chance.

— Sem escolha. — Ele estende a mão. — Se começarmos a cair, use seu truque

mágico. Faça as pranchas flutuarem sobre o abismo.

— E se eu não conseguir? Já quebrei a maldição, consertei os erros de Alice. Talvez eu tenha voltado a ser eu mesma.

— Você ainda se parece com um deles. Aposto que não vai voltar a ser normal até que a gente atravesse aquele portal. A esta altura, o que temos a perder? — A mão dele aguarda a minha.

Eu a agarro e olho para trás. Nuvens de poeira consomem a ladeira e o exército toma a colina.

Eles chegarão no platô a qualquer momento. Olho para os torvelinhos de areia.

De perto, a inclinação é umas três vezes mais íngreme do que a maior queda do Submundo, e eu nunca cheguei a subir no alto dela. Estamos tão alto que minha visão flutua e meus joelhos ficam moles.

— Uaaaa! — Jeb passa um braço em torno da minha cintura para me equilibrar.

— Jeb... — Agarro o seu pulso. — Vamos nos separar.

— Não vamos. — Ele solta uma ponta da corrente de metal pendurada nas presilhas de seu cinto.

Depois a desenrola, deixando a outra ponta ainda presa em sua calça. Prendendo a corrente a um dos anéis do meu cinto, ele forma uma corda de segurança. Quando esticados, os anéis permitem que fiquemos à distância de um metro, e nos deixam seguros.

— Pronta? — pergunta ele, olhando por sobre o ombro para nossos iminentes

captores.

— Sim. — Mas meu estômago dá voltas e diz “não”.

Cada pedaço de mim pede para voltar... Para correr na direção oposta. Mas os

pássaros Jubjub guincham atrás de nós — um som que perfura os tímpanos, como os pterodáctilos gigantes de alguma trilha de filme pré-histórico — e eriçam os pelos do meu pescoço.

Deslizo o pé para cima da prancha.

— Agora! — grita Jeb.

Meu estômago vai ao chão quando damos um empurrão juntos e mergulhamos nas

profundezas de xadrez.

Cordas de

segurança

A primeira metade da descida acontece numa precipitação cegante. Permanecemos adiante de nossos inimigos, a madeira deslizando suavemente sobre a areia. Ajustando a pressão com os pés e pernas, controlamos nossa direção e velocidade. Meus músculos seguem um ritmo familiar, distraíndo-me da altura em que estamos.

O vento faz meu cabelo trançado esvoaçar. Por baixo da minha pulsação errática, uma sensação de esperança me impulsiona — quieta, calma e forte. É a isso que Morfeu se referia quando falou em encontrar a tranquilidade em meio à loucura?

Meu sorriso hesitante se abre para Jeb, e ele pisca, me estimulando. O cabelo dele se debate em ondas pretas em volta da cabeça. A luz do sol brilha entre seus cabelos, formando uma auréola. Ele se parece com algum anjo da guarda rebelde.

— Vamos nos lançar ao mesmo tempo — orienta ele. — Quando atingirmos o outro

lado, vamos soltar a corrente para rolarmos sem nos emaranhar.

Concordo com a cabeça. Um puxão no meu cinto me certifica de que estou segura...

De que estamos presos um ao outro.

Atrás de nós, o galope e os guinchos disparam. Os nervos me pressionam o peito.

Inalo os vapores da areia e reprimo a tosse, vendo o abismo se aproximar.

O vale do outro lado tem uma clareira de grama macia antes de se transformar em um matagal. Isso deve amortecer nossa aterrissagem e reduzir nosso impulso o suficiente para ficarmos logo de pé e encontrarmos a segurança.

Podemos conseguir sem o uso de magia. Só temos que cuidar da nossa aceleração nesta última parte... Pegar velocidade suficiente para fazermos um *ollie* que nos lance pelo espaço.

O que equivale a dizer que tem que ser uma manobra perfeita a partir de agora.

Preparo os pés, posicionando meu tornozelo traseiro para pisar forte no fim da prancha e meus dedos dianteiros subirem no nariz quando chegar o momento. Sinto um solavanco debaixo da prancha, e balanço um pouco, guinando e perdendo velocidade preciosa. Jeb se aproxima para me colocar de volta no curso. Em seguida, o mesmo acontece com ele, e sua prancha sacode tanto que ele quase perde o equilíbrio.

Ele volta para o lugar. — Tem alguma coisa se movendo debaixo da areia! — grita ele.

Outro solavanco faz meus pés tremerem. O alerta de Morfeu sobre as areias movediças me vem à cabeça. Enquanto Jeb e eu lutamos para ficar nas nossas pranchas, os quadrados brancos e pretos sobre os quais deslizamos mudam, colidem e convergem —

quebrando o terreno e transformando-o num quebra-cabeças de peças pontudas, como se mil terremotos pequeninos estivessem apertando a paisagem. Tenho uma sensação de *déjà vu*. É igual ao meu sonho.

Nossas pranchas param completamente onde os quadrados se unem e dobram.

Desmoronamos no lugar, arfantes. O exército da rainha avança em nossa direção, os pássaros gigantes escolhendo o melhor caminho em torno da superfície irregular.

O sol começa a se pôr. Estamos totalmente expostos, sem ter para onde correr.

Acima de nós, o exército... Abaixo, um abismo largo demais para ser cruzado com um salto. A primeira fileira de cavaleiros chega ao alto da crista e levanta um rodamoinho de areia que se enfuna para formar um cogumelo e em seguida nos envolve. Cubro a boca e o nariz. Os pássaros estão bem perto, e seu galopar ribomba pela madeira sob meus pés.

— Pegue a prancha e use como arma quando a poeira baixar! — O comando de Jeb

mal sai de sua boca quando me recordo da flauta. Morfeu disse para usá-la se

precisássemos ganhar chão.

Ele sabia que isso iria acontecer...

Ele está nos bastidores, mexendo os pauzinhos como sempre.

Tiro o instrumento e levo o bocal aos lábios, soprando e colocando os dedos sobre os buracos em um padrão que toca a melodia de seu acalanto. Embora eu nunca tenha tentado usar uma flauta — e instrumentos de sopro sejam completamente diferentes dos de cordas —, as notas me vêm sem esforço nenhum.

Jeb fica boquiaberto, tão estarecido quanto eu. Se ele soubesse da missa a metade...

Por quanto tempo esta melodia esteve dormente dentro de mim.

O som ecoa sobre o caos — alto e mágico. Assim que a última nota desvanece, um chocalhar irrompe por trás de nossos perseguidores. Em uma onda de cinza encardido, milhares de mariscos vêm correndo feito uma avalanche sobre a crista, carregando o exército da rainha no vagalhão.

A flauta escorrega de minhas mãos e desaparece. Pássaros Jubjub que perderam o equilíbrio e, guardas caídos que tentam escalar os mariscos como cabras montanhasas trepando nas saliências, também são pegos pelo dilúvio ruidoso. As conchas se abrem feito o Mar Vermelho em ambos os lados de Jeb e de mim, deixando-nos intactos. Eles ainda se lembram do que fizemos por eles.

Não seremos capturados, mas já perdemos nossa chance de aceleração.
Nunca

chegaremos do outro lado do abismo, e a subida de volta — com o terreno tão irregular —

pode levar horas. Já perdi a noção do tempo com tanta agitação. Podemos estar aqui há horas.

— Suba na prancha! — Jeb se posiciona na minha frente, gritando sobre a dissonância. — Vamos pular por cima dos mariscos; de alguma maneira, eles estão abrindo caminho para o abismo... E

vamos pegar uma carona para o cemitério.

Observo os mariscos voarem sobre a fenda usando aquela física torta do País das Maravilhas em sua vantagem. Eles pegam o exército Vermelho em seu impulso e pelo uso da força, entortam suas conchas para atirar os pássaros

Jubjub e os guardas nas profundezas feito lixo jogado da janela de um carro. Por um segundo, me pergunto se não vão fazer o mesmo conosco. Mas acredito que não.

Eles vieram em resposta à flauta e estão aqui para ajudar.

Jeb dobra as pernas como se fosse fazer agachamento. Ele está se preparando para pular sobre eles. — Quando eu contar até três — diz ele. Depois, Jeb alça sua prancha vários centímetros acima dos mariscos e apoia seu pé esquerdo sobre ela enquanto equilibra o pé direito sobre o chão.

— Um... — Sua voz me incita à ação. Seguro minha tábua no alto com uma mão e

imito sua postura, equilibrada sobre um pé e pronta para largar a prancha quando ele o fizer. — Dois... —

Minha mão livre se enrola na corrente que pende da presilha do cinto de Jeb.

Três!

Simultaneamente, como se tivéssemos praticado essa manobra centenas de vezes, jogamos as pranchas sobre os mariscos que avançam, com um pé já posicionado, e empurramos com o outro para pegar velocidade. Desta vez, não é nada parecido com surfar na areia. Minha prancha pula de um marisco para o outro, saltando sobre um guarda de carta aqui e ali. Cada impacto sacoleja a corrente e sacode meus ossos. Meu esqueleto não vai demorar muito para ficar tão escarpado quanto a paisagem.

Nossa velocidade aumenta quando o abismo se aproxima. Meu coração está na

garganta, batendo contra a laringe.

— Agarre a prancha e não olhe para baixo! — Jeb grita para trás.

Apanho a tábua com a mão que está livre e recolho os joelhos quando somos lançados. Estou apertando tanto os elos da corrente que meus dedos parecem feitos de metal também.

Com os olhos fechados, engulo o ar com cheiro de peixe que nos rodeia, tentando aplacar meu medo.

— Uh-huuuu! — O uivo de Jeb me força a abrir os olhos.

Por um instante, acredito no impossível. Estamos planando — agachados em nossas pranchas — a poucos metros da margem do vale, e parece que vamos conseguir. Nem estou usando nenhuma mágica. Deve ter algo a ver com a curvatura das conchas e a curvatura das pranchas, porque o mesmo lapso gravitacional bizarro que permite que os mariscos parem no ar está nos favorecendo também.

A madeira está literalmente flutuando sozinha. O vento passa por mim e eu levanto o queixo para o céu, mergulhando no azul que nos rodeia. Estou flutuando, e é incrível.

— Uh-huuu! — imito o grito triunfante de Jeb. Ele lança um olhar para trás, sorrindo.

Respondo com outro sorriso, agora sem medo, até Jeb parar de olhar para mim e olhar adiante enquanto a minha atenção se volta para baixo.

O abismo não é infinito. Seria tão melhor se fosse, pois eu não veria os corpos lá em baixo.

Estamos a uns vinte andares de altura, na fila da frente para todo aquele sangue e carnificina. Os perseguidores que sobraram estão aos pedaços ao longo dos espigões rochosos que emergem onde os lados do cânion se estreitam, na direção do fundo.

Tudo à minha volta começa a girar. Meu equilíbrio fica fora de controle e eu despenco da minha prancha levitadora.

Inalo um grito silencioso. Jeb ainda não percebeu. Uma lamúria se aloja em minha garganta enquanto eu desajeitadamente tento soltá-lo do meu cinto, determinada a não matar ambos. O fecho da corrente não se move, e Jeb é puxado para baixo. Ele passa por mim gritando.

Tento retribuir o grito, mas meus pulmões seguram todo o ar dentro de mim. O peso de Jeb puxa a minha cintura, e as laterais do cânion passam em uma sucessão de pedras pontiagudas. Ele larga a mochila para tentar diminuir a velocidade de nossa queda.

Parece que estamos caindo em câmera lenta. Vejo nossas mortes em detalhes excruciantes. Jeb será o primeiro a atingir o solo, seus membros e torso sendo rasgados enquanto ele quica de um afloramento escarpado a outro.

Depois, minha cabeça atingirá uma pedra e explodirá feito um melão maduro.

Revolta e arrependimento quase me incapacitam, até que alguma ficha cai dentro de mim... Uma percepção indescritível.

Eu. Posso. Voar.

A lembrança do pulo que minha avó Alícia deu da janela do hospital surge em um lampejo na minha mente. Talvez ela não tivesse pulado de uma altura suficiente. Suas asas não tiveram tempo para irromper de sua pele.

Como se deflagrado pelo pensamento, sinto uma comichão nas escápulas. E, depois, uma sensação de lâminas me rasgando a pele. Os gritos antes presos em minha garganta se soltam conforme algo irrompe atrás de cada ombro, como guarda-chuvas se abrindo.

Jeb dá um puxão na corrente e grita: — Al! Você tem asas! *Use-as!*

Lembro-me das palavras de Morfeu durante o banquete. “*Pare de pensar com sua cabeça, Alyssa.*”

Então, decido pensar com minhas entranhas. Retesando os ombros e arqueando a

espinha, controlo o impulso dos meus novos apêndices. Dois segundos antes de Jeb atingir a primeira rocha que o teria estilhaçado completamente, paramos em pleno ar.

Uau.

Jeb brada sua gratidão de lá de baixo: — Você é linda, amor! — Ele está tão aliviado que acaba rindo. Eu também rio, até começar a perder altitude. Seguro a corrente com as duas mãos e bato as asas com mais força para compensar o peso de Jeb. Minha cintura parece que vai quebrar ao meio.

— Me deixe lá embaixo. — A voz dele fica séria. — Sou pesado demais para você.

— Sua calça está coberta de poeira, e a cruz em sua coxa já perdeu tantas joias que mais parece um L invertido. O

tecido de sua camisa está escancarado nos cotovelos, onde há cortes com sangue e vergões por ele ter tomado impulso nas paredes do cânion para não ser atingido pelas rochas pontudas.

O abismo fica mais estreito, e é obvio que minhas asas não caberão lá. Temos que nos separar antes que os pés dele atinjam o chão. Não é mais alto do que os tombos das árvores nas quais costumávamos subir quando crianças, mas não posso deixá-lo. Não quero.

— Posso nos levar para cima... — Eu paro, tentando visualizar que as correntes estão vivas... Que elas se enrolam nele e o elevam sozinhas. Ou estou nervosa demais para que a mágica funcione ou ele é muito pesado, porque não obtenho sucesso.

— Uh-hu — dispara ele. Jeb se balança para a esquerda e apoia os pés em uma

pedra para ajudar a sustentar seu peso. — Larguei a mochila e o dinheiro. Temos que pegá-la. Minha namorada não vai passar as férias de verão no reformatório para jovens.

Namorada dele. Ouvir isso me faz tentar com mais força ainda. Tento pegar as pranchas que flutuam lá em cima com a minha mente. Se eu pudesse agarrar uma, poderia jogá-la para Jeb usar como apoio.

Elas flutuam na direção do vale, como se me ignorassem propositalmente. Minhas novas asas se distendem com o esforço de pegá-las, e minha coluna se curva e estende. Eu uivo de dor.

— Pare de se machucar! — Jeb perde o equilíbrio e balança abaixo de mim de um lado para o outro, feito um pêndulo. — Ou você me abaixa ou tiro a corrente e caio sozinho. Você escolhe. — Os dedos dele rodeiam sua cintura.

— Mas eu não posso ir com você!

— Então você vai me deixar aqui e depois vai buscar alguma coisa. Uma corda,

uma trepadeira...

Uma extensão para a corrente, algo que possa me puxar. Está bem?

— Tudo bem — respondo, desejando que estivesse realmente tudo bem.

Ele balança a cabeça, concordando, e eu o ajudo a descer, oferecendo um cabo de ancoragem, como nas vezes em que fomos fazer rapel.

Abaixá-lo é a coisa mais difícil que eu já fiz. Não somente por causa da espiral gélida de terror em meu peito, mas porque minhas asas têm que se alternar entre a rigidez de uma asa-delta e as relaxadas investidas de um pássaro

para nos guiar pelo labirinto de rochas.

— Está se aguentando bem? — Tento soar despreocupada.

— Além da cueca colossal? — ele guincha, em voz deliberadamente estridente. —

Ela deve ter aumentado uns quatro números.

Lanço um riso forçado. — Está pagando o carma pelos escoteiros que você nocauteou na sétima série.

Ele ri, provocando um eco vazio no abismo.

Minhas asas titubeiam e eu agarro a corrente com as duas mãos para compensar seu peso.

— Estamos quase lá. — Suas palavras têm um tom sério agora. — Estou muito pesado?

— Estou bem — consigo responder. O suor pinga do meu rosto enquanto o posiciono na abertura estreita no fundo. Ele ganhou mais alguns arranhões no caminho, mas não reclama.

Chegamos ao ponto máximo em que consigo chegar. Mesmo havendo somente

cerca de um metro entre nós, para mim parece um campo de futebol. Não podemos nos tocar. Não consigo ir mais baixo sem arranhar minhas asas nas paredes do desfiladeiro, e ele está equilibrado entre duas rochas que o mantêm no centro da fenda. Daqui, a queda parece menos assustadora. Mas não é a queda que me preocupa. E se eu não encontrar um modo de içá-lo de volta?

— Al... — Nossos olhares se encontram, e vejo algo novo nos olhos dele. Surpresa misturada com reverência. Ele balança a cabeça. — Suas asas são incríveis. Elas doem?

— Não. — Tremulando no lugar, estendo a mão e toco uma escápula através do

rasgo na blusa. —

Nem estou sangrando. Mas elas são pesadas. Parece que estou usando uma

mochila enorme.

— Mas parece que você está sentindo dor.

Agarro as correntes esticadas, nossa única ligação sólida, desejando que fossem seus dedos nos meus. Meus olhos ardem. — Jeb, e se eu não conseguir resgatar você?

— Não vai acontecer. — Ele enrola os dedos nos elos da corrente. — Você lembra quando meu pai morreu... Aquela noite?

Eu faço que sim.

— Nós fomos para a sua casa. Seu pai fez chocolate quente. Ele foi para a cama depois de um tempo. Jen e mamãe adormeceram no sofá. Mas eu e você ficamos sentados na cozinha conversando até as cinco da manhã.

Não estou bem certa de onde ele quer chegar com aquilo. Não está fazendo com que eu me sinta nada melhor por ter que deixá-lo. Ser lembrada do quanto ele estava sofrendo faz minhas entranhas ficarem pesadas feito tijolos.

— Você me levantou na noite mais sombria da minha vida — acrescenta ele.
—

Mesmo depois, foi você que me fez seguir adiante. Você ia andar de skate comigo todo dia, me mandava torpedos a toda hora.

— Eu ficava vendo você trabalhar na sua bicicleta e pintar.

Nossos olhares se tocam de uma maneira que não podemos, e o rude e forte

Jebediah Holt parece vulnerável. — Você é a melhor amiga que eu já tive. Mesmo que as coisas não deem certo, você vai encontrar uma maneira de me ajudar.

A confiança que ele tem em mim me emociona. — Não quero fazer isso sem você.

Ele olha para minhas asas e sua boca se aperta, um traço rígido. É óbvio que ele está lutando contra o desejo de me puxar para ele. — Sobre uma coisa Morfeu não

mentiu...você sabe cuidar de si mesma. Eu devia ter percebido isso, já que você cuidou de mim por tantos anos. Então, seja forte, Alyssa Victoria Gardner.

Meu peito infla de esperança. Ele realmente acredita que vou conseguir. — Está bem.

— E, Al — acrescenta ele, com o queixo duro. — Aconteça o que acontecer, nós

vamos nos achar.

Você é a minha corda de segurança. Sempre será.

O sentimento incita uma reação muito estranha em meu coração — ele o parte e o cura, tudo na mesma respiração. Antes que eu possa responder, Jeb solta a corrente. Eu estava batendo as asas com tanta força para manter nós dois no ar que, com o peso diminuído, sou catapultada para cima do abismo como se estivesse em uma corda de *bungee jump*.

A propulsão me força contra o vento. Minhas tranças me chicoteiam o rosto, trazendo de volta a imagem de Alison lutando com o seu cabelo no pátio da clínica. Mas não serei vítima como ela.

Aceitarei o poder do qual ela sempre fugiu. É a única coisa que pode me manter viva e me fazer reencontrar Jeb.

Jogo o cabelo para o lado e ajusto minhas asas para dar uma guinada na direção do vale. Meu medo de altura retorna, e eu mergulho muito, e muito depressa. O chão de grama vem ao meu encontro, e eu grito.

Fecho os olhos com força. Um impacto violento chacoalha meus ossos e enrolo o corpo numa bola para aproveitar o impulso. Minhas asas e a corrente se enroscam e me prendem — com tanta força que mal consigo mover os braços e pernas quando paro de rolar.

Sacudindo-me para verificar se nada está quebrado, estico as palmas das mãos

contra as asas, fazendo força para libertar meu rosto. As mesmas coisas que salvaram a minha vida e a de Jeb agora me sufocam feito uma camisa de força. Cada respiração empurra a membrana leitosa com mais força contra minhas narinas e lábios.

O ar ainda adentra, mas, encolhida num casulo, não consigo ver o que se passa à minha volta. Sinto um cheiro de ranço, como se eu tivesse caído dentro de uma usina de tratamento de esgoto. Bufadas quentes de respiração circundam meu corpo. Alguma coisa está me rodeando... Me cheirando. O

pânico encolhe meus pulmões.

Finjo que estou morta enquanto cordas envolvem meus tornozelos e me arrastam.

Um grito implora para sair. Eu o reprimo, e ele queima dentro do meu peito.

Estou descendo uma ladeira, o que significa que estou sendo puxada para fora do abismo, na direção dos arbustos do cemitério no lado mais baixo do vale.

Três coisas estão erradas neste cenário; estou presa sem poder lutar e nem ver quem está me arrastando; estou sendo rebocada para mais longe de Jeb; e, por último, mas não menos importante, estou prestes a ficar sozinha, bem no meio do jardim das almas do País das Maravilhas, e sem nada além de coisas mortas para me fazer companhia.

16

Silêncio

Tentar escapar é inútil. Não importa o quanto eu me concentre nas correntes e na corda que me amarram, não consigo animá-las. A claustrofobia me distrai.

Tento dizer a mim mesma que estou envolta em um cobertor aconchegante, mas

minha mente não acredita. Quando finalmente paramos, minhas asas doem e minhas costas e cóccix latejam por causa do terreno irregular que atravessamos para chegar aqui.

Respiro bem baixinho enquanto uma discussão estranha acontece acima de mim.

— Estúpidiss! Estúpido, estúpido! Ela não tem cheiro di morrrta!

— Mas parece morrrta. Papa pere pece.

A má notícia é que eles perceberam que estou viva e a notícia pior é que não estou muito certa quanto a *eles*. Seu fedor de decomposição queima minha garganta. Pela voz, não devem ser muito grandes. Talvez sejam zumbis pigmeus.

Arrasto-me para fora com este pensamento e tenho que reprimir um gemido.

As cordas se soltam dos meus tornozelos. Eles vão me tirar do casulo logo, logo. E

então, terei de enfrentá-los, seja lá o que forem. A apreensão faz meu coração disparar.

— Nus deve trazer só mortosss. Twids não gosssta errar — diz uma das criaturas, em voz esganiçada.

— Pee posrros não sssão o mais piorrrr dos nossos pro pleble pasmas.

— É sssimm. Errar não nossa pulcul papa. Irmã Um pepe piudiu trazer ela paa

piqui.

— Pepe piudiu ou não, Irmã Dois pavai ponos enforçar! Nada de pivi posvos aqui.

Nada qui res pipi ra ou fa pala. Nada, nada, nada!

A língua deles é uma mistura da língua do P com algo absolutamente maluco. Só consigo entender que eles trabalham para as Irmãs Twid recolhendo coisas mortas. Estão preocupados que a Irmã Dois não gostará de saber que alguma coisa viva foi trazida para este solo sagrado. Parece que ela pode enforcá-los pelo erro. Se eles continuarem prevendo isso, podem decidir me *tornar* morta para salvar sua pele.

Cerro os dentes para conter uma pontada de medo. Talvez a Irmã Um não deixe que me machuquem, pois foi ela quem mandou me pegar. O que levanta uma nova questão: por que ela me quer aqui?

O ribombar de um trovão penetra em meus ossos. Me forço a respirar, inalando o cheiro de terra molhada mais que o de meus captores. O cemitério deve ser impermeável, porque a chuva está batendo no que parecem ser folhas acima de mim, mas eu não estou ficando molhada.

E se Jeb estiver no meio da tempestade? E se ele for surpreendido por um deslizamento de terra?

Tenho que voltar para ele. Posso usar a corda em volta dos tornozelos como uma extensão para a corrente.

Meus captores ainda estão discutindo o que fazer comigo, e a realidade é que ninguém virá me resgatar daqui. Dependo só de mim mesma.

A insegurança crava seus dentes em mim, bem fundo, cruel e cortante.

Mas espere. Eu não sou uma estranha neste mundo — conheço seus

segredos.

Talvez tenha sido somente em meus sonhos, mas aprendi coisas que me salvaram mais de uma vez nesta jornada. Não sou a menininha indefesa e vulnerável que era quando brincava aqui.

Não sou nem a mesma garota que era quando cheguei à toca do coelho com Jeb.

Estou mais forte.

Para começar, agora tenho asas; e, como observei com Morfeu, elas podem ser

usadas para mais do que somente voar. Elas podem ser armas e escudos.

Esperando ter o benefício da surpresa, sacudo as pernas onde as cordas estão soltas.

As criaturas voam longe com os meus chutes, não mais pesados do que porquinhos-da-índia.

Eles gritam quando fico de lado e a corrente retine no chão. Solto-a do meu cinto e minhas asas se enfunam. Arfando, encho os pulmões de ar, estendo as pernas e me coloco de pé, destemida, caso as criaturas sejam como cães e possam farejar o medo. Até consigo emitir um rugido decente enquanto equilíbrio meu peso com os acessórios.

As criaturas correm apressadas em volta dos meus pés, sibilando. Estão usando pequeninos capacetes de mineiro, e as luzes balançam para todos os lados, como um globo estroboscópico, me desorientando.

Imediatamente os reconheço do site do País das Maravilhas. Eles são como as

pinturas de duendes presos em gaiolas, chorando lágrimas de prata — macabros, mas fascinantes.

Suas caudas longas e caras de primata me lembram macacos-aranha, exceto por seu traseiro pelado. Lodo prateado goteja de sua pele nua, a origem do cheiro nocivo que me sufoca. Seus olhos bulbosos são prateados também, sem pupilas nem íris, então eles brilham feito moedas molhadas — quase cintilantes, mesmo sob a luz mortiça.

Gotículas oleosas seguem suas pegadas. Um olhar para meus pés revela o mesmo

resíduo escorregadio em volta de minhas botas. Eles devem ter usado suas trilhas para me arrastar até aqui, não cordas, o que significa que precisarei encontrar outra maneira de fazer um cabo para Jeb.

Alguns dos duendes param aos meus pés e olham da corrente para mim, deliberando se vale a pena o esforço de me acorrentar novamente. Pego os elos e em seguida agito minhas asas num rasante para impressionar as criaturas, batendo o pé com mais força do que o necessário. Os duendes se contorcem para entrar em algumas moitas onde os outros já haviam se escondido.

Um choramingar sacode as folhas, junto com o piscar das luzes de seus capacetes.

As criaturas parecem mais assustadas do que imagino.

Estou em um jardim coberto, escuro e bolorento. À minha esquerda, vislumbro um punhado de itens brilhantes — de braceletes e colares a joias desmembradas — e uma pilha de ossos junto a vários rolos do tamanho de pneus de bicicleta cheios de fios dourados e tremeluzentes. Isso me recorda da escadaria assustadora que eu e Jeb descemos para entrar no coração do País das Maravilhas; pode ser que ela tenha sido construída com esses materiais. Talvez as joias sejam o pagamento dos duendes por suas criações.

Pego um rolo de ouro e dou um puxão no fio. Embora ele pareça elegante e frágil, é forte como um fio de telefone. Forte o bastante para aguentar o peso de Jeb.

Quando passo a corrente pelo buraco do meio do carretel para confeccionar uma funda, alguns dos duendes saem apressadamente para arrastar os carretéis restantes, os ossos e as joias para seu esconderijo, silvando para mim.

Eu os avalio, buscando na memória o que Morfeu me ensinou sobre eles, tentando descobrir se as criaturas são uma ameaça. Lembro-me de um esboço que ele fez. De como seus dedos longos e elegantes apontavam para as imagens deles. Morfeu disse que são dóceis e tímidos e adoram tudo que brilha. Como cobras, eles trocam de pele ao crescer, mas ao contrário das cobras, sua pele se decompõe em pedaços gordurentos antes de cair, conferindo-lhes uma estranha conexão com os mortos. Na verdade, eles se sentem mais à vontade entre cadáveres do que entre seres vivos.

Não sou nada além de uma novidade para eles. Eles não têm motivo para me machucar. O ritmo *staccato* em meu coração diminui.

Viro-me, buscando uma saída. As asas se emaranham debaixo de minhas botas,

fazendo com que eu pise nelas. Ferroadas de dor me percorrem a espinha e os ombros, prova de que os apêndices estão presos ao meu esqueleto.

Alguns risinhos voluntariosos chacoalham os arbustos e eu olho para minha audiência invisível enquanto me liberto. Minhas asas não podem se esticar totalmente para cima por causa das trepadeiras e dos arbustos espinhosos que pendem do teto.

Estendo uma asa por sobre o ombro direito para me certificar de que não a machuquei. O contato com a textura parecida com veias manda vibrações pela minha espinha. É como tocar a luz do sol e teias. Quente, etérea, mas não pegajosa... Finamente tecida.

Me impressiona como algo tão delicado pode me dar tanta sensação de poder.

Minhas asas não são pretas como as de Morfeu. Elas são quase da cor de vidro fosco branco com pontos de joias brilhantes que piscam todas as cores do arco-íris, como as joias sob seus olhos. O padrão faz lembrar borboletas.

Borboleta. Que ironia, todos esses anos papai ter me chamado assim. Agora sou uma de verdade.

Uma borboleta presa.

Olho à minha volta novamente. O ar aqui embaixo é inerte e sufocante. A julgar pelas sebes de cantos quadrados, estou bem no meio de um labirinto de jardim digno de qualquer romance gótico de suspense. Três aberturas se ramificam a partir daqui. Uma delas é minha rota de fuga.

A chuva cai mais forte sobre as folhas acima de mim. Tenho que me apressar.

Arremessando a corrente e o carretel sobre o ombro e debaixo da minha asa, lanço um alerta para os duendes com bastante veemência: — Eu não me entregarei sem luta — e em seguida escolho a abertura à minha direita, onde um brilho suave irradia. Avanço dando voltas no labirinto, parando para soltar a corrente da vegetação rasteira sempre que ela fica presa.

Logo o caminho se ramifica de novo, desta vez com cinco opções — todas

igualmente luminosas.

Pego a opção do meio e sigo em frente.

Dez passos à frente e atravesso um arco, terminando onde comecei. Os duendes

saíram de seu esconderijo. Seus capacetes de mineiro jogam luz em todos os cantos enquanto eles soltam risos de escárnio. Olho para eles e eles voltam correndo para os arbustos, deixando pegadas oleosas.

Talvez seja hora de barganhar por algumas respostas.

Ao tirar o meu cinto, eu o agito diante dos arbustos para que a luz mortíça atinja os rubis. — Darei isto a quem me mostrar a saída do labirinto.

Ouçó murmúrios, mas ninguém se candidata. Eu me ajoelho e afasto as folhas na base da sebe mais próxima. Um par de olhos refletivos me olha das profundezas. A luz do capacete da criatura está desligada.

— Olá. — Eu amplifico o charme, tentando ser diplomática como fui com a criatura com aparência de furão no banquete de Morfeu. Não é fácil quando o indivíduo cheira a carne podre.

Passo o cinto pelas folhas, permitindo que o duende veja as joias de perto. —

Bonitas, não?

Ele toma o cinto da minha mão e veste o acessório feito uma echarpe. Afagando os rubis faiscantes, ele ronrona.

— Você sabe por que a Irmã Um me quer aqui? — pergunto.

O duende pisca os longos cílios com recato. Suas pálpebras são verticais, fechando lado a lado como cortinas de palco para depois voltarem a abrir. Simplesmente assustador.

— Nós não sabe — murmura ele.

— Está bem. — Acredito. — Mas a Irmã Dois *não* me quer aqui, certo?

A criatura estremece como resposta.

— Então me ajude a sair e a grande irmã má nunca vai saber. Você não vai ser

enforcado. Faz sentido?

O duende faz que sim. — Usa pacha peve, brilhante faladora — sussurra ele

antes de se retirar para dentro das folhas.

— A chave? — pergunto em voz alta. Ele não pode estar falando da chave que Jeb deixou na porta da toca do coelho. Mas existe alguma outra chave?

Em meu sonho, Morfeu chamou minha marca de nascença de chave quando me

mostrou como abrir a árvore de diamantes.

Afasto minhas asas do caminho para sentar, tirar as duas botas e esticar os dedos, esfregando as solas doloridas dos pés. Estou usando plataformas há tempo demais. Dois dias, direto. É isso mesmo?

Não consigo lembrar.

Franzindo a cara, enrolo a perna esquerda do legging até ver a marca de nascença.

Lembro-me de como minha pele reagiu ao toque de Jeb quando ele acariciou meu tornozelo na sala de estar. E em seguida como me senti no momento em que Morfeu pressionou sua carne contra a minha para me curar.

Jeb é estável, forte e genuíno — meu cavaleiro em sua armadura reluzente. Morfeu é egoísta, suspeito e sublime — o caos encarnado. Impossível comparar.

E aqui estou eu, a união de tudo isso. A luz e a escuridão ao mesmo tempo. Caso eu cedesse a um de meus lados, será que eu teria que abdicar do outro? Meu coração dói ao pensar nisso. De alguma maneira, sinto que preciso dos dois para estar completa.

Estudo a marca de nascença e me fecho para outros pensamentos. É possível que ela seja um mapa do labirinto no qual me encontro. A pigmentação segue uma curva contínua à direita e se enrola em si mesma. Presumindo que estou no meio do labirinto, precisarei virar à esquerda várias vezes para sair.

A não ser que eu esteja olhando a coisa de cabeça para baixo.

A desorientação faz minha cabeça rodar. A sensação de estar presa volta a contrair meu peito.

Fico de pé, segurando as botas pelos cadarços em uma mão e a corrente e o carretel na outra. Se eu continuar virando à esquerda, vou avistar algum lugar. Espero...

— Vocês vêm comigo? — pergunto aos duendes. Por mais estranho que eles se

pareçam, a companhia deles me conforta. Folhas farfalham atrás de mim quando me dirijo para a abertura da esquerda. Dou passos largos para evitar partes espinhentas da vegetação rasteira. Meus companheiros seguem meus passos, as luzinhas saltitando, e eu imagino como deve parecer cômica nossa caravana. Se Jeb estivesse aqui, inventaria algum apelido engraçado para os duendes.

Esboço um sorriso amarelo ao pensar nele. *Fique bem, Jeb. Estou chegando.*

Está silencioso demais, há apenas o barulho da chuva batendo acima de nós, e penso em conversar com meus companheiros duendes, talvez até com as sebes. O silêncio não é tudo aquilo que eu pensava que seria. Durante toda a minha vida de adolescente, tentei silenciar insetos e plantas, na ânsia de me encaixar. Mas estou começando a pensar que poderei precisar daquelas outras vozes para poder me encaixar na minha própria pele. Para ser eu mesma novamente.

Sinto o mesmo sobre minhas asas...

Eu voei.

Eu. Voei.

Eu não tive medo. Eu estava no controle, forte, livre. *Viva.*

Como se estivesse respondendo aos meus pensamentos, minha asa esquerda desfalece e bate na minha cabeça. Eu a empurro para trás, depois me viro e olho para meus acompanhantes, analisando-os. — Por que quanto mais tempo eu fico aqui, mais sinto que este é meu lugar? — pergunto-lhes.

Eles diminuem o passo, mas não respondem. O que está usando o cinto como echarpe dá um sorriso macabro, e trinta e poucos outros pares de olhos metálicos brilham de curiosidade debaixo dos capacetes.

O comentário de Morfeu sobre a infância perdida de Alice incomoda feito uma

torneira gotejando na minha cabeça. Duas coisas não se encaixam: Alice alegar que foi mantida prisioneira em uma gaiola por todos aqueles anos, e a ausência de sua marca de nascença quando ela ficou velha. Morfeu está escondendo alguma coisa. Se eu tivesse tempo para parar e raciocinar...

Um trovão a distância me faz virar novamente. Já perdi a conta de quantas vezes eu e meu séquito viramos à esquerda, mas este caminho parece mais longo do que os outros.

Paro em um arco — o maior e mais luminoso que já cruzei. Tem que ser a saída.

As luzes de mineiro dos duendes desaparecem nas sebes. Não importa se eles vêm ou não. Nada me impedirá de deixar este lugar.

Minha determinação titubeia no instante em que cruzo o arco. As botas, a corrente e o carretel caem das minhas mãos, produzindo um som abafado.

Um túnel de teias maciças se curva adiante, cheio de pontos de luz âmbar.

Uma vez, em Pleasance, depois de uma tempestade de verão, encontrei uma teia de aranha em uma árvore com fileiras e fileiras de gotas de orvalho em cada raio. A luz do sol, cortando uma nuvem, iluminou as gotículas como se estivessem em fogo. Foi incrível, água... Sobre fogo.

É isso que este lugar parece — ampliado milhares de vezes. Mas não são gotas de orvalho que pendem da gigantesca teia. São rosas: cristalinas e do tamanho de repolhos.

Seu cheiro é diferente das rosas de casa. É picante, com um toque de fermentação queimada, feito folhas de outono.

Sigo adiante. As luzes pulsam feito um coração, hipnóticas. Outro estrondo de trovão lá em cima.

Neblina se move pelo chão — um tapete de névoa, assustador o bastante para estar em um filme de horror.

Aproximo-me mais, cativada pelas flutuações elétricas no centro de cada rosa

vítrea. A consciência me toma, aquele mesmo saber que me tomou quando minhas asas brotaram. A luz dentro destas flores é o resíduo da vida. Este é o jardim onde a Irmã Um planta e cuida dos espíritos. E eu estou bem no meio dos falecidos do País das Maravilhas.

O solo aqui é sagrado. Por isso os duendes não me seguiram para cá.
Nervosa,

recuo.

“Nada tema. Aproxime-se, linda criança. Eu tenho o que você procura.” O

sussurro me faz parar.

— Chessie? — murmuro. Não é possível que a tarefa seja tão fácil assim.

“Você não encontrará aquela criatura traiçoeira nesta teia. Mas posso servi-la melhor do que ele.”

A voz está vindo de uma das rosas. Um rodamoinho vermelho doura suas pétalas

transparentes, lembrando um vitral. Inclino-me bem baixinho e abro o centro da flor, esperando uma superfície dura e escorregadia. Mas meus dedos encontram uma penugem aveludada, incandescente, que reveste as pétalas como uma inovação em fibra óptica.

Como se respondesse ao meu toque, a luz fica mais intensa, e depois assume a

forma de um rosto, assustadoramente real, como os convidados que Morfeu materializou com suas baforadas no narguilé.

“Ele finalmente encontrou você, a pessoa que carrega meu grampo”, sussurra o rosto. Uma carranca estica suas feições. “Eu imaginava que seu cabelo seria ruivo... Bem, não importa.

Podemos consertar a cor. Você vai servir lindamente.”

Toco no grampo de rubi, com as palavras congeladas em minha garganta. Os olhos tatuados da mulher parecem os meus, e eu a reconheço vagamente, mas não consigo precisar. Antes que eu possa me afastar das pétalas, a luz se separa do botão e se lança sobre meus dedos, causando uma onda de choque. Uma sensação de efervescência me percorre as veias e as ilumina por baixo da pele das minhas mãos, fazendo com que pareçam verdes — como clorofila. De minhas veias brotam folhas em cada canto, fazendo-as parecerem mais com trepadeiras do que com condutores de sangue.

E então, tão rapidamente quanto se acenderam, minhas veias voltam a se fundir em minha carne, como se nada tivesse acontecido.

Talvez tenha sido minha imaginação. Mas uma coisa que eu não imaginei foi a

sensação de intrusão. Por um instante, alguém mais compartilhou do meu corpo.

Com um estalo, a rosa se quebra e murcha sob minha mão.

No instante em que a rosa morre, os milhares de botões ao redor se sacodem em suas treliças de teia, todos suspirando juntos.

A cacofonia pressiona fortemente meus tímpanos. Tampe as orelhas.

Seus lamentos se elevam a um guincho angustiante, como se alguém pegasse um

arco de violoncelo e o arranhasse em um quadro-negro — para trás e para a frente, repetidamente —, alimentando a vibração através de caixas de som no volume máximo dentro da minha cabeça. Caio de joelhos, gritando.

— Você ganhou um quadrado. — Uma voz cantada de mulher se eleva em meio ao

caos. Ao passar por mim, suas saias tocam minha manga.

Seus dedos longos e pálidos puxam a teia que envolve a rosa despedaçada, tocando as primeiras notas com a mestria de uma harpista. Os outros botões — ainda tremendo e murmurando — vão ficando mais calmos até que seus sussurros se tornam novamente toleráveis.

Olho para o rosto dela, olhos azuis luminosos e lábios da lavanda do crepúsculo de novembro.

Sua pele é tão translúcida que ela parece um desenho sobre um pedaço de papel —

bruxuleante e tênue, com o cabelo da cor de madeira clara. Um vestido listrado vermelho e branco, justo no peito mas com uma saia fluida com armação, dando a ilusão de que ela é da Regência Britânica.

Começo a tremer e me afasto. Ela me segue. A bainha de renda de sua saia sobe e varre a névoa em torno de seus pés. Se ela tivesse tornozelos e canelas, eles seriam visíveis.

Em vez deles, oito membros articulados, pretos e brilhantes como os de uma aranha, brilham por baixo. É como se tivessem pegado seu torso e o colado em cima do tórax de uma viúva-negra.

Engulo um gemido. A saia de armação deve esconder um abdômen globular e as

fiandeiras usadas para construir este túnel de teias. Controlo o desejo de sair correndo e salvar minha vida. Não adiantaria. O teto é baixo demais para eu usar

minhas asas e não tenho como superar tantas pernas.

— Irmã Um? — digo, grasnando, surpresa ao perceber que minha caixa torácica

ainda consegue exprimir algum som.

— Como vai? — Ela estende a palma da mão aberta para mim. Não consigo fazer o mesmo, por medo que ela me envolva em uma teia e me guarde para um lanchinho noturno.

Ela abaixa a mão. — Você ganhou um quadrado, mas perdeu a rainha. — Ela fica

mais alta com um movimento suave, como se fosse erguida por uma plataforma mecânica.

— Isso não estava na minha negociação com Morfeu. — As mãos dela pousam na cintura.

— Morfeu? — A desconfiança vence o horror. Ele é a razão pela qual ela me arrastou até aqui?

Será que foi para garantir que eu encontrasse a cabeça de Chessie? Mas ele disse que ela guardava algum ressentimento, então por que o está ajudando?

— Você roubou a rainha? Ou ela está à solta? — Os olhos da Irmã Um cintilam, os cílios macios se estreitando.

— Hum. — Arrisco um olhar de soslaio para a rosa que quebrei, agora estilhaçada feito o espelho de meu quarto. E então compreendo por que a silhueta branca e nebulosa me pareceu familiar. — Era a Rainha Vermelha! — A *intraterrena que jogou a maldição sobre minha família*. — Eu não sabia que ela estava morta...

— Sim, estava. — A Irmã Um inclina-se para agitar um dedo diante de meu nariz.

— E isso não era parte do trato.

As rosas na teia começam a se mover novamente, mais voláteis desta vez. O movimento afeta meu equilíbrio, como se eu estivesse rodando dentro de um carrossel. A Irmã Um me estende a mão.

— Você as acordou! Deve ajudar-me a aquietá-las para que voltem a dormir! — Ela começa a cantar uma melodia conhecida... Não o acalanto de Morfeu,

mas algo de minha infância.

“Ciranda...”

Suas oito patas marcam o ritmo, esperando um parceiro para dançar. Tentando não pensar nas fiandeiras debaixo de sua saia, pego a mão dela. Sua pele é macia e cheira a luz do sol e poeira.

Logo, estamos rodando em círculos feito crianças. Uma cena da versão de Lewis Carroll do País das Maravilhas me vem à mente... Quando Tweedledee e Tweedledum dançam com Alice ao som de “Todos em torno da amoreira”.

Mas a Irmã Um é parcial com a canção da rosa — por razões óbvias. Porém, trata-se de uma versão diferente da que cresci ouvindo:

Numa ciranda de roda/podre o corpo se torna.

Shhh! Shhh! Shhh! Shhh!/Vocês todas vão rolar.

Rolar, rolar e bem fundo parar/Às irmãs Twids suas almas vão dar.

Numa teia calmamente repousar/Nem a cabeça irão virar.

Se acordar a Primeira virá/E para adormecê-las ela cantará.

Shhh! Shhh! Shhh! Shhh!/Todas nós já adormecemos.

Giramos em círculos estonteantes sob a teia que balança. Levanto o queixo e rio, realmente começando a desfrutar do clamor à minha volta. É tão libertador, minhas asas rodopiando feito nuvens, macias e acetinadas quando roçam minha cabeça e ombros.

Rodamos e rodamos até que finalmente as rosas cessam seus lamentos e se juntam a nós em nossa melodia. A Irmã Um se solta de mim para encarar suas funções espirituais. Apoio o cotovelo nos joelhos para recuperar o fôlego.

As vozes das flores convergem para terminar o último verso. A Irmã Um as conduz, os braços levantados e marcando o ritmo, feito o maestro de uma orquestra: Se o sono não nos achar/A Irmã Dois virá nos atacar.

Como brinquedos descartados iremos viver/Que nenhuma criança irá querer;
E

repouso não mais teremos/Pois trancadas e tristes ficaremos.

Shhh! Shhh! Shhh! Shhh!/Iremos todas rolar.

No fim, a quietude toma conta do jardim. O único som é o ruído produzido pelas pernas finas da Irmã Um ao roçar na grama enquanto ela vai de um canto a outro da teia para envolver as flores na gaze pegajosa.

A euforia cessa e sou enviada a um tempo em que Alison me envolvia nos cobertores e me dava um beijo de boa-noite na cabeça... Momentos antes de eu dormir e encontrar Morfeu. A lembrança começa a rodar e vira um borrão, como gotas de corante na água.

Não consigo lembrar há quanto tempo estou aqui... Minutos, dias, semanas? Tenho que encontrar Jeb.

Correndo para o arco, meus pés descalços esmagam a grama a cada passo.

— Espere! — grita a Irmã Um do limite do túnel. — Você precisa pegar o sorriso que roubei para você!

Ao abaixar a cabeça, pulo sobre a corrente e a corda que deixei cair antes e continuo em frente. O

medo fez morada em meu coração, e eu não sei como isolá-lo.

Saias farfalham atrás de mim. A aranha me persegue.

Aos tropeços, entro em uma trilha e ganho velocidade. Meus pulmões doem de

tanto arfar. O peso de minhas asas me atrasa. Eu as embrulho em volta de mim, feito um xale.

Chegando ao único arco que falta, mergulho através dele. Um olhar em volta e caio de joelhos.

É como no pesadelo de Alice... Parece que estou morta.

Sorrisos roubados

e brinquedos quebrados

Ajoelho, aterrorizada demais para me mexer.

Acabei vindo parar no covil de almas desesperadas da Irmã Dois. É a única explicação para os gemidos e lamentos que fazem minha espinha tremer. Um calafrio paira no ar e gruda em mim feito uma segunda pele — seco e rançoso, suavizado por uma pitada de neve.

Apertando minhas mãos, forço-me a ficar de pé. Os gritos e lamentos silenciam.

Cada pelo da minha nuca se eriça. Partículas de pó granulado branco com pedacinhos de gelo cobrem meus pés descalços e entram nos dedos dos pés. É fria, mas não cortante como a neve de casa.

A passagem se alarga num amplo vazio cheio de chorões mortos — ramos pensos,

sinuosos e finos, por todo o chão, todos secos e escorregadios de gelo. O teto do bosque é alto e filtra o pouco de luz existente. Ele confere à cena um tom amarronzado. À primeira vista, poderia ser a frente de um cartão de Natal em sépia, com ornamentos pendurados nos ramos serpenteantes.

Só que não são ornamentos. Uma infinita variedade de ursinhos e animais de pelúcia, palhaços de plástico e bonecas de porcelana pendem dos ramos em cordas de teia.

No reino humano diríamos que são brinquedos usados — que foram abraçados e beijados por uma criança até que o estofamento caiu ou os olhos de botão pularam para fora.

Brinquedos que foram amados até a morte.

Estendo a mão e dou uma batidinha na perna de um carneiro de pelúcia rasgado a quem falta uma orelha. O brinquedo balança num laço de seda de aranha. O movimento é tão silencioso e tranquilo que chega a perturbar meu âmagô.

Tranquilidade. Isso me incomoda... O fato de que, no instante em que me

levantei, tudo silenciou.

Um silêncio tumbal. Depois de todos esses anos ansiando pelo silêncio, por que parece que me sinto mais à vontade em meio à desordem e ao barulho agora?

Ao encontrar uma boneca dorminhoca que é assustadoramente parecida com uma

que eu adorava quando era criança — com pele de vinil amarelada pelo tempo e cílios comidos de traça sobre olhos que abrem e fecham —, toco seu pé. A perna balança, presa por um fio ao corpo estofado.

Os olhos da boneca se abrem, levando minha coragem para longe. Alguma coisa em seu olhar vazio implora para sair... Algo que está preso e inquieto, ansiando para libertar-se.

O brinquedo abriga uma alma. Todos eles abrigam.

Fico esperando, com a boca drenada de qualquer umidade, que a boneca grite ou chore toda a dor que vejo em seus olhos. Mas o movimento diminui e seus olhos voltam a se fechar.

Algo se mexe atrás de mim. Um calafrio me sobe a espinha, espalhando-se por

meus ombros até a ponta de minhas asas.

Talvez a Irmã Um tenha seguido meus passos na neve.

Por favor, que seja a boazinha... Por favor, por favor, por favor, que seja a boazinha.

Relutante, dou meia-volta. Uma cara sombria inclina-se para perto da minha.

— Por que pisais neste solo sagrado? — A voz, como galhos batendo em uma

vidraça gelada no meio da noite, me toma de surpresa. Seu hálito cheira a covas recém-abertas e solidão, mandando arrepios de terror dos meus pés às pontas das mãos.

— Posso explicar — sussurro.

— Excelente seria. — Ela se afasta. Suas roupas, corpo e pernas são réplicas de sua irmã. Mas, no rosto, cicatrizes e lacerações recentes pingam sangue. Na mão esquerda, um par de tesouras de jardinagem no lugar de dedos. Ela deve ter

cortado a si mesma.

Comparada a ela, a Irmã Um é uma fada adorável.

As chances de eu sair daqui com a cabeça acima dos ombros mergulharam para

quase zero. —

Eu... peguei o caminho errado.

— Eu diria que pegastes. — Ela tira com cuidado a outra mão de trás da saia com armação, coberta por uma luva preta de borracha. Ela carrega três brinquedos rasgados em uma teia, como peixes em uma linha de pescar. A tesoura com as pontas deformadas aproxima-se de meu pescoço — *corta, corta*. Baforadas de ar arranham a minha pele enquanto as lâminas abrem e fecham. — Este não é vosso lugar. — *Corta, corta, corta*.

— Não quero que este seja meu lugar. — As atrocidades de pelúcia em sua mão

causam nova onda de terror e me borbulham no peito. Dou um passo para trás e quase escorrego na neve. Abrindo as asas na parte de baixo, consigo equilibrar-me.

— E não será. Não enquanto estiverdes respirando.

— Certo — respondo, ansiosa para certificar-me de ainda estar.

— É quando parais de respirar que sois minha. — Suas tesouras remexem a costura de minha manga. — Quando eu cortar vossos pulmões, sereis como eles.

A autopreservação entra em ação, e eu recuo mais dois passos, atravessando uma cortina de galhos e me aproximando do tronco da árvore. Repleta de brinquedos decrepitos, seus membros se curvam sobre mim e chegam quase ao chão, como um mórbido guarda-sol que atenua a luz.

A silhueta da Irmã Dois se move do outro lado, deslocando-se em volta da circunferência.

Respirando fundo, viro-me para ela, mantendo-a em vista através das aberturas entre os galhos.

No instante em que ela afasta as cortinas para entrar, envolvo-me em minhas asas, observando por meio de uma estrutura translúcida.

Ela ri — um som estridente, porém abafado. — A linda borboleta agora é um casulo. Não é o contrário do ritmo natural das coisas?

Como se alguma coisa fosse natural aqui. Encosto-me no tronco da árvore para proteger as costas.

A ponta das lâminas roça a junção onde minhas asas escondem minha traqueia. Por intermédio do tecido diáfano das asas, posso sentir o metal frio comprimindo minha passagem de ar.

— Ah, vossas asas são jovens ainda. Finas como papel. Posso cortá-las em pequenos pedaços e dançar sobre elas. Encare-me ou cumpra seu destino.

Ela se afasta. Considerando o quanto doeu pisar nas asas antes, deixo que elas pendam dos lados e fico encostada no tronco da árvore.

Sorrindo, com a tesoura ela corta o ar diante do meu rosto, soprando tufos à minha volta. —

Vamos lá. Roubastes algo que me pertence. Devolvi, ou vos sangrarei feito um porco até guinchardes.

— Eu não roubei nada!

As pontas de tesoura escorregam para o meu abdômen, deixando um rastro frio

sobre as minhas roupas. Asas dobradas ao lado do tronco, enfio a espinha na casca gelada da árvore e meu estômago dá um nó.

O rosto dela chega mais perto. Uma visão horrível e sangrenta. — Conte-me o que fizestes com o sorriso de Chessie. — *Corta*, e um pedaço de renda vermelha cai de minha túnica sobre meus pés nus.

Meu coração quase para. — Eu... Eu não sei do que a senhora está falando.

— Mentirosa. — *Corta, corta*, e uma chuva de tecido amarfanhado se junta à minha volta enquanto a minha túnica de baby-doll se abre na cintura, deixando somente a blusa para me cobrir. — Vossos pulmões devem estar em algum lugar por aqui — diz ela, vasculhando o tecido.

Grunhindo, estico um joelho, batendo em sua saia armada e desequilibrando-a. Suas oito pernas se reagrupam antes que eu consiga escapar, e ela aproxima a cabeça até nossos narizes se tocarem.

A ponta fria e cortante da lâmina enrug a pele nua acima da minha garganta.

— Eu sei por que estais aqui. Buscais o próximo quadrado. O que vos fará ganhar a coroa.

Quadrado? Coroa? Minha mente pula de um lado para o outro, presa entre a confusão e a vontade de viver. Engulo em seco, e a ponta da tesoura penetra mais fundo na pele. — Não — sussurro, escorregando os dedos em torno de sua mão-tesoura para aliviar a pressão. Dou-lhe um empurrão. — Não vou tornar as coisas fáceis para você.

— Bom. Gosto de um desafio. — Sua língua encaroçada roça os lábios enquanto ela desliza as lâminas na direção do meu esterno, pressionando com mais força. — A menos que desejeis ver-me descascar vosso coração feito uma noz, dizei-me onde escondestes o sorriso... Agora.

Fecho os olhos, ordenando que minha pulsação disparada se acalme, para ficar

estável e confiante.

Só há uma maneira de fazer isso. Só confio em uma coisa.

Pandemônio.

Visualizo os ramos em torno de nós se enchendo de seiva hidrófoba — uma energia feroz percorrendo cada galho. O movimento acorda os brinquedos e eles emitem um uivo lamentoso. Cada galho de cada árvore no covil uiva e se retorce, os espíritos inquietos despertos e raivosos.

— Filha do diabo! — A Irmã Dois guincha e levanta a mão de tesoura para me

apunhalar.

Encurralada entre ela e a árvore, grito e levanto os braços para me proteger do golpe.

A boneca que provoqueei antes se interpõe entre nós e agarra a tesoura, lutando com a Irmã Dois.

Ao perceber uma chance, escapo por entre os galhos que balançam. Brinquedos

raivosos estendem suas garras para mim enquanto eu fujo, pegando meu cabelo e asas.

Corro a toda a velocidade para a entrada, colidindo com a Irmã Um.

Ela me empurra para trás de si no momento em que sua irmã gêmea se liberta da árvore, com uma carranca sedenta de sangue em sua cara defeituosa. — Saia do meu caminho! A pequena ladra é minha.

— Espere! — dispara a Irmã Um, arfando. — *Eu* peguei o sorriso!

Relaxo de alívio, resfolegando e desmoronando contra a parte de trás de sua saia armada.

— Como assim o pegastes? — pergunta a Irmã Dois. — Não deveis tocar em nada

da minha ala!

— Ela gesticula com os brinquedos de pelúcia em sua mão sadia, silenciando todas as árvores em torno de nós, que se acovardam.

— Morfeu me fez um juramento — explica a gêmea boa. — Se eu ajudasse a menina a entrar no jardim e atravessar até os últimos dois quadrados, ele colocaria os espíritos das mariposas sob minha guarda.

— Nunca tivestes juízo, absolutamente! — guincha a irmã assassina. — Eu vos

disse para ficar fora disso. Não é da vossa competência.

— Pelo contrário! Nós *precisamos* dos espíritos. Uma alma em troca de mil. Um preço justo para manter os mortos que aqui estão, para que eles não tomem os vivos. É o propósito que juramos seguir! — A Irmã Um me empurra pela arcada de volta ao labirinto.

— Para onde a está levando? — pergunta a Irmã Dois, os olhos azuis faiscando

cheios de suspeita e fúria.

— Para o espelho. — A Irmã Um pega meu cotovelo e me conduz pelo caminho. Eu

quase escorrego na neve, mas ela me equilibra. — Ela ainda tem um jogo a vencer. E você tem uma rainha a pegar.

A Irmã Dois nos segue, suas oito pernas abrindo caminho entre a poeira enquanto suas longas saias marcam o solo por onde passa. — O que quereis dizer com isso?

— A Rainha Vermelha escapou de sua inércia. Ela está à solta e inquieta. É

melhor nos apressarmos antes que ela encontre um modo de voltar ao castelo. — Tendo dito isso, a Irmã Um me guia de volta ao labirinto, deixando sua irmã a gritar de revolta. Os espíritos engrossam a birra, voltando ao seu lamento.

Eu me desligo de tudo. A Rainha Vermelha estava morta e aprisionada, mas agora está solta. Isso significa que libertei a bruxa que lançou uma maldição sobre a minha família há quase um século. O

que ela fará conosco agora que está livre? — A senhora conseguirá encontrá-la? —

pergunto, engolindo seco com um nó na laringe.

— Ela não trará consequências para você. — A Irmã Um agora me agarra pelo

pulso, deslizando pelas curvas do labirinto com tamanha velocidade que mal consigo acompanhá-la. — A rainha sempre foi um problema. Fico contente de não ter mais nada a ver com ela. Agora a responsável é minha irmã. Ela vai capturar a alma inquieta e contê-la.

Para sempre.

Os gemidos e lamentos do covil da Irmã Dois vão cessando com a distância. — Por que existem tantas almas infelizes no País das Maravilhas? — pergunto.

— Algumas tinham assuntos ainda a resolver ou amores perdidos. Mas as mais

infelizes morreram aprisionadas pela maldição de seu nome ser falado.

— Mas eu disse o nome de Morfeu várias vezes.

Ela ri, e parece o chilrear de um pássaro canoro. — O verdadeiro nome dele não é Morfeu. Ele é a glória e a reprovação, a luz do sol e as sombras, o escapulir de um escorpião e a melodia de um rouxinol. A respiração do mar e a canhonada de uma tempestade. É possível confiar no canto de um pássaro, no som do vento ou no rastejo de uma criatura pela areia? Pois os nomes próprios dos intraterrenos são tirados das forças de vida que os definem. Você pode falar essas coisas com sua língua?

Um borrão de arbustos verdes passa por mim. Aperto o passo para manter o ritmo.

Meus pés, que tinham sido lavados pela neve, ficam cada vez mais sujos de grama. —

Alguém pode? — pergunto.

— Só um intraterreno no fim de sua vida pode falar a língua necessária. Ela deve ser falada no último suspiro.

— Língua... — A descrição na parte de trás do relatório sobre Alice. — Língua dos mortos —

sussurro, aturdida e confusa.

— Sim, é uma coisa volátil — responde a Irmã Um. — A vítima pronuncia a Língua dos Mortos junto com um desafio que aquele que a prejudicou deve cumprir.

Qualquer intraterreno que morre sob a maldição da Língua dos Mortos e é incapaz de cumprir o desafio é deixado como um espírito alquebrado, eternamente infeliz e buscando a fuga. Até que a Irmã Dois acabe com isso.

Eu me contraio, pensando em como passei perto de ficar presa dentro de um de seus brinquedos.

— Como é que um brinquedo vazio pode abrigar um espírito? Não faz sentido.

— Muito pelo contrário. Faz todo o sentido do mundo. Somente brinquedos do

reino humano podem ser escolhidos, e apenas os mais amados. Os acostumados a se encherem de esperanças e sonhos e toda a afeição que as crianças derramam sobre eles.

Pois essa é a essência de uma alma.

Esperanças, sonhos e amor. Quando os brinquedos mais queridos são abandonados no lixo, ficam privados daquelas coisas que lhes preenchiam e confortavam. Eles ficam solitários e vorazes e anseiam pela essência da vida que um dia tiveram. Então, mandamos nossos escravos duendes através dos portais para pegarem os brinquedos e os trazerem para nós, e minha irmã os enche com o que mais eles desejam — almas. Como esponjas sedentas, eles se apegam a elas com cada pedacinho de sua força e desejo.

Camisas de força para espíritos. Perturbada demais por tal imagem, não profiro mais nenhuma palavra até chegarmos a uma casinha cercada de sebes e hera por todos os lados. Ela parece ser feita de folhas.

— Entre, aqueça seus pés, e coma — insiste a Irmã Um. — Depois, eu lhe

darei o que veio buscar e lhe mostrarei o caminho.

— Estou com pressa. — Aquela confusão toda me deixou com dor de cabeça.

Comida poderia ajudar, mas não do tipo servido no País das Maravilhas.

— Mas antes você vai tomar um chá, pelo menos.

Como posso discutir? Ela tem um espelho escondido em algum lugar e uma chave

pendurada no pescoço. Até que esteja pronta para me mandar pelo portal, sou sua refém.

Lá dentro, só há um cômodo — mobiliado como uma cozinha, só que tudo está

forrado com tecido estofado, até os utensílios. Uma pia branca estofada, mesa e cadeiras, e um fogão bem macio do mesmo tom, tudo arrumado sobre um piso branco felpudo que é flexível e quente sob meus pés, feito marshmallow. Ao longo das quatro paredes almofadadas há janelas circulares com cortinas leitosas.

É estranho que haja janelas, pois não há nada para olhar exceto folhas.

A esterilidade da sala me lembra tanto uma cela almofadada que tenho vontade de sair correndo novamente. Mas não posso perder a oportunidade de usar o portal da Irmã Um e encontrar Jeb.

A cor mais vívida da sala é a de uma tigela de maçãs bem vermelhas sobre a mesa ao lado de um tabuleiro de xadrez prata e vermelho.

— Também está esperando pelo chá? — pergunta a Irmã Um, dirigindo-se a uma

criatura com a forma de um grande ovo sentada em uma cadeira. Dou um pulo quando ele se move. Ele se mescla tão bem com o fundo que eu não o veria se não fossem seus olhos amarelo gema, nariz vermelho e boca larga. A criatura tem uma tira de tecido amarrada na parte mais larga, sob sua boca, e logo acima de seus braços espichados e pernas, que são articuladas e verdes, feito os apêndices de um louva-a-deus. Dois pedaços de pano triangulares e em xadrez azulado servem como uma espécie de colar improvisado. Um farrapo de linho laranja ocupa o espaço onde poderia ter havido uma gravata.

— Não é muito inteligente perguntar se alguém está esperando pelo chá —

lança ele

— quando se está sentado à mesa com xícaras de chá e com um guardanapo pendurado no pescoço. — Sua boca se inclina para o lado numa expressão azeda, enquanto ele lustra uma colher com a beira do guardanapo.

Humpty Dumpty? Isso tudo está ficando cada vez mais estranho.

Ao jogar as asas para trás de uma cadeira, acomodo-me no lugar à frente do homem-ovo, fascinada pelas fraturas na testa, perto do cabelo, em sua pele perolada.

Ele desvia o olhar. — Algumas pessoas não tinham que comparecer a um chá respeitável. Ficam olhando estupidamente como se meu lugar fosse em um zoológico, quando são elas que possuem todos os modos e trejeitos de um macaco.

— Me desculpe. — Aliso os trapos que visto e estendo a mão para pegar uma maçã do tamanho de uma ameixa. Estou faminta, mas ainda um pouco temerosa quanto à comida.

— O que isso aqui vai me fazer? Tornar-me invisível? Ou talvez faça brotar um galho e algumas folhas?

— Que palerminha ingrata. — O homem-ovo me olha com raiva. — Aranha dada

não se olha as presas. Vai ver se a convidarão novamente para um chá.

A Irmã Um sorri. — Não faço brincadeiras com minha comida... A menos que

esteja presa na minha teia — destaca ela.

Eu me retraio com o que espero ser uma tentativa de fazer uma piada, e em seguida dou uma mordida na fruta fresca e mastigo-a enquanto olho para meus pés todos manchados de grama. Em questão de segundos elevo meu olhar novamente. Não consigo resistir. — Então, você é o *Humpty*, certo?

— *Humphrey*. — Ele sorri com desdém. — A juventude de hoje em dia não consegue nem se apresentar de forma apropriada.

Dou outra mordida na fruta, estimulada por ela ter o mesmo gosto das maçãs do meu mundo. —

Sua casca. Você caiu do...

— Muro? — Humphrey arremata o final da minha pergunta. — Na verdade, não.

Isso foi da primeira vez. Na segunda, tropecei na cabeça de Chessie, que rolava. A gentil Rainha Grenadine me colou novamente, quando todos os cavalos e homens do rei

fracassaram. E, se houver qualquer outra pergunta sobre o assunto, rogo que as faça sem a boca cheia de maçã.

Engulo a maçã. — O rei tentou ajudá-lo? Achei que ele fosse um ditador ganancioso.

— Ganancioso? — A Irmã Um estala a língua, apertando o cordão do avental em

volta da cintura e depois tirando uma caçarola com biscoitos perfumados do fogão. — Isso é totalmente ridículo. Ele é muito solidário. Ele trouxe este aqui para que eu o mantivesse acolchoado a fim de evitar que quebrasse mais, caso a cola não funcionasse. Não podemos deixar o espírito do Humphrey vaziar para causar estragos nos comuns do País das Maravilhas.

País das Maravilhas e comum... Duas palavras que nunca deveriam estar na mesma sentença.

— E, então, Humphrey está aqui porque está parcialmente morto — concluo depois de terminar o resto da maçã. — Parcialmente morto, como Chessie.

— Sim. — A Irmã Um passa os biscoitos para uma travessa. — De fato, Grenadine em pessoa trouxe a cabeça de Chessie para cá. Muitos anos atrás, quando sua meia-irmã, Vermelha, estava num alvoroço sangrento. Mas ela seguramente já deve ter esquecido que ele está aqui.

Espere. Morfeu fez parecer que Chessie veio até aqui sozinho... Que encontrou conforto aqui. Ele nunca mencionou que Grenadine tentou ajudar a manter o gato vivo.

Seco a boca com o guardanapo.

— Parcialmente morto... — murmuro, com a mente rodopiando, confusa.

— De que lhe interessa quão morto me encontro? — Em um ataque de

nervos,

Humphrey bate a colher no piso acolchoado. O utensílio quica de volta feito um bumerangue e bate ao lado dele.

Seguindo um som de estalar, as fissuras em sua casca se ramificam e formam novas rachaduras. Um líquido pegajoso e claro pinga das fissuras. Suas bochechas ficam rosa escuro, e ele olha furiosamente para mim. A substância viscosa começa a borbulhar e endurecer, virando clara de ovo cozida.

— Você está cozinhando suas entranhas de novo — ralha a Irmã Um.

— Agora você conseguiu! — Humphrey aponta a acusação para mim. — Qual é a

glória em melhorar um ovo, hein? Você vai me usar em um suflê ou talvez me cozer em fogo brando?

— Como assim? — pergunto, confusa.

Ele se retorce na cadeira até que suas pernas curtas fiquem quase suspensas na borda, fazendo as novas rachaduras aumentarem ainda mais. — Cozer na água, coisinha ínfima. Cozinhar abaixo do ponto de fervura até que meu cérebro fique embaralhado. Que tipo de cabeça oca é você? Não possui um vocabulário apropriado? E por que você está aqui, afinal? Não vejo nenhuma rachadura na sua casca.

A Irmã Um estala a língua novamente, tira algo do bolso do avental e oferece o tubo de cola. —

Você deve ser agradável com ela. Ela é a Escolhida. — Ela aponta com o queixo para mim enquanto o auxilia a aplicar o adesivo. — Ela acordou os mortos.

Ele fica olhando, com a boca larga escancarada quase até o chão.

Minhas bochechas enrubescem inevitavelmente. — Morfeu disse que o rei é mau.

Que ele quer as coroas dos dois reinos para sua esposa, Grenadine, e fará tudo para consegui-las.

— Ah! — exclama Humphrey. — Visto pelos olhos de um assassino.

— Um assassino?

— Não há provas — diz a Irmã Um, dando tapinhas na casca de Humphrey

para a

cola aderir. —

Morfeu levou o corpo da Vermelha para mim muitos anos depois de ela ter sido

banida. Mas ele não revelou nada acerca das circunstâncias envolvendo seu falecimento, e nem onde a encontrou. Não me surpreende que ele ataque Grenadine e seu rei. Ele sempre guardou rancor por causa do que aconteceu a Alice depois que Grenadine a escondeu. As intenções da rainha eram boas: manter a criança em segurança até que eles pudessem capturar a Vermelha. Mas, depois que a Vermelha foi banida para a floresta, Grenadine perdeu a fita na qual havia sussurrado o paradeiro de Alice e esqueceu onde a havia escondido. Alice tornou-se uma lenda de advertência contada para as crianças intraterrenas antes de dormirem. A criança foi esquecida. Por todos, exceto Morfeu. Setenta e cinco anos em um casulo e ele ainda se lembrava dela quando acordou.

— Espere. — Eu aperto a mesa, as unhas franzindo o tampo estofado. — Nada

disso faz sentido.

Alice voltou para o seu mundo. Para o *meu* mundo. Ela tinha que...

— Ah, não. Ela ficou aqui. Depois de sua metamorfose, Morfeu moveu céus e terra à sua procura.

Ele a encontrou escondida nas cavernas dos picos mais altos do País das

Maravilhas. Ela havia sido capturada e mantida em uma gaiola por um pássaro velho e recluso, o Sr. Dodo. Mas a preciosa amiga de Morfeu não era mais uma criança. Já era uma mulher velha, triste e confusa.

O pânico sufoca qualquer reação. Se Alice realmente passou a vida aqui, em uma gaiola, como eu pude nascer? Como todos os Liddell puderam nascer?

Debandando para o fogão, a Irmã Um produz água do ar, de uma pia sem torneira, e enche a chaleira. — Algum de vocês poderia fazer a gentileza de mover a Rainha Vermelha para o próximo quadrado no tabuleiro?

Humphrey executa o pedido com as bochechas rosa abalonadas de concentração. —

Falta mais um para terminar — sussurra ele, batendo com força no último quadrado prateado restante com sua mão em forma de garra.

O tabuleiro tem 64 quadrados, sendo metade vermelha e metade prateada, com

peões, bispos e torres em posições que não fazem sentido para o verdadeiro xadrez. Sua distribuição me recorda o tabuleiro do quarto de Morfeu.

Saindo dos 32 quadrados prateados, uma linha diagonal de sete brilha feito metal polido — aquela na qual Humphrey centralizou a Rainha Vermelha, e seis outras que a precedem. Em cada quadrado brilhante, uma inscrição aparece em letras flutuantes e curvas — mais uma vez, igual ao tabuleiro de Morfeu.

Desta vez, nada me impede de lê-las:

Emergir da Pedra com uma Pluma; Cruzar uma Floresta com um só Passo; Pegar um Mar na Palma da Mão; Alterar o Futuro com a Ponta de um Dedo; Derrotar um Inimigo Invisível; Esmagar um Exército sob Seus Pés; Despertar os Mortos.

Ainda há um quadrado prateado na fileira de trás, aguardando ser iluminado.

Desconfio de que, até isso acontecer, as palavras finais permanecerão escondidas. — Você sabe o que é o último?

— Aproveitar o Poder de um Sorriso — responde Humphrey, surpreendentemente

cooperativo.

— Não compreendo — digo, sentindo-me cada vez mais fraca.

— Você não vê? — A Irmã Um chega com uma bandeja com a chaleira e serve três

xícaras de chá.



Uma fragrância confortadora e cítrica é trazida com o vapor. — É um registro de tudo que você realizou. Dos testes pelos quais passou.

— Testes? — Olho para eles novamente, incapaz de encontrar uma ligação com

alguma coisa que eu tenha feito, exceto acordar os mortos.

Então me lembro do que Morfeu disse em seu quarto instantes antes de eu animar as peças do xadrez: — *Está tudo na interpretação.* — A iluminação vem ao meu encontro, fluindo devagar na minha mente.

Estou sentada ao lado de Morfeu no cogumelo gigante onde eu o encontrei depois que Jeb e eu secamos o mar, mas sou uma criancinha de quatro anos. Meu guia, que tem sete anos, posiciona um livro de fotografias diante de mim. Ele está me ensinando a decifrar charadas.

— Isto — diz ele, apontando para a imagem de uma mulher com bochechas inchadas. — Algo

que você pode prender, mas não guardar. — Ele lê as palavras sob a imagem.

Eu não deveria conseguir compreendê-las. Sou uma criancinha. Mas não importa.

Pois cada vez que eu o visito em sonho, de algum modo, sinto-me mais velha. Mais sábia.

Superdotada.

— Você sabe a resposta — diz Morfeu, sua voz jovem ralhando. — Você é a melhor dos dois mundos.

Ele respira fundo e prende o ar nos pulmões. Levanto a palma de minha mão à sua boca, ele solta o ar devagar, fechando meus dedos em torno do ar quente. Quando abro minha mão, não há nada lá.

— Respiração! — Eu sorrio e bato palmas.

Morfeu sorri e faz um sinal positivo com a cabeça, e o orgulho cintila em seus olhos de tinta. —

Sim. Podemos prendê-la, mas sempre temos que soltá-la.

De volta ao presente, a compreensão me cega como um raio de sol através de pupilas acostumadas somente à escuridão, dilatando minha percepção para uma clareza perfeita: Eu sou o melhor dos dois mundos...

Com a lógica intraterrena desperta, vejo minhas conquistas impressas no tabuleiro ao lado de seus resumos, como uma lista de checagem:

Emergir da Pedra com uma Pluma — Usei uma pluma para empurrar a estátua do relógio de sol para o lado e abrir a toca do coelho.

Cruzar uma Floresta com um só Passo — Andei nos ombros de Jeb

enquanto ele pisava sobre a

“floresta” do jardim de flores.

Pegar um Mar na Palma da Mão — Equilibrei a esponja em minha mão depois de ela ter absorvido as lágrimas de Alice.

Alterar o Futuro com a Ponta de um Dedo — Dei a partida para o futuro da turma do chá secando e reprogramando os ponteiros do relógio de bolso.

Derrotar um Inimigo Invisível — Enfrentei meu lado negro e o controlei com a ajuda das frutilhas da Árvore Tumtum.

Esmagar um Exército sob Seus Pés — Cavalguei sobre os guardas de cartas em uma onda de mariscos.

Despertar os Mortos — Não necessita de explicação...

Meu lado negro está emocionado com as minhas conquistas, e o orgulho me infla o peito.

E então, meu outro lado assume a liderança. — Não — digo em voz alta para mim mesma. — Não são minhas conquistas. São de Morfeu. — O temor se enreda em meu coração, esvaziando-me.

Jeb estava certo o tempo todo. As coisas que estou fazendo não eram para consertar os erros de minha tataravó. Eram testes complicados. Por que não dei ouvidos a ele?

— Para quê estou sendo testada? — Pego minha xícara de chá e a seguro nas mãos trêmulas, desejando que o calor me invada e expulse o frio do meu coração.

O olhar de Humphrey encontra o da Irmã Um quando ela lhe entrega um biscoito

polvilhado com canela e açúcar.

— Aquela lista representa os critérios para uma rainha — responde ela. —
As

exigências foram escritas depois que Grenadine assumiu o trono. O Rei Vermelho ouviu rumores de que sua antiga esposa havia escapado das florestas do País das Maravilhas e casado novamente. Temendo a possibilidade de uma cria feminina, ele insistiu que, se aparecesse alguém alegando ser da linhagem Vermelha e tentasse tomar a coroa de Grenadine, teria primeiro que passar por oito testes impossíveis para provar seu valor. A Corte Vermelha concordou em

fazer dos testes um decreto real.

Você é a primeira a passar em todos... Bem, quase todos. Naturalmente, você é a primeira cria da Rainha Vermelha a se apresentar e tentar.

Estou prestes a me opor e dizer que é impossível porque não sou da linhagem real.

Estou prestes a ficar de pé em minha cadeira e bater o pé como uma menininha de dois anos, recusar-me a acreditar que existe algo de real nisso tudo...

Até os acalantos de Morfeu me permearem a mente, finalmente completos:

“Vermelha e branca, a florzinha, descansando a cabecinha; cresça e floresça, seja forte e espertinha, pois um dia você vai ser rainha... Pêssego e cinza, cresceu a florzinha, forte ficou e seu caminho encontrou; duas coisas ainda há que fazer, até finalmente rainha ser”.

Calafrios percorrem minhas asas feito uma garoa gelada. — Não, não, não. Eu não sou — na verdade, eu não passei em nada — digo à minha anfitriã. — Eu nem sei como fiz isso tudo... Foi acidental, de verdade.

Ela e Humphrey não tecem comentários. Estão ocupados demais contando os quadrados e bebericando sua infusão.

Eles sabem, assim como eu, que nada do que fiz foi por acidente. Morfeu orquestrou tudo —

montou cenários conhecidos do País das Maravilhas usando o livro de Lewis

Carroll e pedindo a ajuda de outros intraterrenos, depois sumiu de cena e ficou observando eu completar cada um dos

“testes”.

No chá, ele disse que queria me devolver ao meu lugar apropriado, meu lar. Que reino ele pensa ser meu lar? Um desconforto áspero me enche a garganta, como se eu tivesse engolido um deserto inteiro. Engulo metade do meu chá.

Jeb...

Preciso que ele me abrace e prometa que tudo vai ficar bem; preciso dele para me sentir humana novamente.

— Quero usar o espelho para encontrar meu namorado. — Me levanto tão

depressa que uma das minhas asas bate na mesa e derruba a chaleira de chá.

Humphrey enxuga os respingos ferventes com seu guardanapo antes que caiam em

seu colo. — Eu tinha razão! Você quer mesmo me cozer!

A Irmã Um me conduz para o aparador mais alto e abre a porta esquerda, revelando um espelho.

— Seu companheiro mortal já está no lugar para onde você vai. Meus duendes do abismo que estavam reunindo os mortos do exército de Grenadine viram seu mortal partir acorrentado com Morfeu e os cavaleiros élficos. Graças à sua ajuda derrotando os guardas de cartas, o exército Branco atacou e conseguiu tomar o castelo Vermelho esta noite, em busca da Rainha de Marfim.

Meus batimentos cardíacos quase param. — Morfeu aprisionou Jeb no castelo

Vermelho?

Sem responder, ela dá um tapinha na minha mão. — Vai precisar disso. — De uma das prateleiras do aparador, ela tira um ursinho de pelúcia desgastado. Ela não precisa explicar. Eu já sei que ele contém a parte de Chessie que será meu teste final, seu sorriso, embora eu não tenha ideia de como aproveitá-lo.

— Lembre a Morfeu que minha parte do acordo está cumprida — diz a Irmã Um,

passando a mão sobre o espelho. Ele se parte feito gelo, revelando uma câmara em um castelo com tapetes vermelhos luxuosos e cortinas douradas. Há uma cama com dossel e uma lareira; uma cadeira alta em estilo vitoriano está de costas para mim e de frente para o fogo. Um chapéu fedora prateado adornado com mariposas vermelhas está pendurado em um braço da cadeira. Há fumaça no ar, e posso ver uma mão enluvada e a mangueira de um narguilé aninhado elegantemente entre dois dedos.

Morfeu.

Se eu me recusar a trazer o ursinho de pelúcia, isso significa que estraguei os planos dele? E Jeb?

Como ele voltará para casa? Mordo o lábio e enfio o bichinho debaixo do braço esquerdo, apertando-o contra minhas costelas.

A Irmã Um tira uma pequenina chave e a vira para que a superfície se abra para o portal. Ela bate os oito pés no chão com impaciência.

Todos neste lugar têm uma intenção escusa. Em troca de seus preciosos espíritos, ela está me entregando diretamente nas mãos daquele que me manipulou e me usou durante toda esta jornada.

Durante toda a minha vida.

Lágrimas me cegam os olhos ao atravessar o espelho.

Se eu não tivesse atravessado o primeiro portal; se eu não tivesse encontrado a toca do coelho...

Se eu nunca tivesse nascido...

18

Xeque-mate

Aterrisso no castelo Vermelho, bem perto da cadeira que vi no portal. Meus calcanhares penetram silenciosamente no tapete macio, e Morfeu não mexe um músculo, ainda dando baforadas diante do fogo. O perfume de alcaçuz de seu fumo acende uma chama dentro de mim... Uma necessidade urgente de ultrapassá-lo neste jogo distorcido.

Aperto o ursinho debaixo do braço.

— Não foi a pequena Alice que voltou para o reino dos mortais, foi? — pergunto, olhando para as costas da cadeira.

— Não. — A resposta de Morfeu vem de trás de mim e eu me viro, quase caindo.

Suas asas o cobrem como um eclipse e ele se curva para me firmar.

Eu o rechaço.

Ao arquear uma sobrancelha, ele alisa seu terno de risca-de-giz prata e preto. Com aquele terno e o cabelo estilo punk, Morfeu parece um gângster emo.

— Você estava esperando que eu atravessasse o portal? — acuso. — E então, quem... — Não é preciso terminar. Rábido Branco rola sobre o braço da

cadeira com os olhos cor-de-rosa brilhando.

É claro. Ele é da turma de Morfeu, o que significa que só estava fingindo ser meu inimigo. Os dois me manipularam o tempo todo.

A criatura cadavérica coloca a mangueira do narguilé de lado e faz uma reverência para mim. —

Às suas ordens estou eu, linda rainha. — Sua voz esganiçada passa sinceridade.

Solto o ar para estabilizar minhas vísceras inquietas. — Não sou a rainha. E não quero nada de você. — Volto-me para Morfeu.

— Acredito que está sendo dispensado, Sir Rábido. — Morfeu mantém seu olhar

insondável colado em mim. — Não há dúvida de que ela o chamará em breve, como fez Grenadine um dia.

Quando ela for oficialmente rainha, cobiçará seus talentos de conselheiro devotado e experiente.

— Majestade. Lealdade e sempre, sempre seu. — Rábido faz uma reverência tão

baixa ao sair que suas galhadas o desequilibram e ele quase cai. Ele se apruma e em seguida cruza a soleira aos pulos, um saco de ossos chacoalhando dentro de um colete.

A porta se fecha e fico a sós com Morfeu em uma sala cheia de sombras e da luz crepitante do fogo.

— Seu espião —disparo.

— Sim — responde Morfeu. — Ele nunca aceitou muito bem o que Grenadine e a

Corte Vermelha fizeram com a Vermelha. Ele quer ver a herdeira da Vermelha no trono quase tanto quanto eu, para reparar a injustiça feita à sua verdadeira rainha.

A dança da luz do fogo sobre o cabelo desgrenhado de Morfeu e seu rosto etéreo e lindo me remete de volta às minhas memórias. Ele estava me treinando para ser rainha. A Rainha Vermelha. E

agora aqui estou, vulnerável, aprisionada por sentimentos que ele inspirou em meus sonhos de juventude: felicidade e conforto, afeição e admiração. Mas a nostalgia é enganosa, e eu a coloco de lado. Porque era tudo mentira.

— O que você fez com Jeb? — pergunto, reprimindo o desejo de dar um bote e

atacá-lo.

Os lábios de Morfeu se curvam num meio sorriso. — Ele está aqui no palácio, em segurança.

Permitirei que você o veja em breve. Ele queria que eu lhe desse isto. — Enfiando os dedos enluvados no bolso do casaco, Morfeu tira uma pequena conta de cristal e a levanta para que reflita a luz do fogo.

Meu desejo. Estico a mão para pegá-lo. Desta vez não hesitarei. Desejarei nunca ter vindo, como Jeb sugeriu... e então estaremos ambos a salvo novamente.

Morfeu se afasta, segurando-a firme. — Isso ficará comigo até que chegue o momento certo. — Ele joga a conta no ar e a apanha com uma virada hábil de punho, em seguida a joga no bolso do peito.

A fúria explode dentro de mim. Mas espero pacientemente. Tenho que jogar o jogo dele ou perderei tudo.

— Sente-se, Alyssa, minha princesa. — Morfeu aponta para a cama.

— Se eu me sentar em algum lugar, não será na cama. — Abraço o ursinho, meu

único trunfo para uma negociação.

— Certamente não acha que quero seduzi-la. Eu não teria me aproveitado de sua inocência em minha casa, enquanto a observava dormir?

A lembrança daquele momento de intimidade, quando sua marca de nascença tocou a minha, deflagra um calor desconfortável em meu abdômen. — Toda essa jornada tem sido uma sedução, Morfeu. É hora de ser sincero.

Ele levanta a ponta de sua gravata vermelha e a analisa, depois esfrega uma mancha invisível. —

Não há sinceridade na traição, querida. E é aí que a história começa, como você bem sabe. A corte da Rainha Vermelha se amotinou contra ela, seu próprio

marido juntou-se aos traidores a fim de casar com sua meia-irmã, e isso subverteu o equilíbrio do reino. Mas você irá restaurar este equilíbrio. — Ele coloca a gravata no lugar.

— Porque eu sou a herdeira dela — murmuro, quase sufocando com as palavras.

O sorriso cheio de orgulho em seu rosto é luminoso. — Você descobriu, não é?

Reprimo a dor na minha garganta. — Eu nunca tive que consertar nada. Minha

família não foi amaldiçoada pelos erros de Alice. Nós não somos amaldiçoados. Somos mestiços.

Ele abre as asas e braços. — Não é uma glória?

— Você me trouxe aqui... Armou as cenas para encaixar Alice na história. Foi tudo um jogo.

Todos desempenharam um papel. É por isso que a maioria deles era diferente dos personagens do livro. Todos o ajudaram... Foram seus cúmplices.

— Sim. Personagens desempenhando os papéis escritos para eles em um livro do

reino humano.

Alguns, pelo menos. Outros atuaram inconscientemente.

— O octobenus.

Morfeu aquiesce. — Desprezível. Assassinou o melhor amigo para aplacar uma

onda de gula. Ele mereceu o que teve. E os guardas de cartas? São sempre descartáveis.

Agora, satisfaça minha curiosidade, queridinha. — Ele aponta para a cadeira atrás de mim.

— Fique à vontade, me esclareça como você acabou sendo uma princesa intraterrena.

Recuso-me a sentar. Um gosto amargo me queima a língua. — Um baile de máscaras.

Ele franze a cara. — Como?

Torço uma orelha do ursinho. Com os dedos dos pés enfiados no tapete para me

apoiar, revelo a teoria que imaginei quando vi o tabuleiro de xadrez da Irmã Um. — O site.

Ele dizia que alguns intraterrenos têm a aparência de mortais que já existem. Depois que a Rainha Vermelha foi exilada, ela atravessou furtivamente o portal do castelo Vermelho e foi para o reino humano.

— Diga-me, como ela conseguiu fazer isso? — A voz dele é provocadora, com o

intuito de instigar-me.

— Ela compartilha da minha magia... Encontrou um modo de distrair os guardas de cartas. Tirou a fita da mão de Grenadine, animando-a; a fita que continha o lembrete do paradeiro de Alice. Depois, a Vermelha entrou no reino mortal se passando por ela. Ela cresceu como Alice, apaixonou-se por um homem mortal como Alice, casou-se e teve filhos como Alice. Filhos meio mágicos, meio humanos, e herdeiros para seu trono perdido.

As características dos intraterrenos só passam para as fêmeas, porque o País das Maravilhas é regido por rainhas. — Estou abraçando o ursinho com tanta força que consigo sentir a essência de Chessie usando as garras para escapar... Implorando para ser libertado. Ou talvez seja a minha própria.

— Conte-me mais. Você tem um ouvinte cativo. — A voz de Morfeu mudou, o tom

provocador foi substituído por algo mais voraz e exposto.

Não consigo olhar para sua expressão de fascínio, então fico olhando para as chamadas. — A Vermelha voltou para o País das Maravilhas alguns meses antes de a verdadeira Alice morrer. De alguma maneira, elas trocaram de lugar novamente. É por isso que a Alice mais velha na fotografia não tinha marca de nascença, e a mais jovem tinha. É

por isso que ela não se lembrava de nada de sua vida mortal. Ela lhe foi roubada. Ela não teve infância, como você mesmo disse. — Meu peito se contrai com uma tristeza quase tão poderosa quanto a que senti quando gritei meu desejo. — Pobre Alice.

— Sim. Pobre querida Alice.

Analiso a expressão dele. Sua reverência parece sincera.

Uma ternura pungente e dolorosa aquece seus olhos. — Tentei mandá-la de volta para casa quando era idosa. Achei que estava fazendo o que era certo para ela, permitindo que morresse entre os de sua espécie. Penetrei na casa dos Liddell bem tarde certa noite, esperando convencer a Vermelha de que isso era a coisa certa a ser feita... Esperando que, com a família dormindo nos outros cômodos, poderíamos fazer a mudança sem sermos percebidos. A Vermelha concordou, disse que estava cansada de ser velha e frágil. — Um sorriso suave levanta um lado de sua boca. — Enfiei Alice na cama onde ela acordaria entre aqueles que sempre deveriam ter sido sua família. Eles eram estranhos para ela, então tentei prepará-la, mas sua mente estava muito distante para compreender tudo aquilo.

Segurei a mão dela até ela concordar, e então parti com a Vermelha para o País das Maravilhas.

Quando chegamos à abertura da toca do coelho, a miserável mudou de ideia e

virou-se contra mim, recusando-se a deixar a família para trás. Ela pretendia assassinar Alice e depois arrastar todos os Liddells para o País das Maravilhas. Usar sua linhagem para reconquistar o trono que havia perdido.

Morfeu olha para as chamas, arqueando os cantos da boca para baixo. — Eu não

permiti que ela fosse. Nós lutamos ao lado do relógio de sol, depois nas árvores. A Vermelha me pendurou nos galhos mais altos de uma, e queria cortar meu pescoço. Eu a rechacei e ela caiu com força, empalada na cerca de ferro logo abaixo de nós. O metal atravessou seu coração e envenenou seu sangue. Eu a carreguei para a toca do coelho.

Tentei desculpar-me. Mas ela não me perdoou. E ela conseguiu que eu nunca mais me perdoasse ao dar seu último suspiro.

Língua dos Mortos — sussurro.

O olhar dele volta-se para mim com uma surpresa visível em seu rosto. A luz bruxuleante expõe o remorso em seus olhos.

Volto a olhar para a lareira. — Foi por isso que você me arrastou até aqui.

Não foi para salvar seu amigo Chessie. Não foi para libertar a Marfim. O amaldiçoado é você. Você precisa de mim para salvar seu espírito de uma eternidade como um brinquedo carcomido no covil da Irmã Dois.

— Seu julgamento é muito rígido. Eu quero salvar meus amigos. Mas acontece que posso salvar a mim mesmo no processo. Estou escravizado há muitos anos, correndo contra o tempo. Agora, por fim, posso parar os ponteiros. Posso destronar Grenadine e instalar a legítima herdeira em seu lugar.

— Mesmo se a herdeira não quiser.

Um silêncio pesado paira entre nós.

Gentilmente, Morfeu pega meu queixo, fazendo com que eu olhe para ele. — E

quanto ao livro escrito pelo bardo Carroll que eu usei como meu *storyboard*? O que pensa sobre isso?

Ele é incansável e me faz penetrar ainda mais fundo num lugar de escuridão e

também de luz. —

Carroll inventou a história. Mas o País das Maravilhas, o lugar, os personagens e nomes... Acho que a Vermelha, como a pequena Alice, o inspirou com as meias-verdades que usou para explicar sua breve ausência. A família dela presumiu que ela havia se perdido e sonhado ao dormir sob uma árvore. — Françoise as sobrancelhas. — A Vermelha tornou-se uma criança sob todos os aspectos, assim como você o fez uma vez. A mente dela se tornou inocente novamente. É bom que sua imaginação de menina tenha assumido o controle. Se ela tivesse sido completamente sincera com relação às criaturas sombrias e deformadas daqui, teria sido trancada em um manicômio no seu primeiro dia como humana. — Minha tentativa de sarcasmo é vã, porque sou uma dessas criaturas sombrias e deformadas. Sempre fui. Só que agora pareço uma.

— Esplendidamente narrado — diz Morfeu. — E cada detalhe exatamente como

aconteceu. — Ele bate de leve no meu nariz. — Você se pergunta como os detalhes lhe ocorrem com tanta facilidade?

Minhas respostas eram mais do que palpites felizes. É como se as palavras

estivessem inscritas na minha língua. Em minha mente, percorro rapidamente cada sonho que tive com Morfeu para ver se ele já me contou aquilo, mas ele não o fez.

Morfeu me guia para mais perto da lareira, analisando meu grampo de cabelo sob a luz. Ele o percorre com o polegar. — Algo de interesse especial aconteceu no cemitério além de você ter recuperado o sorriso de Chessie?

Toco no meu grampo, relembrando meu encontro com a rosa. — O espírito da

Rainha Vermelha...

ele me percorreu as veias antes de escapar para o jardim. Ela deve ter deixado algumas de suas lembranças comigo! Aquilo era parte da Língua dos Mortos, não era?

Você tinha que libertá-la, e me usou para isso.

Com um som que pode ter sido tanto um riso quanto um pranto, Morfeu me puxa

para seus braços e afaga meu cabelo. Seu cheiro me envolve, seu peito é sólido e quente.

Quando criança, seu toque me fazia sentir segura quando ele me pegava por baixo dos braços durante as aulas de voo. Mas agora não. Me reteso por um momento e depois percebo que estou cara a cara com sua lapela. Nada além de uma camada de tecido com listras prateadas e pretas se interpõe entre mim e meu desejo. Em vez de rechaçá-lo, aninho-me mais — erguendo as mãos entre nós.

Um tremor percorre todo o corpo dele em resposta, os dedos enfiados entre as

tranças na minha nuca. — Adorável Alyssa. Que grande pupila você foi — diz ele suavemente, sua boca no alto da minha cabeça. — Mas você me ensinou mais do que eu lhe ensinei. Você é muito mais digna de usar a coroa do que qualquer outra. Coragem, compaixão e sabedoria. A tríade das majestades. Você tem algo que eu pude ver mesmo por meio dos olhos de uma criança. Você tem o coração de uma rainha.

— Sua voz falha no fim da afirmação, como se ele tivesse ficado triste ao dizê-la.

Dedos enluvados — sedosos e confiantes — deslizam dos meus ombros para

os

meus pulsos. Eu o amaldiçoo em silêncio por mover minhas mãos enquanto ele as levanta para estudar as cicatrizes.

Morfeu as beija, seus lábios um pincel fluido pela pele sensível, e depois coloca minhas palmas em seu rosto.

Com a boca a centímetros da minha, ele sussurra. — Me perdoe por envolvê-la

nisso. Não havia outra forma. — A pele dele é mais macia do que as nuvens devem ser, e as lágrimas que se reúnem nas pontas dos meus dedos são quentes e tangíveis. Mas serão sinceras?

Nossas respirações redemoinham entre nós, e seus olhos negros me engolem inteira.

Meu coração bate contra o peito dele. Sei o que virá a seguir. E temo. Mas é o modo mais certo de distraí-lo e pegar o desejo. E, se isso tem que acontecer, sou eu que devo provocá-lo.

Esticando os dedos dos pés, aperto minha boca contra a dele. Ele geme, liberta meus pulsos e me envolve em seus braços — prendendo o ursinho entre nós. Meus tornozelos balançam na altura de suas canelas, e minha mão se arrasta na direção de sua lapela. *Estou no controle.*

Mas é mentira, porque agora eu provei dele. Seus lábios são salgados e doces com o riso de ontem... Afundando nas areias pretas sob o sol do País das Maravilhas, brincando de pula-carniça nos chapéus de cogumelos, e descansando à sombra de asas negras de cetim.

Tento me livrar do feitiço, mas ele inclina a cabeça e aprofunda o beijo. “*Me abraçe... Abraçe seu destino.*” Ele quebra a barreira dos meus lábios, tocando minha língua com a sua, uma sensação deliciosa demais para recusar. Conforme nossas línguas se entrelaçam, seu acalanto vibra através do meu sangue e ossos, me levando até as estrelas.

Atrás dos olhos fechados, estou flutuando num céu de veludo com os pulmões

cheios do ar da noite. Em algum nível, sei que estou no meio de uma sala aquecida pelo fogo, mas minhas asas imitam um voo numa brisa fresca. Estou

dançando com Morfeu no céu, não mais prisioneira da gravidade.

Batendo nossas asas em uníssono, nos retorcemos numa valsa flutuante entre as estrelas que se enrolam e desenrolam em centelhas emplumadas bem acima das paisagens distorcidas e lindas do País das Maravilhas. Cada vez que giramos e depois voltamos aos braços um do outro, eu rio, porque finalmente posso ser eu.

Sou a pessoa que desejei ser em minhas fantasias mais íntimas — espontânea,

impetuosa e sedutora.

Morfeu promete uma vida de danças, um mundo onde tudo obedece aos meus

comandos. Ele me mostra cada pedaço e quinhão do País das Maravilhas, que é meu. Lá embaixo, depois das estrelas e do céu noturno, posso me ver sentada em um trono à cabeceira da mesa, como anfitriã de um banquete com o malho na mão, preparada para abater o prato principal. Um riso insano ecoa nos corredores de mármore, doce aos meus ouvidos.

A cena me deixa inebriada de poder. Eu o beijo uma vez mais. Ele me aperta com mais força.

Sob meus pés, as estrelas explodem em mil cores diferentes: fogos de artifício silenciosos, como os que Jeb e eu vimos no barco na nossa primeira noite aqui.

Jeb...

A imagem de seu sorriso com covinha me toma com violência, como uma lufada de ar gelado. As lembranças de minha vida mortal intensificam o frio: o orgulho e satisfação de terminar um mosaico, o aroma de mel das panquecas de papai nas manhãs de domingo, a risada estridente de Alison, que me faz sentir em casa, Jenara brincando comigo na Fios de Borboleta, e Jeb... sua lealdade, seus beijos, tão mágicos e ao mesmo tempo tão reais.

Os rodopios em minha cabeça diminuem, como uma tampa que para de rodar e cai.

Estou de volta ao castelo, colada a Morfeu num abraço apaixonado.

Tenho que terminar o que comecei ou corro o risco de me tornar o que ele é.

Enfio a mão em sua lapela, procurando meu desejo, retribuindo seus beijos

fervorosos. — Xeque-mate, seu filho da mãe — digo em sua boca dois segundos antes de meus dedos se depararem com um bolso vazio.

— Que destreza nas mãos, florzinha — responde ele. — Na verdade, está no bolso da calça, se quiser procurar lá.

Eu o empurro e jogo-me no chão, limpando minha boca. — É meu!

— E você o receberá quando chegar a hora. — Os lábios dele, tudo que consigo ver agora, se curvam naquele sorriso apertado que aprendi a detestar. Ele indica a cadeira. —

Sente-se. Você acaba de ser beijada decentemente. Não me admiro que esteja sem ar.

— Não se gabe desse jeito — rebato, bufando, numa tentativa de ocultar uma golada de ar e segurar o ursinho contra o peito. — Esse beijo não significou nada. Estava cheio de segundas intenções.

— Ah, por certo. O beijo foi motivado por segundas intenções.

Talvez seja só meu desejo, mas sua tez pálida parece ruborizada quando ele vira a cadeira de costas para o fogo. Considerando que meu estômago está um pêndulo a todo vapor, espero que ele esteja pelo menos um pouco perturbado.

Com o rosto fervendo, sento-me nas almofadas quentes, minhas asas ornamentando os braços como toalhinhas de crochê cravejadas de joias. Não consigo definir minhas emoções. Eu não deveria tê-lo beijado. Como pude fazer isso com Jeb? Mas fiz por nós, então ele vai compreender, certo? Desde que eu não mencione como isso me afetou, como quase me afoguei na sedução de Morfeu, em meus próprios desejos sombrios...

— Eu comentei como você está adorável esta noite? — pergunta Morfeu, me forçando a olhar para ele. Seus olhos seguem as linhas de meus diáfanos apêndices. — Há algo de especial em uma dama com asas. Você as ostenta bem. Está requintada, na verdade.

Como deve ser uma princesa intraterrena.

A atração de seu olhar desperta todos os meus nervos, forçando-me a lembrar de seus lábios nos meus. Um toque de sua mão teria me afetado menos. Estendo a mão para pegar seu chapéu, equilibrado no braço da cadeira, e balanço as mariposas vermelhas, que dançam. — Chega de bobagem, Morfeu. Minhas roupas estão em farrapos e parece que um marshmallow explodiu nas minhas

costas.

Ele dá risada, um riso masculino e profundo. — Você sempre fica irresistível quando está irritada.

— Ele se senta no chão diante de mim, as pernas cruzadas e vestidas com risca-de-giz feito um escoteiro. Pena que Jeb não esteja aqui para fazer picadinho dele.

Dou um tapa na aba do chapéu, exasperada.

Morfeu encolhe-se, como se eu tivesse batido nele. — Cuidado. Este é o meu Chapéu da Insurreição. Nunca houve uma ocasião em que eu pudesse usá-lo, até hoje. O

vermelho representa as batalhas e o sangue derramado, caso esteja se perguntando.

— Não tenho o mínimo interesse — respondo, atirando-o ao chão.

Sibilando entre os dentes, ele recolhe seu prêmio. — Bah! Você é descendente da Rainha Vermelha. Anseia pelo caos. Fica mais feliz quando o mundo está em alvoroço.

Você prospera na loucura. Até sua magia fica melhor quando é a catalisadora da confusão.

Ainda não consegue admitir isso?

Balanço a cabeça, desejando que aquilo não seja verdade.

Ele coloca o chapéu no joelho e dá de ombros, como se estivesse ocupado demais para tirar a verdade de mim. — Você vai tomar banho e mudar de roupa. Escolhi um conjunto deslumbrante para você. Uma rainha deve vestir-se de modo apropriado para a sua coroação.

— Eu não serei rainha — resmungo.

— Talvez não para sempre, mas será temporariamente. É a condição da Língua dos Mortos da Vermelha. Você deve ser coroada com a tiara de rubis. Ah, cheguei a mencionar que é a única maneira de libertar seu cavaleiro mortal?

Meu peito se contrai com uma culpa esmagadora. *Jeb*.

— Leve-me até ele. Agora. — Começo a me levantar, mas minhas asas se recusam

a cooperar.

Meus músculos exaustos demonstram não ser páreo para o peso delas, que repentinamente fica assustador. Deixo-me cair, em resignação, e solto um grunhido.

Morfeu cruza as mãos sobre o colo. — Você precisa de um banho quente e de um

pouco de descanso. Como eu já disse, seu pseudoelfo está a salvo. Por quanto tempo ele permanecerá assim, entretanto, depende inteiramente do seu desempenho esta noite.

— Você não pode tocá-lo! — As únicas coisas que me impedem de arrancar aquelas pedras brilhantes dos olhos dele são minhas asas pesadas. — Você fez um voto de não feri-lo. *Um voto*. Se o quebrar, perderá suas asas, o poder de manipular os sonhos... Tudo que faz de você quem é.

— É verdade. Eu não desejaria perder meus poderes em tal conjuntura precária. —

A luz do fogo pisca sobre suas roupas em tons de laranja e púrpura, intensificando a imagem aberratória de gângster. — Mas havia uma estipulação, não havia? Que eu não o machucaria desde que ele permanecesse leal à sua digna causa. Bem, ele provou ser um obstáculo. Ele e eu discutimos o seu destino há algum tempo, e ele não deseja vê-la como rainha. Na verdade, ele ficou um tanto incontrolável ao ouvir essa sugestão. — Morfeu afasta o cabelo da testa, exibindo um ferimento do tamanho de um ovo de ganso. — Imagine... A maioria dos homens daria pulos com a oportunidade de dividir a cama com a realeza.

— Cale a boca. — Um soluço fica preso na minha traqueia.

Seja forte, Alyssa Victoria Gardner. Quase posso ouvir a voz de Jeb, quase posso ver a fé sincera em seus olhos verdes. Não irei desapontá-lo novamente.

Dando tapinhas na pele de urso, que cheira a mostarda, respiro fundo para me

estabilizar. — Você disse que eu poderia ser rainha temporariamente. Explique.

Morfeu relaxa com os cotovelos nos joelhos. — Quero a espada vorpai para libertar meus amigos.

Mas precisamos coroar você como rainha para cumprir minha Língua dos Mortos.

Acontece que o Rei Vermelho mantém o frumioso *bandersnatch* guardando a espada e a coroa, porque sua rainha distraída colocava a maldita tiara sempre no lugar errado. Então, para pegarmos os dois, você deve dominar a criatura.

A peça de xadrez de jade com a boca escancarada e faminta e a cauda cheia de

espinhos está cravada em minha memória. Ela insuflou o terror em meu coração quando criança, e era somente uma brincadeira. *Frumioso*. Qualquer coisa que inspire um adjetivo exclusivamente para si é uma força a ser temida. — Espere. Não. Já que você tem o controle deste castelo e a cooperação dos guardas, por que não pode simplesmente forçar o rei a ponta de espada para entregar essas coisas para nós?

— Grenadine é a única que sabe o comando que o *bandersnatch* foi treinado para obedecer. É

uma palavra passada de rainha para rainha. Mas, na confusão de nossa invasão, Grenadine perdeu a fita que continha esse segredo.

Mordo minha bochecha, certa de que há alguma maneira de pularmos esse passo. —

Muito bem, mas, se o sorriso de Chessie pode domar o animal, então podemos

simplesmente tirá-lo do brinquedo aqui e libertar Chessie no covil do *bandersnatch*.

Podemos aguardar fora de perigo até que ele seja dominado.

— Idealmente, sim. — Morfeu arrebatou o ursinho do meu colo. Puxando com força, ele rasga os pontos. Antes que eu possa piscar, os fios voltam a se recompor, fechando a abertura. — Está vendo?

— explica ele. — Como os brinquedos da Irmã Dois abrigam o resíduo do amor

inocente de uma criança, a magia mais poderosa do mundo, a única ferramenta que pode cortar esses pontos de modo permanente é...

— A espada vorpal — retruco, esfregando o estômago para desatar o nó que
o

amarra. Pego o ursinho de volta e corro o dedo sobre os buracos onde eram seus olhos. —

O que vai acontecer...

depois que eu domar a besta?

— O exército Branco concordou em deixar o castelo sob a condição de que a Corte Vermelha coroe uma nova rainha e liberte a Marfim. As duas cortes aceitarão você como a legítima herdeira, um vez que cumpriu o teste final e aproveitou o poder do sorriso. — Um sorriso arrogante toma seus lábios. — Desconfio de que o Rei Vermelho tenha escrito isso com uma intenção diplomática em mente. Mas essa interpretação atinge todos os pontos importantes. Ninguém pode dizer que não.

A apreensão me percorre o corpo ao pensar em ser julgada por duas cortes.

—

Então, eu serei coroada. E depois Jeb e eu poderemos partir?

— Quando você for rainha, poderá forçar o Rei Vermelho e Grenadine a libertar a Marfim. O País das Maravilhas voltará ao seu equilíbrio. Os dois portais estarão abertos para você. E então... — Morfeu percorre a aba do chapéu com um dedo — ... você poderá usar seu desejo para limpar seu sangue de qualquer resquício intraterreno, o que salvará sua mãe e seus futuros filhos. A Corte Vermelha escolherá uma nova rainha depois que você e seu soldadinho de brinquedo voltarem ao reino humano.

Alguma coisa neste último passo não parece se encaixar. Para começar, quem seria coroada rainha? Em segundo lugar, como, exatamente, uma parte de mim — a metade intraterrena —

simplesmente desapareceria? Ela seria apagada por alguma borracha mágica?

Antes que eu possa expressar minhas reservas, Morfeu me atinge com as únicas

palavras que me fariam esquecer todo o resto: — Gostaria de ver seu cavaleiro mortal agora?

Estou sentada na ponta da cadeira, prestes a me levantar, mas Morfeu se ajoelha diante de mim, sempre um obstáculo no meu caminho.

— Não precisa se levantar, querida. Você pode vê-lo de onde está. — Ao

lado de minha perna direita, ele enfia a mão entre o estofamento e a estrutura da cadeira. Os terminais nervosos em minha coxa crepitam. Com os olhos fixos nos meus, Morfeu tira um pequeno espelho de mão com moldura de prata trabalhada. Ele vira o objeto em minha direção.

Em algum lugar escuro e úmido, Jeb bate a cabeça contra as barras de ferro da prisão. O sangue jorra e cai pelo seu rosto, e ele cambaleia para trás, tonto.

Meu coração se parte ao meio, uma dor tão aguda que poderia lançar mil desejos e encher um mar de lágrimas. — Jeb, pare...

— Para sua informação — diz Morfeu, estudando minha reação —, é uma gaiola de pássaro.

Nosso pseudoelfo está do tamanho de um pardal. Uma palavra minha e os guardas o servirão para a famigeradamente faminta gata da Rainha Grenadine, Diná.

— Não! — Deslizo os dedos sobre o vidro frio, e a imagem se esvai. Agora só vejo meu próprio reflexo. A menina cujos desejos egoístas trouxe Jeb para dentro desta jornada, para começo de conversa. Tudo porque eu o queria para mim. Mas eu nunca desejei isso.

O soluço que até então eu estava reprimindo se solta. Eu estava delirando quando pensei que poderia virar este jogo a meu favor. O xeque-mate já foi dado. Morfeu venceu.

— E então, Alyssa?

O fogo crepita atrás de mim e o gato de nove caudas estala suas pontas de luz sobre uma expressão impiedosa. Enxugo minhas lágrimas e levanto os olhos, encarando-o. Não é preciso mais nenhuma palavra entre nós, porque ele já sabe.

Farei tudo que ele quiser.

Chessie

Morfeu me acompanha por um corredor longo e escuro no primeiro andar. Velas em candeeiros iluminam as paredes vermelhas resplandescentes. A renda e as saias armadas de meu vestido de coroação varrem o mármore negro aos meus pés. É exatamente por isso que eu não quis ir ao baile de formatura. Detesto me exhibir, principalmente vestindo alguma coisa que eu mesma nunca escolheria.

Das mãos até os pés, jorro veludo carmim, rendas marfim e rubis. As mangas, na altura do cotovelo, e a saia, que vai até o chão, têm enchimento que lembra os vestidos de baile das princesas dos contos de fadas que eu lia quando era criança, e as luvas são feitas de um tecido aveludado que estica.

Meu cabelo também está enfeitado; longos cachos se empilham sobre minha cabeça, com prendedores cravejados de joias que ladeiam o grampo da minha tataravó. Morfeu instruiu as fadas camareiras para que os ornamentos da Rainha Vermelha fossem o ponto focal.

Estou a personificação da realeza. Eu até cheiro a realeza — perfumada com sândalo, rosas e um toque de âmbar. Mas eu preferia ser a Irmã Um, esparramada no cheiro da empoeirada luz do sol e ocultando fiandeiras sob minha saia, para poder prender Morfeu em uma teia e pendurá-lo.

Como se intuisse meus pensamentos, ele aperta minha mão de veludo contra a sua mão acetinada, travando nossos dedos com força. Seu queixo tem a mesma expressão severa que ele tinha antes — logo depois que as fadas me exibiram para sua aprovação —, quando eu lhe disse como eu odiava até mesmo sua imagem.

Ele pareceu magoado. Não pensei que ele se importaria. Afinal, sou apenas seu peão.

Nossas asas acidentalmente roçam uma na outra, e eu reposiciono o ursinho enfiado debaixo do braço para aplacar minha raiva.

Cinco guardas de Corte Vermelha vão à frente, e cinco cavaleiros élficos da corte Branca seguem logo depois, suas botas militares fazendo eco em meus tímpanos. Não consigo parar de olhar para as joias vermelhas que cintilam em desenhos mínimos em suas têmporas e queixos, da mesma cor que o piercing de Jeb. Exceto pelas orelhas pontudas, eles guardam uma inquietante semelhança com ele, no tamanho e na cor da pele. Quase humanos, exceto pela falta de

emoção.

Todos vieram oferecer proteção e reportar-se aos seus respectivos grupos depois que testemunharem meu teste final. Como disse Morfeu, a Corte Vermelha concordou com minha coroação, mas não pode simplesmente me ceder essa honra. Tenho que provar que sou digna dela.

Aproveitar o Poder de um Sorriso: dominar o bandersnatch com a cabeça de Chessie.

Sempre que minhas pernas viram geleia ao pensar nisso, só preciso me lembrar de Jeb sofrendo em sua gaiola, tentando chegar até mim, e minha força retorna. Eu farei isso

— por ele, por Alison e pelo papai. Colocarei um fim neste pesadelo insano e ganharei nossa ida para casa.

Minha comitiva e eu viramos à direita, chegando a uma porta de madeira em arco pintada de vermelho com entalhes em latão no formato dos naipes de cartas: ouros, espadas, copas e paus.

Antes de abrir a porta, Morfeu se vira. Ele segura minhas mãos. A aba de seu chapéu fedora lança uma sombra em semicírculo sobre a metade superior de seu rosto. —

Temos que manter a câmara escura. A visão fraca do *bandersnatch* é uma vantagem para nós. Ele demorará mais para compreender o que acontece, mas seu instinto ficará mais rápido. Da nossa parte, devemos ser furtivos e agir oportunamente. Teremos somente alguns minutos antes que a besta nos registre com seus outros sentidos. Ele ataca com as línguas... como um sapo captura sua presa. Você precisará ficar atrás de mim, e é mais fácil fazer isso quando se está no chão, então resista ao desejo de alçar voo.

Talvez eu devesse ficar lisonjeada por ele estar me protegendo tanto. Mas minha segurança vem em segundo plano. Ele só não quer perder seu trunfo.

— Quando pegarmos a espada vorpal, você pode libertar a cabeça de Chessie.

Depois disso, prepare o arco do violoncelo. Chessie irá dizer-lhe o que fazer. Entendeu nossa estratégia, Alyssa?

Eu não respondo, recusando-me a olhá-lo nos olhos. Aceitei meu lado negro nas últimas horas, abracei-o porque ele me ensinou a manipular Morfeu. A

indiferença o afeta mais do que a raiva. Pena eu não ter percebido isso antes.

A compreensão tardia é para os perdedores.

— Por favor, olhe para mim... — a voz dele suplica.

Mais uma vez, ele cai na minha armadilha — um pouco tarde demais.

— Tanto quanto você, quero que tudo isso acabe — dispara ele, com uma doce

sinceridade que poderia derreter toda a Groenlândia. Levantando meu queixo para que meu olhar encontre o seu, ele pega o arco do violoncelo que lhe foi oferecido por um cavaleiro élfico e o estende para mim. — Vamos trocar pelo brinquedo?

Lanço um olhar azedo para ele e para o cavaleiro e pego o arco, dando-lhe o ursinho. A primeira vez em que peguei um arco, Alison estava ajoelhada diante de mim, segurando um violoncelo que era três vezes maior do que eu. Ela pegou meu pulso para conduzir o arco sobre as cordas. O instrumento soou lindamente, o som mais profundo e tocante que já ouvi. Isso aconteceu alguns dias antes do incidente que mandou Alison para o sanatório. Graças a Morfeu.

— Nosso plano vai dar certo — promete Morfeu, roçando as costas da mão em

minha têmpora, sem ligar para os nossos acompanhantes. Ele deve sentir a tristeza em mim, porque está sendo muito gentil. — O corpo de Chessie quer se reunir. Você está simplesmente permitindo que isso aconteça.

Pense em si mesma como uma ponte.

Eu não respondo. Dou ao arco minha total atenção. Ele é mais largo e tem uma

curvatura maior do que o que tenho em casa. Giro o parafuso para aumentar a tensão, bato-o levemente no chão e encontro o olhar ansioso de Morfeu. — Pronta.

Minhas mãos suam dentro das luvas, e mal consigo afastar os tremores em cada

músculo do corpo.

Agarro o pulso de Morfeu antes que ele vire a chave dentro da fechadura. —

Meu desejo?

Ele tateia o bolso da calça, com o resíduo de um sorriso ávido lhe curvando os lábios. Morfeu está se lembrando de nosso beijo, mas minha mente escapa na direção oposta, desesperada para não cair nas lembranças junto a ele.

— Você vai dá-lo para mim? — pergunto.

— Eu juro pela magia na minha vida. Quando chegar a hora.

Posiciono-me atrás dele. Em resposta a um sinal de Morfeu, os soldados se espalham numa formação em V à minha esquerda e à minha direita.

A porta se abre, cortando a escuridão com luz. Um fedor de umidade nos recebe, como se alguém tivesse preparado um guisado de ostra com chucrute dentro de uma sauna fechada. A definição de frumioso fica absolutamente clara. Tampando o nariz, reprimo a ânsia de vomitar.

Conforme a abertura se amplia, nossas sombras bloqueiam a luz diante de nós.

Mesmo assim posso ver que o teto tem quase a mesma altura do teto do Submundo, e a sala tem o dobro do tamanho daquela enorme estação de skate. Uma série de janelas perfila a parte mais alta do teto em abóbada, deixando penetrar uma luz tênue e difusa, suficiente apenas para diferenciar os contornos e sombras, mas não para ver qualquer coisa com clareza.

Tenho uma vaga ideia do recinto por causa da descrição dada por Morfeu. Uma

corrente grossa prende o *bandersnatch* à parede dos fundos. É comprida o bastante para que ele tenha acesso ao seu cercado e à área do palco que abriga a coroa e a espada, mas este é o limite de seu alcance. Isso permite que os cuidadores da criatura lhe joguem comida da porta e permaneçam fora do alcance de suas línguas. Meus olhos se ajustam e consigo ver o formato do palco. Há um pódio centralizado no meio e um buraco esculpido dentro dele.

Há uma luz enfiada dentro da base, permitindo que um suave raio amarelo se irradie do centro para dentro do recipiente de vidro no alto dele, um pequeno farol na escuridão. Lá dentro, uma coroa vermelha e uma lâmina de prata brilhante se encontram aninhadas sobre uma almofada. De onde estamos, a arma parece pequena, do tamanho de uma faquinha que papai usa para preparar peixe fresco; a lâmina e o cabo não devem ter mais do que uns 20

centímetros de comprimento. Parece mais uma faca do que uma espada.

Uma pesada corrente se arrasta pelo chão em algum lugar em meio à escuridão atrás do palco.

Fungadas enchem o ar e depois aumentam, virando um rosnado grave de gelar a espinha.

Um pavor terrível me engasga. Morfeu segue adiante, chamando-me para ficar atrás dele. Minha mente implora para eu virar as costas e sair correndo. Em vez disso, forço-me para segui-lo. Os guardas e cavaleiros andam de lado, grudados à parede, com as costas contra as pedras, lanças e espadas em punho, se é que isso adianta alguma coisa. O couro de um *bandersnatch* é indestrutível.

Se a criatura atacar, a única esperança é enrolar suas línguas e conseguir algum tempo para escapar.

Morfeu e eu chegamos furtivamente bem perto do palco. Agarrando o arco, aguardo minha deixa...

O coração aos pulos. O *bandersnatch* deve ouvir minha pulsação, porque lança uma língua para averiguar. O órgão escorregadio e serpenteante vai deslizando e deixando um rastro cintilante de muco.

As asas de Morfeu se dobram em volta de mim, e juntos despistamos a língua, que se retrai. Com as juntas dos dedos pressionando as costas de Morfeu, sinto seus músculos se retesando.

— Calma, Chess, meu velho... Calma — sussurra Morfeu. Ele está enfrentando

mais do que o próprio medo. Está lutando com o espírito ansioso do gato. Chessie deve ter sentido sua outra metade e está lutando para encontrá-la.

Chegamos ao palco, e Morfeu iça a mim e ao meu vestido desajeitado no mesmo

instante em que o *bandersnatch* emerge da escuridão, encontrando um raio de luar. Um dos guardas de cartas solta um gemido e a criatura vai cambaleando em sua direção, tão desajeitada e errática quanto um vagão que se solta do trem e descarrilha — só que três vezes maior.

Tenso, Morfeu nos aproxima da caixa de vidro no pódio. A besta move a cabeça em nossa direção, as correntes ressoando. Congelamos, mãos dadas.

Olhos leitosos passam sobre mim, incapazes de focar. Nada poderia ter me preparado para o que estou vendo: o couro de um rinoceronte cinza, esburacado e cheio de caroços, a cabeça triangular e felina com caninos, como um tigre dente-de-sabre reptiliano.

As pernas de lagarto gigante da criatura se movem para fora, e sua cauda espinhosa sacode de um lado para o outro conforme ele balança a cabeça. Um dos cavaleiros élficos estala a língua para distraí-lo. Rosnando, o *bandersnatch* vira-se naquela direção, com a baba escorrendo de seu focinho e formando um rastro.

Morfeu solta um pouco a minha mão quando chegamos perto do recipiente de vidro e me passa o ursinho. Ele enfia uma chave na fechadura de latão na parte da frente, virando-a para acionar o mecanismo. Por algum reflexo instintivo, minhas asas se abrem.

Recuo e vejo o olhar preocupado de Morfeu, mas é tarde demais.

O movimento atrai a atenção do *bandersnatch* para mim e ele ruga — seu hálito pútrido me atingindo com todo o calor, o estrondo e a umidade de uma terrível tempestade de verão. Sem a proteção das asas de Morfeu, minha reação é gritar, e quase viro meus pulmões do avesso.

Morfeu me empurra para trás dele quando as três línguas se lançam sobre nós. Na ponta de cada apêndice, uma cara parecida com a de uma serpente abre mandíbulas desdentadas e sibila. São como enguias gigantes, embora não tão pacíficas e charmosas quanto meus bichinhos de estimação. Cada gota de saliva evapora de minha boca quando uma língua chega a alguns centímetros do rosto de Morfeu. Ele se esquiva, mas as línguas atacam novamente, enrolando-se em seu tornozelo e cintura.

Elas o derrubam e o arrastam, de joelhos, para perto do palco.

— Morfeu!

Quero acreditar que só estou preocupada por causa do meu desejo. Mas vê-lo capturado desperta aquela criança que um dia o amou. Atormentada pelo terror, ela encontra seu caminho, sai das reentrâncias de meu coração, livra-se do arco de violoncelo e me empurra para a frente a fim de alcançá-lo.

Aterrisso de barriga em uma poça de lodo fétido, com a saia armada

borbulhando acima de mim.

— Pegue minhas mãos! — Estico os braços e entrelaço seus dedos nos meus, mas

ele os afasta.

— Não, Alyssa! O teste! Pegue a espada vorpal... Liberte o sorriso...

As línguas o arrastam para fora do palco e o levam na direção da boca salivante.

Suas asas murcham nas costas, presas no apêndice enrolado em sua cintura. Seu chapéu voa e aterrissa no chão.

Luto para conseguir ficar de pé com a geringonça debaixo de minha saia, balançando para um lado e para o outro até que pego um impulso e consigo me equilibrar.

Assim que fico de pé, dou meia-volta e levanto a tampa de vidro. Sinto o calor do cabo da espada vorpal, mesmo através das minhas luvas. Em todo lugar que toco, deixo impressões azuis cintilantes no metal prateado.

Um grito atrai minha atenção de volta para a luta. Graciosos e letais, os cavaleiros élficos se catapultam para as costas do *bandersnatch*, golpeando sua pele com as espadas, em vão. Os guardas de cartas entram em ação. Eles desempenham acrobacias elaboradas para construir uma torre de cartas acima da cabeça da besta. Depois, eles caem e espetam as lanças em suas línguas.

Seus esforços combinados ajudam Morfeu a escapar da língua em sua cintura. Ele mergulha no chão, batendo as asas para obter impulso e se livrar dos outros dois apêndices ainda em seus tornozelos. O *bandersnatch* revida. Os guardas de cartas voam feito folhas ao vento e se chocam contra as paredes. A besta investe novamente, derrubando três elfos.

Eles atingem o chão, desacordados, suas espadas girando ao lado deles ruidosamente.

A urgência se instaura em mim. Com os dedos em torno do cabo da espada vorpal, abro a costura da barriga do ursinho. O enchimento pula para fora e a costura se abre, pois algo está lutando para se libertar.

Morfeu emite um lamento. Os cavaleiros e os guardas de cartas cobrem o chão,

todos inconscientes, feridos ou mortos. Sinuosas e escorregadias, as línguas

se enrolam em Morfeu, segurando-o de cabeça para baixo. A mandíbula inferior do *bandersnatch* se escancara, um abismo pronto para engolir sua presa inteira.

Chessie ainda não emergiu de sua prisão estofada. Enfiando o ursinho em meu

corpete, pego o arco de violoncelo e a espada vorpal, e em seguida bato as asas e ganho o ar. Eu nem sei a altura em que estou. Pairando sobre a rosenta massa monstruosa, grito para Morfeu lá em baixo: — Pegue! — Equilibro a espada bem acima de sua mão levantada e a solto.

Com reflexos rapidíssimos, ele agarra o cabo e desfere três golpes, cortando fora a cabeça de uma língua. A criatura solta um gemido alto e solta Morfeu, que se une a mim no ar. Lá embaixo, nosso agressor esgueira-se para seu cercado, uivando.

Com o cabelo desgrenhado e as roupas amarrotadas e cheias de baba, Morfeu enfia a espada vorpal em sua lapela e faz um sinal com a cabeça, agradecendo. Juntos, descemos.

Meus pés mal tocaram o chão quando o ursinho em meu corpete começa a me puxar, arrastando-me na direção do covil da besta.

— Chessie está tentando pegar sua outra metade! — grita Morfeu.

É como se alguém me tivesse fisgado em uma linha de pesca e a estivesse recolhendo. Morfeu tenta me agarrar, mas é tarde demais. Sou empurrada para dentro do cercado do *bandersnatch*. Meus joelhos começam a ceder quando ele me rodeia, aproximando-se e rosnando, com sua língua incapacitada arrastando no chão e pingando sangue verde.

— Liberte o sorriso, Alyssa! — Morfeu investe contra o cercado para distrair o animal.

Tremendo dos pés à cabeça, tiro o brinquedo do meu corpete e o largo no chão. Um brilho alaranjado se eleva da costura rasgada. O *bandersnatch* diminui o rosnado, fascinado pela luz.

Apertando o arco de violoncelo na mão, aguardo, duvidando...

O brilho alaranjado cresce, do tamanho e forma de uma moeda para o tamanho de uma bola de futebol. Olhos verdes esmeralda com pupilas verticais aparecem, e um nariz bulboso surge no centro.

Por último, emerge um sorriso — brilhante como o da enfermeira Poppins,

da

clínica — com bigodes esticados nos dois lados.

Outra luz laranja responde de dentro do estômago da criatura. Ela ilumina as vítimas não digeridas. As silhuetas de seres alados, grandes e pequenos, flutuam em seu interior como um móbile mórbido, lançando sombras sobre a parede de suas entranhas.

A besta abaixa a cabeça em silêncio, de algum modo consciente da mudança que

acontece dentro dele. A cabeça laranja de Chessie se vira para me encarar e se metamorfoseia em uma ampulheta, os bigodes esticados verticalmente sobre os dentes para formar as cordas de um instrumento.

Um violoncelo...

— Seja a ponte — instrui Morfeu. — Domine a besta.

Alcanço o instrumento laranja que flutua e o trago para baixo. Apoiando-me em uma parede, deslizo o arco sobre os bigodes, escolhendo uma melodia simples que costumávamos tocar na banda como aquecimento. Mas não são minhas notas que se desprendem do sorriso. A voz de Chessie canta uma melodia melancólica e contagiante, e logo eu me pego cantarolando-a enquanto continuo a acompanhá-lo — embora eu nunca tenha ouvido aquela música.

Os olhos do *bandersnatch* ficam pesados. Suas pernas se curvam, incapazes de sustentar seu peso.

Com um som alto e preguiçoso, ele rola para o lado, roncando. A luz dentro de seu estômago sobe para seu esôfago, abandonando as silhuetas flutuantes em sua prisão.

Morfeu aterrissa e me envolve com um braço. Ainda dormindo, o *bandersnatch* soluça, deixando escapar a bolha brilhante e alaranjada. Meu “violoncelo” se solta e vai ao encontro de sua outra metade, e, quando a bolha estoura, Chessie está inteiro, pairando no ar. Ele muda sua forma para uma pequena criatura com listras laranja e cinza — mais uma mistura de guaxinim e beija-flor do que um gato. O sorriso em sua cara se alarga e ele pisca para mim, faz um sinal com a cabeça para Morfeu e depois desaparece com um zunido de sua cauda peluda e listrada.

Minhas pernas estão bambas e meu corpo está completamente entorpecido. Morfeu me acompanha para fora do cercado do *bandersnatch*, fechando e trancando o portão para deixar a criatura lá dentro. — Depois de tamanha batalha com a magia, ele deve dormir até amanhã de manhã, eu acho.

Os guardas e cavaleiros sobreviventes aplaudem.

Morfeu volta-se para eles, com um braço segurando na minha cintura. — Cuidem

de seus feridos.

Deixem os mortos por enquanto. Vou preparar Alyssa e a coroa. Reúnam as cortes e testemunhas na sala do trono. Faremos a coroação em pouco tempo.

Os que ainda conseguem andar carregam os feridos e fecham a porta, deixando-nos na sala abobadada com seus mortos. Não consigo olhar para os corpos, pois me sinto mal por eles terem morrido por mim.

Sentindo minhas emoções em frangalhos, Morfeu abre os braços. Sem hesitação,

viro-me para ele e o abraço sob a luz da lua. O cabo da espada vorpal pressiona minhas costelas sob seu casaco, e tento refrear a tentação de arrebatá-la e cortar-lhe a garganta. Não posso fazer isso. Não depois do que ele fez.

— Você pulou na minha frente — sussurro. — Podia ter morrido.

— Você me salvou a vida. Então estamos quites. — Ele diz a última palavra com sua voz mais humilde, como quando eu costumava derrotá-lo nos jogos na época em que éramos crianças.

Aperto seu casaco e o puxo contra mim, o nariz enfiado em seu peito. Não sei como colocar em palavras o que estou sentindo. Raiva pelo que ele fez comigo e com Jeb misturada com a afeição que minha porção criança tem por ele. Só que não estou mais convencida de que é somente a criança em mim que está presa a ele.

— Eu te odeio — disparo, o sentimento abafado contra seu coração, esperando fazer dele uma verdade.

— E eu te amo — responde ele sem hesitação, com a voz decidida e inflamada, e me abraça com mais força para eu não me afastar e reagir. — Uma encruzilhada, minha linda princesa, que era inevitável dada a nossa situação.

Isso me atinge, e eu nem sei por quê. Estou à deriva na confusão e descrença

sobre tudo: nosso beijo, sua confissão, meu confronto com o *bandersnatch*; acima de tudo, que Jeb e eu estejamos prestes a voltar para casa.

Afastando-me até onde seu braço alcança, Morfeu olha para mim, em silêncio.

— Então, agora você me coroa — arrisco, precisando quebrar o intenso magnetismo entre nós. —

E eu fico livre.

Ele olha para os sapatos. — Sim. Você fica livre. — Sem mais uma palavra, Morfeu acende várias tochas ao longo da parede, iluminando o recinto. Depois, ele recupera seu chapéu e o arruma na cabeça.

Suas roupas estão aos farrapos, como as minhas. Olho para o *bandersnatch* adormecido e trancado dentro de seu cercado. Por que Morfeu me fez usar o vestido da coroação para fazer uma coisa que o estragaria? Uma pontada de suspeita renasce quando ele volta com a coroa de rubis nas mãos.

— Se você quiser — diz ele —, eu posso coroá-la aqui e agora, em particular.

Chega de exibição.

Isso tudo pode acabar em questão de minutos.

Suas palavras acabam com minhas suspeitas. Ele não soa muito convincente, mas gosto da ideia de fazer isso sem todo o País das Maravilhas assistindo. — Sim.

Sua mão livre se abre para exibir meu desejo. — Quando estiver pronta, aperte-o e pense no desejo mais profundo de seu coração. Mas certifique-se de escolher as palavras com cuidado. Diga que deseja se libertar da Rainha Vermelha e sua influência para sempre.

É a única maneira de libertar sua família.

Eu aquiesço.

Por alguma razão, ele não me olha nos olhos. — Eu só peço que me espere coroá-la antes de fazer o desejo. — Seus cílios cobrem os olhos, e as joias em seu rosto piscam em três tons diferentes de azul — como se ele estivesse indeciso sobre alguma coisa.

Tiro as luvas e pego a conta que ainda está por estar em seu bolso.

Ele me surpreende ao oferecer algo mais — a estátua de jade da lagarta que estava em seu quarto.

— Desse modo você nunca me esquecerá, e nem do seu melhor lado.

Eu a pego, reprimindo a dúvida na minha garganta.

Ele eleva a coroa de rubi sobre minha cabeça.

Aperto os dedos em torno do desejo gelatinoso, esperando a minha deixa, ensaiando para encontrar as palavras perfeitas na minha mente.

— Eu a coroo, Rainha Alyssa, a legítima herdeira da Corte Vermelha.

Morfeu acaba de colocar o pequeno círculo em minha cabeça quando a porta se

abre. Guardas de cartas e cavaleiros élficos enchem a sala, com as expressões severas e solenes. Dois elfos apontam as espadas para Morfeu e o forçam a ficar de joelhos.

Gossamer paira sobre a cabeça de um dos cavaleiros e Morfeu levanta a cabeça e olha para ela.

— Você deu com a mágica língua nos dentes, não é, animal traiçoeiro? — pergunta, ele com maldade.

Um pedido de desculpas brilha nos olhos cor de cobre de Gossamer. — A culpa o teria devorado vivo — sua voz de campainha recita. — Tomar uma menina inocente e colocá-la em um mundo estranho, longe dos amigos e da família. Tão cego pelo medo, você não conseguiu ver que estava repetindo o que aconteceu com Alice. O senhor é o meu mestre mais amado... Não desejo vê-lo fenecer de arrependimento. É melhor que encare seu destino com nobreza.

Morfeu sibila para ela. — Nobreza? Não foi algo nobre eu salvar sua vida? Agora você me condena à morte! Eu devia ter deixado que fosse comida por aquele sapo com presas anos atrás. — Os elfos apertam o cerco contra ele, e Gossamer abaixa a cabeça, envergonhada.

Os cavaleiros e guardas à minha volta abrem caminho para alguém que está entrando pela porta.

— O que está acontecen...? — Minha última palavra é cortada enquanto uma mulher vestida de renda cor de marfim — a pele e o vestido cintilando como

cristais de gelo — se adianta. Suas asas brancas se arqueiam, altas e graciosas, como as de um cisne, completando o adorável contorno de seu longo pescoço por baixo do cabelo prateado que chega até a cintura. Seu rosto é familiar por sua beleza e solidão, e ela carrega a caixa de peltre que a aprisionava.

A Rainha de Marfim.

Como ela saiu? A Rainha Grenadine e o Rei Vermelho a libertaram?

Um olhar para as rosas na caixa e essa hipótese cai por água abaixo. As rosas eram brancas.

Agora são da cor de...

Sangue.

A Marfim aproxima-se, ficando bem perto de onde Morfeu está ajoelhado.

— Você me seduziu — acusa ela, com voz rascante. Apesar da amarga frieza que

emana de seus olhos branco-azulados, lágrimas rolam por seu rosto.

— Recobrou suas lembranças, estou vendo — comenta Morfeu, arrogante mesmo

diante das espadas apontadas para ele.

— E também minha coroa. — Ela toca a tiara cintilante de diamantes em sua cabeça. — Você usou palavras tão bonitas. — Ela soluça. — Todas as noites que passamos juntos. Você me fez pensar que gostava de mim... Usou a minha afeição para me aprisionar naquela caixa. — Seus delicados dedos enxugam o líquido do rosto. — E depois culpou o Rei Vermelho e colocou minha corte contra ele, tudo para poder fechar meu portal e segurar a jovem princesa aqui até ela completar seu plano! Você já contou a ela toda a verdade? O que você pretendia tirar dela?

Olho para Morfeu. A culpa em seu rosto me enoja. — Ele me disse que eu poderia ir embora depois de ser coroada rainha. — Atiro a estátua da lagarta aos seus pés. — O que você está escondendo?

Morfeu olha para a peça de xadrez perto de seu joelho. — Nada. Para expiar todos os erros cometidos com ela, eu queria ver a herdeira de sangue da Rainha Vermelha coroada como regente da Corte Vermelha.

Uma rainha em trajes cor de rubi, com fitas nos dedos dos pés e das mãos

que

combinam com seu cabelo cor de fogo e com seu rei e guardas ladeando-a, avança. É a Rainha Grenadine. — Há mais...

A fada nos contou... — Ela leva a mão adornada com fitas ao ouvido, escutando os sussurros. —

Sim... havia outra estipulação para a sua maldição, sabe? Uma que a trancará para sempre neste lugar.

— Ele nunca pretendeu deixá-la partir — me conta Marfim.

Aperto a lágrima cristalizada nas mãos. Se for verdade, então por que a charada com o desejo?

— A sua corrida desvairada pela liberdade — diz a Marfim, com a atenção voltada novamente para Morfeu — custou a vida de um nobre homem mortal e você traiu as duas cortes. Serão tomadas providências contra a sua heresia.

As palavras *homem mortal* gelam meu coração. Volto-me para a caixa linguardarte e as rosas tingidas de sangue. Meu peito fica apertado com uma intuição terrível. — Onde está Jeb?

A Rainha de Marfim abre a tampa da caixa, com a compaixão suavizando sua

expressão.

Meu estômago se revolve antes mesmo de eu ver o cabelo castanho em meio à água negra, antes de ele se virar e revelar-me um rosto tão familiar que deixa minha alma desnuda.

20

Sacrifícios

— Jeb... não, não, não. — Rios de lágrimas quentes queimam minha face.

Ele parece confuso ao me observar de dentro da caixa linguardarte; em seguida, um lampejo de percepção ilumina seus olhos. — Al. — Seus lábios pronunciam meu nome em uma explosão de bolhas. As palavras mudas me cortam ao meio. Eu devia ser sua corda de segurança... Como pude deixar isso acontecer?

— Ah, seu idiota! — grita Morfeu para Jeb. — Você tinha que bancar o herói, não é?

— O culpado pelo estado dele é você. — O Rei Vermelho adianta-se para falar. —

Suas ações forçaram este jovem terreno a fazer uma escolha... Uma escolha irreversível.

— Quem é você para falar em culpa? — retruca Morfeu de pronto, arrogante como sempre. Um cavaleiro o golpeia na cabeça com a mão enluvada.

A culpa escava tão fundo dentro de mim que quase me curvo de dor. Beije outro homem, e Jeb deu seu sangue por mim. — Isso não pode estar acontecendo — digo à Marfim, secando as lágrimas.

A expressão dela se entenece. — Sinto muito. Minha corte nunca teria dado ouvidos às alegações de que armaram um golpe para incriminar o Rei Vermelho. Eles só acreditariam na sua própria rainha. Morfeu planejava me libertar, mas somente depois que conseguisse prendê-la aqui. Gossamer contou tudo ao seu jovem mortal e ele se ofereceu para tomar meu lugar para que eu pudesse impedir Morfeu de completar seu plano. Ele não suportou a ideia de vê-la trancada em nosso mundo para sempre.

— Mas agora é *ele* que está — murmuro. Jeb me observa através do líquido. A dor me apunhala o coração — como se o órgão estivesse sendo comido por aves de rapina.

Um oceano vermelho de laços de amor, e pinte os corações das rosas... Foi o amor de Jeb por mim que abriu a caixa. O mesmo amor que é tão vivo em seus olhos, transpassa as barreiras entre nós — atravessando a água escura e o vidro para lembrar-me de sua fé: *“Você é a melhor amiga que eu já tive. Mesmo que as coisas não deem certo, você encontrará uma maneira de me ajudar.”*

Ele tem razão. Não vai terminar assim. Não permitirei.

A conta transparente cintila em minha mão. Meu desejo não pode ser usado diretamente para ele, mas ainda pode salvá-lo.

Por entre minhas lágrimas, cravo os olhos em Morfeu. — Você me disse uma vez

que, se eu o ajudasse, estaria ajudando a mim mesma. Que consertar as

coisas no País das Maravilhas libertaria a mim e minha família para sempre.

Ele cutuca a estátua da lagarta com um dedo. Ela rodopia no chão de mármore. —

Você nunca ouviu aquele ditado “A verdade o libertará?”. Eu lhe dei isso. Um lampejo de quem você realmente é.

Morfeu não se importa que eu não possa ouvir a voz de Jeb. Que eu não possa tocar sua pele. Ele não se importa que Jeb esteja com muito medo de perder o controle de sua vida, mas ainda assim ele abdicou de todo o controle só para me salvar.

O pior é que logo, logo, Jeb não se lembrará mais de mim. Ele não lembrará nem de si mesmo.

Morfeu não se importa com nada disso. Ele só quer cumprir o desafio da Língua dos Mortos da Rainha Vermelha.

Eu me inclino à altura do seu ouvido. — Se eu pudesse, faria com que você tomasse o lugar dele.

Morfeu tensiona o queixo. — A magia é definitiva. Seu cavaleiro mortal sabia

disso. *Uma troca de almas a porta fechará, e para todo o sempre o sangue a selará.*

Cada músculo de meu corpo se reprime, me impedindo que eu o ataque. Em vez

disso, toco as rosas manchadas de vermelho. — Eu poderia juntar-me a ele. O desejo pode ser usado para colocar-me lá dentro.

— Não permitirei! — Morfeu tenta se levantar, mas os cavaleiros colocam as pontas de suas espadas em seu esterno.

— Será um desejo desperdiçado. — Gossamer se ilumina em meu ombro. — A

caixa só pode abrigar uma alma de cada vez. Ademais, o portal nunca mais se abrirá. Nem para sair, nem para entrar.

Jeb pronuncia as palavras: — Vá para casa.

O arrependimento se agarra a mim, por cima de um ódio avassalador. Ele não tinha o direito de fazer esse sacrifício. Não tinha o direito de abdicar de sua

vida por mim. Não tinha o direito de me deixar aqui sozinha.

Tateio o vidro diante de seu rosto, memorizando cada traço. Se eu tivesse desejado nunca termos vindo, nenhum de nós estaria aqui para isso acontecer.

Morfeu luta com seus captores, ainda de joelhos, lembrando-me do motivo pelo

qual vim aqui. Se eu colocar tudo de volta onde estava, ele também ficará livre novamente.

Livre para atormentar minha família até que alguém o impeça de uma vez por todas.

Só há uma solução, e ela se torna clara como o céu azul em que Jeb e eu voamos para atravessar o abismo em nossas pranchas flutuantes.

Beijo o vidro frio e duro que nos separa, lembrando-me dos lábios dele como estavam no Corredor dos Espelhos. Macios, quentes, generosos e vivos. Aqueles primeiros beijos serão nossos últimos.

— O que você renunciou por mim — digo-lhe. — Tudo que você fez enquanto

estivemos aqui foi incrível. Se eu voltar para casa, passarei a vida pensando em você.

A boca de Jeb se escancara. Ele balança a cabeça, forçando as bolhas a se agitarem em torno dele.

Seu cabelo rodopia feito musgo negro flutuando na água.

— Não, Alyssa! — Os gritos de Morfeu saem em estranha sincronia com os gritos mudos de Jeb.

Mas é tarde demais. Já apertei a lágrima e o líquido escorre por meu pulso, quente e com o perfume de salmoura e da saudade.

Em minha mente, invoco o mais profundo desejo do meu coração: que eu nunca

tivesse atendido a porta para Jeb na noite do baile de formatura e que eu tivesse atravessado o espelho sozinha.

Atrás de meus olhos fechados, um relógio de bolso gigante rodopia, seus ponteiros girando no sentido anti-horário. Tudo acontece de trás para a frente: minhas asas mergulham de volta na pele; nossa viagem sobre os mariscos que

nos ajudaram a atravessar o tabuleiro de xadrez, que termina em um platô de areia; surfando para cima em vez de para baixo e pulando para trás na mesa da Lebre Careca, cara a cara com as estátuas geladas; os beijos no corredor espelhado, todos eles retirados — guardados em algum lapso de tempo para não serem lembrados por ninguém além

de mim; vejo o mar voltando a encher, nós dois pulando no barco a remo e depois o octobenus voltando para a água enquanto voltamos a adormecer para acordarmos nas praias de areias brancas; eu sendo carregada no ombro de Jeb enquanto ele caminha para trás, encolhendo para ficar do meu tamanho enquanto lutamos com as flores, depois recuamos para a pequena porta. Entramos na toca do coelho, subimos, subimos, subimos e encontramos a luz do sol. Até que, por fim, Jeb desaparece e volto a cair na toca do coelho — eu e mais ninguém.

Meus pulmões arquejam, pois fui arrastada por baixo d'água. Abro os olhos.

Todas as lembranças permanecem e tudo está igual: Morfeu parado no lugar sob as espadas dos cavaleiros; as rainhas, lado a lado; os guardas olhando ansiosos; e Gossamer em meu ombro.

O pior de tudo... a caixa linguardarte. As rosas ainda estão vermelhas. A Marfim segura o cubo de peltre. Estou prestes a gritar, porque o desejo não funcionou e eu fracassei.

As lágrimas nos olhos da Rainha Grenadine me detêm.

Chego mais perto da caixa. Do outro lado da tampa aberta, o Rei Vermelho olha fixamente através da água escura. Sem Jeb aqui para se sacrificar, o rei usou seu amor por Grenadine para trocar de lugar com a Marfim, salvando os dois reinos. Talvez de alguma maneira isso o redima por ter partido o coração de minha tataravó tantos anos atrás.

Me pergunto se alguém se lembra de Jeb. A confusão em seus olhos me diz que

não. Mas aposto que Morfeu, sim. Ele sempre foi capaz de penetrar em minha mente.

— Que escolha insensata — diz ele, confirmando minha suspeita. — Sendo a mártir, nunca mais verá sua família. Como acha que a frágil mamãezinha se sentirá?

— Ah, eu os verei — respondo. — A maldição de minha família nunca foi do feitio dos intraterrenos. A maldição era você. Hoje, estou quebrando você.

Agora sou rainha. Os portais estão abertos para mim. Então, voltarei para casa e minha família finalmente ficará livre.

Ele olha para seus sapatos, as joias piscando em tons de preto e azul, como um machucado. — Que lindos delírios, queridinha. Lindos para um conto de fadas. — Uma rouquidão arranha sua voz, tingindo-a de remorso.

Cansada de seus jogos mentais, começo a erguer a coroa de Grenadine.

Meus dedos ficam presos na base dos rubis, incapazes de se mexer. Por baixo do grampo de cabelo da Rainha Vermelha, meu couro cabeludo queima.

Gavinhas

incandescentes descem do meu crânio e penetram na minha espinha, grudando meu corpo inteiro no lugar.

A sensação migra para meus braços, incendiando minhas veias. Elas têm um brilho verde, como no jardim dos espíritos, brotando em heras. A mesma sensação me sobe pelas pernas debaixo da saia ampla. Aqui, as trepadeiras não entram na minha pele. Elas crescem, se expandem com a minha respiração — me transformo em uma planta viva que respira.

Grito quando as trepadeiras atacam, feito serpentes folhosas, expulsando Gossamer de meu ombro e chicoteando todos à minha volta.

— O que está acontecendo? — Grenadine geme, todas as fitas de seus dedos cochichando ao mesmo tempo.

— O sacrifício de seu marido foi em vão! — grita a Marfim. — O espírito da Vermelha estava no grampo de cabelo... Ela está unida a esta menina... Elas são apenas um ser?

Os cavaleiros e guardas, temendo por sua rainha, viram suas armas contra mim.

Morfeu usa essa distração para fechar as asas sobre o peito, derrubando os cavaleiros que ainda o encurralavam. Com uma virada de calcanhar, ele faz uma manobra por trás da Marfim e a pega pela cintura, levando a espada vorpal ao seu pescoço. —

Afastem-se da Rainha Alyssa ou cortarei a Marfim ao meio e acordarei o *bandersnatch* para um lanchinho.

Todos ficam parados. Até Gossamer estanca em pleno ar. Quero correr para a

porta, mas não consigo me mexer. A Rainha Vermelha está lutando para controlar meu corpo, e preciso de toda a concentração e força para contê-la.

— Todos vocês — Morfeu faz um sinal para a porta —, saiam. Isso é entre nós três.

Ou nós quatro, se contarmos a rainha que você esfaqueou pelas costas uma vida atrás.

Gossamer é a primeira a sair, com os ombros verdes caídos. Grenadine pega a caixa linguardarte da Marfim e anda para trás na direção da entrada junto com os guardas, quase tropeçando em alguns soldados mortos ao sair. Os cavaleiros élficos ficam a postos, aguardando um comando da Marfim.

— Não me teste. — Morfeu abre as asas bem alto e pressiona a lâmina sobre a

jugular dela até a pele enrugar.

— Vão — comanda ela, com voz estridente.

Uma onda de frustração invade os cavaleiros, que recuam com as espadas abaixadas. Mas a emoção só pode ser sentida, não vista; seus rostos permanecem impassíveis. A porta se fecha atrás deles.

Arrastando a Marfim consigo, Morfeu tranca a porta com uma barra de ferro e

depois se volta para mim, estreitando os olhos para a coroa em minha cabeça. — Minha parte está feita, bruxa malvada.

Agora estou livre de você.

— *Muito bem...* — A resposta da Vermelha ressoa pela minha cabeça e força sua saída de minha boca em uma lufada de ar. — *Mas eu ampliei minhas expectativas. Por ter ficado presa tanto tempo, mereço uma retribuição. Aproxime sua prisioneira. Quero a magia de sua coroa também.*

Faça-o, e lhe oferecerei um lugar ao meu lado como rei, governando todo o País das Maravilhas.

A Marfim se debate, mas Morfeu mantém a espada firme em sua garganta.

Enfrentando meu olhar, ele faz uma cara triste. — Por que não me ouviu? — pergunta ele, com a voz embargada. — O desejo que eu lhe dei... Se você o

tivesse usado como instruí...

Teria se poupado deste fim. Meu desafio era para você sentar no trono com a Vermelha possuindo seu corpo. Tentei lhe oferecer uma saída.

Se a rainha não estivesse me sustentando, eu desmaiaria. Meu destino é ser um veículo — só metade de mim mesma — amarrado ao País das Maravilhas para toda a eternidade? Quero dizer a ele mais uma vez que o odeio, para ser sincera desta vez. Quero cuspir nele e gritar que ele é um covarde no pior sentido da palavra, por me sacrificar para salvar sua alma imprestável.

Mas desvio o olhar, usando aquela tática que funcionou tão bem antes, para poder dobrá-lo.

Porque ele é o único que tem o poder de me salvar.

— Por favor, você tem que entender. — Sua voz assume aquela qualidade de súplica, e meu coração, a única parte do meu corpo que nunca deixarei a Vermelha tomar, retoma sua batida, esperançoso. — Eu não sou covarde. — Ele tenta me convencer, como se eu já o tivesse acusado de ser. — Não foi o medo da morte que me moveu... Foi a prisão.

Como você, meu espírito não pode ser contido. Preciso ser livre. Você compreende, não?

Abstenho-me de responder, contraindo-me devido ao esforço de lutar contra a

Vermelha.

— *Quer andar logo e vir aqui, seu idiota? Preciso do poder extra da coroa da Marfim para vencer esta menina. Esta aqui é muito poderosa.* — Há um tom de orgulho nessa afirmação, que só alimenta minha decisão de derrotá-la. Tenho que deixar de lado os laços de família. Não pertenço a ela e ela não tem o direito de se orgulhar de mim.

Morfeu adianta-se alguns metros com sua refém. A Vermelha lança um ramo como

uma serpente dá seu bote. Ele derruba a coroa da cabeça da Marfim; ela grita e desmaia.

Amortecendo sua queda, Morfeu a deita num canto, com o pé prendendo a coroa

incrustada de diamantes. A corda de trepadeira da Vermelha tenta se

aproximar, mas não consegue se mover sem que eu dê um passo à frente. E eu me recuso.

A Vermelha manipula a conexão entre seus ramos e minhas veias como cordas de

marionetes. Luto contra a dor dilacerante, a mandíbula quase quebrando de tanto cerrar os dentes. Mesmo assim, não cedo.

— Poderia ser tão perfeito! — Morfeu quase grita as palavras, concentrado somente em mim. —

Seu pretendente mortal já esqueceu esta viagem. Mas eu e você compartilhamos

lembranças de uma infância que eu nunca esquecerei. Você é a dona do meu coração.

Somos o par perfeito em todos os sentidos. Eu teria ficado ao seu lado assim que baníssemos a Rainha Vermelha, nunca deixando que você governasse sozinha. Poderíamos ter dançado todas as noites nas estrelas no céu de seu reino.

Por você, eu teria abdicado de minha vida solitária... Teria sido seu laçao leal e a adorado eternamente.

A Vermelha força o meu rosto na direção dele, mas mantenho os olhos no chão.

— *Eu deveria transformá-lo em meu tamborete depois de tal admissão de heresia.*

Mas dar-lhe-ei uma última chance. Traga a coroa se deseja alguma parte da menina.

Estou compartilhando metade da mente dela. Posso oferecer seu corpo, forçá-la a render-se aos seus desejos. Use-a à sua vontade. Case com ela, durma com ela. Seja seu marido. Mas dê-me a coroa da Marfim.

Com os sapatos, ele arrasta o aro coberto de joias no chão na direção dela.

Repensando, Morfeu o puxa de volta, afastando-o do alcance dela.

Uma centelha de esperança se acende em mim, até que levanto os olhos. Ele está concentrado, analisando seriamente a proposta.

Ela não pode fazer isso, pode? Forçar meu corpo a cumprir sua vontade?

Como se estivesse respondendo, meu cabelo escapa de vários grampos e se agita à minha volta, os fios não mais loiros platinados, mas vermelho-fogo. Eles se estendem na direção de Morfeu, incitando-o feito braços abertos.

— *Você a quer para si?*

— Muito... — A voz dele irrompe.

— *Então faça como eu mando. Ela será sua fisicamente, e depois o coração e a alma virão a seu tempo. Com romance, você pode conquistar suas graças. Terá a eternidade para ganhá-la.*

A expressão no rosto de Morfeu está dividida entre o desejo e uma luta pela honra.

As pedras preciosas que decoram seus olhos faíscam nas cores rosa e roxa.
— A eternidade para ganhá-la. —

Ele está quase em transe. Então, Morfeu se agacha para levantar a coroa, mas hesita.

— *Ora, pelo amor de Fennine! Se é fraco demais para entregá-la, simplesmente vá embora. A menina permanece forte só porque você está lhe dando esperança. Saia e eu a superarei. E*

pegarei a coroa para mim.

Morfeu fica ali parado, lança um último olhar prolongado para mim e começa a

caminhar na direção da porta.

Um grito irrompe de minha garganta, ao recuperar minha voz. — É isso? Você

conseguiu o que queria e agora vai virar as costas para mim como fez com Alice? Vai me deixar nesta gaiola de hera?

Por que não? Não pode ser pior do que viver em uma camisa de força, e você já forçou muitas mulheres a usarem uma.

Ele para no meio do caminho.

— *Não dê ouvidos a ela! Ela será sua para admirar e estimar dentro em pouco.*

Poderá secar seu pranto, fazer de toda essa dor uma lembrança distante.

Como se estivesse em câmera lenta, ele recomeça a andar, os ombros largos tensos e as asas caídas.

— Você fez um voto! — berro, lutando pelo controle de minha mente. — De não

partir meu coração novamente! Você vai perder tudo!

Morfeu se detém na soleira, de costas e cabeça baixa. — Eu daria todos os meus poderes para tê-

la em meus braços. Seu amor é a única magia de que preciso.

A Vermelha me força a dar um passo à frente... E mais um.

— Serei um cadáver na sua cama! — Tento tocá-lo mais uma vez. — Você está

matando tudo que faz de mim o que sou. A menina que você ensinou, sua parceira... A pessoa que você alega amar vai desaparecer, e uma marionete ocupará seu lugar.

As veias folhosas nas minhas pernas me puxam para mais um passo indesejado,

como se fizessem uma demonstração.

No momento em que Morfeu estende a mão para tirar a barra de ferro da porta, a Vermelha estica os ramos e alcança a coroa.

— Adeus, Alyssa — enuncia a minha última esperança, com as asas murchas de

resignação. —

Receio que nenhum de nós seja forte o bastante para derrotá-la.

— Isso é o que vamos ver, Morfeu — retruco e volto minha atenção para as trepadeiras que me paralisam.

Estou cansada de deixar que todo mundo fique ditando o que acontece com a minha vida. Prefiro morrer a ser um eterno peão.

Ao empregar o que resta de minhas forças, tento agarrar os ramos que arrastam a coroa na minha direção. Despencando sobre os joelhos, puxo a hera, mantendo-a retesada onde ela se une à minha pele. O grito da Rainha Vermelha

atordoa minha mente. Ela larga a coroa para se concentrar em mim.

Sua hera se enrosca em minhas mãos e dedos até cobri-los com uma luva de folhas.

Ela força meus braços a se juntarem, amarrando-os, e em seguida fazendo o mesmo com minhas pernas e torso, deixando-me incapacitada, como as flores fizeram no início de minha jornada, só que a dor é incomparável. Qualquer resistência a esses grilhões faz cada osso do meu corpo parecer que vai quebrar.

A única maneira de acabar com a dor é soltar o corpo... Desistir. Ela venceu. Estou acabada...

Fecho os olhos e lamento.

Penso em Jeb, em Jenara, em mamãe e papai — todos tendo que viver sem mim. O

pensamento me trespassa o coração com uma dor mais aguda do que qualquer outra que eu tenha sentido. Por isso, sinto-me contente. A intensidade da emoção prova que ainda estou viva... Que sou um indivíduo. Que sou eu.

A Vermelha detém meu corpo, mas ainda não controla meu coração nem minha

mente. E é aí que reside a magia.

Três corpos de cavaleiros élficos encontram-se a alguns metros. O braço de um está arrancado, o pescoço de outro está quebrado e a perna de um terceiro está torcida, tudo fruto de seu confronto com o *bandersnatch*. Eles podem estar fora de combate, mas eu ainda posso usá-los.

Concentrando-me em seus corpos, imagino-os vivos: seus cérebros se tornam computadores ligados aos meus pensamentos; seus corações feitos de betume pulsam coordenados ao meu; suas pernas e braços são flexíveis como limpadores de cachimbo, movendo-se ao meu comando.

Trôpegos e desajeitados, eles se levantam. Mancando e balançando, os cavaleiros se arrastam na minha direção. Seus dedos agarram os ramos e lutam contra a Rainha Vermelha.

Meu casulo de hera se desenrola, rodopiando-me no chão. Os ramos se retesam em meus tornozelos, pulsos e mãos, onde eles se uniram ao meu corpo. Os cavaleiros continuam a atacar com todo o seu peso e os ramos rasgam minha pele ao saírem, como fios elétricos sendo puxados de uma parede de gesso. Uma

dor aguda me dilacera — uma lâmina giratória que remói meus órgãos.

Ensaio um grito e me sufoco no gosto de sangue, perdendo o controle de minhas marionetes macabras. Eles murcham, quase soltando os ramos. Motivada pelo desejo de me libertar, comando que os cavaleiros invistam com mais força.

Rios rubros jorram de minhas feridas e formam poças no chão. Cerro os dentes, usando a aflição de meu corpo para me mover, para dar a minhas criações força para lutar até terem arrancado a Vermelha, até que ela esteja ligada somente à ponta de meus dedos por um fio de hera.

Desmorono, e meu trio de cavaleiros se amontoa em uma pilha, inanimados e mortos novamente.

Estou tão fraca que quase não percebo que Morfeu está ao meu lado. Com a espada vorpal nas mãos, ele corta os talos folhosos que saem de meus dedos e em seguida remove os ramos. Mais um guincho cortante sacode meu crânio quando Morfeu puxa a coroa e o grampo para me desligar completamente de minha titereira.

Sem um corpo para habitar, o espírito da Vermelha murcha na hera jogada, morrendo feito uma massa de enguias fora da água.

Morfeu guarda a espada vorpal em seu casaco. Desabo em posição fetal, esgotada de sangue e energia. Meus pulsos e tornozelos têm cortes abertos, mil vezes piores do que as feridas que cortaram minhas mãos quando criança. Me pergunto se estou morrendo...

Uma névoa negra apaga tudo à minha volta.

— Bravo, menina teimosa — sussurra Morfeu em meu ouvido ao me aninhar docemente em seus braços, levantando meu corpo. — Só você podia se libertar da possessão dela e conquistar a coroa.

Eu sabia que você venceria. Você só precisava de um empurrão para ficar com

raiva. E quem melhor do que eu para deixá-la no limite da fúria?

— Mentiroso — murmuro, nadando em náusea e cuspiendo sangue. Meus braços e

pernas parecem pesados, e um fluxo pegajoso jorra das aberturas em minha pele. — Você me abandonou.

— Mas ainda estou aqui, não estou? — Morfeu me leva até a Marfim e mostra a

marca de nascença dela, juntando-a à minha. Um calor invade meu corpo. — Sempre acreditei no seu poder.

Na rainha que eu vi ainda criança... Na mulher que você nunca viu em si mesma.

Minha fé é tão imutável quanto minha idade.

— Não acredito em você — murmuro, semiconsciente. Minhas veias voltam a se

encher, curando minha pele. As lacerações agonizantes tanto dentro quanto fora do meu corpo param de doer.

Ele afaga meu cabelo. — É claro que não. Eu não lhe dei razões para acreditar.

Escancaro os olhos ao ouvir um rugido vindo do cercado do *bandersnatch*. As dobradiças do portão estouram, o cadeado é amassado e o monstro surge atrás de Morfeu, com as heras da Rainha Vermelha iluminando suas veias. Ela encontrou outro corpo para habitar...

— Morfeu!

Ele pula na direção do monstro para me defender. Duas línguas e um laço de trepadeiras enredam seu pescoço, apertando-o até ele ficar sem ar. Seu chapéu cai.

Ainda fraca, esforço-me para ficar de pé. — Revide!

Mas tudo acaba antes que eu termine de falar.

Morfeu leva as mãos à garganta. — É melhor eu provar do meu remédio, querida —

diz ele, engasgado. — Se você tenta passar a perna na magia, há sempre um preço a pagar.

A criatura o engole inteiro. Suas asas entram por último — um lampejo negro de beleza.

Bandersnatch está prestes a me atacar, mas cai no chão e fica rolando, lutando contra si mesmo.

Morfeu ainda me defende de dentro dele.

Quando a criatura se levanta novamente, vai se chocar contra a parede mais próxima. Batendo seu corpo enorme contra a pedra até ela desmoronar e se abrir, o monstro se liberta das correntes e pula pelo buraco, fugindo para as florestas do País das Maravilhas.

Fico sentada olhando para a gigantesca fenda na parede do castelo — meu vestido armado envolvendo minha cintura feito um globo de veludo — pelo que parece uma eternidade. Ao inspirar o ar da noite, percebo que não se passaram mais de alguns segundos.

Os duendes chegam para recolher os mortos. Eles surgem a distância, as luzes de mineiro sacudindo na escuridão, e depois entram escalando as ruínas de pedras e se lançam ao trabalho.

Apresso-me a recolher a pequenina estátua da lagarta do chão e a guardo no corpete do meu vestido. Paro para olhar para o chapéu fedora de Morfeu, e uma pontada de remorso me pinça o coração.

Arrasto-me até a Marfim e dou tapinhas em seu rosto para acordá-la para que ela não seja tomada como morta.

A brigada de duendes passa por nós, cheirando tudo. — Não cheiram mortassss. Em frente vamos.

Enquanto eles recolhem os corpos, Marfim e eu ajudamos uma à outra a ficar de pé.

Eu lhe conto tudo o que aconteceu enquanto ela estava inconsciente.

Sinto-me entorpecida... Minhas emoções foram tão exigidas que é como se eu

estivesse anestesiada. — Não faz sentido — sussurro, com a mão no peito onde a estátua, fria e sem vida, pressiona meu coração. — Morfeu derrotou a Língua dos Mortos da Vermelha, depois entregou-se ao *bandersnatch*, o mesmo destino do qual ele estava fugindo...

— Para salvar você. — A Marfim completa meu pensamento. — Parece que ele era

mesmo capaz de um amor desapegado, afinal. Só que não era por mim.

Esfrego as lágrimas e o sangue que secou no meu rosto, arrasada com a destruição que nos cerca.

— Vim para consertar as coisas. Em vez disso, acabei estragando tudo.

A Marfim arruma meu vestido e minhas asas. Seus olhos demonstram bondade

quando ela pega alguns fios de meu cabelo solto, observando a cor vermelho-fogo. — Às vezes uma chama deve nivelar uma floresta às cinzas antes que algo novo possa crescer.

Acredito que o País das Maravilhas precisava de uma limpeza.

Olho para minhas roupas esfarrapadas e sujas de sangue. — E agora?

Ela coloca a coroa de rubis em minha cabeça e reposiciona a sua. — Você é a legítima herdeira da Corte Vermelha. Passou em todos os testes e recebeu a coroa. O

decreto de sua própria corte exige que Grenadine abdique. Qualquer comando que você der aos seus súditos agora, eles o tomarão como lei.

— Qualquer coisa? — pergunto.

Ela faz um sinal afirmativo com a cabeça e a porta se abre com a ajuda de aríete. As duas cortes entram pelo corredor externo. Até os mariscos e as flores zumbis conseguiram entrar pelo buraco na parede.

Logo, estou cercada por uma comemoração de criaturas aladas e ardilosas, e devo decidir meu próprio destino pela primeira vez na minha vida.

— O que será então, Rainha Alyssa? — pergunta a Marfim.

Eu me agacho para pegar o chapéu de Morfeu e o coloco em minha cabeça, sobre a coroa, inclinando-o um pouco. — Vamos festejar.

21

Pendências

No reino dos humanos, um chá da tarde seria mais apropriado para as negociações de paz entre dois reinos, mas, ao observar meu amigo furão albino bater e dominar o pato assado e ver todos os meus convidados atacarem o risonho prato principal, atrás de sua succulenta e perfumada carne, sei que fiz a escolha certa.

O riso insano, os lábios que estalam e a conversa nem um pouco civilizada fornecem um pano de fundo reconfortante enquanto ajusto a situação com meus novos amigos da realeza. Ocupo a cabeceira da mesa, com a Marfim à minha direita e Grenadine à esquerda, e apanho uma garrafa flutuante de vinho enviada na minha direção pelos intraterrenos de cabeça lanosa à outra ponta da mesa. Sirvo-me um copo, brindo com eles e tomo um longo gole. O sabor de frutas vermelhas e ameixas me desce pela garganta, espesso e doce como mel.

Papai não aprovaria, embora este não seja nada parecido com o vinho de casa. Só sei que preciso de algo para aquecer o frio no peito que me atinge cada vez que vejo o chapéu de Morfeu no braço da cadeira — as mariposas vermelhas flutuando com o movimento à minha volta.

As fadas de Morfeu compartilham do meu pesar. Elas balançam e voam em zigue-zague sobre a mesa como abelhas sem colmeia, inquietas. Gossamer está

empoleirada no lustre acima de nós, murcha, chorando, inconsolável.

Rábido Branco entretém Grenadine com uma piada enquanto passa uma travessa de biscoitos do raio lunar. As fitas em seus dedos que a lembravam do paradeiro do rei e da traição do esquelético intraterreno desapareceram misteriosamente assim que sentamos para comer. Enfiei as fitas vermelhas debaixo da perna para destruí-las depois.

Rábido fez um juramento de lealdade a mim e a quem quer que eu escolha para

ocupar meu lugar quando eu me for. Grenadine precisará de um conselheiro experiente, e não tenho motivos para duvidar da devoção dele depois de tudo que ele fez para me ver coroada.

— Está mesmo certa de sua decisão? — me pergunta a Rainha de Marfim.

— Será melhor assim — respondo, tocando o colar em meu pescoço. Esta chave é

minha e vou guardá-la. Um rubi a adorna, em homenagem ao meu reino.

— Você precisa saber... — A Marfim ergue um doce cristalizado, chupando uma

das pontas. —

Como você é mestiça, assumirá a forma do reino em que viver. Suas asas e

manchas nos olhos aparecem aqui, mas lá irão desaparecer em questão de horas. Seus poderes são eternos, mas se tornarão latentes se não utilizados. Quanto mais você evitar lembrar de sua estada no reino interior, mais humana se tornará.

Ao concordar num gesto com a cabeça, tomo mais um gole de vinho para acalmar a dor em meu estômago. Aliso o vestido que Grenadine me deu depois que me limpei —

vermelho de alcinhas com ases, espadas, ouros e paus em negro aplicados logo acima da barra, na altura do joelho. A anágua preta farfalha debaixo de minhas mãos. Ela me ofereceu botas, mas as solas de meus pés estão me matando, então vim descalça.

Comparecer a um jantar político importante vestida pela metade. Eu não poderia fazer isso no mundo humano.

Nunca pensei que me sentiria tão dividida em relação a voltar para casa. E nunca pensei que poderia me sentir tão em casa *neste* lugar. — Quero experimentar tudo que Alice perdeu — finalmente respondo à Marfim.

— Compreendo. Seu coração pertence ao reino humano por enquanto, onde se

encontra o cavaleiro do qual me falou. Ele parece muito corajoso e nobre. — Um ar sonhador passeia por seu rosto.

Uma pontada de compaixão me toma. Ela sempre viveu tão isolada. Morfeu deve

ter sido um sonho que virou realidade. Mesmo que ela não consiga encontrar o homem certo, há outras maneiras de aplacar o vazio, com amizades que ela pode fazer. Talvez ela só precise de um empurrão na direção certa.

Olho para Grenadine, cuja boca brilha com raios lunares enquanto ela ri, alheia a nós. — Enquanto eu estiver fora, você e Grenadine se verão uma vez por semana? Comerão juntas, jogarão croqué, o que for. Sabe, para manter as relações exteriores equilibradas.

Vocês podem se alternar na hospedagem...

As feições lindas e frias da Marfim se aquecem com a ideia. — Naturalmente.

— E você pode levar as fadas para o seu castelo. Elas ficarão perdidas sem Morfeu.

A rainha sorri com tristeza. — Sim. Ficarão. Terei prazer em acolhê-las.

Nós duas paramos de falar, pois a conversa à nossa volta gira em torno do mau comportamento de Morfeu durante toda a vida. Os convidados do jantar riem com desdém e sorriem depois de cada episódio — um estratagema que claramente serve para encobrir sua dor.



Olho para meu prato.

A Marfim dá um tapinha em minha mão. — Ele sempre falava de você. Sua infância com você foi sagrada para ele. Tão poucos de nós chegam a viver esse tipo de inocência.

Minhas asas pesam mais em minhas costas quando penso em nosso curto tempo

juntos. As

lembranças que me esforcei tanto para recuperar agora me assombrarão para sempre.

Pensar no inevitável adeus a esses seres maravilhosamente excêntricos — e no

adeus a uma parte maravilhosa de mim mesma — me deixa ainda mais desolada. Mastigo uma coxa. O pato mutilado deita e rola de rir em sua travessa, como se pudesse sentir minhas mordidas do outro lado da mesa.

— Precisamos discutir sua viagem de volta. — A Marfim coloca seu doce de lado.

— O tempo é sorrateiro quando se volta pelo portal que liga os reinos. A menos que visualize uma hora específica, o relógio anda ao contrário.

Então era isso que a flores queriam dizer quando falaram que o tempo anda para trás no País das Maravilhas. — Quanto para trás?

— Ele a levará para o exato momento em que você o atravessou. Isso pode ser uma vantagem para você. Se visualizar o seu quarto, pode criar a ilusão de nunca ter saído.

Ao limpar os lábios com um guardanapo, olho-a nos olhos. — Não. Tenho

outro

lugar em mente.

Tem uma coisa que preciso fazer antes de minhas asas desaparecerem, antes de

recomeçar minha vida.

De acordo com o funcionamento do portal, devo visualizar onde quero aterrissar, mas tem que ser um recinto com um espelho grande o bastante para que eu o atravessasse. A magia é mais rígida no reino humano. Como os únicos três lugares que conheço bem na clínica são a recepção, o saguão e o banheiro, aperto a pequenina chave na corrente em meu pescoço e escolho o mais óbvio.

Agachada, rastejo pelo portal e acabo ajoelhada em uma pia imaculada, com as

mãos segurando as bordas para me equilibrar. Quase colido com a enfermeira Jenkins, que estava inclinada vasculhando seu estojo de maquiagem. Um lápis de sobancelha cai no chão, tilintando. Ela cambaleia para trás e cai com o traseiro no chão, ao lado do vaso sanitário, boquiaberta. Um pequeno som, algo entre uma lamúria e um suspiro, emerge de sua garganta.

Talvez eu possa explicar a decoração em meus olhos e as asas dizendo que é uma fantasia, mas e sair de um espelho? O melhor a fazer é sair e deixá-la convencer a si mesma de que anda trabalhando demais. É improvável que ela me reconheça, afinal.

Enfio a chave em meu corpete e respiro fundo, com o cheiro de desinfetante me pinicando o nariz.

Minhas anáguas se enrugam quando pulo da pia. O piso frio recém-limpo encontra meus pés descalços.

A caminho da porta, ouço a enfermeira Jenkins grasnar. Detenho-me. Ela ainda se encontra esparramada no chão, em tal estado de choque que está praticamente babando.



Uma seringa cheia caiu de seu bolso, junto com suas chaves. Quase fico com pena dela, até ver o nome de Alison na etiqueta da seringa.

Ajoelho-me ao seu lado e prendo as chaves entre os dedos. — Tenho que pegar isso aqui emprestado.

A enfermeira me encara, perplexa.

Um sentimento de desforra toma conta de mim, e cedo ao meu lado malvado.

—

Sabe, você parece um pouco alterada hoje. — Rolo a seringa para perto dela com os dedos do pé e me levanto. —

Talvez deva tomar alguma coisa para... dormir.

Dou um toque no chapéu fedora de Morfeu, viro-me para a porta e sacudo as asas para esticá-las.

Verificando se o corredor está vazio, saio, contendo um sorriso.

Os corredores estéreis que costumavam me intimidar não me assustam agora.

Agacho-me nos cantos e procuro as sombras, quase sendo pega uma ou duas vezes, mas, como somente o pessoal da noite está aqui, logo me encontro no terceiro andar, onde ficam as celas acolchoadas — sozinha. Não preciso tentar adivinhar em qual ela está. Pode ser intuição intraterrena, mas eu sei. Destranco a fechadura, entro de fininho e fecho a porta.

Enrolada em um canto, Alison vira a cabeça raspada e aperta os olhos em minha direção. —

Allie? — Sua voz parece pequena e abafada.

Tiro o chapéu e o largo de lado. A luz tênue a faz parecer frágil e fraca. Meu coração encolhe.

Talvez Alison ainda esteja sedada demais para isso. Ela demonstra que estou errada ao se levantar, apoiando-se na parede acolchoada, lutando com a camisa de força.

— A... asas? — Sua expressão denota compreensão. — Você encontrou a toca do

coelho.

— Terminou, mamãe — sussurro, aproximando-me cuidadosamente dela pelo chão

acolchoado.

Quando termino de abrir os fechos de velcro que mantêm seus braços

amarrados, ela me puxa para um abraço. Nos ajoelhamos, nos apertando com força.

— Mas você é como eles — soluça ela em meu pescoço. — A maldição...

— Não existe mais maldição — murmuro, roçando o rosto na penugem em sua

cabeça. — Nunca houve maldição. Tenho muita coisa para contar.

Acordo com o estômago roncando. O ruído ambiente me envolve e a luz do sol é

filtrada pelas cortinas. Ainda grogue, verifico o calendário na mesa de cabeceira. Sábado, 1º

de junho. A manhã depois do baile de formatura.

A hora perfeita. Quando usei o espelho do banheiro da clínica para voltar para casa, voltei no tempo para mudar de roupa e passar algumas horas na cama. Embora eu não lembre de quase nada depois que saí do meu espelho giratório.

Talvez porque eu não o tenha atravessado. Talvez eu nem tenha ido ao País das Maravilhas, para começo de conversa. *Talvez tudo aquilo tenha sido um sonho...*

Em pânico, livro-me das cobertas e giro os pés para fora da cama. Alguma coisa cai no chão: a lagarta de jade. Ela vai parar ao lado do chapéu de Morfeu.

Coloco a mão no pescoço e encontro o colar com a pequena chave.

O alívio desfaz os nós no meu estômago.

Pegando a estátua da lagarta, olho diretamente para o meu espelho — intacto e liso como cristal —

e encaro meu reflexo.

Lá está: a prova definitiva de que andei sobre uma onda de mariscos e capturei um mar em uma esponja. A pele brilhante e os fios cor de fogo em meu cabelo platinado ainda estão lá. As tatuagens em volta dos olhos sumiram, assim como as asas — embora, ao virar o braço, possa sentir a pele em relevo nas omoplatas. Botões prontos para abrir, caso eu precise deles.

Dou meia-volta e olho para as enguias no aquário. A lembrança das línguas do

bandersnatch me faz tremer. Então, olho para meu violoncelo e reconto outra lembrança...

A canção de Chessie, deformada e estranha. Até olhar para a minha escrivadinha e para o mosaico de aranhas secas me remete às incríveis constelações em espiral que vi durante a viagem no barco a remo.

Lembranças, reais e insubstituíveis, todas elas. As felizes, as amargas, as terríveis e as pungentes.

Dois homens dispostos a sacrificar suas vidas por mim.

Morfeu, que ficará aprisionado para sempre na barriga de um *bandersnatch*. E Jeb, que provavelmente passou a noite de ontem em um hotel com Taelor depois do baile de formatura. É

possível que eles não tenham terminado nesta realidade. Como não atendi a porta quando Jeb apareceu, ele não estava na minha casa no momento em que Taelor veio pegá-lo.

Corro para fora do quarto, esquecendo de vestir um robe por cima da camisola e calção de flanela.

Chego ao corredor meio pulando e meio correndo. Preciso ir até o vizinho, ver por mim mesma que ele saiu da caixa linguardarte. Ver em que pé estão as coisas entre nós.

— Eeei, espera aí, Borboletinha. — Papai me pega quando minhas meias macias

perdem tração e eu escorrego pelo chão de madeira.

É tão bom ver o rosto dele novamente que rio para não chorar. — Tentando andar de skate sem prancha. — Aponto para o chão escorregadio.

Ele me dá aquele seu sorriso à la Elvis. — Só tenha cuidado ou vai machucar o outro tornozelo também.

Em me atiro contra seu peito, num abraço.

Um de seus braços me envolve, e ele segura o outro entre nós. — Ei... Você está bem?

Faço que sim, sem conseguir falar por causa da torrente de emoções. Deixo meu abraço dizer tudo por mim. *Senti saudade. Eu amo você. E me desculpe por brigar com você.*

O braço que papai mantém entre nós se mexe. Ele está com o telefone sem fio

contra seu esterno.

Me afasto.

Meu primeiro pensamento é Taelor. Ela descobriu que roubei o dinheiro. Talvez Perséfone tenha encontrado a bolsa no lixo. Não consigo acreditar que eu não tenha pensado em usar os espelhos da loja para colocar o dinheiro de volta antes de voltar para casa.

Errei ao roubar o dinheiro, para começar. Então suponho, como Morfeu disse antes de o *bandersnatch* engoli-lo, que terei que provar do meu remédio. Terei que dizer a ela que fui eu que roubei e esperar que ela não dê queixa.

Aperto a estátua da lagarta entre os dedos para me dar coragem. — Com quem está falando?

Papai pestaneja e leva o telefone ao ouvido. — Olá, querida. Quer dar bom dia para nossa filha?

— Ele estende o telefone.

Fico aliviada que não seja Taelor, mas franzo o rosto, numa expressão confusa.

Tenho um papel a desempenhar.

— Os pacientes da ala de Alison nunca podem usar o telefone — digo, fazendo

minha voz tremer para dar um efeito dramático.

Papai dá de ombros e sorri.

Coloco o telefone frio junto à orelha. — Alison?

— Está dando certo, Allie. — A voz dela soa forte e clara.

— É? — pergunto, ainda dissimulando surpresa.

— O papai vai te contar os detalhes. Venha me visitar mais tarde, está bem?

— Eles deram alguma coisa para você hoje?

— Não — responde ela. — Eu fiz o que nós combinamos. Estou deixando

eles

verem que sou sã.

Por alguma razão, eles acham que foram os sedativos que causaram meus delírios.

Que ironia, não?

Sorrio. — É tão bom ouvir sua voz.

— A sua também. Quero ver você novamente, abraçá-la... Dizer o quanto estou

orgulhosa. Eu amo você... — A voz dela some.

Desato a chorar, e desta vez não estou fingindo. — Eu também te amo... Mamãe.

Fico lá com os pés plantados no chão. Papai solta o telefone com cuidado e se despede antes de me conduzir para o sofá da sala.

— Ligaram da clínica hoje de manhã, ainda de madrugada. — Seus olhos ficam

marejados, emoldurados por um sorriso. — Fui visitá-la logo depois, enquanto você ainda estava dormindo. Ela está *lúcida*... De verdade. Ela não está mais falando com nada além de pessoas. E ela comeu uma omelete em um prato. Um prato, Allie! E tudo sem medicação.

Os médicos estão em conferência...

Eles acham que talvez tenha sido uma reação aos remédios que exacerbou os sintomas todo esse tempo. A coisa mais estranha é como eles chegaram a essa conclusão.

Sabe a enfermeira Jenkins?

Faço um sinal afirmativo. Da última vez que a vi, ela estava roncando no chão do banheiro com um sorriso elétrico no rosto e uma seringa vazia na mão. Parece que ela seguiu meu conselho.

— Bem, um empregado da manutenção a encontrou no banheiro bem tarde ontem à

noite. Ela tinha se aplicado o mesmo sedativo que estão dando para a sua mãe. Quando acordou, ficou falando sobre fadas entrando pelos espelhos e

roubando as chaves. Acontece que as chaves estavam lá, do lado dela. O médico acha que tem alguma coisa errada com a marca de sedativo que eles estão usando...

Eles vão mandá-la para análise. — Ele suspira e ri ao mesmo tempo. — E pensar que todo esse tempo podia ser o remédio que a fazia piorar. Fico tão feliz por termos descoberto isso antes de começar o tratamento que estava programado para segunda-feira.

— Eu também. — Pego a mão dele e a coloco contra meu rosto.

— E aí? — Ele puxa um cacho vermelho do meu cabelo. — Aplique novo?

— É — respondo mecanicamente, sem nem me dar conta de que estou mentindo.

— Gostei. Bom, tem rosquinhas na mesa. Vou passar o dia inteiro na clínica. Você passa lá depois do trabalho?

— Nada neste mundo me impedirá de ir — prometo.

De repente me dou conta de que papai não perguntou sobre sua poltrona. Olho para a cadeira, esperando ver os apliques rasgados e retorcidos. Mas eles estão como sempre foram. O que não faz nenhum sentido, porque essa era mais uma coisa que esqueci de consertar...

Papai sai pela porta da frente, e volta para trás. — Ah, dê uma olhada nas suas armadilhas.

Encontrei uma mariposa gigante em uma delas. Deve ter aparecido para se abrigar da tempestade de ontem à noite. Vai ser uma grande contribuição para os seus mosaicos.

Nunca vi uma tão grande.

Mariposa gigante... Um tijolo enfiado em minha garganta doeria menos do que essas palavras.

Largo a lagarta de jade sobre a mesa do café e tenho que me esforçar para esperar a caminhonete de papai sair da garagem e ir embora.

Na garagem, abro três baldes antes de encontrá-lo, deitado sobre uma pilha de insetos variados. O

mau cheiro do granulado para gatos e da casca de banana fere meu nariz. Eu

o retiro de lá — o corpo azul cintilante e as asas de cetim negro inertes e sem vida.

De alguma maneira, ele escapou... Ele escapou da barriga do *bandersnatch* e voltou para cá, só para ser sufocado por mim.

Aninhando-o, caminho entorpecida pela sala, fraquejando com uma sensação de

culpa e perda. Eu o coloco sobre a mesa do café ao lado da estatueta de seu sócia e cutuco as asas com o dedo trêmulo.

— O que você estava pensando? — murmuro. — Por que entrou pelo tubo? Você

sabia. — Me dói vê-lo, antes tão pomposo e cheio de vida, agora vazio como a estátua de lagarta. Afago seu frio corpo azul. — Eu acredito em você agora, está bem? Eu acredito que você se importava. E não esquecerei o que você fez por mim... No final.

Não deixarei que esqueça. A voz de Morfeu penetra em minha mente. Dou um pulo para trás quando a mariposa começa a vibrar.

As asas se dobram e crescem, abrindo-se para revelar Morfeu avultando-se em cima da mesa, em toda a sua estranha glória. Ele está usando um terno moderno de cetim safira que combina com suas lágrimas de pedras preciosas. E, é claro, um espetacular e excêntrico chapéu.

Fico de pé, procurando controlar minha felicidade. Um sorriso surge contra minha vontade.

— Eu sabia que sentiria minha falta. — Ele pousa no chão e se aproxima, me prendendo contra a parede com seu corpo.

— Como você escapou?

— Parece... — ele seca minhas lágrimas com sua manga — que o couro do *bandersnatch* é indestrutível de fora para dentro. Não de dentro para fora.

Compreendo tudo. — Ah, meu Deus... você estava com a espada vorpai no casaco.

— De fato. — Ele lustra as unhas da mão na lapela. — Naturalmente, todas as

outras vítimas escaparam comigo. Agora me seguem por todo canto feito cãezinhos vagabundos. Eles mostraram ser úteis. Consertando coisas. Mande um deles devolver o dinheiro roubado e colocar a bolsa debaixo do balcão da loja enquanto você dormia.

— Você... O quê?

Morfeu aponta para a poltrona atrás dele. — Depois, deixei vários deles encarregados de remendar as margaridas na poltrona.

Uma onda de incredulidade e gratidão me invade. — Obrigada.

— Ah, mereço mais do que um agradecimento. — Seus olhos negros fervilham de sedução.

Cruzo os braços sobre o peito. — Sei! Você me deve pelo menos isso. Ficou assombrando a minha cabeça quando eu era criança. Forçou minha mãe a largar a família e se internar em uma clínica para me proteger. Depois, me atraiu para o País das Maravilhas para que eu consertasse tudo para você, mas foi embora sem dar nada em troca.

Ao levantar uma mão, ele inclina o chapéu daquele jeito sexy. — Você me quer.

Admita.

Mesmo que ele esteja parcialmente certo, nunca admitirei. — Por que eu deveria *querer* você?

Ele levanta três dedos para contar. — Misterioso. Rebelde. Problemático. Todas as qualidades que as mulheres acham irresistíveis.

— Sempre otimista.

— Meu copo sempre está meio cheio.

— Pena que sua mente seja vazia. — As palavras ferem, mas meu sorriso afetuoso as suaviza.

Seu sorriso de resposta é desdenhoso, mas permeado de respeito. — Então... — Ele corre os dedos pela corrente em meu pescoço, acendendo pequenas fagulhas em minha pele nua. — Você deixou Grenadine cuidando da loja?

— Com o Rábido como seu conselheiro. Eu disse a todos que tinha assuntos

pendentes aqui.

— Tais como?

— Família e amigos. O último ano da escola, formatura. Minha arte.

Morfeu levanta uma sobrancelha. — E seu cavaleiro?

Abaixo os olhos. — Neste momento, ele pertence a outra pessoa.

Morfeu roça a ponta do dedo em minha têmpora. — Por mais que me aqueça as

entranhas ouvir isso, não acredito. O sangue já venceu.

— Como assim?

— O jovem sangrou por você — sangue de um corpo inteiro. Não há amor maior do que esse. Ele agora pertence só a você.

As palavras dele são surpreendentemente lindas e doces, e, em algum lugar de meu coração, sei que ele está certo. Mas quanto tempo ainda terei que esperar para que Jeb tenha coragem de admitir isso para si mesmo?

Morfeu toca as cicatrizes em minha mão. — Mas não esqueçamos que você sangrou por mim.

Então, a quem *você* pertence, Alyssa?

Essa lembrança evoca um emaranhado de emoções. Ele é profissional quando se

trata de me desequilibrar. — Escolhi o reino mortal.

— Está sendo evasiva.

— Apreendi com o mestre.

Ele dá risada; depois, seu olhar sujo de tinta me mede de cima a baixo. — Muito bem, então.

Brinque com seu soldadinho. Mas você é uma mulher agora, com o fogo do reino

inferior correndo em suas veias. Seu coração é selvagem e você já provou o gosto do poder.

Um dia, vai querer voar novamente. Fique tranquila, pois estarei aguardando.

Entenda como quiser. — Suas asas se precipitam sobre nós, envolvendo-me em um casulo negro e me puxando para ele.

Não estou certa se é a mulher que ele despertou ou a impetuosidade do País das Maravilhas que floresce em minha alma, mas me rendo ao abraço. Sua boca quente roça meu nariz, deixando um quê de alcaçuz. Preparo-me para empurrá-lo antes que ele possa provar de meus lábios — não trairei Jeb novamente, mesmo que não estejamos juntos —, mas, em vez disso, Morfeu me beija a testa, carinhoso, casto e gentil. Depois, me solta.

Um silêncio constrangedor se instaura entre nós. Tirando um par de luvas do bolso, ele as veste.

Sinto que o adeus está próximo. Minhas entranhas se retorcem numa mistura de

emoções.

— Antes de partir — diz Morfeu, como se lesse minha mente —, você precisa

saber. Quando matei o *bandersnatch*, não vi sinal da Vermelha.

Meu coração parece parar. — Você acha que ela vai ficar por aí procurando por mim...

— É possível que ela tenha saído dele e definhado em algum lugar, sem ter outro corpo para habitar. Mas, caso tenha encontrado alguém, os portais estão fortemente vigiados agora. Eu nunca teria vindo até aqui se não fosse a consciência pesada de Gossamer. Ela e as outras fadinhas distraíram os cavaleiros élficos para mim. Alertei as Irmãs Twid e eu mesmo ficarei de olho. Já enfrentei a bruxa uma vez por você. Se necessário, o farei novamente.

Não tenho dúvida de que ele o faria. Coloco a palma da mão em seu peito. Seu

coração bate rápido contra minha pele. — Eu nunca teria adivinhado.

— Do que está falando? — pergunta ele, num sussurro rouco.

— Que você é um daqueles intraterrenos que têm uma rara propensão à bondade e à coragem.

— Tsc, tsc. — Ele pressiona a luva sobre minha mão. — Só quando há benefícios adicionais.

Sorrindo, fico nas pontas dos pés, agarro suas lapelas e beijo cada uma de

suas joias até elas mudarem para um fascinante púrpura escuro — a cor da fruta da paixão. Volto a pisar no chão. — Tão lindas — sussurro, batendo o dedo em uma das pedras.

Morfeu pega minha mão e beija suas cicatrizes. — Não poderia estar mais de acordo.

Ficamos nos olhando, uma corda invisível amarrada com força entre nós — um laço estreitado.

A campainha toca, me assustando. Olho rapidamente para o relógio da cozinha a caminho da porta.

Fazendo um sinal para que Morfeu fique quieto, dou uma olhadela pelo olho mágico.

— Jeb! — Meu coração acelera enquanto enfio a chave no colar para dentro da

blusa e me apresso a abrir o trinco. — Você pode — gesticulo para as asas de Morfeu —, sabe?

Ele se coloca atrás de mim, sua respiração quente em minha nuca. — Vou ficar

cuidando de você.

Nós mudamos as regras. Fomos mais espertos que a magia.

— E agora há um preço a ser pago? — sussurro, sentindo uma pontada de náusea

em meu estômago.

— Talvez. Então pode ser que já estejamos pagando o preço. — Há uma pitada de tristeza nessas palavras. Ele recua e faz uma reverência, as asas formando um belo arco. —

Seu eterno lacaios, bela rainha. — Morfeu me lança um olhar derradeiro e em seguida se transforma na mariposa, pairando ao lado da porta, em espera.

No instante em que abro a porta, ele a atravessa voando, tentando levar embora a cabeça de Jeb.

Jeb se esquivava. — Ei! — Ele olha para a mariposa que flutua atrás dele. —

Não é o inseto do aromatizador do seu carro?

Incrível. Ele não se lembra de nada... Mesmo.

— Quer que eu pegue ele para você? — pergunta Jeb quando eu não respondo.

— Não. Espero que ele bata em algum para-brisa.

Mentirosa, Morfeu sussurra em minha mente, e depois se afasta em uma brisa cálida. Contenho um sorriso.

— Um inseto assim daria um grande ponto focal para um mosaico — diz Jeb, sua

voz demandando minha total atenção. Aquele timbre aveludado e profundo é como música para mim, ciente de que eu poderia tê-lo perdido para sempre. Tenho que controlar o desejo de pular em seus braços.

A brisa espalha seu perfume à minha volta. Ele está usando uma camiseta puída e bermudas manchadas de óleo que vão até as canelas. Seu cabelo está puxado para trás com uma bandana rasgada, e seu rosto está imundo. Ele veio para trabalhar no Gizmo. Cuidando de mim, como sempre.

Meu cavaleiro élfico.

Analiso seus braços bronzeados, absorvendo suas cicatrizes. A noite no barco, o que senti me aninhando para dormir em seu abraço forte. Todas essas memórias são só minhas agora. É algo que tenho que esconder dele, e não me sinto mais à vontade tendo segredos entre nós.

Beije-o, beije-o, beije-o. Você sabe que quer beijá-lo... Um gafanhoto pousa no meu ombro.

Sintonizo o ruído ambiente que vem do pátio, pegando sussurros onde consigo.

Todos eles dizem a mesma coisa.

Beije-o... Mas não posso, porque quero fazer a coisa certa. Quero ter certeza de que ele terminará com a Taelor primeiro. Que ele será meu em todos os sentidos.

— Al? — Jeb pega o gafanhoto de mim e o liberta.

O movimento me tira do meu estupor. — Ah, desculpe.

— É, você estava bem compenetrada mesmo. Tá tudo bem?

Levanto os ombros. — Eu estava pensando nos meus mosaicos. Vou parar de matar coisas. Está na hora de mudar de meio. Pedras e vidro quebrado, quem sabe. Contas, fios, fitas. — Por que não?

Tenho uma grande reserva de paisagens do País das Maravilhas reavivada em minha memória que aguarda ser imortalizada.

— Parece ótimo — opina Jeb. — Eu também estou pronto para mudar. — Ele tira

algo das costas: um buquê de rosas brancas embaladas em papel crepom cor-de-rosa. Ele devia tê-las enfiado na cintura. Um sorriso doce emoldura seu incisivo torto quando ele as estende para mim.

— Obrigada. — Sinto o perfume delicado. — Onde encontrou uma floricultura

aberta tão cedo?

Ele mete as mãos nos bolsos. — Ah, eu meio que peguei emprestado da roseira do Sr. Adams, logo ali. — Seu cotovelo aponta para o dúplex do outro lado da rua, onde uma roseira apresenta óbvios pontos vazios.

Dou risada. — Você é tão mau.

— Ah, eu podo o gramado dele de graça ou algo assim. Ei... — Ele levanta o polegar e o esfrega no meu pulso. Meu corpo inteiro se acende com essa sensação. — Vim te ver antes do baile de formatura ontem. Ninguém atendeu.

— Ah... É sobre o Hitch?

— Ontem à noite, era. Como não consegui falar com você, fiz o Hitch jurar que me avisaria se você aparecesse. Como você não apareceu, a Jen me contou o que tinha acontecido com a sua mãe na clínica. Daí, as rosas.

— Brancas — sussurro, com os olhos cheios de lágrimas.

As sobrancelhas dele se apertam de preocupação. — Por favor, não chore. Se você não gosta de rosas brancas, eu pinto de vermelho.

— Não, nunca faça isso. — Meu sangue corre depressa demais pelas veias; sinto-me tonta.

— Eu quis dizer que nem na história de Alice. — Ele recua. — Sinto muito. Foi uma idiotice. Sei que você detesta esse livro.

Seguro o braço dele. Nós dois ficamos olhando para o ponto de contato quando seu músculo se contrai. — Na verdade, estou começando a perceber algum charme nele. E as rosas são perfeitas.

— Que bom. — Ele arrasta os tênis na varanda. — Então, estou perdoado por causa daquela história de Londres, por esconder de você a parte da Tae?

Ótimo. Eu tinha esquecido que ainda não tínhamos resolvido isso.

Como não respondo, ele continua. — Porque tem uma coisa que eu preciso falar

para você, uma coisa que mudou. — Ele reposiciona o nó da bandana na nuca, e parece nervoso.

Antes que ele possa dizer mais uma palavra, o Mustang conversível da Taelor

aparece na frente de casa e para, zunindo, como se tivesse se materializado à menção de seu nome.

Jeb resmunga e pressiona a cabeça contra o batente da porta.

Ao bater a porta do carro, ela sobe na varanda, pisando forte. Taelor escorrega os óculos Fendi para o alto da cabeça. Dizem por aí que esses óculos custam duzentos dólares.

Mais do que todas as minhas roupas de segunda mão juntas.

— Adivinhei que você estaria aqui. — Ela mede Jeb de cima a baixo depois de

notar as rosas na minha mão. — O quê, você passou a noite com a sua virgencinha depois da nossa briga?

Meu queixo despenca. O baile de formatura obviamente não acabou bem.

— Acabei de chegar aqui, então não saia espalhando boatos, Tae. — Ele esfrega o piercing de ferro em seu queixo. Eu não havia notado até agora que ele não estava usando o de cor granada. Meu pulso começa a acelerar o ritmo, batendo contra a chave em meu esterno.

Taelor bate a sandália no piso, os pés com as unhas bem feitas. — Então, você ainda não contou a ela? — Seus olhos movem-se rapidamente para os meus. — Ele terminou comigo ontem à noite. No baile. E me deixou lá sozinha. Legal, né?

Há um quê de dor na voz dela, o que me provoca uma estranha mistura de piedade e empatia.

Jeb pressiona as juntas dos dedos contra um ponto onde a argamassa que une os tijolos está se desfazendo. — O motorista estava lá.

— Ah, e eu devia dançar com ele? O cara tem tipo noventa anos de idade. — Ela aperta a bolsa de grife verde-limão contra o vestido combinando. — Você não estava em casa depois do baile, porque passamos por lá. Se você não estava aqui, onde estava?

— Fui até a casa do Sr. Mason.

— Nosso professor de arte? — Taelor e eu perguntamos simultaneamente.

Trocamos olhares corrosivos enquanto aguardamos a resposta.

— Você me disse que eu estava despedido do Submundo — responde Jeb, estudando o ponto onde seus dedos roçam os tijolos. — O Sr. Mason uma vez me disse que podia me conseguir um emprego naquela galeria de arte da Rua Kenyon. Ele é muito amigo do proprietário.

— Espere aí, por que você precisa de um emprego? — pergunto, confusa. — Achei que ia para Londres no verão.

— Ele não pode, agora que recusou a oferta do meu pai de alugar um apartamento para ele. Ele tem que guardar dinheiro se quiser ter um lugar para morar. — Taelor sorri para mim, desdenhando.

— Por sua causa, ele vai abdicar da carreira.

Jebediah Holt, o determinado, está alterando seu plano de vida por minha causa? —

Não pode fazer isso — digo, forçando-o a olhar para mim.

A apreensão tensiona os músculos do seu rosto e o sentimento de resolução também. — É só um pequeno desvio de curso. Não vou abdicar de nada. Quando eu conseguir o emprego na galeria —

ele dá um olhar de soslaio para Taelor —, que está praticamente certo, vou conseguir colocar alguns quadros lá para vender. Vou fazer contatos no mundo artístico, ajudar mamãe e Jen com as despesas da formatura e ainda vai dar para economizar enquanto estudo na faculdade comunitária. — Depois, seu foco se concentra em mim. — Até você se formar. Depois, vamos para Londres

juntos.

Ir para Londres *juntos*....

Amasso o papel crepom entre meus dedos, incapaz de distinguir as emoções maravilhosas que me invadem.

— Ah, que amor. — A voz de Taelor treme. — Talvez você possa vender aquela

porcaria que encontrei no seu carro outro dia para comprar um anel de noivado para ela no brechó. —

Vasculhando a bolsa, Taelor atira três rolos de papel aos meus pés, cilindros presos com elástico. —

Fique de olho nele, Alyssa. Ele é um filho da mãe, igualzinho ao cretino do pai dele.

Não dá para confiar.

Ela começa a sair.

Os ombros de Jeb murcham, as pontas de suas orelhas ficam vermelhas. Meu sangue pega fogo.

Não vou deixar ela falar com ele daquele jeito de modo algum. Não vou deixar que ela diga a ele quem ele é.

Atirando as rosas no chão, saio da varanda e a pego pelo cotovelo.

Ela dá um puxão, se libertando, e vira o corpo.

Taelor está no chão e eu no primeiro degrau, então nossos olhos estão na mesma altura. Ela começa a abrir a boca. Eu a calo. — É a minha vez de falar. E você vai ouvir. E

depois eu não quero ouvir nenhuma palavra de você sobre o Jeb e nem sobre nada.

O queixo de Taelor se retesa, mas ela espera.

— Eu confiaria a minha *vida* ao Jeb. Ele é tudo que o pai dele nunca foi. E você sabe disso, ou não estaria tão arrasada por perdê-lo. Ele a tratou com respeito... E ele nunca teve a intenção de magoá-

la. Por que mais você acha que ele aguentou o seu jeito por tanto tempo?

O olhar dela fica mais intenso por trás de um brilho de lágrimas.

Jeb fica lá parado, completamente perplexo.

— E sabe de uma coisa? — continuo, sem conseguir parar o que eu mesma desencadeei. —

Nenhum de nós tem uma família perfeita. Nós podíamos ser amigas, ou pelo menos ter tentado ter um bom relacionamento. Mas você não deixa. As coisas são um saco para você às vezes, eu entendo.

Mas não pode usar isso como desculpa para tratar as pessoas como você trata. —

Minhas bochechas queimam ao purgar emoções que contive por tantos anos. — Demolir o resto do mundo não vai fazer você feliz. Olhe para dentro de você. Que tal encontrar sua razão de ser? Para quê você foi colocada nesse mundo? É isso que preenche o vazio. É a única coisa que pode preencher.

O silêncio é tumbal, quebrado somente pelo chilrear de alguns pássaros. Até o ruído ambiente ficou mudo, como se os insetos e flores tivessem parado para me ouvir, pelo menos uma vez.

Olhando para o chão, Taelor funga e passa a mão no rosto. Ela me olha nos olhos, e neste momento percebo algo. Uma conexão. Consegui atingi-la. Pensativa e em silêncio pela primeira vez, ela vai aos tropeços para o carro e parte sem fazer ruído algum.

— Caramba! — Jeb murmura.

Dou meia-volta e estamos cara a cara. Sozinhos... Enfim.

Olhando fixamente para mim com aquela mesma expressão reverente de quando ele viu minhas asas pela primeira vez, ele mexe os lábios para dizer alguma coisa. Uma porta de tela se abre do outro lado da rua e o interrompe. O Sr. Adams pega sua mangueira para regar o jardim. O velho faz uma careta quando vê os pontos vazios em sua roseira.

— Jeb, você está prestes a se ferrar.

Ele me dá um sorriso sexy, de lado.

Pegando-o pelo pulso, eu o empurro para dentro antes que o Sr. Adams olhe na

nossa direção.

Fecho a porta e aperto as costas contra a madeira para esconder minhas asas.

— Espere um pouco. — Jeb pega um dos meus fios de cabelo vermelho, torcendo-o entre o polegar e o indicador. — Isso aqui não é aplique. Você tingiu mesmo. O que deu em você?

— Acho que finalmente encontrei meu lado fogo.

— Gosto disso. — Ele inclina a cabeça, como se avaliasse um quadro. — E essa

coisa brilhante que parece que você esteve nadando em poeira de fadas... — Seus dedos roçam meu rosto. — Está por todo o seu corpo? — Sua avaliação atenta de meu pijama me esquentou dos pés à cabeça.

— Uhhh... — Seu toque é o suficiente para me fazer gaguejar, mas o comentário sobre as fadas me tirou do sério. Quase solto um urro quando ele se afasta.

— Obrigada por dizer aquelas coisas para a Tae.

— Era tudo verdade. — *Porque eu te amo.* Não consigo dizer em voz alta, mas é verdade. Não é algo que tenha acontecido de repente, do nada; foi um despertar gradual.

Meio como uma metamorfose...

— Bem, parece que você pode se cuidar sozinha. Depois de ver o modo como me

defendeu. —

Ele apoia um ombro na parede, fechando mais uma vez o espaço entre nós. — É

estranho. Sonhei com isso essa noite, que você estava cuidando de mim.

A confissão me deixa novamente atenta. — Nós estávamos no País das Maravilhas?

Ele ri. — Ah, não. Estávamos em uma casa no campo, e você estava sentada em

uma mesa jogando xadrez enquanto eu pintava quadros com uma pena e um pouco de mel colorido. Um enxame de abelhas bateu na janela, gritando comigo por ter roubado o mel delas. Gritando de verdade, com vozes de gente. Depois,

você criou asas e voou para fora e espantou-as. Estranho, não?

Contenho um pigarro. — É, estranho.

— Mas, de alguma maneira, se encaixa. — Ele pega um dos cilindros que Taelor

atirou em minha direção, remove o elástico e o entrega para mim.

Eu o desenrolo e fico perplexa ao ver a mim mesma desenhada a lápis com sombras

— uma interpretação incrível de uma fada gótica completa, com asas diáfanas e tatuagens nos olhos —, exatamente como eu era no País das Maravilhas. Como, tecnicamente, ele nunca esteve lá, não pode ser uma lembrança. Então, só existe uma explicação: este cara vê dentro da minha alma. Sempre viu.

Eu o olho nos olhos, sem fala.

— Tem mais umas cem que nem essa. Você é a minha musa, Al. Minha inspiração.

Eu esperava que... Talvez... Você quisesse ser...

Antes que ele termine, agarro sua camiseta e o puxo para um beijo. Seus olhos se arregalam a princípio, depois se fecham, os braços envolvendo meus quadris para me elevar à sua altura. Ele me pressiona contra a parede com seu corpo.

Sorrio nos lábios dele, inebriada.

Quantas garotas conseguem dar o primeiro beijo duas vezes? Mas desta vez não

estou em choque.

Desta vez não esqueço de envolver meus braços em seu pescoço e o puxar para

mais perto. Desta vez sou eu que abro os lábios *dele* e descubro sua língua.

O desenho cai no chão ao lado das rosas espalhadas. Jeb geme, coloca minhas

pernas em sua cintura e me abraça com força. Ele se afasta só o tempo

suficiente para sussurrar: — Onde você aprendeu a beijar assim?

— Você me ensinou. — Recobro meus sentidos e percebo o que disse. — Em meus sonhos.

— Ah, é? — Ele roça o nariz na covinha em meu queixo. — Andou sonhando

comigo também, é?

— Desde o dia em que nos conhecemos. — Finalmente, a verdade.

Ele mostra as suas covinhas. — Acho que é hora de realizarmos alguns sonhos,

menina do skate.

Mal sabe ele que já realizamos; fomos para o País das Maravilhas e voltamos,

afinal. Sorrio e depois dou-lhe um beijo que ele jamais esquecerá, para compensar todos os outros dos quais ele nunca se lembrará.

Agradecimentos

Agradeço, em primeiro lugar, à minha família. Meu marido, filhos, irmão e cunhados, cunhadas, sobrinhas, sobrinhos, primos e primas. Aos meus dois pares de pais, os que me trouxeram ao mundo e os que herdei por intermédio do casamento. Minhas tias e tios dos dois lados da família, e meus avós, que não estão mais entre nós. E não posso esquecer da turma do Kansas. Vocês acreditaram em mim durante os altos e baixos e nunca, jamais, questionaram se eu encontraria o meu caminho. Sua fé me ajudou a atravessar os momentos mais difíceis.

Gratidão e abraços para a minha superagente, Jenny Bent, e sua inabalável dedicação a esta história, às minhas habilidades e às minhas ideias.

Agradeço à prestigiosa família da Abrams/Amulet (incluindo, mas não somente): Maggie Lehrman, minha brilhante editora, que viu a essência deste livro e deu a ele não somente vigor, mas também um direcionamento; Maria Middleton, extraordinária criadora de capas que, com a ajuda da arte mística de Nathalia Suellen, captou a essência da história em uma imagem lindamente

distorcida que remete aos contos de fadas; Laura Mihalick, minha publicitária na editora e apagadora de incêndios; revisores; assessores de marketing; especialistas editoriais, que supervisionaram as páginas e os efeitos especiais para a sobrecapa; e a muito mais gente. Não há espaço suficiente para agradecer a todos por sua contribuição para fazer o produto final render frutos, ou por fazer de meu sonho uma adorável realidade.

Uma dívida de gratidão ao grupo que me ajudava a estabelecer e respeitar critérios, as Divas: Linda Castillo, Jennifer Archer, Marcy McKay e April Redmon. Eu poderia ser uma autora anônima, mas, por causa da sua sabedoria de quarta-feira à noite, sou uma autora publicada.

Um salve para minha criaturinhas *on-line* e leitores beta: Minhas POM (também conhecida por Jessica Nelson), por sempre ver o lado bom de meus garotos maus; Rookie (também conhecida por Bethany Crandell), por falar mais alto do que eu, por me segurar, e me ajudar a conhecer meu lado durão; Katie Lovett, por ler minhas primeiras histórias e ainda acreditar que eu possuía alguma coisa parecida com talento; Marlene Ruggles, por encontrar aqueles errinhos tipográficos que eu não conseguia ver; Chris Lapel, meu fã número um; e, finalmente, Kim Dickerson, por dar todo um novo significado à doçura do Godiva. Sim, as palavras podem ser de chocolate, é claro.

Se para criar um filho é necessário o esforço de toda a família, para escrever um livro também é necessário um grupo de amigos. Gratidão inenarrável ao meu pelotão de amigos por seu apoio, conselhos e tiradas espirituosas durante toda essa jornada até as prateleiras. Também, um alô para as garotas do WRAHM e para a galera da Escola de Ensino Médio de Crockett, com menção especial para Cara Clopton, Christen Reighter e a Turma do Cofre (você sabem quem são!) Cyberabraços para meu grupo de apoio *on-line*: meus amigos do Twitter, do Query-Tracker.net e aos muitos blogueiros que iluminaram meus passos durante minha muitas vezes escura e solitária estrada de sete anos até a publicação.

Um agradecimento muito especial para Lewis Carroll e Tim Burton. Sem seu gênio artístico, personagens brilhantes e paisagens bizarras, eu nunca teria me inspirado a escrever este livro .

Por último, mas certamente não menos importante, minha gratidão Àquele que me dá as histórias, a habilidade de escrevê-las e continua a abençoar minha vida todos os dias.

Notas

[1] Trecho do poema O Jaguadarte, do livro *Através do espelho*, de Lewis Carroll.

Tradução de Augusto de Campos.

(N. T.)